

QUEIMA das FITAS  
Junho 1969  
coimbra



Carlos Miguel Jorge Martins

## Coimbra 1969 -1970/80: Luto Académico, Tradição Coimbrã e Mudança Política

Dissertação de Mestrado em História, na área de especialização em História Contemporânea, orientada pelo Doutor Rui Luís Vide Cunha Martins, apresentada ao Departamento de História, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2013



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

# Coimbra 1969-1970/80: Luto Académico, Tradição Coimbrã e Mudanças Políticas

## Ficha Técnica:

<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Dissertação de Mestrado</b>
<b>Título</b>	<b>Coimbra 1969-1979/80: Luto Académico, Tradição Coimbrã e Mudanças Políticas</b>
<b>Autor</b>	<b>Carlos Miguel Jorge Martins</b>
<b>Orientador</b>	<b>Rui Luís Vide Cunha Martins</b>
<b>Coorientador</b>	
<b>Identificação do Curso</b>	<b>2º Ciclo em História</b>
<b>Área científica</b>	<b>História</b>
<b>Especialidade</b>	<b>História Contemporânea</b>
<b>Data</b>	<b>2013</b>



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

## Índice

Agradecimentos.....	3
Resumo.....	5
Introdução .....	8
Capítulo I – Coimbra, uma tradição de luta .....	16
1. As Lutas Liberais .....	16
2. A Sociedade do Raio e a “Rolinada”.....	18
3. Crise/Greve de 1907.....	20
4. A República - Da tomada da Bastilha ao “Decreto 40.900” .....	23
5. De 1962 a 1965 .....	28
6. Perfis contestatários em análise.....	32
Capítulo II – A Crise de 1969 e Luto Académico.....	37
1. Contexto Internacional e português.....	37
2. Coimbra e os antecedentes .....	42
3. Da Tomada da Bastilha ao 17 de Abril .....	44
4. A divergência na unidade.....	47
5. 17 De Abril.....	51
6. Luto Académico .....	54
7. Greve a exames e a “Audiência” .....	56
Capítulo III – A <i>tradição</i> sob o signo da contestação .....	64
1. Acerca da praxe académica coimbrã .....	64
2. Breve resenha sobre a história da <i>praxe académica coimbrã</i> .....	68
3. Academia em mudança .....	70
4. Tradição em 69, arma de luta .....	74
Capítulo IV – A Década de 70, entre o Marcelismo e a Democracia .....	89
1. O movimento estudantil pós-69 .....	89
2. A recusa completa da <i>tradição</i> antes e depois do 25 de Abril .....	92
3. O regresso das “Tradições” .....	99
3.1 O papel da Canção de Coimbra.....	99
3.2 A mudança na Associação Académica de Coimbra .....	103
3.3 O Movimento Pró-Reorganização e Restauração da Praxe Académica de Coimbra	106

*Coimbra 1969-1979/80: Luto académico, Tradição Coimbrã e Mudanças Políticas*

3.4	A Semana Académica de 1979.....	108
3.5	O regresso da Queima das Fitas .....	116
	Considerações finais.....	124
	Anexos.....	128
	Do fundo digital <a href="http://www.amigoscoimbra70.pt/">www.amigoscoimbra70.pt/</a> .....	129
	Do Diário de Coimbra.....	147
	Arquivo privado de Carlos Carranca.....	169
	Fontes e Bibliografia .....	177



## **Agradecimentos**

O percurso deste projecto compôs-se de um manancial de vivências, contributos, dificuldades e trabalho. Ele é o culminar, não só de um mestrado, mas de também de um capítulo de muitas histórias e personagens que agora encontra ao seu fim. A condigna homenagem seria excessivamente longa para ser contida neste espaço, no entanto prestamo-nos a dirigir um agradecimento sucinto aqueles que nesta fase final, desta dissertação em específico, tiveram um papel preponderante em determinada altura.

Ao meu orientador, Professor Rui Luís Vide Cunha Martins, pelas opções certas, compreensão, confiança, palavras de alento e por uma orientação humana.

Às pessoas que tive o privilégio de entrevistar, por fazerem de mim uma pessoa mais rica.

Ao Professor Carlos Carranca por me ter recebido em sua casa e no seu “baú de memórias”.

Aos funcionários da Biblioteca Geral, por serem, de certa forma, também eles companheiros assíduos desta caminhada que agora finda.

Aos amigos que nos últimos tempos, de alguma maneira me auxiliaram com determinadas especificidades técnicas, Gilberto Silva, António Neto, João Teixeira.

Ao David Leitão por ter, em parte, tornado isto possível.

Ao Filipe Santos e André Brito, por durante praticamente um ano terem partilhado, com amizade e camaradagem, um espaço de vivências, trabalho e estudo mútuos.

A todos aqueles presentes de forma constante nos bons e nos maus momentos mas que não cabem aqui.(uns mais longe do que outros).

À minha família, por tudo, pois não há palavras que expressem a gratidão e compensações que paguem ausências.

E para Ti, que esperas hoje e cada um dos dias por mim.

## **Resumo**

A dissertação que a seguir se expõe, remete-nos, por um lado para a complexidade do factor “Tradição” e sua importância no processo histórico da cidade de Coimbra e, principalmente na sua Academia, e por outro para o seu percurso evolutivo desde a eclosão da Crise de 69 e conseqüente início do Luto Académico, até ao momento de retoma de alguns desses elementos. Numa fase inicial pretendemos evidenciar a existência de uma tradição coimbrã de luta e contestação muito antiga. Esta assume importância de facto na construção desse cunho irreverente, histórico e identitário da academia conimbricense, que tem o seu paradigma na Crise de 69, a qual procuraremos descrever sob a perspectiva do lugar que as tradições coimbrãs assumiram no desenrolar dos acontecimentos. No seguimento disso abre-se o período do Luto Académico, momento histórico muito específico, cujos fundamentos e percurso são motivo de investigação neste trabalho. Procuramos finalmente ilustrar como se propicia o término desse momento rico da história da cidade, que se consubstanciou no regresso pleno das dimensões ligadas à tradição estudantil de Coimbra, abandonadas na transição da década de 60 para os anos 70. Também esse processo de recuperação encontra nesta dissertação uma proposta de explicitação das suas componentes e vicissitudes várias.

**Palavras-chave:** Crise de 69; Contestação; Tradição; Coimbra; Academia;

## Abstract

The following dissertation refers us, on one hand, to the complexity of the “Tradition” factor, as well as its importance in the city of Coimbra’s historical process and especially in its academy, and on the other hand to its evolutionary journey from the outbreak of the Academic crisis in 1969 and its subsequent academic mourning until the recovery of some of these elements . This fact assumes importance in the making of the irreverent, historical and identity-based nature of Coimbra’s academy, whose paradigm is the 1969’s Crisis, which we will try to describe from the perspective of the importance that Coimbra’s traditions had in the unfolding of its events. Following the 1969’s Crisis is the period of Academic Mourning, a very specific historical moment, whose foundations and route are investigated in this work. Finally, we will try to illustrate how this time of the city’s rich history unveiled, and how it was consolidated during the full return of the dimensions related to the student’s tradition in Coimbra, abandoned in the transition of the 60s to the 70s. We also aim to provide an explanation proposal on this recovery process as well as its different components and various flaws.

**Key-words:** 69 Crisis; Protest; Tradition; Coimbra; Academy

*O mito é a “fábula” que mergulha no “profundo poço do passado”, mas que  
conserva uma perenidade quase indestrutível, recorrendo para tal à  
metamorfose*

Luís Reis Torgal



## Introdução

Pretendemos com esta dissertação fazer um estudo exploratório acerca de dois aspectos centrais da vida de Coimbra, a sua *tradição académica* e as lutas estudantis. Dois elementos que, no nosso entendimento possuem uma determinada ligação em certos momentos, pois como veremos, a própria luta estudantil, a sua irreverência e inquietação constantes, perante os diversos estados de coisas vigentes, são também parte integrante de uma *tradição* estudantil, que se nos apresenta mais complexa do que à primeira vista possa parecer. Da mesma forma que essa a tradição foi um componente importante no desenrolar de alguns desses momentos de maior tensão na Academia.

Dentro desse espírito exploratório, tentaremos, todavia, aprofundar o conhecimento acerca de determinados aspectos, nomeadamente no que concerne ao peso do factor *tradição* e suas diferentes dimensões no contexto, características e desenrolar da Crise Académica de 1969. Para além do valor empírico da relevância ou não desse factor, atenderemos no modo como se processou a integração desse elemento bastante específico da cidade de Coimbra nesse acontecimento político que foi a Crise de 69.

Da mesma forma procuraremos abrir as portas a uma problematização referente à questão do Luto Académico, decretado em Abril de 1969 no decorrer da referida crise. A evolução e particularidades deste período de luto da academia que durou toda uma década serão também motivo de estudo, nomeadamente no que toca à valoração da tradição durante este momento tão rico e tão importante da história recente da cidade de Coimbra. Iniciado enquanto mecanismo praxista, como reflexo do estado de espírito da Academia para com a actuação do Estado-Novo, regime que captou a carga política de que se revestia essa decisão, gradualmente passou a personificar uma rejeição, das tradições académicas, tanto antes do 25 de Abril como no seu seguimento, por múltiplas razões.

O fim desse período e o desfecho consequente do regresso das tradições é outro dos momentos que estudaremos com maior profundidade, no sentido de perceber como voltam a ser aceites esses elementos tradicionais ligados à Academia, com que objetivos e ideias se procurou dar uma nova vida a dimensões aparentemente rejeitadas e em que contexto foi isso possível.

Por outro lado escolhemos este tema no sentido de que fala Maria Eduarda Cruzeiro, de que muitos dos aspectos abordados apresentam-se como objecto “ (...) de uma literatura hagiográfica, de celebração institucional (os inúmeros livros de memórias de antigos estudantes, tantas vezes funcionando como simples espelhar de sucessiva reflexão) ou, pelo contrário constituía o alvo de estratégias tomadas de posição anti praxe”<sup>1</sup>.

Logo, por oposição a esse mesmo estado de coisas, que quanto a nós, apesar do tempo decorrido desta afirmação, continua a verificar-se em sectores menos atentos (visto existirem já alguns autores com trabalhos e reflexões mais rigorosas, como veremos a seguir), decidimo-nos a analisar sob a perspectiva histórica este aspecto, sem qualquer tipo de precauções propensas à fuga ao debate, também ele histórico, sobre estes temas “menores” da história, mas com tantas implicações, como teremos oportunidade de demonstrar

Noutra óptica, reflectimos um pouco no sentido da frase exposta numa das obras que consultamos, durante a nossa investigação para este trabalho – “Sendo Coimbra geralmente considerada um microcosmos que, a muitos títulos espelha a sociedade portuguesa no seu conjunto (...)”<sup>2</sup> – afirmação que resume a nossa visão acerca da cidade de Coimbra enquanto nicho social económico e político importante para entender uma realidade mais alargada . Como a histórica nos ensina, nada está desligado de um determinado contexto, nacional regional, político ou ideológico. A realidade histórica, por mais

---

<sup>1</sup> Maria Eduarda Cruzeiro, “Questões de uma tradição”, *Via Latina*, Revista de confrontações e ideias. Publicação da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra. Inverno de 1985-86, Coimbra. p. 23.

<sup>2</sup> Elísio Estanque, Rui Bebiano, *Do activismo à indiferença: movimentos estudantis em Coimbra*; Lisboa : ICS - Imprensa de Ciências Sociais, 2007.

específico que seja o objecto de análise, é constituída de ligações orgânicas entre múltiplas variáveis que não podemos, sob nenhum pretexto, desconsiderar.

No que concerne à metodologia utilizada na elaboração deste trabalho, começamos por destacar nas fontes consultadas, o *Diário de Coimbra*, jornal conimbricense, mais representativo no período que nos propusemos a estudar. A sua utilização, todavia, centra-se sobretudo no último capítulo. Além deste diário, outros títulos da imprensa consultamos mais pontualmente, como o *Comércio do Porto*, o *Diário de Notícias*, e o *Primeiro de Janeiro*, uns para referir uma perspectiva nacional do que ia sucedendo, outros para apresentar visões que pudessem sob algum aspecto ser dignas de registo.

Uma das fontes absolutamente essenciais, para a nossa pesquisa, foram as seis entrevistas que realizámos. O critério na procura dos entrevistados, não obedeceu a normas muito específicas, tendo em atenção, acima de tudo, a observação e participação em muitas dos assuntos aqui abordados e, por outro lado a busca de visões diversas, que enriquecessem a construção deste nosso texto, que de facto encontramos. É importante referir também que, curiosamente, descobrimos em todos pontos de ligação, apesar das diferenças acentuadas.

Como refere António Manuel Nunes, “A História Oral não é propriamente a menina dos olhos do mundo universitário português (...)”<sup>3</sup>. Apesar de avanços neste particular, é uma realidade a secundarização das fontes orais face às impressas. Sendo sensíveis ao peso das fontes históricas tradicionais, temos que considerar a oralidade como ferramenta de trabalho imprescindível e de real importância, mormente em análises e trabalhos cuja problemática se encontre focada em factos pertencentes à chamada “história recente”. O testemunho oral, precioso, é sob este ponto de vista vital, para a procura da maior amplitude possível do espectro de relatos respeitantes aos factos históricos.

---

<sup>3</sup> António Nunes, “Da(s) Memória(s) da Canção de Coimbra” in *Canção de Coimbra – Testemunhos vivos (antologia de textos)* – Edição da responsabilidade do pelouro da cultura – DG/AAC – 2002 p. 9.

Os seus defeitos, que em alguns pontos podemos encontrar de igual maneira nas fontes escritas, não foram esquecidos - “ O acto de recordar pode ser intencionalmente omissivo quanto a factos e pormenores de principal importância para o investigador, para não falar de tentações imbricadas ao vetetismo pessoal, à mitificação de amigos, à ocultação de “defeitos”, ao medo de devassa de privacidade, ao receio de ofender a memória dos mortos (...)”<sup>4</sup>. Tentámos ter em atenção certas questões, algumas naturais com certeza, desta lista, ligando os dois tipos de fonte e fazendo uma análise o mais imparcial possível dos discursos que nos fossem apresentados.

Continuando nas fontes, temos de referir a consulta de arquivos do Museu Académico de Coimbra, que foi verdadeiramente reveladora do manancial de informações que estão reunidas sobre a vida académica da cidade de Coimbra.

Relativamente às fotos, imagens e documentos diversos, presentes em anexo a este trabalho, uma parte delas, frise-se, a maioria das que são relativas ao período da retoma das tradições académicas, tirando os recortes de jornais, foram consultadas no arquivo pessoal do Professor Doutor Carlos Carranca. Na sua grande maioria, estas fotografias são da autoria do fotógrafo Eduardo Nunes, que, segundo Carlos Carranca, terá sido de suma importância para o registo fotográfico de todo o processo.

Outras fontes fotográficas e documentos, no geral, foram obtidos no site *amigosdecoimbra70.pt*. Um projecto na internet que se dedica à recolha documental exaustiva sobre matérias dos anos 70 e não só, principalmente, em Coimbra, e que possui um acervo de documentação de alguns centros documentais e/ou privados, bastante grande e passível de ser instrumento de trabalho acessível a quem por estas áreas se interessar.

Referindo-nos agora à bibliografia consultada para a execução desta nossa tese de mestrado, aproveitamos para fazer um pouco de “estado de arte” sobre a matéria ou as matérias que regem este trabalho.

---

<sup>4</sup> *Idem, Ibidem.*

Sobre a questão das lutas estudantis, existe já uma considerável bibliografia de grande valor. Destacamos a obra *Um século de lutas académicas [Porto]: Editorial Moura Pinto, 2007*, dividida em três partes, cada uma assumida por três autores diferentes, Rui Bebiano, Amadeu Carvalho Homem e Miguel Cardina, que se torna uma boa síntese do que foi este fenómeno no século XX, sendo que dá algumas luzes sobre o século XIX também. Sobre o século XIX, realçamos tanto o texto de Rui Bebiano na obra aqui citada, como o seu livro, em conjunto com Elísio Estanque, *Do activismo à indiferença: movimentos estudantis em Coimbra*; Lisboa: ICS - Imprensa de Ciências Sociais, 2007 e de igual forma os preciosos apontamentos do estudioso de Coimbra e médico Manuel Louzã Henriques.

No período mais próximo da Crise de 69, temos as obras de Nuno Caiado, *Movimentos estudantis em Portugal: 1945-1980*; 1ª Ed. Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, 1990, e de Miguel Cardina, *A tradição da contestação: resistência estudantil em Coimbra no marcelismo*, Coimbra: Angelus Novus, D.L. 2008, entre outros artigos e também os já mencionados textos de Rui Bebiano, onde identicamente se fala dessas “Crises”, bem como a obra, esta feita de valiosos contributos orais na forma de entrevistas, *Anos inquietos: vozes do movimento estudantil em Coimbra: 1961-1974*; Porto: Afrontamento, 2006 de Maria Manuela Cruzeiro e Rui Bebiano.

Especificamente sobre a Crise de 69, seu contexto e desenvolvimento, temos, mais uma vez, os já mencionados textos de Miguel Cardina, contudo destacamos aqui a consulta de dois dos maiores documentos sobre este acontecimento, *1969: a crise académica, o debate das ideias e a prática, ontem e hoje*, Porto: Afrontamento, 1989 livro da autoria de Celso Cruzeiro e “Para uma Universidade Nova – Crónica da Crise de 1969 em Coimbra” *Revista crítica de ciências sociais*, Coimbra; CES nº27/28, Junho 1989. pp. 68-124, de Rui Namorado. Testemunhos de activistas de relevo à época, que nos legaram depoimentos lúcidos e apoiados contextualmente em termos políticos, ideológicos, sociais e até económicos. Acerca desta crise marcante da Academia coimbrã, consultámos toda uma miríade de pequenos artigos e textos, que se constituíam muitas vezes de pequenas entrevistas a



intervenientes, ou testemunhos na primeira pessoa, aos quais fazemos referência na Bibliografia final.

No que à *praxe académica de Coimbra*, vulgo *tradição coimbrã*, se refere, estudámos os textos de memórias de antigos estudantes, como *In Illo Tempore*, Círculo de Leitores, Lisboa, 1991. de Trindade Coelho, ou o muito mais recente *Coimbra...Ontem! Memórias de um estudante (1945-1951)*, Almedina, Coimbra, 2001, da autoria de Octávio Abrunhosa. Embora não sejam obras de carácter científico, são importantes enquanto abordagem contextual desse fenómeno e do impacto de Coimbra nos seus estudantes.

Mas, para falar de textos mais rigorosos, cientificamente falando, salientamos a consulta nossa de textos de Maria Eduarda Cruzeiro, que estudou com profundidade o conceito de *praxe* e suas raízes históricas - “Costumes estudantis de Coimbra no século XIX: tradição e conservação institucional”, *Análise Social* vol. XV (60), 1979. pp 795-838. ; “Questões de uma tradição”, *Via Latina, Revista de confrontações e ideias. Publicação da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra. Inverno de 1985-86, Coimbra*, pp. 23-27.; “Folclore estudantil e cerimonial académico: práticas de produção e reprodução institucional”, *Vértice – II Série*, nº28 pp.47-56, ou os artigos de Aníbal Frías, “Praxe académica e culturas universitárias em Coimbra. Lógicas das tradições e dinâmicas identitárias”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 66, Outubro, 2003 pp.81-116 e “ “Patrimonialização” da Alta e da Praxe Académica de Coimbra “ in *IV Congresso Português de Sociologia*, Coimbra, 2000.

Devemos realçar o texto de Louzã Henriques, presente nas actas comemorativas dos 700 anos da Universidade de Coimbra - “Considerações sobre a Boémia estudantil no séc. XIX” in *Universidade(s) : história, memória, perspectivas: actas do Congresso "História da Universidade" no 7º centenário da sua Fundação*; Coimbra, Comissão Organizadora do congresso “História da Universidade” Março de 1990, pp.345-354, como de elevada importância para uma abordagem diferente, arejada, a esta problemática das tradições. A espaços mais ou menos longos, muitas das obras aqui já enunciadas falam desta dimensão durante a crise.

Sobre os anos 70, mais especificamente na continuação da história do movimento estudantil até ao 25 de Abril de 1974, consideramos como fundamental a obra, já mencionada de Miguel Cardina, *A tradição da contestação: resistência estudantil em Coimbra no marcelismo*, Coimbra : Angelus Novus, D.L. 2008.

Contudo depois do 25 de Abril, há muito pouco escrito, principalmente sobre a questão do regresso das tradições académicas. Temos que fazer aqui um parêntesis e referir que foi aqui que tivemos que recorrer com maior frequência à entrevista e à fonte do jornal.

Devemos ainda referir a obra monumental de Alberto Sousa Lamy, *A Academia de Coimbra: 1537-1990: história, praxe, boémia e estudo, partidas e piadas, organismos académicos*; 2ª Ed. Lisboa: Rei dos Livros, 1990., um livro bastante extenso, útil para obtermos uma panorâmica geral de grande parte da história da Academia de Coimbra.

No que diz respeito à estrutura do nosso trabalho, colocando como pano de fundo a melhor prossecução possível do estudo e seu enquadramento, dividimos a dissertação em quatro capítulos, com extensões diversas e fora de qualquer padrão, obedecendo apenas ao critério de melhor exposição da problemática contida em cada um deles.

Desta forma, no primeiro capítulo apresentado, “Coimbra, uma tradição de luta”, propomo-nos a fazer uma resenha de um passado abundante em momentos de tensão, para com a ordem constituída, seja ela em termos universitários (na figura do reitor por exemplo) seja em termo nacionais. Assim tentamos que se reflita acerca de uma certa *tradição* contestatária, importante para entender essa face mais revolta da Academia de Coimbra. Faz-se também uma análise à evolução diacrónica destes acontecimentos e de como se foram caracterizando quanto à sua forma e objectivos.

Em “A Crise de 69 e Luto Académico”, segundo capítulo, como o título indica, a tónica estará, principalmente, nos eventos relacionados com a maior crise académica portuguesa. Daremos atenção às especificidades contextuais,

tanto em termo internacionais, como nacionais e da mesma forma no que diz respeito ao próprio enquadramento conimbricense. Faremos um levantamento factual, baseado em geral no que já foi escrito sobre o assunto referido, mas algumas vezes com outras perspectivas e numa análise um pouco diferente, assumindo aqui já alguma importância a nossa recolha de entrevistas.

Já no terceiro capítulo – “As tradições sob o signo da contestação” - analisaremos mais profundamente os factos ligados à Crise e à chegada do Luto Académico, na óptica da presença da tradição coimbrã, sua importância e contributo durante o grave período contestatário de 69. Organizaremos ainda, antes disso, uma pequena alusão à *praxe académica de Coimbra*, sua definição e também um breve levantamento da sua história, necessário para a compreensão de determinadas dimensões ligadas a procedimentos e linhas de actuação.

Finalmente, “A década de 70, entre o Marcellismo e a Democracia, recusa e retoma das tradições em Liberdade”, aborda porque meandros evoluiu o movimento estudantil depois de 1969, verificando, por outro lado, a recusa liminar da praxe académica, tanto antes do 25 de Abril como depois. Faremos neste último capítulo a história do regresso das tradições académicas, por finais da década de 70, passando pelos intervenientes, ideias e principais momentos e causas que estiveram no centro do processo restaurador de dimensões abandonadas no tempo.

Concluindo, nas considerações finais tomaremos para nós a tarefa de concretizar uma pequena reflexão subordinada ao exposto neste trabalho e seu reflexo nos dias de hoje e de amanhã.

## Capítulo I – Coimbra, uma tradição de luta

Sendo certo que na memória conimbricense (e claro, na nacional) abunda um olvidar generalizado, relativamente a um passado rico em contestação e luta estudantil podemos falar de vários momentos na história coimbrã, muito para além das conhecidas “crises” dos anos 60, e, neste caso em particular, a Crise de 69, que dá origem ao Luto Académico, um dos aspectos centrais do nosso trabalho, em que a comunidade estudantil protagonizou, desde revoltas a contestações mais acesas, episódios que foram marcando aquilo a que chamamos de “identidade” de luta (ou contestação) numa eventual memória de conflito latente (lembramos aqui a expressão “Tradição da Contestação”<sup>5</sup>, utilizada pelo historiador Miguel Cardina para intitular umas das suas obras centrada na contestação estudantil de fim dos anos 60 e começo dos 70), como poderemos observar, essa “tradição” é bem mais profunda do que a década de 60, ou até do que o século XX.

### 1. As Lutas Liberais

O burgo de Coimbra, onde se instalou a Universidade em 1537<sup>6</sup>, desde cedo se destacou pela especificidade da sua vida centrada na instituição universitária e nos seus estudantes. Assim é natural que o “corpo” estudantil fosse uma força significativa, a ter em conta nas dinâmicas da cidade. É portanto desde muito cedo que, naturalmente, muitas das “confusões”<sup>7</sup> e

---

<sup>5</sup> Miguel Cardina, *A tradição da contestação: resistência estudantil em Coimbra no marcelismo*, Coimbra: Angelus Novus, D.L, 2008

<sup>6</sup> Note-se que a Universidade de Coimbra foi fundada em 1290 em Lisboa, tendo depois sido transferida para Coimbra e de novo para Lisboa, até ao ano de 1537, em que D.João III a fixou, definitivamente, na cidade do Mondego – Joel Serrão “Universidade” - *Pequeno Dicionário de História de Portugal*, Figueirinhas, Porto, 1987

<sup>7</sup> Rui Bebião “Coimbra: A luta estudantil e o património identitário da cidade”, in Carvalho Homem, Amadeu (coordenação) *Um século de lutas académicas* [Porto]: Editorial Moura Pinto, 2007, p. 136.

pequenos conflitos citadinos tinham no centro das questões os estudantes universitários que iam habitando a cidade desde a fundação da instituição.<sup>8</sup>

Contudo, no que concerne a exemplos de uma população estudantil contestatária, inquieta e revolta empiricamente, temos que iniciar o percurso na 1ª metade do século XIX, com o advento do Liberalismo e as lutas liberais – “ (...) quando há o pronunciamento de 1820 os batalhões académicos têm imensa importância e não há nenhum movimento político posterior, nem nenhuma crise ideológica ou nacional, que não conte com a participação de um batalhão académico (...) ”<sup>9</sup>. Manuel Louzã Henriques dá-nos as pistas acerca da actuação de conjuntos de estudantes, os “batalhões académicos” que tomaram o partido na luta ao lado da causa liberal, tanto na guerra civil (1828-1834) como na Patuleia (“A Patuleia foi um levantamento que teve alguma força, especialmente no Norte, e contou com um batalhão académico cujos restos Bulhão Pato conta, nas suas memórias, ter ido encontrar a Lisboa, a viver precariamente, às custas de amigos ou de um ou outro grupo progressista da capital”<sup>10</sup>), cuja existência remonta a 1808 segundo Rui Bebiano<sup>11</sup>.

Mas esse espírito liberal desta geração estudantil, não se quedou pela participação militar durante os primórdios do liberalismo, a sua linha de actuação foi mais longe, mais longe até do que tudo aquilo que algumas vez se haveria de fazer ao longo da história da Academia, até aos dias de hoje inclusive: Com o regresso de D. Miguel, começou a estabelecer-se o sentimento geral de que os estudantes liberais seriam afastados da Universidade de Coimbra por questões políticas, o que terá sido a ignição para a atitude de um grupo de estudantes, que levaram a cabo o assassinio de

---

<sup>8</sup> Maria Eduarda Cruzeiro “Costumes estudantis de Coimbra no século XIX: tradição e conservação institucional”, *Análise Social* vol. XV (60), 1979. p. 816.

<sup>9</sup> Manuel Louzã Henriques, “Considerações sobre a Boémia estudantil no séc.XIX” in *Universidade(s) : história, memória, perspectivas: actas do Congresso "História da Universidade" no 7º centenário da sua Fundação*; Coimbra, Comissão Organizadora do congresso “História da Universidade” Março de 1990, p. 348.

<sup>10</sup> Manuel lousã Henriques, *Antero de Quental* Sep. de "Arunce - Rev. de Divulgação Cultural", (11/12) 1996-1997

<sup>11</sup> Elísio Estanque, Rui Bebiano, *Do activismo à indiferença: movimentos estudantis em Coimbra*; Lisboa : ICS - Imprensa de Ciências Sociais, 2007, p. 28.



lentes (professores) miguelistas, perto da localidade de Condeixa<sup>12</sup>, quando estes seguiam para Lisboa, para assegurarem a sua presença numa cerimónia de beija-mão ao monarca absolutista.

Este assassinato de professores, por parte de estudantes, por motivos políticos, resulta num dos episódios mais marcantes na história das vivências dos estudantes conimbricenses, que no entanto, talvez pelo patamar de envolvimento político a que chegou ser tão elevado, é dos menos falados ao longo da pesquisa que efetuámos. Uma abordagem mais profunda acerca do seu significado para a história do movimento estudantil será levada a cabo noutra parte do nosso trabalho

## **2. A Sociedade do Raio e a “Rolinada”**

No seguimento diacrónico desta lógica de contestação estudantil, surge-nos essa briosa “Geração de 70”, cujos nomes são inapagáveis da memória: de Antero de Quental a Eça de Queirós, passando claro por Teófilo Braga, entre outros mais.

Esta geração de estudantes está na base das históricas movimentações estudantis, que se apoiaram muitas vezes em sociedades secretas, na esteira da “Sociedade do Raio”, enveredando por uma acção conspirativa – “A *Sociedade do Raio* constitui uma das referências míticas no imaginário do movimento académico da Universidade de Coimbra (...)”<sup>13</sup>.

---

<sup>12</sup> Manuel Louzã Henriques: “Considerações sobre a Boémia estudantil no séc.XIX” *in Universidade(s) : história, memória, perspectivas: actas do Congresso “História da Universidade” no 7º centenário da sua Fundação*; Coimbra, Comissão Organizadora do congresso “História da Universidade” Março de 1990, p. 349.

<sup>13</sup> António Nóvoa. “A Sociedade do Raio na Coimbra Académica de 1861-1863” *in Universidade(s) : história, memória, perspectivas: actas do Congresso “História da Universidade” no 7º centenário da sua Fundação*; Coimbra, Comissão Organizadora do congresso “História da Universidade” Março de 1990, p. 277.

Bastante politizados e reivindicativos quanto ao estado da universidade do seu tempo, podemos eleger, em nossa opinião, como líder destes estudantes esse “Antero de revolta e capa à solta”<sup>14</sup>, por excelência a figura da insubordinação exacerbada tida para estilo de vida académica<sup>15</sup>. Foi ele o principal impulsionador da Sociedade do Raio (1861-1863), que em poucas palavras podemos caracterizar como um conjunto de estudantes que comungavam de uma férrea oposição aos cânones universitários do seu tempo, mas não só, pugnavam também por uma “reforma”, fora dos muros da alta coimbrã, no próprio país. Vista como referência de *modus operandi* de luta estudantil conimbricense, estilo que também podemos designar por certo como um pouco esquecido nos últimos tempos: a luta pela maior e (mais) efectiva participação dos estudantes na luta por “ (...) uma reforma que distingue-se ciência e costumes” e o manifesto-proclamação “à opinião pública e ilustrada do país” redigido por Antero e assinada por perto de metade dos 725 estudantes matriculados<sup>16</sup>.

Um dos momentos mais emblemáticos deste período de contestação elevada foi o episódio do abandono colectivo da sala dos capelos no dia da abertura solene das aulas (8 de Dezembro de 1862), quando o alvo-mor da crítica estudantil, o Reitor Basílio Pinto tomou a palavra para proferir o seu tradicional discurso. Foi de tal ordem o “escândalo” que os estudantes acabaram por conseguir fazer com que o reitor fosse demitido do cargo.<sup>17</sup>

---

<sup>14</sup> “Logo no primeiro ano lectivo, 1858/1859, Antero de Quental foi objecto de um processo académico, juntamente com outros estudantes, o qual trouxe penas severas (...)” in António Nóvoa, “Em nome da Liberdade, da Fraternidade e da Emancipação da Academia – Um importante inédito de Antero de Quental redigido no âmbito das actividades da “Sociedade do Raio”(Coimbra, 1861-1863)”, *Revista de História das Ideias. Antero de Quental*, Coimbra I.H.T.I., FLUC, vol.13 1991, p. 232.

<sup>15</sup> Rui Bebiano “Coimbra: A luta estudantil e o património identitário da cidade”, in Carvalho Homem, Amadeu (coordenação) *Um século de lutas académicas* [Porto]: Editorial Moura Pinto, 2007, p. 134.

<sup>16</sup> António Nóvoa : “A Sociedade do Raio na Coimbra Académica de 1861-1863” in *Universidade(s) : história, memória, perspectivas : actas do Congresso “História da Universidade” no 7º centenário da sua Fundação* ;Coimbra, Comissão Organizadora do congresso “História da Universidade” Março de 1990, p. 294.

<sup>17</sup> *Idem, Ibidem*, p. 293.

Não obstante a orientação contestatária e reivindicativa no caminho de uma outra universidade, que não ainda adormecida quase no medievalismo como era a Universidade de Coimbra – “Para estes jovens é inaceitável que a Universidade se mantenha à margem das correntes científicas contemporâneas e dos movimentos de renovação social”<sup>18</sup>, não ficou por ali e, na esteira do movimento iniciado com a referida sociedade, temos ainda nos anos seguintes a protagonização da chamada “Rolinada”(esta acção ficou assim conhecida pelo facto de o chefe do governo de então ser o duque de Loulé, chamado “Rolim”, ele que recusou o almejado um perdão exigido pelos estudantes, que tradicionalmente poderia ser concedido por ocasião do nascimento do príncipe real, neste caso D.Carlos) – “O êxodo de praticamente toda a academia para o Porto, onde se manteve com escândalo do país, durante algumas semanas , esvaziando uma Coimbra dia e noite patrulhada por companhias armadas de infantaria, despojando-a da presença efectiva dos símbolo maior e provocando tanto o pânico das autoridades(...) como (...) o dos familiares (...)”<sup>19</sup>. Podemos aqui inferir tanto da importância do factor “estudantes” para a cidade de Coimbra, como do poder que já por esta altura o corpo estudantil podia almejar possuir, quando se unia em força à volta de um objectivo comum, tendo a sua acção revoltosa impregnado a cidade de forças da ordem.

### **3. Crise/Greve de 1907**

Na esteira deste delinear do fio contestatário que abunda na história da academia coimbrã devemos realçar a chamada crise académica de 1907. Temos aqui portanto a primeira “crise” do século XX e um dos momentos mais marcantes da Coimbra do início desta centúria. Portanto o seu contexto deve ser aqui enunciado de forma breve.

---

<sup>18</sup> António Nóvoa, “Em nome da Liberdade, da Fraternidade e da Emancipação da Academia – Um importante inédito de Antero de Quental redigido no âmbito das actividades da “Sociedade do Raio”( Coimbra, 1861-1863)”, *Revista de História das Ideias. Antero de Quental*, Coimbra I.H.T.I, FLUC, vol.13 1991, p. 232.

<sup>19</sup> Rui Bebiano, “Coimbra: A luta estudantil e o património identitário da cidade”, *in* Carvalho Homem, Amadeu (coordenação) *Um século de lutas académicas* [Porto] : Editorial Moura Pinto , 2007, p. 138.

Há, a partir do *Ultimatum* feito pela Inglaterra a Portugal, um recrudescimento de negatividade relativamente à Monarquia e ao sistema de rotatividade do parlamento (Partido Regenerador e Partido Progressista), agravado progressivamente pelo sufoco autoritário que ia sendo cada vez mais apanágio da monarquia portuguesa.

Vários escândalos eleitorais e atropelos ao constitucionalismo, então vigente, tiveram actores múltiplos, desde o Rei D.Carlos, a João Franco, passando por Hintze Ribeiro. É precisamente João Franco que chefia o governo quando eclode esta “crise”<sup>20</sup>, com ele o autoritarismo que já se fazia sentir iria conhecer novos picos que acabaram por ser essenciais para a queda do regime que vigorava ainda no século XX.

No entanto, o descontentamento geral nacional, que obviamente estava contagiando os estudantes em Coimbra, não foi o único responsável pelo rebentamento desta crise. A causa próxima, e que levantou em grande escala os ânimos estudantis foram as provas de doutoramento do aluno José Eugénio Dias Ferreira, que foi reprovado unanimemente pelos membros do seu júri. Perante a prova “Foi com perplexidade e revolta que a assistência assistiu a interrogatórios e intervenções muito agrestes dos membros do júri”<sup>21</sup>. Os professores em causa deveram ter sido deveras agressivos e denotariam uma tendência peculiar para reduzir o mais possível as características intelectuais do candidato, ao invés do que deveria ter sido a construção de uma crítica séria ao trabalho em si e aos temas por ele abordados. Quase parece ter-se tratado, em última análise, de uma humilhação barata ao aluno em questão.

O sucedido rapidamente transbordou para toda a Academia, a revolta pelo que tinha sucedido e, de forma gradual, o protesto foram aumentando, bem como o próprio conteúdo em si das contestações, com a devida

---

<sup>20</sup>Amadeu Carvalho Homem: “A crise académica de 1907 e o franquismo” in Carvalho Homem, Amadeu (coordenação) *Um século de lutas académicas* [Porto] : Editorial Moura Pinto, 2007, p. 16.

<sup>21</sup> *Idem, Ibidem*, p. 21.

indignação face à resistência revelada pela instituição universitária no caminho da renovação e mudança em pleno século XX<sup>22</sup>.

Da parte do governo, houve uma forte reacção com ameaças acerca de um potencial encerramento da Universidade, variadas imposições e insinuações quanto ao eventual envolvimento do Partido Republicano (como pensamos ser óbvio há uma clara comunhão entre várias reivindicações estudantis e muitas das linhas ideológicas do Partido Republicano, não nos parecendo isso significar necessariamente um envolvimento da instituição em causa)<sup>23</sup>.

A contenda foi crescendo, e organicamente foi repassando para diferentes instituições escolares do país, caminhando para um âmbito de contestação já nacional. Numa universidade que à época deveria ter aproximadamente o número de mil estudantes, houve alunos expulsos e uma multiplicidade de problemas adjacentes. Pela primeira vez temos a participação de alguns docentes ao lado dos estudantes (algo que viria a ser factor de importância, a ter em conta nos momentos maiores do movimento estudantil dos anos 60). Durante a greve feita pelos estudantes, já podemos falar da existência de piquetes<sup>24</sup>, observando-se neste momento uma evolução, não só do conteúdo como também da forma, nesta acção revoltosa dos estudantes de Coimbra.

Poderemos inferir que esta “crise” terá chegado ao seu término depois de ser efectivada e concertada uma hábil estratégia por parte do então reitor D.João de Alarcão e do governo, que lograram chegar ao desmantelamento

---

<sup>22</sup> Amadeu Carvalho Homem: “A crise académica de 1907 e o franquismo” in Carvalho Homem, Amadeu (coordenação) *Um século de lutas académicas* [Porto]: Editorial Moura Pinto, 2007, p. 24.

<sup>23</sup> *Idem, Ibidem*, p. 23.

<sup>24</sup> Elísio Estanque, Rui Bebiano, *ob.cit.*, p. 31.



gradual da rede de solidariedade entre estudantes que até aí vinha mantendo a linha de acção oposicionista firme<sup>25</sup>.

Chamamos precisamente a atenção para a referida “solidariedade” enquanto factor decisivo (numa das nossas entrevistas Joaquim Reis definiria esta característica como uma espécie de “Espírito de corpo” dos estudantes) e de grande importância para a definição das lutas estudantis, que será uma forte dimensão da Crise de 69, e que está imbricada “tradicionalmente” no perfil do estudante coimbricense. Essa importância será também alvo de mais profunda reflexão no decorrer deste trabalho.

#### **4. A República - Da tomada da Bastilha ao “Decreto 40.900”**

Depois de 1907, temos em Outubro de 1910, um episódio de invasão da sala dos capelos e destruição parcial da sala em questão, num levantamento destinado a revogar o *satu qvo* monárquico. Com a chegada do regime republicano, a Universidade passa por grandes mudanças, sob certos aspectos, desde a abolição do chamado “foro académico” à obrigatoriedade do uso da capa e batina<sup>26</sup>.

No entanto, a nossa atenção vira-se para um acontecimento posterior – a Tomada da Bastilha. Chegados aqui, devemos referir a pouca atenção, ou se preferirmos, a relativização deste acontecimento histórico bastante importante na história da academia, como símbolo da irreverência estudantil contra a autoridade exacerbada e o poder sufocante da instituição universitária. O dia

---

<sup>25</sup> Amadeu Carvalho Homem: “A crise académica de 1907 e o franquismo” in Carvalho Homem, Amadeu (coordenação) *Um século de lutas académicas* [Porto]: Editorial Moura Pinto, 2007, p. 35-36.

<sup>26</sup> Rui Bebiano, “Coimbra: A luta estudantil e o património identitário da cidade”, in Carvalho Homem, Amadeu (coordenação) *Um século de lutas académicas* [Porto]: Editorial Moura Pinto, 2007, p. 139.

25 de Novembro seria simbolicamente considerado o dia do estudante nesta cidade<sup>27</sup>.

No ano de 1921, a Associação Académica de Coimbra (A.A.C), a instituição por excelência dos estudantes nessa cidade (fundada a 3 de Novembro de 1887, tendo “saltado” de sede em sede até se fixar na rua Padre António Vieira nos anos 60) tinha a sua sede no rés-do-chão do Colégio de São Paulo, o Eremita<sup>28</sup> e entre a massa estudantil protestava-se contra a desproporção entre as instalações reservadas aos estudantes e as que possuía o “Clube dos Lentes”- “ (...) um símbolo do seu poder e da tradição universitária, pelo que os estudantes lhe chamavam “a Bastilha”. ”<sup>29</sup>

“A casa da Rua Larga era a sede do *Club dos Lentes* onde os professores da Universidade se reuniam para as suas diversões. Na noite de 25 de Novembro de 1921, noite histórica para a Academia de Coimbra, essa casa foi assaltada por um grupo de estudantes, que heroicamente ocuparam as suas dependências”<sup>30</sup>.

O acto “revolucionário” da Tomada da Bastilha, como já referimos, ficou gravado na memória colectiva da academia, como símbolo da rebeldia e da força estudantil, tanto mais que ainda hoje a data é celebrada com um cortejo silencioso (o qual será sempre na década de 60 um momento de significação forte, bem aproveitado pelo movimento estudantil como oportunidade singular de protesto), que percorre as ruas da cidade com estudantes de capa e batina embuçados, simbolizando os acontecimentos daquela noite de 24 para 25 de Novembro de 1921.

Em termos de luta estudantil, devemos fazer também menção ao Centro Republicano Académico de Coimbra (onde pontificavam figuras desde Vitorino Nemésio, a Paulo Quintela ou Carlos Cal Brandão), numa altura da ditadura

---

<sup>27</sup> Eduardo M. Raposo, *O Canto de Intervenção (1960-1974)* – Público- 3ª Edição, p. 62.

<sup>28</sup> Teresa Carreiro, *Viver numa república de estudantes de Coimbra: Real República Palácio da Loucura: 1960-1970*, 1ª ed, Porto: Campo das Letras, 2004, p, 59.

<sup>29</sup> Elísio Estanque, Rui Bebian, *ob.cit.*, p. 33.

<sup>30</sup> Carmine Nobre, *Coimbra de Capa e Batina*, Lisboa. 1937, p. 26.

fascista em que esta se via a braços com algumas tomadas de iniciativas contra a ordem imposta, por parte das três universidades, sendo que, por Coimbra, o grupo contestatário acima referido sairia vitorioso na conquista da AAC no ano de 1932<sup>31</sup>.

De facto, esta importante vitória de um núcleo oposicionista na A.A.C, será um dos últimos sucessos da facção anti regime antes da vaga de controlo apertado das diferentes direcções de várias associações, que começa nos anos 30, como veículo de enraizamento profundo do estado-novismo – “Na verdade, se depois de 1936- altura em que irrompeu o forte movimento do Estado Novo para controlar a força da Academia – até ao fim da guerra, ela institucionalmente se mantém, no essencial, ao lado do Estado Novo, depois de 1945 até aos princípios da década de 50 surgirá como elemento de luta contra o regime, embora não o assuma com clareza”<sup>32</sup>. Referindo-se à Academia e respectiva relação com o Estado Novo, o professor Reis Torgal dá-nos a pista para a actuação de Francisco Salgado Zenha à frente da Direcção da Associação Académica de Coimbra.

Salgado Zenha foi eleito presidente da AAC em 1945, depois do *Dux Veteranorum*, Francisco Barrigas de Carvalho, não ter aceiteado a nomeação de uma comissão administrativa a ser presidida por Américo António Cardo, e ter convocado uma Assembleia Magna onde foi então eleita a direcção de Zenha<sup>33</sup>.

Há, no entanto, a necessidade de afirmar que, no que concerne à vitória de uma lista, à partida, antifascista, e sublinhando este facto surpreendente que é a “recusa” do *Dux Veteranorum* de então em aceitar a nomeação governamental, estamos já no contexto de final da 2ª Guerra Mundial e consequente aligeirar da repressão fascista<sup>34</sup>. Num outro momento de vida do

---

<sup>31</sup> Elísio Estanque, Rui Bebiano, *ob.cit.*, p. 33.

<sup>32</sup> Reis Torgal, “A Universidade e a Academia de Coimbra perante o Estado Novo (1926-1961) – Entre a Tradição e a Inovação”, *Revista História*, Porto, Centro de História da U.P, vol.9 , 1990, p. 208.

<sup>33</sup> Alberto Sousa Lamy, *A Academia de Coimbra: 1537-1990: história, praxe, boémia e estudo, partidas e piadas, organismos académicos*; 2ª Ed. Lisboa: Rei dos Livros, 1990, p. 243.

<sup>34</sup> Elísio Estanque, Rui Bebiano, *ob.cit.*, p. 33.

regime salazarista, uma tal ousadia teria, muito provavelmente, custado caro aos seus intervenientes e talvez a AAC não tivesse conhecido um presidente que foi possivelmente o mais progressista antes dos anos 60.

O ponto alto do mandato de Salgado Zenha, que se apoiava em sectores de esquerda e de católicos mais progressistas, foi a recusa, homologada em Assembleia Magna<sup>35</sup>, em pontificar numa manifestação de agradecimento ao Presidente do Conselho, António de Oliveira Salazar, realizada a 19 de Maio de 1945 em Lisboa, onde se prestaria a devida homenagem ao “Salvador da Pátria” por ter livrado Portugal do flagelo da 2ª Guerra Mundial<sup>36</sup>.

Este “não”<sup>37</sup> a Salazar custou, naturalmente, o afastamento do cargo de presidente da instituição e motivou uma série de incidentes, que viriam a desaguar na prisão de Salgado Zenha em 1947, facto que, já na altura, originou o decreto de luto académico na academia conimbricense<sup>38</sup>.

Na década de 50, sob um fortalecimento cerrado da repressão e dos seus mecanismos e veículos de acção, vagueia-se por um desapego social dos estudantes e por uma “formatação” ordeira dentro dos “muros” da velha alta, sob o olhar carregado do estado fascista nessa espécie de “namoro”<sup>39</sup> de que fala o professor Reis Torgal, de onde saíam para ocupar os respectivos lugares na hierarquia social e política. Não obstante, em 1956 surge a questão do “ (...) “decreto 40.900” projecto-lei que procurava cercear a autonomia das associações de estudantes, abrindo um processo de descolagem ideológica que o entusiasmo gerado em torno da candidatura presidencial de Humberto Delgado, em 1958, tenderia a consolidar.”<sup>40</sup>

---

<sup>35</sup> *Idem, Ibidem* p. 33.

<sup>36</sup> Alberto Sousa Lamy, *ob.cit.*, p. 243.

<sup>37</sup> Nuno Caiado, *Movimentos estudantis em Portugal: 1945-1980*; 1ª Ed. Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, 1990, p. 27.

<sup>38</sup> Teresa Carreiro, *ob.cit.*, p. 40.

<sup>39</sup> Luís Reis Torgal, *ob.cit.*, p. 207.

<sup>40</sup> Miguel Cardina, “Movimentos estudantis na crise do Estado Novo: mitos e realidades”, *e-cadernos ces*, 1, 2008 p. 63.

O citado decreto-lei vinha abafar de sobremaneira uma certa autonomia reinante nas associações de estudantes, destacando nós, aqui, a A.A.C. O documento previa a ratificação pelo governo (na pessoa do ministério da Educação Nacional) de todo o manancial de decisões de órgãos de estudantes e também o controlo dos contactos estabelecidos com instâncias internacionais levados a cabo, eventualmente, na gestão dos referidos órgãos<sup>41</sup>.

Ora, no que diz respeito à A.A.C, o referido decreto-lei vinha pôr em causa características “sagradas” da, já na altura, maior associação de estudantes portuguesa – “ (...) a tradição inter-associativa da A.A.C, cujos princípios gerais a par da autonomia, estavam há muito consagrados e que eram agora postos em causa”<sup>42</sup>. Assim é desencadeada uma onda de fervorosa contestação ao intento legislativo do governo do Estado-Novo (devemos lembrar que, apesar da nossa pesquisa se inteirar do que se passou em Coimbra, este movimento “anti decreto” foi extensível às outras universidades). O protesto foi tal que o documento teve finalmente que ser proposto a apreciação na Câmara Corporativa, ficando aí bloqueado<sup>43</sup>.

Podemos também afirmar que a pressão muito forte e incomum contra este diploma, acabando o governo por ter que recuar, o que por si só era extraordinariamente raro, também se deveu a um certo alinhamento contrário de muitos deputados, que teriam sido estudantes em Coimbra, e pelos quais o argumento *tradição* foi recorrentemente utilizado para reprimir este decreto e o que ele representava para a vida académica. Poderemos, portanto, a partir do referido, interpretar a força que os cânones tradicionais de Coimbra teriam na altura e a sua importância para a vida daquela cidade e sua academia, tendo aqui conseguido bloquear de forma inaudita uma imposição do salazarismo português.

A conjugação dessa vaga de repúdio pelo diploma, não só pelos estudantes, mas também por alguns sectores do regime vigente, congelando a aplicação do “40-90”, algo nunca antes visto, representa um “ (...) virar de

---

<sup>41</sup> Elísio Estanque, Rui Bebião, *ob.cit.*, p. 34.

<sup>42</sup> Nuno Caiado, *ob.cit.*, p. 55.

<sup>43</sup> Elísio Estanque, Rui Bebião, *ob.cit.*, p. 34.

página (...) ”<sup>44</sup> e um pequeno “destapar” do pano para o que estava para vir durante a década paradigmática do movimento estudantil, os anos 60.

## **5. De 1962 a 1965**

A primeira grande “crise” universitária, efectiva, nos anos 60, surge no ano de 1962, possuindo um âmbito nacional de facto, acima de tudo pela força com que se fez sentir em Lisboa, onde as suas repercussões parecem possuir maior memória que, por exemplo, 1969. Contudo, também em Coimbra adquiriu bastante relevo.

A década de 60 trouxe consigo, olhando, claro, ao contexto próprio português e apesar do forte aparelho repressivo do Estado Novo, as correntes da rebeldia e de mudança, que possuíam epicentro na juventude daquela década. Esses matizes de mutação influenciaram, naturalmente, uma parte da massa estudantil portuguesa, tendo como expoente máximo o Maio de 68, no final dos “sixties”, em França<sup>45</sup>.

Por outro lado, havia já um lastro propício. A década de 50 acrescentou novas variantes com influência directa na “crise de 62”, como a movimentação contra o “decreto 40-900”, passando pela onda de iniciação ao oposicionismo despoletada pela candidatura do General Humberto Delgado (recebido com grande euforia em Coimbra por muitos estudantes por altura da campanha para a presidência da República no ano de 1958<sup>46</sup>), - “A década de cinquenta consubstancia o período terminal da fase corporativista do associativismo

---

<sup>44</sup> *Idem, Ibidem, p.34.*

<sup>45</sup> Miguel Cardina “Activismo estudantil em Coimbra durante o marcelismo” in Carvalho Homem, Amadeu (coordenação) *Um século de lutas académicas* [Porto]: Editorial Moura Pinto, 2007, p. 85.

<sup>46</sup> Miguel Cardina, “ Memórias incómodas e rasura do tempo: Movimentos estudantis e praxe académica no declínio do Estado-Novo” *Revista de Ciências Sociais*, 81, Junho de 2008, p. 133.

académico<sup>47</sup>. O fim dessa tendência corporativista, que vinha de certa forma imperando e a entrada gradual de um certo sindicalismo estudantil, traduziu-se num progressivo fim das preocupações exclusivamente ligadas à “classe” universitária, para uma abertura aos problemas da sociedade, que os iriam afectar directamente e àqueles que os rodeavam.

Não é por acaso que Carlos Candal foi o primeiro presidente situado à esquerda, em muitos anos, a liderar os destinos da A.A.C. Eleita em 1960, como nos diz Nuno Caiado, a lista vencedora, saída já do C.R (Conselho de Repúblicas), teve como objectivos centrais a substituição da importância das *praxes* entre outros aspectos mais tradicionais da cidade, por “ (...) preocupações socioculturais, a interligação mais consertada entre as três maiores academias universitárias portuguesas, e também a maior reflexão acerca do papel da mulher”<sup>48</sup>.

Lembremos a publicação da “Carta a uma jovem Portuguesa” da autoria de António Marinha de Campos (cuja matrícula foi questionada, talvez numa tentativa de desvalorização e de desacreditação do papel da publicação<sup>49</sup>), que criou um verdadeiro “furacão” na opinião pública coimbricense e nacional, à época com sectores fortemente conservadores, recorde-se então que o *feminino* era quase proibido de se misturar em público com o *masculino*; as estudantes habitavam em lares próprios, isolados do “perigo” do outro sexo. Por outro lado referiam-se também os organismos “pedagógicos” do fascismo como a mocidade portuguesa feminina, para não falar do exacerbado carácter e domínio masculino na Coimbra mais tradicional, onde a mulher tinha no máximo um papel passivo, embelezador da paisagem e da vivência tradicional coimbrã<sup>50</sup>.

A *Crise* tem início com a proibição da comemoração do dia do estudante e de arrasto com a defesa do direito ao associativismo abalado com a

---

<sup>47</sup> Nuno Caiado, *ob.cit.*, p. 65.

<sup>48</sup> *Idem, Ibidem*, p. 76.

<sup>49</sup> António Rodrigues Lopes, *A sociedade tradicional académica coimbrã: introdução ao estudo etnoantropológico* Coimbra, Gráfica de Coimbra 1982, p.238.

<sup>50</sup> Miguel Cardina, *A tradição da contestação: resistência estudantil em Coimbra no marcelismo*, Coimbra: Angelus Novus, D.L. 2008 p. 43.

legislação “circum-escolar” que vinha retomar os propósitos do “decreto 40.900” em Coimbra claro, mas sempre estendida a todo o *corpus* universitário português – “Em 1962 eclodiu em Lisboa um movimento de universitários conduzido pelas suas AE’s a partir de simples reivindicações relacionadas com a autonomia da universidade e a liberdade de associação nas escolas”<sup>51</sup>. Não podemos esquecer que Marcello Caetano, então reitor da Universidade de Lisboa, se demitiu no seguimento da invasão pela polícia do campus universitário sem a sua consulta (tendo então recebido, curiosamente, uma menção de louvor por parte da A.A.C<sup>52</sup>). Aliás devemos referir as greves, embates com a polícia, manifestações na Universidade de Lisboa e o luto académico decretado em Coimbra, as prisões de tantos estudantes no seguimento do encerramento da A.A.C e da suspensão dos estudantes que constituíam a sua Direcção-Geral. Sucede-se a ocupação da Associação pelos estudantes que se lá encontravam barricados, sobrevivendo com as ajudas de outros colegas que lhes vinham fazendo chegar comida e outros bens. No seguimento de uma nova ocupação foram presos muitos universitários e instaurados processos, havendo quem ficasse expulso e impedido de frequência na universidade durante anos. A A.A.C ficaria fechada até ao ano lectivo seguinte<sup>53</sup>.

Acrescente-se ainda um dado novo nesta crise de 62, pela primeira vez, e como forma de protesto, a Academia decide cancelar a realização da Queima das Fitas, o que chegou a ter um impacto muito grande na cidade e não só, não nos esqueçamos que havia quem viesse de todo o país assistir aos festejos. Nunca tinha sido feito e economicamente chegava a ser muito prejudicial para a A.A.C, para a cidade e para toda a região também.

Com o avançar da década de 60, assistimos novamente a uma crise estudantil, no ano de 1965. Com novos momentos de contestação pelos alunos universitários onde se verificaram naquele ano encerramentos de secções e

---

<sup>51</sup> Nuno Caiado, *ob.cit.*, p. 81.

<sup>52</sup> Miguel Cardina, *A tradição da contestação: resistência estudantil em Coimbra no marcelismo*, Coimbra: Angelus Novus, D.L. 2008 p. 49.

<sup>53</sup> Maria Manuela Cruzeiro, Rui Bebião, *Anos inquietos: vozes do movimento estudantil em Coimbra: 1961-1974*; Porto: Afrontamento, 2006 p.47-48.



organismos centrais na vida da Associação, desde a secção de saúde, a de textos, ou a secção social, numa escalada de fechar de portas que teria o seu pico num novo encerramento da AAC em si ainda neste ano<sup>54</sup>. A repetida estratégia do governo voltaria a ter sucesso nesta ocasião, como já tinha tido antes.

Por esta altura a AAC era dirigida uma por uma Direcção-Geral situada no espectro político de oposição ao salazarismo e presidida por Octávio Ribeiro da Cunha. Foi esta mesma D.G/A.A.C que recusou obedecer às missivas reitorias que impunham a proibição de cartazes, boletins oposicionistas (aqui com um claro destaque de actuação da secção de textos por certo) e o encerramento de secções já acima referidas, que na opinião do reitor e do governo estariam ligadas a actividades subversivas, e foi precisamente essa atitude de recusa e fazer frente a tais imposições restritivas e sufocadoras de liberdade que despoletaram a “Crise de 65”<sup>55</sup>.

Como já referimos foram suspensos da frequência do ensino superior um conjunto de estudantes, estando entre eles o próprio presidente da Direcção-Geral, a 27 de Julho é demitida a D.G e temos depois do encerramento da Associação, a chegada de “ (...) uma *comissão administrativa* presidida por Alexandre Augusto Guedes de Magalhães”<sup>56</sup>. Este momento marca o ocaso de uma certa forma de existência do movimento estudantil, e o domínio da A.A.C pelo governo, na pessoa das suas Comissões Administrativas, nomeadas sem o consentimento dos estudantes, situação que só sofrerá modificações no ano de 1968, com a exigência de eleições livres, sufrágio esse que dará origem à Direcção-Geral democraticamente eleita que estará à frente dos destinos da Associação durante os importantes acontecimentos de 1969. Ocupar-nos-emos da crise de 69 com profundidade mais à frente.

---

<sup>54</sup> Elísio Estanque, Rui Bebiano, *ob.cit.*, p. 36.

<sup>55</sup> Miguel Cardina, *A tradição da contestação: resistência estudantil em Coimbra no marcelismo*, Coimbra: Angelus Novus, D.L. 2008, p. 52.

<sup>56</sup> Alberto Sousa Lamy, *ob.cit.*, p. 280.

## 6. Perfis contestatários em análise

Neste momento, depois de uma descrição histórica diacrónica desses maiores momentos de luta estudantil, faremos uma reflexão acerca dessa evolução, tanto qualitativa como quantitativa, numa correlação com a transfiguração da comunidade estudantil coimbrã, nomeadamente ao nível da *tradição* e luta estudantil.

Novamente colocamos a questão da cristalização das memórias do “chavão” das lutas estudantis no presente, desde as estruturas académicas aos momentos solenes de celebração oficial e um pouco encenada desses dias de luta

Na sua oposição devemos pugnar por uma análise crítica e objectiva de todo o complexo social e político que serve de pilar ao movimento estudantil coimbrão (e não só) na fase final do Estado Novo, como igualmente na generalidade da existência deste fenómeno, que, como já avistámos, tem raízes profundas na história da Academia.

Lembramos também que no ambiente académico (e no conimbricense, muito *sui generis* por si só e com especificidades muitos próprias) é muito fácil e comum o esquecimento de variados aspectos do passado estudantil, tanto do mais recente possível, como daquele mais afastado no tempo. Temos de ter em conta neste fenómeno que analisamos, uma dimensão social onde a maioria dos seus actores tem uma passagem relativamente curta pela universidade, estando sempre a entrar e a sair estudantes a cada ano que passa<sup>57</sup>.

Acontece que, como aliás já vimos vindo observando, há toda uma história de contestação até aos anos 60, e mais especificamente 1969, definitivamente o ano que ficou na memória colectiva da cidade como “O” ano de crise. Toda esse historial de oposição absorve um conjunto de

---

<sup>57</sup>Miguel Cardina “Movimentos estudantis na crise do Estado Novo: mitos e realidades”, e-*cadernos ces*, 1, p.58.

peculiaridades e características essenciais para a melhor compreensão do fenómeno em questão, sendo exclusivas de Coimbra, nomeadamente o valor e força da *tradição* e da *praxe académica de Coimbra*, aspectos que marcaram e continuam a marcar indelevelmente a academia da cidade do Mondego, que deram em certos momentos da história, é certo, uma imagem de Coimbra como “ (...) um espaço “romantizado”, composto de boémia, estudo, fado e namoros; uma imagem do estudante enquanto pertencente ao sexo masculino, proveniente de classes médias e altas e futuro escol da sociedade <sup>58</sup>”. Mas nem sempre foi assim, não podemos encetar uma análise totalitária, os acontecimentos têm um contexto próprio com múltiplas variáveis, que devem ser tidas em conta no caminho da análise histórica que queremos fazer.

Desta forma, temos de afirmar desde já que defendemos a inexistência de um dualismo entre uma “Coimbra dos amores” e essa outra Coimbra (quando falamos em Coimbra falamos na sua academia, entenda-se) revoltosa, lutadora, contestatária. A realidade, como poderemos perceber, é bem mais complexa e rica do que isso. Onde há uma Coimbra boémia e como já temos vindo evidenciando, existe também, evidentemente, “ (...) uma atitude de insubordinação extrema que define como forma particular da vivência estudantil (...) ”<sup>59</sup>. Não obstante, essa “atitude de insubordinação extrema” sofreu uma evolução contínua ao longo do tempo, naturalmente, tanto nos objectivos como nas suas tendências.

Desta forma, podemos apoiarmo-nos numa tipologia elaborada por Rui Bebiano referente às lutas estudantis em Coimbra. Neste caso, este autor apresenta-nos três tendências significativas que se estendem do século XIX (antes deste século, não considera existirem registos de grandes levantamentos organizados contra a ordem universitária estabelecida) aos finais da centúria seguinte.

---

<sup>58</sup> Miguel Cardina “Movimentos estudantis na crise do Estado Novo: mitos e realidades”, *escadernos ces*, 1, p. 62.

<sup>59</sup> Rui Bebiano, “Coimbra: A luta estudantil e o património identitário da cidade”, in Carvalho Homem, Amadeu (coordenação) *Um século de lutas académicas* [Porto]: Editorial Moura Pinto, 2007, p. 134.

A primeira tendência que se observa refere-se ao prevalecimento de movimentos de “ (...) oposição, declarada e colectiva, às atitudes discricionárias ou a determinadas orientações das autoridades académicas”<sup>60</sup>. Incluiremos neste quadro, para além da “Rolinada” e da actuação da Sociedade do Raio, a greve de 1907, onde se verifica com clareza essa inconformidade relativa ao procedimento, comportamentos e características das figuras de poder da hierarquia universitária no decorrer do funcionamento da universidade.

Quanto à segunda tendência, esta caracteriza-se por um organizado intervencionismo académico com vista à luta contra linhas de actuação política mais ligadas à educação e por reivindicações no sentido de haver mudanças nas medidas tutelares viradas para esse sector (com um maior destaque para o ensino superior, como é natural). Nela se incluem momentos de maior instabilidade para o país, como na pós-proclamação da República (fazemos aqui referência à invasão da sala dos capelos aquando do fim da monarquia, que destruiu partes da sala, num levantamento destinado a revogar o *statu quo* monárquico, como já afirmámos<sup>61</sup>), na Primavera Marcelista, depois no pós-25 de Abril e também mais tarde ainda com a alteração dos regimes de propinas durante o governo do actual presidente da República Aníbal Cavaco Silva<sup>62</sup>.

Por fim a terceira tendência engloba em si as actividades de linha estudantil com objectivos politicamente bem mais profundos, olhando como metas um papel efectivo em potenciais transformações e viragens no contexto político português e mesmo no que à questão do regime se concerne. Da mesma forma, como nos indica o professor Rui Bebiano, “Mais intensa e perturbadora, é também esta vertente aquela que tem sido abordada de forma mais superficial (...)” e aí reside a razão da sua relativa obliteração da história do movimento estudantil no passado e no presente, havendo um

---

<sup>60</sup> *Idem, Ibidem*, p. 137.

<sup>61</sup> A 23 de Outubro dá-se a abolição do foro académico (regime especial que regia a comunidade estudantil) e o uso da capa e batina passa a ser opcional, naquele que foi um momento de grandes modificações no ensino universitário português

<sup>62</sup> Rui Bebiano “Coimbra: A luta estudantil e o património identitário da cidade”, *in* Carvalho Homem, Amadeu (coordenação) *Um século de lutas académicas* [Porto]: Editorial Moura Pinto, 2007, p. 139.

obscurcimento devido a uma certa “folclorização”<sup>63</sup> das crises “oficiais” que se vão celebrando todos os anos, para construir uma determinada história, o que para além de ser redutor se chega a tornar incorrecto factualmente falando.

Podemos incluir nesta tendência profundamente comprometida e politizada, os já referidos acontecimentos de Condeixa, com a concretização do assassinio dos lentes que iam apoiar D.Miguel na cerimónia de beija-mão, às mãos de estudantes de Coimbra; mas podemos igualmente colocar neste rol os “batalhões académicos” que combateram tanto da guerra civil como na Patuleia; para além disso devemos dizer que a questão da Sociedade do Raio deverá ser incluída nesta terceira tendência, pela sua conduta de alargamento do universo de luta para fora daquilo que seria o restritamente ligado à universidade, pois não podemos esquecer a sua concepção de um Portugal amorfo, a necessitar de nova vida, sendo também essa uma das suas grandes bandeiras<sup>64</sup>.

Não saindo ainda desta tipologia, devemos dizer, desde já, que a respeito da “Crise de 69” (sobre a qual falaremos detalhadamente, sob vários aspectos a seguir) e os anos 70 (também aqui serão abordados), no que se refere às lutas estudantis, o anti colonialismo e o anti capitalismo presentes com maior força e mais abertamente já na década de 70 são exemplo claro do carácter e do tipo de reivindicações com vista a alterações de facto na sociedade e mesmo até no regime.<sup>65</sup>

Em 1969, em específico, torna-se mais complicado discernir em que tendências se poderiam inserir os acontecimentos uma vez que, estando os objectivos à partida, e por razões estratégicas, reunidos na lógica universitária, não podemos esquecer essa frase “A nossa luta só poderá, pois, fazer tréguas

---

<sup>63</sup> Maria Manuela Cruzeiro, Rui Bebiano *ob.cit.*, p. 85.

<sup>64</sup> Rui Bebiano, “Coimbra: A luta estudantil e o património identitário da cidade”, in Carvalho Homem, Amadeu (coordenação) *Um século de lutas académicas* [Porto]: Editorial Moura Pinto, 2007, p.142-143.

<sup>65</sup> Miguel Cardina, “Memórias incómodas e rasura do tempo: Movimentos estudantis e praxe académica no declínio do Estado-Novo” *Revista de Ciências Sociais*, 81, Junho de 2008, p. 123.

quando tivermos atingido uma Universidade Nova num Portugal Novo”<sup>66</sup>, e o próprio desenvolvimento da linha de actuação do movimento estudantil. Contudo não nos alargaremos aqui, já que sobre tanto a “Crise de 69” como a década de 70, nos debruçaremos com mais atenção no seguimento deste texto.

Por outro lado, citamos neste momento Nuno Caiado - “ (...) aqui, em contrapartida, viviam-se valores praxistas e folclóricos em contraste com a politização mais acentuada dos dirigentes associativos com referências ideológicas (...)”.<sup>67</sup>

Na sua análise, este autor, refere-se, ao estudante normal de Coimbra como o “ (...) fardado de Capa de Batina, boémia, fados e praxes, estudo cerrado em véspera de exames, namoros com tricanas e alguns conflitos com “futricas”<sup>68</sup> ”<sup>69</sup>.

Já em linhas anteriores podemos observar uma citação de Miguel Cardina no mesmo sentido desta. Ora, apesar de esta (forte) *tradição* de luta estudantil, independentemente de que tendência da lúcida tipologia elaborado pelo professor Rui Bebiano estejamos a falar, Coimbra tinha, tem, e porventura irá continuar a ter uma imagem tendencialmente aproximada dessa visão caricatural e “postaleira” da velha boémia, do canelão<sup>70</sup>, dos “doutores” e caloiros, das tricanas e do fado. Essa é, de facto, a imagem que mais facilmente foi sendo transmitida para o exterior, por diversas razões, pela força da *praxe* em si, pelo jeito que deu essa imagem serena e bucólica, em parte, ao Estado Novo em determinadas alturas, nomeadamente os anos 40, 50 talvez, e também mais tarde da mesma maneira por razões fortemente comerciais, turísticas e económicas, principalmente nos nossos dias.

---

<sup>66</sup> *Carta à Nação apud* Rui Namorado: “Para uma Universidade Nova – Crónica da Crise de 1969 em Coimbra”, *Revista crítica de ciências sociais, Coimbra*; CES nº27/28, Junho 1989, p. 118.

<sup>67</sup> Nuno Caiado, *ob.cit.*, p. 29.

<sup>68</sup> Vocábulo que designa na gíria estudantil os não estudantes.

<sup>69</sup> Nuno Caiado, *ob.cit.*, p. 31.

## Capítulo II – A Crise de 1969 e Luto Académico

Os ventos dos anos 60, apesar de terem chegado a Portugal de uma forma mais tardia, conseguiram penetrar no país. Essa demora, justifica-se pela situação política, social e económica específica, então vivida – “ (...) uma ditadura imobilista e isolacionista (...) uma indústria pouco mais do que incipiente (...) um mercado fortemente protecionista (...) uma estrutura social pouco dinâmica e marcada pela pobreza, pela emigração e pelo reduzido impacto da classe média (...) uma guerra colonial prolongada, dolorosa e sem perspectivas de sucesso (...) ”<sup>71</sup>

### 1. Contexto Internacional e português

Para falarmos com clareza do que foi a Crise de 1969 em Coimbra temos que nos reportar a um contexto muito próprio e único sob variados aspectos, que foi a década de 60, sendo que, ao nos referirmos aos “anos 60”, estamos a falar de um momento da história contemporânea visto como um período de tempo de 20 anos, entre meados dos anos 50 e dos anos 70, cuja memória está naturalmente imbricada de emotividade, positiva ou negativa e de glorificação ou de recusa, pela forma como tudo se processou.

Estamos a reportarmo-nos a um período muito rico da história, e nele podemos falar sobre várias dimensões sociais, políticas e económicas. Em termos sociais, pensamos que o Maio de 68 é o grande referencial, tanto pela irradiação que teve em termos mundiais como pelo paradigma de mudança e irreverência que representou – “ (...) uma experiência anti-disciplinar

---

<sup>71</sup> Elísio Estanque, Rui Bebiano, *ob.cit.*, p. 21.

permanente e acentuada, entendida como marca distintiva da fase crítica da modernidade que começava então a ser vivida”<sup>72</sup>

O movimento estudantil francês depois de ter início com reivindicações fortes, relativas aos problemas existentes no funcionamento e quotidiano universitário, abre-se e modifica-se para dar lugar a uma grande movimentação global contra o sistema capitalista vigente no ocidente, do qual se dizia na altura, ser a Universidade um parceiro vital da manutenção da ordem estabelecida.<sup>73</sup>

Contundo, enganamo-nos se pensarmos que o Maio francês preenche toda a riqueza deste período de tempo sendo que, por outro lado, o movimento da juventude de 68 é um pouco um corolário de vários factos históricos. As mudanças e as clivagens atravessam transversalmente diversas áreas, até na religião com a convocação do Concílio Vaticano II, grande momento de reflexão da igreja católica, que potenciou uma relativa abertura em vários temas e o crescimento de um ala progressista no âmbito católico que, nomeadamente em Portugal terá importância na Crise de 69 – “O Concílio Vaticano II, do início dos anos 60, chegou a Coimbra com a Crise Académica”<sup>74</sup>

Da mesma forma, em termos políticos e económicos deparamo-nos com uma série de acontecimentos que irão ter uma importância acentuada na alteração de paradigmas e no *puzzle* de mentalidades e ideologias por todo o globo. Nas palavras de Celso Cruzeiro, nos anos 60 assistimos a um “furacão ideológico”, no seguimento do *XX Congresso do PCUS* (Partido Comunista da União Soviética), ainda em 1956, momento decisivo para o começo de uma reflexão mais crítica ao marxismo e à sua aplicação na prática, mais especificamente no leste europeu. Daqui partiu a cisão sino-soviética, que seria um dos mais significativos focos de debate dos anos 60 e 70, no entanto o

---

<sup>72</sup> Rui Bebiano *O poder da imaginação: juventude, rebeldia e resistência nos anos 60*; Coimbra : Angelus Novus, 2003, p. 21.

<sup>73</sup> Celso Cruzeiro, *Coimbra, 1969: a crise académica, o debate das ideias e a prática, ontem e hoje*, Porto: Afrontamento, 1989, p. 24.

<sup>74</sup> João Mário Mascarenhas (coord), *Coimbra 69* [org.] Biblioteca Museu República e Resistência, Lisboa: B.M.R.R, 1999, p. 65.



mais importante é que foi neste momento que se abriram pela primeira vez as portas das contradições soviéticas que desembocariam em novas e heterogêneas opções de esquerda, gradualmente mais distantes em relação à cartilha marxista-leninista soviética<sup>75</sup>.

Chamemos também a atenção para o papel da guerra do Vietname, em que se envolveram a fundo os EUA, enquanto denunciadora dos grandes males do capitalismo à época, entre eles o neocolonialismo e o (novo) imperialismo, conflito esse que, por sinal, foi dos primeiros acontecimentos políticos externos a ser bastante noticiado, chegando os seus ecos a parte da população portuguesa. Note-se igualmente, no caso específico de Portugal, o impacto que a guerra poderá ter tido, visto o “paralelismo”, relativo mas inevitável, com a guerra colonial na qual estava mergulhado o país<sup>76</sup>.

É igualmente tempo revolucionário noutras paragens do globo: da China (revolução Cultural) à América do Sul (Revolução Cubana e o papel de Che Guevara, não só em Cuba) temos vários episódios políticos a acontecer sem as amarras ideológicas da cartilha soviética, valorizando-se o poder das massas, a subordinação do económico ao político e a “ (...) revalorização do factor cultural na dinâmica do movimento de massas.”<sup>77</sup> levando ao *engagement* de muitos intelectuais nos diferentes processos revolucionários (Jean Paul Sartre é exemplo disso mesmo), ajudando a criar um lastro cultural crítico às instituições de ensino, ao seu decisivo papel na sociedade e à sua essência, bem como ao seu *modus operandi* perante os alunos.

Na esteira destes acontecimentos, falemos também da Primavera de Praga e da invasão dos tanques soviéticos em território checo, que desencadeou graves e “ (...) consecutivos afastamentos e cisões do “Mundo Comunista” ”<sup>78</sup>. Muitas pessoas ligadas a diversos partidos comunistas afastaram-se ou enveredaram por outras correntes de esquerda no seguimento destes acontecimentos; partidos comunistas europeus condenaram a invasão da Checoslováquia, algo que, por exemplo o PCP (Partido Comunista

---

<sup>75</sup> Celso Cruzeiro, *Coimbra ob.cit.*, p. 13.

<sup>76</sup> *Idem, Ibidem*, p.15 .

<sup>77</sup> *Idem, Ibidem*, p.16.

<sup>78</sup> *Idem, Ibidem*, p. 22.

Português) não fez, tendo ao invés uma posição oficial de apoio, de maneira que muitos militantes portugueses e outros tantos *compagnons de route* se afastaram também da instituição.

O contexto português tem também uma importância crucial para o estudo. Como dissemos em jeito introdutório no início do capítulo, a influência dos anos 60 chegou a Portugal, todavia filtrada e moldada por uma situação política social e económica muito específica dentro da Europa. Enquanto que o Maio francês surge num país desenvolvido, extremamente imbricado no capitalismo e suas dimensões, Portugal continua a ser um país praticamente rural, a viver na ditadura mais antiga da Europa, envolvido numa guerra interminável noutro continente e fechado dentro do seu “orgulhosamente sós”.

Apesar de ainda faltar algum tempo (pouco) para a “panela de pressão social”<sup>79</sup> explodir, por Portugal os dias da perenidade do Estado Novo tinham ficado no passado. Se por um lado as três frentes de guerra ultramarina iam desgastando o país e absorvendo os seus recursos materiais e humanos, confinando também o país ao isolamento e, poderemos chamá-lo assim, incredulidade e incriminação internacional (lembramos que por esta altura vários países já tinham cortado relações diplomáticas com Portugal, acrescentando a isso as consecutivas condenações das Nações Unidas pela política ultramarina<sup>80</sup>), por outro lado, em determinados sectores do regime ganhava força uma certa tendência liberalizante, que se tornou mais forte com a “queda” de Salazar e a subida ao poder de Marcello Caetano, ex-reitor da Universidade de Lisboa (já explicitámos aqui a razão do seu afastamento) e rosto da ala liberal (se assim a podemos chamar) do Estado Novo. Todavia a “Primavera Marcellista” pouco mais foi que uma ilusão, em parte por causa de um certa ambiguidade ideológica de Caetano, que se refletia nas suas (in)decisões mais ou menos explícitas, impulsionado pela restante vitalidade

---

<sup>79</sup> Fernando Rosas: “A Revolução Portuguesa de 1974/75 e a Institucionalização da Democracia” in Loff, Manuel e Pereira, M. da Conceição Meireles (Coordenadores) *Portugal: 30 Anos de Democracia (1974-2004)* –; Porto, Editora da Universidade do Porto, 2006, p. 16.

<sup>80</sup> Fernando Rosas: “O Estado Novo (1926-1974)” in Mattoso, José (Dir.) *História de Portugal* vol.7, Editorial Estampa, 1994, p. 541.

dos “ultras” do regime e pelo papel mais activo do Presidente Américo Tomás, enquanto vulto visível dessa facção.<sup>81</sup>

Por oposição à facção mais liberal dentro do regime fascista que, numa tendência superiormente capitalista, pretendia uma maior integração europeia, uma determinada modernização e industrialização, uma abertura maior ao mercado internacional e potencialmente uma alternativa para a guerra ultramarina, à ala “ultra” pertenciam os mais fundamentalistas dentro do Estado Novo, pugnando pelo protecionismo, pelo eventual aumento do esforço de guerra, sendo que, como se compreende, muitos destes indivíduos seriam os típicos latifundiários conservadores dependentes do ultramar. Podemos considerar existir essa “ (...) ascensão inevitável, na estrutura política, do grande capital de vocação europeia”<sup>82</sup> mas temos que sublinhar o momento de contradições e, poderemos chamar-lhe assim, pequenas fissuras, por que grassava o fascismo português internamente, no qual a crescente ala progressista na igreja católica (um dos grandes pilares do regime) também tem um papel desgastante, ao afastar cada vez mais católicos da influência do Estado Novo.

Devemos dizer que, nos primeiros tempos do “Marcellismo”, apesar de tudo e, muito em parte, devido a toda esta sumula de peculiaridades que atravessava a vida do fascismo português neste período de transição entre Salazar e Caetano e de “esperança” na “Primavera Marcellista”, existe um certo aumento da “ (...) margem de manobra de quem combatia o fascismo”.<sup>83</sup>

---

<sup>81</sup> Rui Namorado: “Para uma Universidade Nova – Crónica da Crise de 1969 em Coimbra” in *Revista crítica de ciências sociais*, Coimbra; CES nº27/28, Junho 1989, p.65.

<sup>82</sup> Celso Cruzeiro, *Coimbra ob.cit.*, p. 38.

<sup>83</sup>Rui Namorado: *ob.cit.*, p. 65.

## 2. Coimbra e os antecedentes

Depois de lavrarmos o cenário contextual nacional e internacional onde floresceu a Crise de 69, devemos escrever algumas linhas acerca da Coimbra de final de década que possibilitou a maior crise estudantil do Estado-Novo. Como nos afirmou em entrevista Jorge Seabra (activista do movimento estudantil à época) “É bom ter a percepção que a Crise de 69 veio de trás. Quando alguém diz “Os estudantes de Coimbra eram maioritariamente contra o governo, mesmo sendo pacholas como eram em 68/69” não é suficiente, eram muito mais do que isso, eram completamente amorfos, passivos. Se estivesse a apreciar nas vésperas do 17 de Abril via isso. De repente há um 17 de Abril. Mas foi isso? Foi e 65 e 62 e 58, demorou até os estudantes terem, digamos, potencialidade, embora aparentemente pachola, a potencialidade de no dia 18, 19, 20 de Abril estarem todos em Assembleias Magnas durou uma década. ”

O facto de a Crise de 69 não ser a filha única do movimento estudantil na década de 60 já foi por nós indicado ao longo desta exposição. Devemos, porém, ressaltar algo mais acerca destes antecedentes.

Depois do encerramento em 62, a AAC volta a ser encerrada em 1965. Em três anos a sede dos estudantes é fechada por duas vezes no seguimento de lutas estudantis, usando o Estado Novo a mesma estratégia para deitar por terra as expectativas do movimento estudantil, sem este conseguir replicar. Perante o exposto, destaca-se o alheamento significativo de uma população estudantil que continuava a ir às aulas e a fazer os seus afazeres normais, como se nada se houvesse passado (pelo menos uma parte claro, já que uma minoria de estudantes, que se podia caracterizar como politizada e atenta, protestou, tentou lutar contra o encerramento da Associação, embora inconsequentemente)<sup>84</sup>.

A falência da acção do movimento em 1965 foi como que o momento de mudança de paradigma para a luta estudantil. A partir dali seria necessário, vital até, repensar a estratégia e os objectivos a que se pretendia almejar – “

---

<sup>84</sup>Celso Cruzeiro, *ob.cit.*, p. 46.

(...) formação de uma vanguarda de tipo diferente ” e “lançamento das bases de uma estratégia nova para o movimento estudantil”.<sup>85</sup> Aquilo que seria arduamente conseguido em 1969.

Essa nova estratégia teria que contemplar, obrigatoriamente, certas variantes muito próprias da cidade de Coimbra, como seja a *praxe académica coimbrã*. Como insiste Celso Cruzeiro na sua obra, esta é uma dimensão da academia que não pode ser ignorada sob pena de não se conseguir “ (...) agir com eficácia sobre a realidade estudantil coimbrã ”<sup>86</sup>. O antigo dirigente associativo de 69 vai mais longe e fala de “miopia” para caracterizar o não entendimento da importância de tal aspecto da vida académica conimbricense.

Na nossa entrevista, Jorge Seabra afirma que os estudantes de Coimbra do final de década parecem evidenciar o tal “amorfismo” vinculado a uma determinada vivência praxista ainda presente no já citado “espaço “romantizado ”, composto de boémia (...) ”<sup>87</sup>. Por outro lado, pelo menos para uma parte da população estudantil, Elísio Estanque indica que as *tradições* e a *praxe* foram sendo esquecidas, uma vez que esta geração se deparava com outras preocupações e devido a uma tendência intelectual mais esquerdista<sup>88</sup>.

Na verdade vem-se assistindo ao aparecimento de uma tendência sindicalista no movimento estudantil, uma concepção surgida na conferência de Grenoble em que o estudante surge como jovem trabalhador intelectual. Na opinião de Rui Namorado temos à entrada em 69 duas tendências: a sindicalista, que ia na senda da democratização do ensino, defendendo uma lógica de educação continuada, com vista a desmontar a lógica “capitalista” da universidade, exigindo reformar para atingir a “Universidade Nova”; e a associativa que caracteriza uma certa atitude já tida como central pelo movimento estudantil no passado e que se prende com a afirmação de que a luta se deve cingir à problemática do cerceamento da liberdade, actuação e

---

<sup>85</sup> Celso Cruzeiro, *ob.cit.*, p. 46.

<sup>86</sup> *Idem, Ibidem*, p. 49.

<sup>87</sup> *Vide* nota nº 58. .

<sup>88</sup> Elísio Estanque, Rui Bebiano, *ob.cit.*, p. 126.

autonomia da A.A.C<sup>89</sup>. Todavia essa tendência parece-nos a nós já não ser a principal matiz norteadora da cúpula dirigente quando entramos na Crise de 69.

Vamos notando nitidamente o carácter gradual que possui a evolução do movimento estudantil, desde as motivações mais corporativistas até às mais próximas de 69, cada vez menos particulares e em consonância com uma ambiência mais aberta, cada vez mais complexa politicamente que se vinha construindo progressivamente desde as questões do “decreto 40.900”.

É assim nesta Coimbra de finais dos anos 60, onde vão chegando os ventos de outras paragens mais “arejadas”, numa cidade profundamente conservadora, onde a AAC vem sendo controlada por sucessivas Comissões Administrativas empossadas e mandatadas pelo Estado-Novo, contra a vontade e liberdade dos associados e estudantes, que se irá dar esse vendaval político que foi a Crise de 69, que mudará até ao dias de hoje a vida da cidade do Mondego.

### 3. Da Tomada da Bastilha ao 17 de Abril

Rui Namorado indica que na origem da corrente ideológica que potenciou homens e mulheres a dirigir o movimento estudantil, tendo em vista uma nova estratégia, esteve uma reunião em Setembro de 1968, reunião essa em que tiveram assento os “ (...) quadros do movimento estudantil (...) ” e onde se “ (...) decidiu lançar uma nova estratégia, cujo eixo seria a luta por uma Universidade Nova”. Guiados também pelo que ocorrera no passado recente da Academia, nomeadamente em 1962, 1965 e com o já referido domínio da A.A.C por Comissões Administrativas mandatadas pelo Estado Novo, foram sendo lançadas novas ideias e novas linhas de actuação<sup>90</sup>.

Foi assim que o C.R (Conselho das Repúblicas – órgão criado em 1948 a 11 de Dezembro, com as Repúblicas existentes à altura, tendo estas celebrado entre si o *Pacto de Amizade e Aliança*, que unia as Repúblicas “ (...)

---

<sup>89</sup> Rui Namorado, *ob.cit.*, p. 29.

<sup>90</sup> *Idem, Ibidem*, p. 65.

ao serviço da PRAXE e na defesa dos seus interesses comuns e dos da Academia em geral<sup>91</sup>), que vinha dando listas à A.A.C desde Candal e que estava cada vez mais incrustado na luta estudantil, com o apoio dos Organismos Autónomos (excepção feita, porventura, ao Orfeon Académico de Coimbra, mais ligado à direita estudantil) lançou a “Comissão Pró-Eleições (C.P.E), destinada a diligenciar no sentido de conseguir, junto de quem de direito, a prossecução de eleições livres para a Associação, algo que se considerava vital para a Academia face à situação.

Não podemos deixar de fazer menção à “Tomada da Bastilha” de 1968. Como afirmámos no Capítulo I, a Tomada da Bastilha de 1921 passou a ser todos os anos tradicionalmente comemorada pela academia com um cortejo na noite de 24 para 25 de Novembro, sendo um evento presente na *praxe* académica *coimbrã*, que foi em 1968 (já o teria sido noutras ocasiões) uma manifestação única e singular do movimento estudantil em Coimbra contra o estado de coisas – “Para mim um momento alto no movimento estudantil foi justamente essa Tomada da Bastilha...E penso que o estudante médio, que integrou ou só assistiu àquela manifestação não deixou de ser sensível à sua enorme carga simbólica...”<sup>92</sup>. Relativamente a esta questão transcrevemos também as palavras de Celso Cruzeiro, que referindo-se a estudantes da “linha IBM “ e à linha dos chamados *Contestas* (mais à frente explicitaremos o significado destes grupos) afirma que “A miopia política (...) não lhes permitia ver muito mais do que um morcego em voo diurno”<sup>93</sup> (uma referência ao facto de o cortejo ser feito por estudantes todos vestidos de Capa e Batina), contrastando com o apoio popular que se faria sentir.

Com o apoio dos organismos, secções e da massa estudantil (2500 assinaturas<sup>94</sup>), beneficiando igualmente daquele clima político muito próprio por que grassava o fascismo, como vimos acima, de início da “Primavera

---

<sup>91</sup> António Rodrigues Lopes, *A Sociedade tradicional académica coimbrã – Introdução ao Estudo Etnoantropológico*, p. 70.

<sup>92</sup> Maria Manuela Cruzeiro, Rui Bebião, *ob.cit.*, p. 126.

<sup>93</sup> Celso Cruzeiro, *ob.cit.*, p. 54.

<sup>94</sup> *Idem, Ibidem*, p. 59.

Marcellista”, as autoridades acabaram por facilitar e a realização de eleições livres na A.A.C foi uma realidade.

Temos assim a concorrência de duas listas a 12 de Fevereiro de 1969, onde se incluía a lista da direita estudantil MRR – Movimento de Renovação e Reforma que defendia que, quanto aos estudantes, os queria “ (...) libertar do ópio intelectual (...)”<sup>95</sup>, numa clara referência ao enraizamento de um ideário heterogéneo de esquerda na comunidade estudantil de então. Grande parte dos argumentos do sector de direita estudantil acentuava numa campanha de difamação onde abundavam as referências a droga, cigarros, contraceptivos, reuniões subvertidas e referência ao “fantasma” de Moscovo.<sup>96</sup>

A outra lista, na sua grande maioria, era a que naturalmente saía do C.R, apresentando como pedra basilar do seu programa a questão “para uma Universidade Nova”<sup>97</sup>. Uma lista de esquerda generalizada, onde pontificava um núcleo de futuros dirigentes com uma consciência ideológica/política forte, avisado para o que se ia passando noutras paragens da Europa e não só, com igual consciência dos erros do passado, nomeadamente ao nível da conquista das massas, dos erros tácticos, da falta de criatividade e de unidade.<sup>98</sup>

Depois de anos sob a alçada das Comissões Administrativas, os estudantes estavam entorpecidos quanto a questões, tanto do foro académico, como do foro político, pelo menos no que concerne às políticas do ensino superior. Assim, seria imperativo todo um trabalho de campanha para revitalizar consciências e tocar a rebate para o combate pela “Universidade Nova”<sup>99</sup>.

A “lista C.R” ganhou facilmente as eleições com 79% dos votos / 6 dos 7 lugares para a D.G.A.A.C. O outro lugar, correspondente à lista contrária,

---

<sup>95</sup> “À Academia”, MRR, *apud* Miguel Cardina, *A tradição da contestação: resistência estudantil em Coimbra no marcelismo*, Coimbra: Angelus Novus, D.L. 2008 p. 73.

<sup>96</sup> Miguel Cardina, *A tradição da contestação: resistência estudantil em Coimbra no marcelismo*, Coimbra: Angelus Novus, D.L. 2008, p. 82.

<sup>97</sup> Rui Namorado, *ob.cit.*, p. 103.

<sup>98</sup> Celso Cruzeiro, *ob.cit.*, p. 69.

<sup>99</sup> Rui Namorado: *ob.cit.*, p. 103.



acabaria por ficar preenchido com um membro da lista vencedora, já que o eleito nunca chegou a tomar posse, ficando, neste caso, a direcção da Associação totalmente composta por elementos do Conselho de Repúblicas.

#### 4. A divergência na unidade

Não podemos compreender “69” e o que se lhe seguiu sem antes tentar perceber quais eram as correntes ideológicas que norteavam o movimento estudantil por esta altura. São-nos apresentadas três grandes linhas no movimento <sup>100</sup>: a linha CR (grande força do conselho de repúblicas como o próprio nome indica), a linha “IBM” e a linha dos chamados “Contestas”.

Relativamente à primeira, Rui Namorado caracteriza-a como tendo “ (...) uma mentalidade anti-estalinista. Integrava muitos socialistas de esquerda de formação marxista, desprovidos de qualquer docilidade em face das diretrizes e das pressões ideológicas do PCP, que era a força política anti-fascista mais organizada”<sup>101</sup>. Quanto a nós, foi esta corrente a que emprestou grande parte das características do movimento no período da Crise de 69.

Tendo desde início uma relação difícil com a linha CR, por ser fortemente influenciada pelos quadros do PCP, temos a linha IBM, que referimos já neste trabalho. De facto, seriam as estruturas da clandestinidade comunista portuguesa a assegurar a espinha dorsal desta corrente – “ (...) era dirigida pelas suas estruturas clandestinas (...) ”. Sendo portanto a representante de um certo tipo de luta e de dirigente estudantil ligado ao passado recente – “ (...) até 69 isso foi assim. Prendia-se a cabeça a dois ou três elementos destacados do movimento, que ou eram do Partido Comunista ou eram próximos, portanto tinham já uma história política muito activa e aquilo acabava.”<sup>102</sup> Deve o seu nome a um dos seus rostos mais proeminentes, se não o mais importante - José Barros Moura, a partir daí “IBM” podia ter o

---

<sup>100</sup> Rui Namorado, *ob.cit.*, p. 68.

<sup>101</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>102</sup> Entrevista a Maria Manuel Cruzeiro

significado de *Inteligente Barros Moura*, ou, pelo contrário, *Irrascível Barros Moura*.

No que respeita à linha “Contestas”, teria uma ligação forte ao trotskismo e outras correntes mais de extrema-esquerda, sendo portanto mais radical e possuindo um forte bastião na FLUC<sup>103</sup>. Contrariamente aos “IBM”, esta parcela “Contestas” depositaria grande importância no combate teórico e na tónica política e ideológica, mas emparceirava com aqueles no “ (...) ódio (...) que votava às instituições académicas tradicionais, nas quais só via a última encarnação do espírito reaccionário. <sup>104</sup>” à época o seu peso seria ainda pequeno, no entanto destacamos aqui as palavras de Luís Januário: “Emotivamente achava que havia muito mais riqueza nesse grupo heterogéneo a que chamamos contestas do que no CR”<sup>105</sup>.

Em 1969, como podemos observar, temos na academia uma tendência de esquerda dominante mas ricamente variada, paralelamente ao que se ia passando ao nível ideológico nos anos 60 em termos mundiais, na qual destacamos a linha CR pelo pânico que parecia ter a qualquer subserviência política institucional, parecendo pugnar por uma interpretação do Marxismo orgânica e aberta, centrando-se numa independência estoica face a “catalogações”<sup>106</sup> políticas.

Esta diversidade não obsteu a uma relativa união que foi, na nossa percepção, uma das grandes vantagens do movimento estudantil em 69. Um dos grandes responsáveis por essa referida união foi a plataforma de discussão (clandestina) chamada “CONGE” (abreviatura para Congeminativo). Esta estrutura secreta reunia em si estudantes das mais variadas linhas ideológicas, adquirindo as características de uma plataforma de discussão quanto às opções a seguir pelo movimento por forma a que elas fossem o mais

---

<sup>103</sup> Miguel Cardina “Activismo estudantil em Coimbra durante o marcelismo” in Carvalho Homem, Amadeu (coordenação), *Um século de lutas académicas* [Porto]: Editorial Moura Pinto, 2007, p. 93.

<sup>104</sup> Celso Cruzeiro, *ob.cit.*, p. 69.

<sup>105</sup> Maria Manuela Cruzeiro, Rui Bebian, *ob.cit.*, p. 281.

equilibradas possível no caminho da adesão do maior número de alunos possível – “ (...) um carácter de massas”.<sup>107</sup>

Nesta caracterização do movimento estudantil de 69, devemos ainda falar de outras valências estratégicas que se revelaram essenciais para a compreensão da lógica que orientou a tomada de decisões nesta crise. “Em síntese, os principais vectores de uma Universidade Nova eram: libertação da tutela atroficante do poder político; abertura aos problemas da sociedade; valorização do papel dos estudantes no governo da Universidade; destaque para a função das A.A.E.E; mutação radical nos modos de ensinar e de aprender; importância da cultura como parte integrante da resposta ao desafio universitário.”<sup>108</sup>

Para a prossecução destes objectivos salientava-se a importância do “reformismo revolucionário” (ligado a André Gorz<sup>109</sup>) cuja tónica assentava na criação de uma linha sucessiva e gradual de reivindicações, cada vez maiores e mais complexas, deixando o opositor mais limitado à medida que esta dinâmica vai avançando, sem quebras. No caso coimbrão observa-se no aprofundamento das críticas à “Universidade Velha” e no crescimento exponencial do grau de politização dessas mesmas críticas. – “ (...) passa a haver uma característica muito gradual nos instrumentos de luta, embora os objectivos fossem radicais! Os objectivos eram acabar com esta treta toda! Só que lentamente, com passos muito seguros, portanto era muito flexível na própria táctica”<sup>110</sup>. No devir dos acontecimentos de 1969 esta evolução é visível como poderemos constatar à frente nesta dissertação.

---

<sup>107</sup> Miguel Cardina “Activismo estudantil em Coimbra durante o marcelismo” in Carvalho Homem, Amadeu (coordenação) *Um século de lutas académicas* [Porto]: Editorial Moura Pinto, 2007, p. 94.

<sup>108</sup> Rui Namorado, *ob.cit.*, p. 70.

<sup>109</sup> André Gorz () acentuava “ (...) o carácter revolucionário que a luta por reformas pode sempre assumir desde que englobada numa perspectiva última de transformação também revolucionária do sistema embora distante do modelo clássico de tomada de poder clássico” in Celso Cruzeiro, *Coimbra*, *ob.cit.*, p. 81.

<sup>110</sup> Entrevista a Maria Manuela Cruzeiro

Esta radicalização dos objectivos e não da forma da luta, como nos diz Manuela Cruzeiro corta com as formas de luta tradicionais, de muita radicalização na forma e não nos conteúdos, onde o que poderemos chamar de estudante-comum, não se sentiria incluso, com dirigentes associativos muito politizados, mas distantes da realidade do quotidiano geral.

Esse maior carácter de importância das massas é outro grande factor de sucesso para o movimento estudantil na Crise de 69, o que se evidencia em Assembleias Magnas extremamente participadas com milhares de estudantes, dando uma força institucional e emotiva muito consistente ao movimento. Alberto Martins refere que o segredo da união das massas se fundava na importância cultural da política, que se propagou naquele ambiente único explicado na “ (...) fraternidade, no apelo inteligente e efectivo, na música, na palavra, no canto, na imaginação, no amor, na transgressão e na festa”<sup>111</sup>.

Na nossa entrevista a Manuel Cruzeiro, ela também se refere a uma certa “eticidade” envolvente na crise, numa lógica de participação “ (...) por dignidade, honradez, esses eram valores que qualquer pessoa entendia. Não tinha que ser politicamente muito informado ou formado para saber do estado de coisas que a Universidade representava, aquilo que o país representava”<sup>112</sup>. A política sob muitos aspectos, como nos diz, estava muito subjacente face a uma responsabilização individual, de cada um participar na alteração de aspectos bem próximos da sua própria vivência particular. Contrariamente a uma redutora ortodoxia política e ideológica, o movimento soube abrir-se e congregar todas as variáveis do corpo estudantil coimbrão, variáveis essas onde estaria presente com muita força a *praxe* e respectivas instituições e representações, como faremos ver no capítulo seguinte

Ao tentarmos definir um pouco da estratégia de 69 e na lógica do que acima foi referido, pensamos ser necessário afirmar que outro novo aspecto que vai revestir a Crise de 69, colocando-a num patamar diferente relativamente a, por exemplo, 1962 e 1965, é a centralização no eixo da universidade, o que se consubstancia nas conhecidas palavras de Jorge

---

<sup>111</sup> Adelaide Martins R. Cosme (Org.), 69. *pretextos para...* Edição – Coordenadora de Matemática/ Direcção Geral da A.A.C, 1989, p. 28.

<sup>112</sup> Entrevista a Maria Manuela Cruzeiro

Strecht Ribeiro, quando referiu que “Fechar a Associação é trágico para nós, fechar a Universidade é trágico para o governo”<sup>113</sup>. Em 1962 e novamente em 1965, como vimos anteriormente, tinham as autoridades encerrado a A.A.C, em 69 vir-se-iam obrigados a encerrar a própria Universidade, observando-se, desta forma, um salto qualitativo do movimento estudantil, nesta ideia de que o cerne da luta deveria passar da Associação, enquanto base de suporte de luta, para a Universidade, algo que teve sucesso e que se revelou importante para as linhas estratégicas já enunciadas, principalmente no que concerne à participação das massas estudantis.

## **5. 17 De Abril**

Desde o dia 12 de Fevereiro, data das eleições para a direcção da A.A.C até ao dia 17 de Abril, data em que despoleta verdadeiramente a Crise de 69, insurge um período de pouco mais de dois meses, que foi o tempo que a direcção, presidida por Alberto Martins, teve para entrar numa Associação entregue a sucessivas comissões administrativas ligadas ao Estado Novo nos últimos anos, tentar pôr em prática as suas directrizes e ver-se a braços, tendo pouquíssimo tempo de trabalho, com um “17 de Abril”.

O edifício das “Matemáticas”, erigido na esteira da “re-fundação” da Alta Conimbricense, sede do Departamento de Matemática da Universidade de Coimbra, iria ser inaugurado a 17 de Abril de 1969 pelo então Presidente da República, Almirante Américo Tomás, ao qual se juntavam o Ministro da Obras Públicas e o Ministro da Educação Nacional. Logo a D.G/A.A.C bem como a Junta de Delegados de Ciências, encetaram esforços de maneira a que os estudantes fossem representados na cerimónia e pudessem usar da palavra, neste caso pelo presidente da A.A.C, Alberto Martins<sup>114</sup>.

---

<sup>113</sup>Rui Namorado, *ob.cit.*, p. 69.

<sup>114</sup>Miguel Cardina “Activismo estudantil em Coimbra durante o marcelismo” in Carvalho Homem, Amadeu (coordenação) *Um século de lutas académicas* [Porto]: Editorial Moura Pinto, 2007, p. 88.

A direcção da Associação recebeu como resposta ao seu pedido oficial de uso da palavra durante a cerimónia um redondo não, por parte do Reitor da Universidade, justificado na longa visita do Presidente da República, no facto dele, enquanto Reitor da Universidade a todos representar na referida ocasião e, por fim, porque o uso da palavra por um estudante poderia ser prejudicial para o protocolo já previamente definido.

Desta a forma, no dia 16 de Abril, a D.G/A.A.C fez saber por comunicado que faria todos os esforços no sentido de poder usar da palavra na referida inauguração, convocando todos os estudantes para comparecer no dia 17 daquele mês à frente do novel edifício a inaugurar. Aqui gostaríamos de salientar o papel da Junta de Delegados Ciências e a sua importância crucial para o 17 de Abril, tal como nos é dito – “Senão fosse a Junta de Ciências talvez não tivesse havido 17 de Abril”<sup>115</sup>.

Gostaríamos também de fazer aqui referência a uma informação curiosa relativamente ao dia em questão, Álvaro Perdigão, à época jornalista da Emissora Nacional, em entrevista para a ESECTV (Televisão da Escola Superior de Educação de Coimbra) refere que se sabia que ia acontecer alguma coisa desde a véspera, já que na rua Garrett estariam estacionadas uma coluna de carros anti manifestação da GNR.<sup>116</sup> Esta referência a um conhecimento prévio de que algo estaria para acontecer remete-nos para a teoria de Celso Cruzeiro de que “O Ministro e o Reitor teriam provocado os acontecimentos no sentido de lançar a ira dos estudantes sobre Tomás e assim, apoiados neste, fomentar a luta contra os sectores renovadores do regime (...) os estudantes de Coimbra funcionariam (...) como peão de brega ou tropa de choque”.

Nesse dia, durante a cerimónia, Alberto Martins à revelia da não autorização prévia e de acordo com o que estava planeado pediu a palavra: “Sua Excelência Sr. Presidente da República dá-me licença que use da palavra nesta cerimónia em nome dos estudantes da Universidade de Coimbra?”<sup>117</sup>O

---

<sup>115</sup> Entrevista a Jorge Seabra

<sup>116</sup> Documentário “Crise Académica de 1969”

<sup>117</sup> Celso Cruzeiro, *ob.cit.*, p. 130.

chefe de estado do Estado-Novo viu-se numa posição desconfortável e passou a palavra ao Ministro das Obras Públicas, ficando no ar a incerteza se no seguimento da cerimónia Alberto Martins poderia falar ou não. Sublinhamos o simbolismo de resistência que este momento arrecadou com legitimidade, pela prova de coragem e de irreverência dos estudantes contra o Estado-Novo, apesar de todo o folclore que depois esta imagem veio a ter até aos nossos dias, aliás como já referimos neste trabalho.

“E estávamos todos eufóricos, comungando deste sentimento de vitória, aguardando impacientemente o fim da corrente de louvaminhar do Ministro das Obras Públicas e o momento mágico de, dentro da nossa casa podermos dizer algo sobre nós próprios”.<sup>118</sup>

Como é sabido, Alberto Martins não chegou a usar da palavra durante a cerimónia, esta foi encerrada e a comitiva abandonou a sala um pouco à pressa – “Revejo-os a fugir com dificuldade dos estudantes de olhos fixos no chão”<sup>119</sup>, ficando o resto da inauguração a cargo dos estudantes, onde, aí sim, discursou Alberto Martins, Carlos Baptista da Junta de Delegados de Ciências, Celso Cruzeiro dirigente da A.A.C, com palavras de ordem contra o estado de coisas vigente, numa sala cheia de estudantes onde não caberiam todas aquelas centenas que aguardavam no largo D.Dinis, com cartazes e palavras de ordem de protesto contra a “Universidade Velha”. Sobre este sucedido, o Diário de Noticias do dia seguinte nada referia, se lermos a notícia referente à visita e inauguração de Américo Tomás, pensamos que nada teria acontecido. Só a 1 de Maio, depois da alocução televisa de José Hermano Saraiva, a que nos referiremos a seguir, se noticiavam – “ Os actos de indisciplina na Universidade de Coimbra (...) ”<sup>120</sup>.

Já o primeiro de Janeiro afirmaria o seguinte no dia 18 de Abril - “Muitos estudantes quando o Chefe de Estado se dirigia para o novo edifício da Secção de Matemática , proferiram aclamações, ao mesmo tempo que

---

<sup>118</sup> *Idem, Ibidem*, p. 133.

<sup>119</sup> Décio Sousa *in* João Mário Mascarenhas (Coord.), *Coimbra 69*, [org.] Biblioteca Museu República e Resistência; Lisboa: B.M.R.R, 1999, p. 21.

<sup>120</sup> *Diário de Noticias*, 1 de Maio de 1969, p. 2.

ostentavam dísticos com “reivindicações” . Depois, (...) fizeram eles uma “sessão solene”, dentro da melhor ordem, embora com entusiasmo.”<sup>121</sup>

Às duas da manhã do dia seguinte a PIDE/DGS prenderia Alberto Martins à saída da Associação. Durante a manhã chegou a ser libertado, depois de ter sido interrogado toda a noite, período em que muitos estudantes tentaram interceder, tanto na sede da polícia política (onde vários estudantes ficaram feridos em sucessivas cargas de cães e polícia de choque), como na casa do reitor e em contactos telefónicos infrutíferos com o Governador Civil e o Ministério da Educação Nacional.

Nesse dia 18 de Abril, em Assembleia Magna, os estudantes (cerca de 2000) aprovam em força propostas no sentido de reivindicar lugar no Senado através da D.G./A.A.C e no que respeita às Juntas de Delegados, o seu reconhecimento oficial como órgãos que representavam os alunos da Universidade, já que eram eleitos pelos mesmos.<sup>122</sup>

## **6. Luto Académico**

O Luto Académico é um mecanismo da *praxe académica de Coimbra* que, como o próprio nome indica se refere a situações de luto e/ou momentos particularmente negativos para a Academia, tendo sido utilizado como forma singular de protesto já antes de 1969, como aliás vimos durante este trabalho.

No dia 22 de Abril é imposta, pela Reitoria, a suspensão a oito estudantes (Alberto Martins, Osvaldo Castro, Celso Cruzeiro, Fernanda Bernarda, José Gil e Matos Pereira da direcção da A.A.C e a Carlos Baptista e Barros Moura exteriores à direcção). Ainda no mesmo dia reúne a Assembleia Magna que vai decretar “Luto Académico” pelo que estava a acontecer, assumindo a forma de greve às aulas, sendo que, sempre que possível ao invés da simples não comparência, o que se deveria fazer era transformar as mesmas em momentos de debate sobre os problemas da universidade e em

---

<sup>121</sup> *O primeiro de Janeiro*, 18 de Abril de 1969, p. 7.

<sup>122</sup> Rui Namorado, *ob.cit.*, p. 80.



última instância sobre as diversas medidas do governo marcelista. Apelava-se também à participação dos professores, o que veio a acontecer (se bem que com outros geraram-se momentos de tensão). O decreto de luto serviria para reclamar o levantamento das suspensões, a não instauração de processos disciplinares, da mesma forma exigia também que não fossem marcadas faltas aos estudantes suspensos e no caso da referida suspensão se manter que não fossem contadas as faltas dadas pelos estudantes em questão.

O decretar do Luto Académico é um dos momentos mais importantes da Crise de 69, e irá influenciar muito da vida da Academia nos anos seguintes, sob vários aspectos como iremos ver.

Chamamos a atenção para a sua componente político-praxista, se assim se pode chamar. Se por um lado foi um caminho inteligente para passar por cima da proibição de greves imposta pelo Estado-Novo, este “mecanismo” *praxista*, era uma medida muito forte em termos da tradicionalidade coimbrã, o movimento estudantil soube utilizá-lo no momento certo e ao serviço dos seus propósitos. Apesar de decretado em Assembleia Magna, foi também decretado pelo Conselho de Veteranos ( ver Anexo 6 ), órgão maior da *praxe académica Coimbrã*, de forma a ter plenos efeitos na vida praxista coimbrã. Desta forma temos a proibição de uso de insígnias pessoais, a saber o grelo e as fitas, o fecho da batina e capa aos ombros em sinal de luto no uso da capa e batina entre outras componentes do estado de Luto Académico que falaremos mais à frente. Destacamos aqui o efeito anímico unitário e galvanizador para uma larga parte do corpo estudantil, que se tornou evidente com o uso destas medidas, observando-se repercussões práticas em vários aspectos da vida do quotidiano que serviriam também o intuito de chamar à atenção para fora da cidade para o que se estava a passar.<sup>123</sup>

Relembremos aqui a já indicada componente ética que abundava no movimento que se demonstrou fortemente na adesão massiva ao luto como prova de força e unidade dos estudantes não só pelo levantamento das suspensões, mas, mais ainda, num luto ideológico face aquilo que era a

---

<sup>123</sup> Rui Namorado, *ob.cit.*, p. 81.

Universidade naquele momento e à necessidade premente de mudança e renovação que se fazia sentir.

## **7. Greve a exames e a “Audiência”**

Depois do decreto de Luto Académico, os acontecimentos sucedem-se. Na Assembleia Magna de 23 de Abril é aprovada a formação de uma comissão composta por professores e os estudantes suspensos que teria como fim ser recebida pelo Presidente da República, com vista à resolução da questão das suspensões. Essa reunião havia-se de realizar sim, mas não nesta altura. Teve lugar a 11 de Abril de 1970 e, já fora do contexto para o qual teria sido o seu pretexto aprovada em Magna foi razão para grande celeuma no movimento, como poderemos ver<sup>124</sup>.

Aproveitamos este momento para uma referência ao papel dos professores na Crise de 69, pois sabemos que, como noutros momentos de tensão na Academia de Coimbra, o papel de alguns docentes foi importante, nomeadamente no apoio à causa estudantil, tantas vezes por própria conta e risco, chegando por vezes a ser desafiador do poder do governo. Pelo depoimento de Rui Namorado surgem-nos nomes que também noutros locais e testemunhos são citados (como na obra de Celso Cruzeiro ou na conjunto de entrevistas de “*Anos inquietos: vozes do movimento estudantil em Coimbra: 1961-1974*”) tais como os de Orlando Carvalho (Direito) e Paulo Quintela (Letras), sempre reverenciados e também de alguns assistentes como Vital Moreira e José Manuel Correia Pinto, expulsos da Universidade pelo Ministério<sup>125</sup>.

Entretanto a actuação do governo não estava a surtir efeitos contra a realidade imposta pelo Luto Académico, pelo contrário, dava força e razão às estratégias adoptadas pelo movimento coimbrão. Um exemplo perentório disso

---

<sup>124</sup> Miguel Cardina “Activismo estudantil em Coimbra durante o marcelismo” in Carvalho Homem, Amadeu (coordenação) *Um século de lutas académicas* [Porto]: Editorial Moura Pinto, 2007, p. 90.

<sup>125</sup> Rui Namorado, *ob.cit.*, p. 81.

foi a comunicação televisiva ao país feita pelo Ministro da Educação Nacional, José Hermano Saraiva – “ (...) vimos todos aparecer no pequeno ecrã a figura do ministro José Hermano Saraiva. Notámos então que tinha escolhido, para a farsa com que se prestava a engalanar a soirée, um semblante carregado e ameaçador, com ar imperial, próprio de quem, possuindo força para tal, se apresentasse para destruir, numa baforada, toda e qualquer oposição aos seus desígnios ”<sup>126</sup>. Citemos apenas a parte final da sua alocução- “Pois esta situação *tem de terminar imediatamente*. Espero que este meu apelo seja ouvido. Mas não é com uma vaga esperança que concludo: *é com uma certeza*. A de que a ordem vai ser restabelecida na Universidade de Coimbra”<sup>127</sup>.

A Assembleia Magna de 1 de Maio, com aproximadamente quatro mil estudantes decidiu manter o Luto Académico como resposta à ameaça de Hermano Saraiva. As repudiadas palavras do Ministro da Educação tiveram o condão de animar ainda mais a luta dos estudantes, de os incentivar (ver Anexo 3) bem como aos professores que já iam apoiando a causa dos seus alunos. Desta forma, o Estado-Novo vê-se obrigado a encerrar a Universidade, no dia 6 de Maio<sup>128</sup>, “ (...) estava demonstrado que realmente contra um movimento estudantil forte e radicado na vida universitária, o governo, quando quisesse responder com as tradicionais medidas de encerramento, não podia deixar de fechar a Universidade. Era uma operação politicamente mais onerosa para o poder, do que os habituais encerramentos da AAEE.”<sup>129</sup>

No dia seguinte a Comissão de Grelados (conjunto de estudantes que organiza as festividades da Queima das Fitas) anuncia o cancelamento da queima das Fitas, num seguimento lógico do Luto Académico, o que por si só representava uma tomada de posição muito forte da academia, não perante a cidade, mas também perante o país, servindo como forma de ir avisando o resto do país para o que se estava a passar em Coimbra, contrariando a força do poder na comunicação social, que fazia do encobrimento e da distorção seu apanágio. Recorremos mais uma vez à nossa entrevista a Manuel Cruzeiro para ilustrar o que se ia passando - “portanto isto também foi uma forma de

<sup>126</sup> Celso Cruzeiro, *ob.cit.*, p. 144.

<sup>127</sup> *Idem, Ibidem.* p. 146.

<sup>128</sup> *Idem, Ibidem.* p. 147.

<sup>129</sup> Rui Namorado, *ob.cit.*, p. 83.

chamar à atenção do país inteiro, quer dizer “Coimbra não faz queima? Porquê? Porque é que não faz Queima?” Isto é uma bomba noticiosa! “Porquê? Porque sucede isto e isto...” Isto também foi uma forma de espalhar a notícia por todo o lado, e foi uma coisa perfeitamente aceite por nós, com toda a naturalidade (...). (ver Anexo 1)

Por outro lado, o cancelamento da Queima trazia consigo outros problemas, nomeadamente o destino, tanto dos vários contratos já feitos no âmbito das festividades da Queima, como de muitas receitas para os cofres da A.A.C, mas também para as contas do tecido económico coimbricense, regional e até nacional. Pelo exposto se observa o peso enorme e a repercussão que a tomada de decisão tinha, muito para lá da própria idiossincrasia tradicional coimbrã.

Antes da histórica Assembleia Magna de 28 de Maio, o movimento estudantil coimbricense tinha consciência de que as autoridades fascistas se preparavam para lançar vagas de repressão assumidamente mais duras e cujo desfecho seria imperceptível, podendo não correr nada bem para o seu lado, face ao “atrevimento” inédito dos estudantes de Coimbra. Contudo a Academia soube sempre manter-se firme no propósito de luta que tinha em mãos e que não obedecia nem a ditames, nem a ameaças, nem ao medo das possíveis consequências nefastas, mantendo-se, mediante o possível, confiante e imutável na sua estratégia, que vinha dando frutos.<sup>130</sup>

A 28 de Maio, estando presentes nos jardins da A.A.C mais de 5000 estudantes (Celso Cruzeiro fala de 7000) reunidos em Assembleia Magna (uma das maiores da História, senão a maior, pelo menos em proporção com o número de estudantes matriculados), foi aprovada a proposta de greve a exames como forma integrante de prolongamento do já decretado Luto Académico e de que todos os estudantes deveriam, diariamente, na universidade, tentar garantir ao máximo o respeito pelo veredicto final da Assembleia (ver Anexo 4) – “Os estudantes escolheram uma forma de luta duríssima e difícil.”. Para muitos poderia querer dizer incorporação forçada e

---

<sup>130</sup> Celso Cruzeiro, *ob.cit.*, p. 154.

consequentemente ida para o Ultramar, para outros o fim da bolsa, para muitos as confrontações e incompreensões familiares – “Estava-se longe dos confrontos clássicos, nos quais, regra geral, os riscos principais eram apenas corridos pelo punhado de dirigentes e activistas mais notórios”.<sup>131</sup>

Atendamos no facto desta opção ser algo nunca antes visto no país, e uma medida muito mais radical e eficiente do que qualquer manifestação massiva talvez pudesse ser, o que demonstra o estado avançado em que estava o movimento naquele momento, que permitia levar a cabo uma greve a exames maciça, algo tão melindroso que mexia a fundo com a individualidade de cada estudante (assumindo papel importante o apelo à responsabilização de cada um de que nos falou Maria Manuela Cruzeiro) que acabou por ser um sucesso.

Como vários autores e intervenientes directos relatam, a 2 de Junho, na sequência do decretado em Assembleia Magna e sendo o primeiro dias de exames, a Alta de Coimbra, centro nevrálgico da vida universitária coimbrã, acordou verdadeiramente sitiada por forças da ordem, desde polícia de choque à GNR e PSP – “Coimbra parecia uma cidade ocupada militarmente”<sup>132</sup>. (ver Anexos 5 e 3)

Apenas quem tivesse um documento oficial que servisse como prova de que tinha exame poderia atravessar o “colete-de-forças” colocado à Universidade. Muitos estudantes organizados iam tentando impedir os furadores de greve (claro que muitos dos fura-greves, ou “traidores” teriam sido sujeitos a fortes pressões tanto por parte do Estado-Novo como das próprias famílias – “havia estudantes que vinham de Timor, vítimas da ditadura que não instalava ensino superior lá, vinham bolseiros, mas não podiam chumbar e só iam a casa no fim do curso”<sup>133</sup>); as ruas e ruelas da Alta de Coimbra foram ficando recheadas de pregos e tachas, com vista a dificultar o trânsito das forças da ordem - “Quando eu fui à polícia disseram-me que só no primeiro dai

---

<sup>131</sup> Rui Namorado, *ob.cit.*, p. 85-86.

<sup>132</sup> *Idem, Ibidem*, p. 86.

<sup>133</sup> Entrevista a Jorge Gomes

tiveram mais de 40 pneus furados. Essa era a parte que eles consideravam violenta.”<sup>134</sup>

Realce-se aqui o papel de várias de mulheres nos piquetes de greve, a sua coragem frente aos riscos de repressão. Aliás, devemos referir a importância da mulher enquanto grande força para o movimento, que no passado recente teriam sido um baluarte da direita na Universidade, pelo conservadorismo tradicional do género feminino na sociedade portuguesa à época, algo ainda mais reforçado em Coimbra, mas que em 69 surgiu em força ao lado do movimento estudantil, sendo a sua actividade crucial para os grandes momentos de 69<sup>135</sup>.

A greve a exames foi um êxito, segundo os SIPE (Serviços de Informação Propaganda e Estatística da A.A.C) a percentagem de abstenção a exames foi de 86,8%<sup>136</sup>. Por outro lado um comunicado da D.G/A.A.C do dia 9 de Junho refere-se “Esta relação entre exames possíveis e realizadas estimase numa percentagem de 96,7% de Abstenções<sup>137</sup>” para lá de toda a importância dos números que são extraordinários, frisamos que estes acontecimentos de Coimbra iam começando ao chamar a atenção da imprensa europeia e mundial com colunas e páginas dedicadas ao que estava a acontecer desde o *New York Times* ao *Le Monde*, contrastando com o negrume silencioso da comunicação social portuguesa, controlada que estava pelo aparelho censório do Estado-Novo.

No seguimento do sucesso, quanto a nós inédito na luta da resistência contra o Estado Novo, da greve a exames as autoridades começaram a reforçar em massa os meios de repressão apoiados “ (...) na escalada da violência”. “ (...) o governo passou a encher as cadeias facilmente, com os quadros intermédios do movimento.” Com base na novel estratégia da acusação de crime de sedição a quem fosse preso no decorrer de actividades

---

<sup>134</sup> Carlos Baptista *in Revista*, Associação Académica de Coimbra 17 de Abril 1999 p. 24.

<sup>135</sup> Celso Cruzeiro, *ob.cit.*, p. 160.

<sup>136</sup> Miguel Cardina “Activismo estudantil em Coimbra durante o marcelismo” *in* Carvalho Homem, Amadeu (coordenação) *Um século de lutas académicas* [Porto]: Editorial Moura Pinto, 2007, p. 85.

<sup>137</sup> Celso Cruzeiro, *ob.cit.*, p. 162.

“subversivas”. Por volta de Agosto, todos os elementos da Direcção-Geral estariam presos<sup>138</sup>. No entanto, o governo insistia em encobrir todos os sucedidos, nos seus comunicados. Ou então se, por acaso, algo saia para fora, o ministério explicava alguma anormalidade com a “actividade sediciosa” e falava de um “ambiente de terror” por sobre colegas, violência entre outros.<sup>139</sup>

Também o futebol assumiria nesta altura grande importância para a força do movimento estudantil. A equipa de futebol da A.A.C foi um elemento de grande projecção do Luto Académico e portanto de tudo o que ia acontecendo no universo universitário coimbricense. Obedecendo ao decreto da Assembleia Magna de 22 de Abril, os atletas equipavam-se de acordo com o luto decretado, se jogassem de branco usariam uma fita negra sobre o emblema da Associação. Quando entravam em campo colocavam as capas aos ombros e, com o equipamento principal, negro, usavam uma fita de cor branca sobre o emblema.

Já a meia-final da Taça de Portugal contra o Sporting, em Coimbra, tinha sido um grande momento para a Academia, mas mais do que tudo a final do Jamor seria, mais uma vez, algo único no que ao movimento estudantil diz respeito. Com milhares de estudantes no Jamor, mais do que predispostos a revelar em força o seu protesto, com tarjas, palavras de ordem e comunicados a serem espalhados por todos o estádio, a RTP não pôde transmitir o jogo, como habitual e, para além disso, o Presidente da República, protocolarmente instado a comparecer não foi pela primeira vez a uma final da Taça de Portugal<sup>140</sup>. Reportando-se ao jogo, o Diário de Notícias referia-se, caracteristicamente, assim acerca da “claque” estudantil – “Festejou [aquando do golo da Académica] a grei estudantil, *numerosíssima* [o itálico é nosso], quão disciplinada, falange de apoio (...)”<sup>141</sup>. Sobre a ausência do Presidente da República ou sobre a manifestação de estudantes nem uma linha. Já n’ *A Bola*, referia enigmaticamente na sua crónica Vítor Santos: “Embora com o encargo específico de comentar o jogo, apenas um jogo – nisto de finais de

---

<sup>138</sup> *Idem, Ibidem.* p. 166.

<sup>139</sup> Celso Cruzeiro, *ob.cit.*, p.167

<sup>140</sup> *Idem, Ibidem.* p. 171.

<sup>141</sup> *Diário de Notícias*, 22 de junho 1969, p.10.

“Taça” até há, afinal, um desafiozinho de futebol...- temos de confessar, antes do mais, que a magnificência do esmagador ambiente do Jamor, na morna tarde de ontem, primeiro Domingo do Verão de 1969, “mexeu” – e de que maneira! – (...)”<sup>142</sup>

A Académica perderia o jogo com o Benfica de Eusébio, no entanto a final da Taça de Portugal de 1969 seria um dos maiores comícios anti-regime antes do 25 de Abril e os estudantes regressariam a casa com o sabor da vitória.

A determinada altura as prisões foram-se reduzindo, tornando-se mais estratégicas, com o objectivo de “cortar as cabeças” do movimento, principalmente na D.G. No seguimento dessa estratégia a A.A.C é encerrada a 8 de Agosto de 1969, perdendo o movimento a sua base principal. Pensava-se na hipótese de um “ (...) recuo táctico: não continuar o boicote a exames na época de Outubro.”<sup>143</sup>. Desta forma, sem a sua principal plataforma logística, com uma força repressiva asfixiante e com o marasmo e conforto das férias de Verão a exercer um efeito de descompressão (ou, noutro sentido, porventura, a pressão da família), o movimento de 69 entende que seria provavelmente impossível manter o mesmo ritmo no início do ano e conseqüentemente na época de exames de Outubro, preferindo assim optar por um recuo organizado e estratégico ao invés de uma debandada.

Não podendo realizar-se a Assembleia Magna, impedida que foi pela polícia a 25 de Setembro, a Direcção da A.A.C lançou em comunicado a decisão de não continuar a greve a exames na época de Outubro.

No início de Outubro “ (...) o insólito aconteceu: 49 estudantes entre os mais activos, vários dos quais da D.G, foram incorporados compulsivamente no exército.”<sup>144</sup>(a suposta honra patriótica em servir o país propagandeada pelo Estado-Novo caía por terra, dando o lugar à forma de punição). Foi um rude golpe para o movimento pois foi-lhe apartado um conjunto de figuras preponderantes para a sua força e vitalidade. – “Soubemos depois que a

---

<sup>142</sup> *A Bola*, 23 de Junho de 1968, p.1.

<sup>143</sup> Rui Namorado, *ob.cit.*, p. 89.

<sup>144</sup> *Idem, Ibidem*, p. 90.



polícia tinha carregado sobre os manifestantes e que estes haviam entrado pelo coração da cidade adentro entoando coros e gritos contra a ocupação militar em África”<sup>145</sup>.

“Claro que é um bocado instrumental, nem se quer sabem o que é 69, a maioria ou quase todos. Mas pronto, a imagem de Coimbra de 69, marcou. Coimbra nunca mais foi a mesma. Em termo até políticos, mas também em termos de costumes, de mudança na atitude da mulher (...) foi uma mudança brutal em termos de costumes, e isso conta muito. E deitamos abaixo um reitor, deitámos abaixo um ministro e mandámos indivíduos de castigo para a guerra colonial, que entretanto começaram ali a “trabalhar”... ”<sup>146</sup>.

---

<sup>145</sup> Celso Cruzeiro, *ob.cit.*, p.183.

<sup>146</sup> Entrevista a Maria Manuel Cruzeiro

## Capítulo III – A *tradição* sob o signo da contestação

“Era aquela tese do Eurico de Figueiredo de não hostilizar a praxe porque nós podíamos precisar dela.”<sup>147</sup>

### 1. *Acerca da praxe académica coimbrã*

Durante este nosso trabalho, já em diversos momentos falámos de “Tradição” e/ou “Praxe Académica” no que respeita à cidade de Coimbra. Neste capítulo abordaremos com maior profundidade essa dimensão incontornável da Academia conimbricense, se bem que atendendo numa perspectiva específica, que é o valor enquanto veículo e arma da luta estudantil de 69.

Assim, não nos prestaremos aqui a uma análise exaustiva do fenómeno, nem ao nível da sua história nem ao nível das suas formas. Logicamente não deixaremos de passar por esses e outro aspectos, mas apenas no sentido de dar uma dimensão contextual e mais abrangente à análise, para que esta possa ter um sentido mais completo e fidedigno quanto à sua realidade.

Negar ou desvalorizar a importância deste aspecto da vida estudantil em Coimbra é um erro crasso. Nesse sentido, aderindo-se ou não, a verdade é que as *tradições coimbrãs* e a *praxe* são uma realidade vivificada na Academia, no presente e no passado, sendo que nos parece, observando a actualidade, que continuará a sê-lo no futuro, independente do estado em que se encontra por estes dias.

O dia-a-dia de uma comunidade estudantil antiga como a de Coimbra está fortemente marcado por menores e maiores marcas desse fenómeno. Da Queima das Fitas às Festas das Latas, da Canção de Coimbra à capa e batina e claro, no que diz respeito aos *Caloiros* e ao tratamento a estes dado, tudo isso é parte integrante da vivência estudantil em Coimbra. Ao longo do tempo a

---

<sup>147</sup> Carlos Baptista in Maria Manuela Cruzeiro, Rui Bebian, *ob.cit.*, p. 126.

intensidade, adesão e reflexão acerca desta temática foi-se modificando, também ao sabor da constante transformação das sociedades.

Façamos no entanto, aqui, um parêntesis acerca dos termos *tradição* e *praxe* no âmbito desta Coimbra universitária. Deveremos dizer que não podemos tratar os dois vocábulos como sinónimos. Contudo, “Constitui PRAXE ACADÉMICA o conjunto de usos e costumes tradicionalmente existentes entre os estudantes da cidade de Coimbra e os que forem decretados pelo Conselho de Veteranos”<sup>148</sup>. Portanto, os dois termos, no que à Academia conimbricense se refere, estão profundamente imbricados, não nos competindo a nós fazer, nesta dissertação, a sua eventual destrição. Não obstante, para efeitos deste texto consideraremos os dois vocábulos para tratar esse conjunto de características e ambiências únicas de Coimbra, já que pensamos em *praxe*, e como está implícito na definição do Código da Praxe de 1957 acima transcrita, num todo global e abrangente, e não nas suas representações mais fechadas e específicas ligadas as *mobilizações* de *caloiros*, tão facilmente criticáveis e hoje, erradamente a nosso ver, a sua face mais visível e, quiçá, mais importante.

Para além da já citada, podemos empregar variadíssimas maneiras para definir o que é a *praxe* – “ (...) certos costumes existentes, (...) entre os estudantes de Coimbra, costumes cuja designação global, corrente e inquestionada é a de *praxe académica coimbrã* ”<sup>149</sup>, e bem assim, será desta forma que a designamos visto que, em diversas fontes é assim tratada.

Transcrevemos ainda a definição feita por Aníbal Frías, mais completa e aglutinadora ainda: “ (...) é uma expressão genérica que engloba uma multiplicidade de comportamentos e de estatutos, de rituais e de cerimónias, mais ou menos codificadas, de objectos e de insígnias, cortejos carnavalescos, um traje académico, trupes nocturnas coercivas e grupos musicais, poemas e biografias de antigos, “fados de Coimbra”, episódios ligados à história académica, gritos estereotipados, hinos, emblemas, ritmos temporais, sinais

---

<sup>148</sup> Mário Saraiva de Andrade, Vítor Dias Barros, *Código da Praxe Académica, Coimbra: Coimbra Editora, 1957*, p. 1.

<sup>149</sup> Maria Eduarda Cruzeiro, “Costumes estudantis de Coimbra no século XIX: tradição e conservação institucional”, *Análise Social* vol. XV (60), 1979, p. 795.

sonoros...A Praxe é uma dimensão importante que integra a vida associativa estudantil. ”<sup>150</sup>

Maria Eduarda Cruzeiro indica-nos algumas dimensões no que diz que respeito à *praxe académica coimbrã*, como o seu cariz de “ritual iniciático”<sup>151</sup> que se verifica na prática simbólica, de fazer passar os iniciados em questão de um estatuto para outro diferente e novo, separado do passado (isso observa-se facilmente na questão do caloiro, mas igualmente em todas as categorias que estão presentes nestes “usos e costumes” dos estudantes). A autora refere-se a isso como um “acto de magia social”, em que há um poder que se exerce sobre determinada realidade, alterando-a. Nesse sentido emprega o caso da “investidura” do grau de cavalaria na Idade Média para exemplificar o seu ponto de vista.

Uma outra dimensão será a ligada a todo um cerimonial mais relacionado com a “classe” dos professores – “ (...) mas também as solenes cerimónias oficiais de imposição de insígnias doutorais, podem ser analisadas, no quadro do funcionamento institucional, considerado no seu todo, como processos convergentes de produção de produção e consagração de uma identidade social legítima (...) ”<sup>152</sup>

A *praxe académica coimbrã* é ainda caracterizada como um “contra-poder”, face ao poder universitário. Na verdade, há toda uma atitude latente de poder paralelo em vários aspectos, desde uma hierarquia própria, passando por “ (...) oposição entre a prática ritual estudantil de iniciação académica e a prática pedagógica formal conduzida pelo corpo docente.”<sup>153</sup>. Se no passado os estudantes eram obrigados a falar latim na *Via Latina*, fizeram questão de passar a usar o *latim macarrónico* como língua cerimonial.

---

<sup>150</sup> Aníbal Frías, “Patrimonialização” da Alta e da *Praxe Académica de Coimbra* ” IV Congresso Português de Sociologia, p. 10.

<sup>151</sup> Maria Eduarda Cruzeiro, “Folclore estudantil e cerimonial académico: práticas de produção e reprodução institucional”, *Vértice*, II Série, nº28, p. 23.

<sup>152</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>153</sup> *Idem, Ibidem.*

“ (...) o estudante matriculava-se, era legalmente estudante da universidade, mas durante um ano era como se os estudantes dissessem “Nós é que vamos dizer se é ou não estudante”(...)”<sup>154</sup>

Para além destas dimensões, temos que explanar aqui a diferenciação pertinente que esta autora faz quanto à *praxe académica coimbrã*. Maria Eduarda Cruzeiro identifica duas concepções de *praxe*: uma num sentido mais dilatado (à qual já nos referimos linhas acima) e outra num sentido mais estreito.

Quanto ao primeiro, será tudo aquilo que gira à volta da vida estudantil e das vivências dos seus protagonistas, portanto, e voltando a citar a autora, pois achamos esta “bifurcação” essencial para a compreensão desta realidade no seu todo, “ (...) tudo o que dizia respeito aos estudantes de Coimbra, desde o uso da capa e batina, às ocupações dos estudantes (o jogo, as comezainas, as cavaqueiras mais ou menos literárias, os amores, o fado), as maneiras de ser e de estar, definindo o tipo “puro” do estudante de Coimbra e as suas virtualidades canónicas (a arte do “desenrascanço”, a piada, a desenvoltura, a palavra fácil, a oratória cheia, redonda) (...).”<sup>155</sup>

O segundo sentido será o mais restrito, mais fechado. Aqui estamos na presença do sentido mais tratado nas diversas fontes que falam sobre *praxe*, ou seja as regras e sanções diversas, tanto no tratamento entre *Doutores* e *Caloiros*, como entre outros graus dessa hierarquia e como no referente a diversos preceitos que os *praxistas* deveriam cumprir. É neste sentido mais estrito que reside a noção de “imobilidade” de que fala Maria Eduarda Cruzeiro quando refere que, por oposição aquela dimensão mais ampla, que pode sofrer “ (...) inversões e reversões em torno do conceito de *praxe*.”, esta se torna incompatível com todas as realidades e momentos da história, falamos aqui, nitidamente, dos aspectos hierárquicos e porventura coercivos que chocam com os preceitos democráticos.

---

<sup>154</sup> Maria Eduarda Cruzeiro, “Folclore estudantil e cerimonial académico: práticas de produção e reprodução institucional”, *Vértice*, II Série, nº28, p. 54.

<sup>155</sup> *Idem, Ibidem*, p. 47.

Já Miguel Cardina observava características “inapagáveis” à *praxe* como a “reprodução de elementos hierárquicos” ou “punitivos”. Por outro lado critica uma visão do fenómeno que tende, na sua óptica, a ser legitimado por forma a justificar mais “ (...) uma certa “identidade estudantil” do que a entender as dinâmicas complexas e conflituais que o objecto permite observar.”<sup>156</sup>

Apesar disso, somos instados a reflectir nos “ (...) valores de uma certa democraticidade no interior do corpo estudantil.”<sup>157</sup>. Nas palavras de Maria Eduarda Cruzeiro, esse mesmo corpo funcionaria, excepção feita aos *caloiros*, com um considerável espírito democrático, lembrando nesse sentido o caso das repúblicas coimbrãs e o seu funcionamento democratizado com decisões colectivas e votadas por todos, distribuição de cargos rotativos entre os repúblicos.

## 2. Breve resenha sobre a história da *praxe académica coimbrã*

“ “Com efeito data de 1312 uma Carta de D.Dinis na qual se ordenava a prisão dos estudantes que andavam nas ruas depois do 3º toque do sino da Sé” “<sup>158</sup>

Sabemos que o termo *praxe*, usado para designar o que acima foi sendo definido, só aparece em textos por volta do ano 1860, na senda de uma legitimação e defesa institucional levada a cabo pela Universidade de Coimbra, face às instituições de ensino superior que por essa altura já existiam tanto em Lisboa com no Porto.<sup>159</sup>

---

<sup>156</sup> Miguel Cardina, “Memórias incómodas e rasura do tempo: Movimentos estudantis e *praxe* académica no declínio do Estado Novo”, *Revista Crítica de Ciências sociais*, 81, Junho 2008, p. 111.

<sup>157</sup> Maria Eduarda Cruzeiro, “Questões de uma tradição”, *Via Latina, Revista de confrontações e ideias*. Publicação da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra. Inverno de 1985-86, Coimbra, p. 24.

<sup>158</sup> Carlos Caiado, *Antologia do Fado*, Coimbra, 1986. *apud* Alberto Sousa Lamy *ob.cit.*, p. 370.

<sup>159</sup> Aníbal Frías “*Praxe académica e culturas universitárias em Coimbra. Lógicas das tradições e dinâmicas identitárias*” *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 66, Outubro, 2003, p. 85.

Mas antes do uso desse vocábulo temos os uso da palavra “feição” ou “boa feição” para designar as práticas entre os estudantes, que difere das chamadas “investidas” do século XVIII, conotadas com um simbolismo mais violento, o qual será mais suavizado, mas não extinto, com os termos “caçoada” e “troça”, na centúria seguinte, mais ligados ao tratamento específico aos *caloiros*. À entrada para o século XX temos a integração do termo *praxe*, coexistindo com o “Canelão”, prática violenta e mais particular na porta férrea, que entrou em desuso final com a chegada da República em 1910<sup>160</sup>.

Podemos falar de um historial coberto por uma certa violência nesta matéria, de tal maneira que D.João V proíbe veementemente no dia 7 de Janeiro de 1727 as “praxes” que à época teriam lugar. De lembrar que, devido ao *foro académico*, a academia conimbricense gozava de uma autonomia sem igual e de uma relativa impunidade face à justiça “pública”. Pelo menos de 1309 até 1910, mais uma vez aquando da implantação da República. Daí poderemos inferir certos aspectos (muitos até) da *praxe* como herança desse *foro*. O espírito de contrapoder de que está atestada a *praxe académica coimbrã* na sua totalidade é ainda devedor dessas prerrogativas legais próprias dos estudantes<sup>161</sup>.

Encontramos também, no trabalho de Aníbal Frías, diversas referências a “crimes” que tinham a sua devida punição legal mediante o *foro académico*, desde estar na alta de Coimbra depois do recolher, andar sem aquilo que nós hoje conhecemos por capa e batina, usar roupas proibidas, dando direito até à prisão (lembremo-nos que por esta altura a Universidade tinha a funcionar a prisão académica, hoje visitável pelos turistas). Com o tempo estes comportamentos, deixando de ser sancionados pela lei, passam, cristalizando-se, a ser punidos “simbolicamente” através da *praxe*.<sup>162</sup>

Por outro lado, refletindo na “abolição” da *praxe* depois de 1969, podemos paralelamente referir a existência de um historial de conflitos no que

---

<sup>160</sup> Maria Eduarda Cruzeiro, “Costumes estudantis de Coimbra no século XIX: tradição e conservação institucional”, *Análise Social* vol. XV (60), 1979 pp. 803-809

<sup>161</sup> Aníbal Frías “Praxe académica e culturas universitárias em Coimbra. Lógicas das tradições e dinâmicas identitárias”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 66, Outubro, 2003, p. 90.

<sup>162</sup> *Idem, Ibidem*, p. 91.

à existência desta dimensão da Academia diz respeito. Temos o registo de vários críticos, desde o testemunho do próprio Teófilo Braga que acusava as “investidas” de serem as responsáveis pelos poucos alunos da Universidade<sup>163</sup>, ao de Luís António Verney que refere “ “Seria bem que nessa sua Universidade se desse um castigo, ainda de morte, aos que injustamente acometem os *novatos*, e fazem outras insolências” “<sup>164</sup>, ou as palavras de António Ribeiro Sanches, afirmando “ “não havia defesa daquelas bárbaras e indecentes *investidas* feitas com violência e desacatos(...)” “<sup>165</sup>.

Temos informação de um período grande de interrupção da *praxe* na cidade de Coimbra antes de 69, que é o que sucede a implantação da República, no ano de 1910, até 1919<sup>166</sup>. Ainda relativamente à chegada da República, sabemos que o uso de capa e batina foi tornado facultativo, temos um episódio de eliminação de insígnias doutorais na Sala dos Capelos e até a *Cabra* (um dos sinos da Torre da Universidade) deixou de se ouvir. No entanto, depois de alguma reivindicação de uma franja de estudantes regressaria em pleno a *praxe* já no ano de 1919<sup>167</sup>.

### 3. Academia em mudança

Depois desta necessária exposição, mais centrada no conceito e história da tradição coimbrã e para fazermos a ligação com a Crise de 69, temos que falar um pouco sobre qual é o peso dessa realidade na Coimbra dos anos 60.

---

<sup>163</sup> Teófilo Braga, *História da Universidade de Coimbra*, tomo III, Lisboa, 1898, *apud* Alberto Sousa Lamy, *ob.cit.*, p. 371.

<sup>164</sup> Joaquim Ferreira, *Verdadeiro Método de Estudar*, por Luís António Verney, 2ª edição *apud* Alberto Sousa Lamy, *ob.cit.*, p. 371

<sup>165</sup> António Nunes Ribeiro Sanches, *Método para aprender a estudar Medicina*, 1763 *apud* Alberto Sousa Lamy, *ob.cit.*, p. 371.

<sup>166</sup> Miguel Cardina, “Memórias incómodas e rasura do tempo: Movimentos estudantis e *praxe* académica no declínio do Estado Novo”, *Revista Crítica de Ciências sociais*, 81, Junho 2008, p. 112.

<sup>167</sup> Elísio Estanque, Rui Bebianno, *ob.cit.*, pp. 46-47.



Já no decorrer desta dissertação explicitámos a singularidade dos “sixties” sob vários aspectos, sendo que se defende a existência de uma gradual ruptura da “sociedade” coimbrã com o seu “tradicionalismo” nas décadas de 60 e 70<sup>168</sup>. Na verdade, não acreditando que o estudante típico de antes dos anos 60 seria o estereótipo romanceado do actor Alberto Martins do filme *Capas Negras* (que aliás teve sérios problemas na própria cidade que tentava retratar<sup>169</sup>), a realidade é que há agudas diferenças entre uma Coimbra dos anos 60 e a cidade nos decénios anteriores. A importância de um certo tipo de *praxe* vai decaindo, e em termos culturais a Academia vai trilhar novos caminhos que a vão de certa maneira transformar.

Já na década de cinquenta se assiste a um conjunto de factores que puderam ter influência para essa transformação (ou pelo menos para o seu começo), desde a movimentação contra o “decreto 40.900”, passando pela onda de iniciação oposicionista despoletada pela candidatura presidencial do General Humberto Delgado, até à fundação de grupos académicos culturais que se afastavam claramente da matriz cultural fascista, como o Coral dos Estudantes de Letras (CELUC), o Coro Misto da Universidade de Coimbra (CMUC), o Circulo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra e o Circulo de Artes Plásticas de Coimbra (CAPC).

Por outro lado, curiosamente, quando se procede à primeira “oficialização” de um *Código da Praxe*, datado de 1957, assistimos, precisamente, à emergência de uma discussão subordinada à *praxe* espalhada por diversos artigos e cartas publicadas na imprensa escrita nacional, havendo as favoráveis e as desfavoráveis. Destacamos aqui “O espantalho da “Praxe” Coimbrã” de Flávio Vara – “Não será tempo de nos deixarmos de mal-entendidos apelos à tradição e ao passado e, encarando Coimbra numa visão actual e realista, limpá-la de toda essa sujeira?”<sup>170</sup> e a sua réplica de Mário Saraiva de Andrade intitulada “Mataram um espantalho...em defesa da Praxe”

---

<sup>168</sup> Miguel Cardina, “Memórias incómodas e rasura do tempo: Movimentos estudantis e praxe académica no declínio do Estado Novo”, *Revista Crítica de Ciências sociais*, 81, Junho 2008, p. 111.

<sup>169</sup> António Nunes, “Da(s) Memória(s) da Canção de Coimbra” in *Canção de Coimbra – Testemunhos vivos (antologia de textos)* – Edição da responsabilidade do pelouro da cultura – DG/AAC – 2002, p. 24.

<sup>170</sup> Flávio Vara, *O espantalho da “Praxe” Coimbrã*, Lisboa, 1958, p. 74.

– “Creio, no entanto, poder dizer que a *Praxe* não tem vícios, embora a maneira de proceder de alguns praxistas possa levar a pensamentos errados a esse respeito”<sup>171</sup> Sublinhamos também a opinião de Maria Eduarda Cruzeiro relativamente a esta “codificação”, onde se relaciona o documento com uma pretensa “ (...) franca agonia da *praxe* coimbrã (...) ”.<sup>172</sup>

Culturalmente falando temos, por exemplo, ainda por esta altura de transição para os anos 60, um incremento significativo dos hábitos de leitura de muitos estudantes, tanto ao nível de obras “proibidas” trazidas muitas vezes para o país aquando das digressões e actuações no estrangeiro dos diferentes grupos académicos, como no que concerne a periódicos mais progressistas como o “Almanaque” o “Badalo” (proveniente do C.R), a “Vértice”, ou o “Tempo e o Modo”.<sup>173</sup> Na opinião de Rui Bebiano estamos perante o sucessivo aflorar de um novo caldeamento de renovadas opções e veículos culturais, de mãos dadas com determinados momentos fraturantes para com o poder fascista vigente, marcando uma linha de antagonismo face às eventuais “ (...) atitudes de indiferença que haviam marcado o ambiente estudantil durante a primeira metade da vigência do Estado Novo (...) ”<sup>174</sup>.

Nessa lógica que vimos a apresentar, no ano de 1960 temos a lista de Carlos Candal, afecta à esquerda e saída do Conselho de Repúblicas, a ganhar a Direcção-Geral da A.A.C. Esta lista será responsável pelo aparecimento, nas linhas de actuação da Associação, de “temáticas de cariz social” e pela mudança no discurso político. Nos anos 60 começa a imperar no corpo estudantil essa tendência de esquerda de que já falámos e uma certa mudança de mentalidade em relação a um estudante que se quer mais “politizado”, mais interventivo e menos “boémio”.<sup>175</sup>

---

<sup>171</sup> Mário Saraiva de Andrade, *Mataram um espantalho...em defesa da Praxe*, Coimbra, 1959, p. 38.

<sup>172</sup> Maria Eduarda Cruzeiro, “Costumes estudantis de Coimbra no século XIX: tradição e conservação institucional”, *Análise Social* vol. XV (60), 1979, p. 798.

<sup>173</sup> Elísio Estanque, Rui Bebiano, *ob.cit.*, p. 64.

<sup>174</sup> Elísio Estanque, Rui Bebiano, *ob.cit.*, p. 71.

<sup>175</sup> Miguel Cardina, “Memórias incómodas e rasura do tempo: Movimentos estudantis e *praxe* académica no declínio do Estado Novo”, *Revista Crítica de Ciências sociais*, 81, Junho 2008, p. 115.

A importância da componente praxista e tradicional da Academia estaria portanto a perder terreno para uma concepção mais empenhada politicamente. Observando as palavras de Manuela Cruzeiro na nossa entrevista podemos ver isso mesmo: "Portanto usávamos a capa e batina, mas não ligávamos rigorosamente já nada à história das tradições. Aliás nos finais de 60 as tradições académicas estavam um bocadinho afastadas, havia um pouco a influência do Maio de 68 e já a havia aqui muita ideia anti praxista".

No mesmo sentido vai Jorge Seabra, que nos diz "A praxe, trupes e essas coisas, era pouca gente activa, três ou quatro grupos e eram sempre os mesmos. Depois havia coisas pontuais, determinados indivíduos que faziam uma trupe uma vez por ano para se divertirem (...) ". Contudo também vai referindo que "Coimbra em 65 era parala, um mono, atrasada em relação ao Porto e Lisboa, um ambiente fechado. Aqui um estudante chegava à estação e era o "Sr. Dr.". (...) mesmo Portugal sendo atrasado, tinha Porto e Lisboa, aqui era só estudantes e uma economia à volta disso, casas, sapatos, alimentação etc."

Por outro lado, se reflectirmos nas palavras de Carlos Baptista, é nos levantada a questão de uma potencial importância ainda considerável da *tradição* e da *praxe* na Academia – "(...) quando se decide o luto académico em 1969, essa medida só teve êxito, porque a praxe em si, ainda era muito importante para a academia, independentemente dos objectivos que servisse".<sup>176</sup>

Celso Cruzeiro realça também esta dimensão *sui generis* falando de vários aspectos da tradição coimbrã – "Instituições ligadas à praxe académica, à vida tradicional dos estudantes, na Universidade e fora dela, próprias e inexistentes em outras escolas ou estabelecimentos semelhantes, foram permanecendo ao longo do tempo, definindo os contornos da sua especificidade", e no entanto introduz-lhe uma face versátil, lembrando uma transformação constante, apesar de tudo – "E assim, progressivamente, a sua natureza se modificava. Mas pouco do que se deixava percia, antes quase

---

<sup>176</sup> Carlos Baptista in Maria Manuela Cruzeiro, Rui Bebiano, *ob.cit.*, p. 126.

tudo se adaptava, por superação, à nova funcionalidade que o progresso das ideias exigia. E mesmo nos estádios em que este se assumia, sempre acabava por ficar a marca indelével de uma forma própria de estar e de ser. Quem de tal não desse conta, mesmo que assim não sentisse, não poderia agir com eficácia sobre a realidade estudantil coimbrã.<sup>177</sup>

Assim, se por um lado a Academia se vai transformando, culturalmente e politicamente, por outro a *tradição* continua a ter importância nuclear nessa Coimbra, como aliás se verá a seguir. No entanto, tal como Celso Cruzeiro refere<sup>178</sup>, não é a “praxe restrita” das *trupes* e dos *rapanços* e das *mobilizações* a *caloiros* que impera, mas sim toda aquela noção mais abrangente de que falava Eduarda Cruzeiro e que será essencial no desenvolvimento da Crise de 69.

#### 4. Tradição em 69, arma de luta

A *praxe académica coimbrã* assume um papel singular nos acontecimentos que tiveram lugar em Coimbra em 1969, acontecimentos esses que aqui já foram descritos, contudo, prestamo-nos neste momento a explicitar qual o espaço ocupado pela dimensão tradicional coimbrã nos momentos por que foi evoluindo esse confronto estudantil e como esta poderá ter sido usada contra o fascismo.

Miguel Cardina considera, racionalmente, que a Crise de 1969 teve sucesso na sua combinação de novas táticas de reivindicação com um “certo *ethos* coimbrão”. Numa utilização da tradição académica sobre certos aspectos: no cancelamento da Queima, no luto académico e na capa e batina como elementos de peso simbólico e de agregação de mais e mais unidos

---

<sup>177</sup> Celso Cruzeiro, *ob.cit.*, p. 47.

<sup>178</sup> *Idem, Ibidem*, p. 49.

estudantes, empregando uma carga emblemática e política, reforçada por componentes ainda fortes na vida estudantil de Coimbra<sup>179</sup>.

Desta forma, temos que começar por fazer alusão à *Tomada da Bastilha* de 1968, que como vimos se transformou numa grande manifestação contra o estado de coisas vigente. Desde o acontecimento da *Tomada da Bastilha* em 1921 que a Academia começou a celebrar essa data. A celebração tornou-se, na forma do cortejo, uma tradição anual que simbolizaria a irreverência estudantil. Em 69 para além dessa componente de celebração de uma geração irreverente, teve um acréscimo qualitativo de se apresentar como uma autêntica demonstração da força contestatária dos estudantes contra o regime, aproveitando-se essa força simbólica do tradicional cortejo nocturno de capa e batina inserido na tradição estudantil – “Para mim, um momento alto no movimento estudantil foi justamente essa Tomada da Bastilha (...). Aí está uma boa iniciativa em que a praxe, as tradições académicas, foram eficazmente aproveitadas para propaganda e mobilização do movimento estudantil.”<sup>180</sup>

Na nossa entrevista a Maria Manuela Cruzeiro, também se aborda a Tomada da *Bastilha* de 1968 e o seu aproveitamento pelo movimento estudantil – “Também assisti à Tomada da Bastilha em 68, foi um acontecimento muito impressionante, porque era um cortejo silencioso, de capa e batina e archotes na mão, atravessámos a cidade em silêncio, com alguns cartazes também ”.<sup>181</sup>

“As tradicionais festas estudantis coimbrãs, politizam-se: (...) o cortejo da Tomada da Bastilha passa a ser uma impressionante manifestação de luta e unidade dos estudantes portugueses (...)”<sup>182</sup>

Outros momentos da *praxe* eram também aproveitados. As *Latadas* (ao contrário dos dias de hoje, antes do Luto Académico de 69 cada faculdade tinha a sua *latada*), já antes de 69 em específico eram usadas para praticar

---

<sup>179</sup> Miguel Cardina “Activismo estudantil em Coimbra durante o marcelismo” in Carvalho Homem, Amadeu (coordenação) *Um século de lutas académicas* [Porto]: Editorial Moura Pinto, 2007, p. 96.

<sup>180</sup> Carlos Baptista in Maria Manuela Cruzeiro, Rui Bebian, *ob.cit.*, p. 126.

<sup>181</sup> Entrevista a Maria Manuela Cruzeiro

<sup>182</sup> “Tão amigos que (afinal) somos...Em memória de António Mendes de Abreu” in Dossier “Crise de 69”, Museu Académico de Coimbra.

uma contestação e ao longo dos anos 60. Com a crescente politização esta festividade vai sofrendo um aumento na sua potência de politização- “As latadas eram muito politizadas”<sup>183</sup>.

Assim temos uma *Latada* de 61, onde se empunham cartazes com dizeres como “ “O Tó [Salazar] tem um cancro. Coitado do cancro” “, ou “ “Angola é nossa” “<sup>184</sup> inscrito num cartaz levado por um estudante negro, numa clara menção crítica ao colonialismo português. No seguimento destas alusões bem politizadas, temos notícias da prisão de um estudante que estaria envolvido na organização das festividades em questão; um outro pediria asilo à Universidade, conseguindo não chegar a ser preso.<sup>185</sup>

Prosseguindo nesta lógica, torna-se igualmente necessário fazer referência a certas instituições praxistas que tiveram um papel realmente activo, nomeadamente o Conselho de Repúblicas.

O C.R, tal como já vimos, foi criado em 1948, tendo o seu diploma fundacional frisado que as repúblicas estariam “unidas ao serviço da Praxe”, desta forma estas casas comunitárias foram aparecendo cada vez mais como verdadeiros “ (...) bastiões da praxe, acérrimos defensores do seu cumprimento, gozando, precisamente por isso, de prerrogativas especiais, e contribuindo “utilmente” para o processo de endoculturação que a praxe comporta.”<sup>186</sup>

Sendo portanto um dos grandes focos aglutinadores da tradição coimbrã, têm um passado relevante que vem já do século XIX e que não é propriamente de alinhamento com o regime. Podemos até dizer que havia, à época apenas uma república de direita (o Pagode Chinês), no entanto o factor identitário que havia entre repúblicas, forjado na *praxe*, aproximava todas as

---

<sup>183</sup>Luís Januário in Maria Manuela Cruzeiro, Rui Bebiano, *ob.cit.*, p. 277.

<sup>184</sup> Miguel Cardina, “Memórias incómodas e rasura do tempo: Movimentos estudantis e praxe académica no declínio do Estado Novo”, *Revista Crítica de Ciências sociais*, 81, Junho 2008, p. 116.

<sup>185</sup> Vítor Alves e Júlio Boedão, “As repúblicas- Lutas e Lutos da Academia”, *Via Latina, Revista de confrontações e ideias*. Publicação da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra. Inverno de 1985-86, Coimbra, p. 14.

<sup>186</sup> Teresa Carreiro, *ob.cit.*, p. 87.

repúblicas, sendo que ao chegarmos aos anos 60 estão cada vez mais casas destas a situar-se progressivamente à esquerda, e vão-se tornando mais e melhor interventivas<sup>187</sup>.

Celso Cruzeiro fala-nos do bom aproveitamento retirado pelo C.R desse “ethos” coimbrão, tentando inserir “ (...) no seio de formas antigas, a seiva dos novos tempos e para substituir as caducas por outras novas e operantes no sentido do progresso e da defesa das necessidades e dos interesses estudantis.”<sup>188</sup>

Por outro lado, tal como podemos constatar em entrevista com Jorge Seabra (*Repúblico* do Kimbo dos Sobas, à época República definidamente anti praxe, pelo menos no que concerne a *trupes*, *mobilizações* entre outros aspectos), as Repúblicas tinham força suficiente para resistir ao fascismo, numa altura em que a maioria das organizações colectivas eram, senão proibidas, profundamente condicionadas – “ No caso do secretariado do C.R vê-se a força da tradição, em qualquer outro lado aquilo seria rebentado pela PIDE. Há uma área de praxe que é um bocado protegida pela sua própria força, e que essa é utilizada, utilizada entre aspas, porque não é algo que vem de fora, é uma atitude natural do meio em que estava inserido ”

Nesse sentido, o movimento vai aproveitar essa forma cheia de vantagens e útil que é o Conselho de Repúblicas, como grande veículo de mobilização de pessoas para a luta estudantil em 69 e grande viveiro de influência para a estratégia de 69. Não nos podemos esquecer que Rui Namorado, Alberto Martins ou Celso Cruzeiro eram todos *repúblicos*. É do C.R que sai a lista vencedora das eleições para a A.A.C. Já explicitámos neste trabalho as suas características, mas teremos aqui de sublinhar essa qualidade “ (...) tradicionalista na valoração que fazia do aproveitamento das instituições académicas tradicionais (...) ”<sup>189</sup>, e que era muito criticada por isso mesmo, pelas outras facções do movimento estudantil em 69, como já vimos no Capítulo II ( “linha IBM” e “Contestas” ).

---

<sup>187</sup> Entrevista a Maria Manuela Cruzeiro

<sup>188</sup> Celso Cruzeiro, *ob.cit.*, p. 53.

<sup>189</sup> Celso Cruzeiro, *ob.cit.*, p. 49.

“E é daí que vai sair a lista vencedora, as repúblicas têm uma enorme influência na organização dos debates e preparações da lista, aí está um sinal óbvio de que a tradição pode ser alterada para lago de mudança e progresso.”<sup>190</sup>

Outro órgão praxista de que teremos que falar é o Conselho de Veteranos, que como Miguel Cardina afirma, para além do já referido Conselho de Repúblicas, se vai tornando num organismo cada vez mais interventivo, tomando decisões com repercussões políticas à altura, como o decreto de instauração do Luto Académico demonstra.<sup>191</sup>

Não nos podemos esquecer que antes e durante 69, e do Luto Académico, o Conselho de Veteranos era um órgão de peso na Academia e se já constatamos essa ideia com a actuação do *Dux Veteranorum*, aquando da chegada à presidência da Associação de Francisco Salgado Zenha, no momento em que este recusou a comissão administrativa então apresentada pelo regime, reforçamos essa linha de pensamento com outros episódios, como a prisão do *Dux*, Joaquim Cantante Garcia e de mais 15 estudantes que assinaram um decreto abolindo a praxe na Tomada da Bastilha, decreto esse que foi considerado político.<sup>192</sup>

Na Tomada da Bastilha de 68 temos o *Dux*, Manuel Carvalho dos Santos, presente na Comissão Nacional de Estudantes Portugueses junto com outros elementos activos no movimento estudantil numa acção de importância visível para a prossecução dos objectivos dos estudantes.<sup>193</sup>

Também nos chegam informações de que, sob o signo da *praxe* se fizeram “trupes monumentais” lideradas pelo próprio *Dux*, que se transformavam em autênticas manifestações durante a Crise.<sup>194</sup> Por outro lado,

---

<sup>190</sup> Entrevista a Maria Manuela Cruzeiro

<sup>191</sup> Miguel Cardina, “Memórias incómodas e rasura do tempo: Movimentos estudantis e praxe académica no declínio do Estado Novo”, *Revista Crítica de Ciências sociais*, 81, Junho 2008, p. 117.

<sup>192</sup> Alberto Sousa Lamy *ob.cit.*, p. 386.

<sup>193</sup> Celso Cruzeiro, *ob.cit.*, p. 49.

<sup>194</sup> Maria Manuela Cruzeiro, Rui Bebian, *ob.cit.*, p. 126.



Aníbal Frías chega a referir a prisão do *Dux* em questão, sob o argumento de que o decreto de luto académico seria antes de *tradicional*, político.<sup>195</sup>

Jorge Seabra refere ainda, sobre o papel mais progressista deste organismo praxista, que o Conselho de Veteranos decretou, já depois do 17 de Abril, que os caloiros que fossem a reuniões do movimento estudantil, entre outras actividades, pelo trajecto mais curto e no menor tempo não poderiam ser *praxados* pelas trupes ou por ninguém – “Pois foi aí que começou o desaparecimento da praxe na realidade”<sup>196</sup>

Chegados aqui, gostaríamos também de falar um pouco do Luto Académico, enquanto mecanismo intrínseco à *tradição coimbrã* que revestiu uma carga política enorme nesta Crise – “Foi um factor simbólico de unidade nas crises (...)”<sup>197</sup>

É portanto com o decreto do Luto Académico, contra o estado de coisas em vigor, que encontramos uma maior capitalização do factor *tradição* como arma do movimento estudantil de 69. Tratando-se de uma prerrogativa *praxista*, pressuponha várias dimensões ligadas à *tradição coimbrã*, como já referimos ao longo deste trabalho, desde a batina fechada à proibição de uso de insígnias pessoais, passando pelo próprio protocolo de apresentação das equipas desportivas da A.A.C (não só o futebol).

Todo esse conjunto de variantes foi responsável pela criação de uma ambiência simbólica única, transversal a grande parte dos estudantes, que permitia uma maior união à volta das causas por que se mantinha activo o movimento estudantil em 69, e o tornava nitidamente mais superior, sendo esta uma das componentes mais fortes que explicam a sua maior unidade e a adesão das massas estudantis, para além dos aspectos mais “políticos” que já falámos como a “eticidade”, a aproximação dos objectivos a uma realidade mais próxima das vidas dos estudantes ou a preocupação dos dirigentes em

---

<sup>195</sup> Aníbal Frías, “A arte da contestação na Academia de Coimbra nos anos 60” , *Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia*, p. 13.

<sup>196</sup> Entrevista a Jorge Seabra

<sup>197</sup> Carlos Baptista *in* Maria Manuela Cruzeiro, Rui Bebian, *ob.cit.*, p. 126.

manter a unidade pondo em segundo plano as divergências ideológicas face aos problemas políticos.

“O uso da *capa e batina* ou o hino académico *FRA* podiam simbolizar, em certa medida, senão a unidade, pelo menos o sentimento de uma unidade com a Academia de Coimbra limitada, em 1969, a uma “comunidade” de menos de 9000 membros onde ainda operam amplamente o interconhecimento e a solidariedade (...)”<sup>198</sup>.

Há portanto essa busca enorme por um movimento o mais unitário possível sem existir uma separação entre a “vanguarda” e as massas, que necessita de “ (...) congregar tudo o que fosse sinergias e que fosse forças colectivas de Coimbra, valorizando um factor que era tradição, mas que podia ser renovado por dentro e em vez de desprezar completamente e enxertar algo novo (...)”<sup>199</sup>.

Com o “uso” da *tradição*, a crise e os seus dirigentes apareciam “ (...) legitimados não só pelos votos como também pela tradição, factor tão caro ao estudante médio de Coimbra”<sup>200</sup>.

O uso da *capa e batina* tem, nesta perspectiva de valoração da *tradição*, um papel fundamental, ainda maior durante uma primeira parte do Luto Académico – “A PIDE não sabia bem o que fazer, como lidar com o uso que nós fazíamos da tradição, (...).Eu não fazia isso, achava ridículo, mas tinha uma força tremenda andarem uns centenas de gajos à noite de *capa e batina*, numa pequena cidade como Coimbra, tinha um grande impacto”<sup>201</sup>.

Na nossa pesquisa encontrámos vários testemunhos de estudantes à época que, mesmo não sendo praxistas usavam *capa e batina* nos momentos de luta, nas manifestações, pela força anímica e simbólica de unidade e identificação que conseguia transmitir – “ (...) ainda me convenceram a usar

---

<sup>198</sup> Aníbal Frías, “A arte da contestação na Academia de Coimbra nos anos 60” , *Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia*, p. 12.

<sup>199</sup> Entrevista a Maria Manuela Cruzeiro

<sup>200</sup> Nuno Caiado, *ob.cit.*, p. 237.

<sup>201</sup> Eduardo M. Raposo, *O Canto de Intervenção (1960-1974)* – Público- 3ª Edição, p. 37.

capa e batina, particularmente durante o luto académico, na crise.”<sup>202</sup>, “Eu nunca fui praxista (...) mas lá está, usava capa e batina (...). Nós víamos o lado da capa e batina por um aspecto de identificação de todos, era um grupo que se considerava identificado por aquele “uniforme”, mas sempre num sinal uniformizador e não diferenciador”<sup>203</sup>. Persiste assim, essa ideia da capa de batina como instrumento de luta, ainda mais simbolicamente quando fechada em sinal de luto como era, face ao decreto de Luto Académico. A capa seria então a tal “Bandeira de Liberdade” sobre a qual escreveu Manuel Alegre em anos anteriores.

Num momento específico de grande dimensão para a luta estudantil, a final da Taça de Portugal, podemos observar a forte influência do decreto da Assembleia Magna de Abril de 69. Perante milhares de expectadores, e mais seriam se a RTP tivesse transmitido o jogo, conforme seria costume, como noutros jogos anteriores, a equipa dos estudantes apresentou-se em campo de capa aos ombros e com uma fita branca sobre o emblema da A.A.C como estipulado pelo Luto Académico, verificando-se mais uma vez o “uso” desse capital tradicional coimbrão como forma de, através do seu ainda forte simbolismo, marcar fortemente uma posição contra o regime.<sup>204</sup> A equipa de futebol da Academia tornava-se, desta forma, num elemento de grande projecção do Luto Académico e portanto, daquilo que ia acontecendo pela cidade dos estudantes.

Vamos assim constatando esse grande espírito de fraternidade que vigorava entre os estudantes durante a luta estudantil, reforçado pela ambiência reinante do “Luto académico”, com a sua riqueza identitária e unitária, que era uma forte componente do combate que ia fazendo o movimento estudantil por Coimbra. Esse “espírito de corpo”, de solidariedade, está inscrito nessa perspectiva geral da *tradição coimbrã*, uma feita, muita das vezes, de laços e relações de camaradagem e entreaajuda entre os seus estudantes, e onde também cabe a já referida “eticidade”, algo também inscrito

---

<sup>202</sup> Carlos Baptista in Maria Manuela Cruzeiro, Rui Bebian, *ob.cit.*, p. 114.

<sup>203</sup> Entrevista a Maria Manuela Cruzeiro

<sup>204</sup> Celso Cruzeiro, *ob.cit.*, p. 169.

na matriz do “tipo puro” do estudante<sup>205</sup> e aprofundado com as cargas simbólicas, da capa e batina fechada, dos seus jogadores finalistas de capa aos ombros no “Jamor”, em nome de uma causa que a todos dizia respeito e a todos afetaria.

Como nos diz Maria Eduarda Cruzeiro “Quando se fala, vulgarmente, de “espírito de Coimbra”, o que se está referindo é um pouco a ideia mítica de uma “originalidade essencial” (...). O “espírito de Coimbra” é simultaneamente um mito, uma construção ideológica (...)” mas, “ (...) com efeitos reais, enquanto marca simbólica”.<sup>206</sup>

Uma das outras grandes “marcas simbólicas”, com “efeitos muito reais”, que evoluíram no sentido de se entregar às lutas estudantis, foi a Canção de Coimbra, género musical profundamente inscrito na *praxe académica coimbrã* e uma das suas pedras basilares (tendo sempre em conta o seu filão popular), obviamente ligado a essa dimensão mais ampla, que, aliás é aquela que de facto é aproveitada pelo movimento estudantil como arma de luta, como temos vindo a comprovar.

A Canção de Coimbra também sofreu uma evolução cultural com o advento dos anos 60, primeiramente com Luís Goes, ainda nos fins da década de 1950 que afasta este género musical daquele cariz quase estritamente romântico das “tricanas” e do mondego, empregando-lhe uma linha temática e estética diferente, inovadora, que ficou conhecida como a linha “Neo-Modernista” da Canção Coimbrã.<sup>207</sup>

Contudo a grande transformação, e extremamente influenciada pelo contexto político dos anos 60 será com José Afonso, que iniciará o movimento da Trova/Balada nesta década, rompendo definitivamente com as raízes clássicas coimbrãs – “É quando nos aparece de novo em Coimbra, não

---

<sup>205</sup> Maria Eduarda Cruzeiro, “Folclore estudantil e cerimonial académico: práticas de produção e reprodução institucional”, *Vértice* – II Série, nº28 p. 47.

<sup>206</sup> Maria Eduarda Cruzeiro, “Questões de uma tradição”, *Via Latina, Revista de confrontações e ideias*. Publicação da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra. Inverno de 1985-86, Coimbra, p. 27.

<sup>207</sup> [http://www.capasnegras.com/historia\\_canto.html](http://www.capasnegras.com/historia_canto.html)

o Dr. José Afonso dos “Contos Velinhos” mas o Zeca Afonso do “Menino do Bairro Negro” “<sup>208</sup>

Numa frase lapidar sobre o papel da Canção de Coimbra em 69, citamos novamente Rui Pato (estudante de medicina em 1969 e “viola” de José Afonso) – “Havia que não pactuar com a Coimbra “bonitinha” das serenatas às meninas; era preciso agitar, mostrar que os Estudantes não estavam satisfeitos com a situação.”<sup>209</sup>

Esse património coimbrão foi de facto outro elemento “tradicional” a ser redimensionado no sentido da luta estudantil. Não nos esqueçamos que a “Trova do vento que passa” (letra de Manuel Alegre com uma carga política crítica fortíssima), vem já do calor da Crise de 62, sendo um quase seu hino na voz de Adriano Correia de Oliveira, outro grande cultor da Canção de Coimbra nesta vertente mais interventiva.<sup>210</sup>

Também a Crise de 69 possivelmente teria um hino do mesmo género. O tema “Flores para Coimbra” (mais uma vez com a letra de Manuel Alegre) seria uma alusão política clara à Crise, lembrando logo ali as flores utilizadas na “operação-flor” momento único de interacção e verdadeira conquista da população coimbrã pelos estudantes, numa acção contrastante com a violência da repressão fascista – “ (...) Quando os cercavam e lhes batiam, responderam com flores. O impacto simbólico na população de Coimbra foi enorme.”<sup>211</sup>No entanto a música e o *CD* onde estaria gravada não chegaram a ter grande protagonismo, no seguimento do caminho que a Crise de 69 levou e da rejeição das tradições, só anos mais tarde teria a projecção devida.<sup>212</sup>

Apesar disso, a Canção de Coimbra, enquanto dimensão da *tradição coimbrã* assume um cariz interventivo de facto. Na mudança de letras, que passam a ter “ (...) preocupações sociais e políticas, em contraste com a

---

<sup>208</sup> Rui Pato in *Canção de Coimbra – Testemunhos vivos (antologia de textos)* – Edição da responsabilidade do pelouro da cultura – DG/AAC – 2002, p.173.

<sup>209</sup> *Idem, Ibidem*, p. 176.

<sup>210</sup> Eduardo M. Raposo, *O Canto de Intervenção (1960-1974)* – Público- 3ª Edição, p. 37

<sup>211</sup> Rui Namorado *ob.cit.*, p. 87.

<sup>212</sup> Entrevista a Jorge Gomes

dolência e o lirismo então característicos (...) ”<sup>213</sup>, nos espetáculos de José Afonso, entre outros, em Coimbra durante a Crise de 1969, o movimento estudantil encontrava mais uma componente de força para a sua luta contra o regime e aquilo que ele pressuponha para a “Universidade Velha”.

“A Crise de 69 teve um sarau fabuloso que é feito com os que conseguem chegar a Coimbra. Quando havia um sarau desse tipo normalmente você punha “Carlos Paredes e outros”, os outros já se sabia se se conseguisse chegar o Zeca, a PIDE cercava Coimbra. O Zeca já cá estava e foi um sarau fabuloso, todo aquele sarau foi um comício de rebeldia, bom do ponto de vista musical, o Zeca estava inspirado naquele dia... O Carlos Paredes, por exemplo, foi parado, apanharam-no. Mas com um conteúdo aquele espectáculo... toda a gente percebia que aqueles FRA's tinham um cunho muito especial...”<sup>214</sup>

Integrada também no contexto do Luto Académico, o cancelamento da Queima das Fitas, feito pela Comissão de Grelados, órgão organizador da festa constituído por estudante *quartanistas* foi um dos elementos com maior visibilidade nacional da Crise de 69. A festividade é um dos pontos mais altos da *tradição* e da *praxe* coimbrã e portanto o seu cancelamento em protesto contra o estado de coisas que assolava o movimento estudantil, foi uma das opções mais acertadas dos estudantes. E isso é também patente no alcance que a festa tinha a nível nacional – “ (...) estávamos em luto, havia colegas presos, pronto faz todo o sentido não fazer a nossa festa maior. Isto chamava à atenção para as famílias todas, que não tinham notícias nenhuma porque Coimbra era uma cidade cercada (...) uma Queima era um instrumento de contestação brutal, fazíamos um serão musical com Zecas Afonsos, e nós dizíamos “é a nossa festa, no nosso sarau cultural, vocês não nos deixam fazer o nosso sarau cultural?” a nossa mensagem passava e infiltrava-se através das

---

<sup>213</sup>Miguel Cardina, “Memórias incómodas e rasura do tempo: Movimentos estudantis e praxe académica no declínio do Estado Novo”, *Revista Crítica de Ciências sociais*, 81, Junho 2008, p. 117.

<sup>214</sup>Entrevista a José Gabriel

coisas mais convencionais, num cortejo da Queima, num sarau, todo de canção de protesto, de um espetáculo de teatro subversivo (...)”<sup>215</sup>.

A suspensão da maior festa de estudantes do país foi uma forte arma de arremesso ao fascismo, era prejudicial para a imagem do regime porque simultaneamente as pessoas perguntavam-se sobre o que se estaria a passar ali, quebrando a necessidade que o governo tinha de transparecer uma ideia de normalidade absoluta relativamente aos estudantes, por outro lado era lesivo para a economia da região como já afirmámos anteriormente. O cancelamento daquela festa, todavia, inaugura um período de anos consecutivos sem Queima até ao ano de 1980.

Prossequindo numa lógica de enumeração de alguns aspectos ligados à *praxe*, temos vindo a verificar que a *tradição*, como aliás deixámos antever no Capítulo I, na cidade de Coimbra, nomeadamente a sua Academia não está ligada apenas a essa imagem do “ (...) lugar de um certo espírito corporativo, boémio e romântico e uma instituição universitária produtora dos cérebros do regime.”<sup>216</sup>. Há inúmeros e fortes exemplos, ainda antes de 69, que comprovam que os grandes momentos da história recente da cidade e a sua Academia mais especificamente, estão ligados ao não alinhamento, à irreverência, à luta estudantil e finalmente à oposição ao regime fascista. Não podemos, no entanto, afirmar que se trata de uma evolução linear até chegar 1969. Como nos diz Reis Torgal, a cidade conimbricense, mais na pessoa da sua Academia “ (...) terá, na história da vida política portuguesa, um sentido pendular. Isto é em determinados momentos será enredada pela força política da “Tradição”, embora noutros casos surja como alavanca da “Inovação”. ”<sup>217</sup>

Na verdade, observando o que nos diz Manuel Louzã Henriques ao falar de “boémia”, boa ou má, e de *praxe*, percebemos que estes aspectos são mais complexos que o que parecem à primeira vista e face, também, à maneira

---

<sup>215</sup> Entrevista a Maria Manuela Cruzeiro

<sup>216</sup> Miguel Cardina, “Memórias incómodas e rasura do tempo: Movimentos estudantis e *praxe* académica no declínio do Estado Novo”, *Revista Crítica de Ciências sociais*, 81, Junho 2008, p. 117.

<sup>217</sup> Luís Reis Torgal, “A Universidade e a Academia de Coimbra perante o Estado Novo (1926-1961) – Entre a Tradição e a Inovação”, *Revista História*, Porto, Centro de História da U.P., vol.9, 1990, p. 208.

como os reconhecemos nos nossos dias – “ (...) é importante resistir à tendência de nos servirmos do sentido das palavras tal como agora as conhecemos (...)”<sup>218</sup>.

Assim, e continuando a análise deste autor, observamos aspectos “tradicionais” pouco analisados, como o facto da indumentária académica ter tanto de conservador que evolui, depois do triunfo liberal, para uma “casaca liberal”, sendo que o “chapéu tradicional” (semelhante ao dos cardeais à época), passa para um “barrete popular”, com parecenças com o barrete frígio da República francesa, que se mantêm, aliás até hoje mesmo.<sup>219</sup>

Realçando o “progressismo” da “estudentada” Louzã Henriques refere “ (...) já o nosso Eça dizia que os estudantes saiam de Coimbra “com um canudo e com o seu Proudhon mal sabido debaixo do braço”. ”<sup>220</sup>. E chega a fazer uma referência ao facto de a “Cabra” ser um símbolo laico, um sino associado ao municipalismo e não à igreja, por exemplo.

Finalizando a análise à perspectiva deste autor, este faz ainda uma correlação entre a “boémia” de Coimbra e uma certa tendência anarquista de final do século XIX, conectada com um determinado tipo de vida influenciada pelas leituras “apressadas” proudhonianas feitas pelos estudantes, inquirindo acerca do possível envolvimento do famoso “Pad’Zé”, símbolo máximo do estudante “tradicional” coimbrão, no regicídio – “É fácil qualifica-lo simplesmente de bebedor mas, de facto, o padre Zé é um homem que escreve extraordinariamente bem, que se diverte, que goza com tudo e sabe que se forma; (...)”<sup>221</sup>. Isto vem ao encontro do que Maria Manuela Cruzeiro nos diz, quando se referia a um activista de 69 (José Cavalheiro, que entrevistou para uma sua obra aqui já citada) relativamente a um “espírito de Coimbra” – “é brincando, brincando, mas ele chegou onde poucos chegaram (...)”<sup>222</sup>.

---

<sup>218</sup> Manuel Louzã Henriques, *ob.cit.*, p. 347.

<sup>219</sup> *Idem, Ibidem*, p. 350.

<sup>220</sup> *Idem, Ibidem*, p. 352.

<sup>221</sup> *Idem, Ibidem*, p. 353.

<sup>222</sup> Entrevista a Maria Manuela Cruzeiro



Em jeito de conclusão deste terceiro capítulo e de transição para o próximo, reforçamos esta ideia de que a *praxe* e a *tradição* coimbrãs (falamos claro da já mencionada dimensão mais genérica e rica) estiveram ao serviço do movimento estudantil na Crise de 69, como noutras, e que vamos podendo afirmar que a Academia possui uma historicidade de combate e irreverência que lhe estão intrínsecas, embora, por vezes, em alguns momentos da história isso não se demonstre abertamente. Como nos afirma Alberto Vilaça, que foi estudante em Coimbra antes da década de 1950 “Só porque são (tradições) não constituem nem podem constituir valores absolutos, mas não significa isso que não importe valores que servem ao Presente e ao Futuro”<sup>223</sup>.

O movimento estudantil de 69 teve portanto a ousadia e a inteligência de colocar na vanguarda de luta essa idiossincrasia coimbrã, por forma a conseguir ser mais forte, mais genuíno e detentor de um claro enraizamento no tempo, com um novo manancial de valores progressistas de resistência ao fascismo e de transformação da sociedade, e no espaço em que se ia desenvolvendo, Coimbra, com tudo aquilo que a cidade e a Academia pressupunham. “E nós não deixávamos de ser sensíveis ao apelo daquela mística de Coimbra, porque é uma verdade, não podemos dizer “Coimbra é igual às outras...” Não é! As cidades tem uma alma e era disso que não queríamos abdicar.”<sup>224</sup>

Torna-se necessário colocar então a questão: se temos toda esta dimensão ligada à *tradição* capitalizada como força do movimento estudantil na luta de 1969, o que sucede para que de um Luto Académico erigido em nome da contestação e do protesto contra a Universidade Velha e, no fundo o fascismo do Estado Novo (passemos a redundância), se transforme numa completa rejeição e até combate de toda e qualquer aspecto mais “tradicional”? O Luto Académico decreto a 22 de Abril de 69, aprofundado ainda mais com a greve aos exames, entre outros aspectos, passará em poucos meses a representar um período de anos de quase aniquilamento do substrato cultural coimbrão mais ligado à *praxe*. Da Queima que nunca mais foi repostada, à Canção de Coimbra, “silenciada” na cidade durante anos, ao abandono

---

<sup>223</sup> Alberto Vilaça, “Tradição e ...Tradições”, *Vértice* – II Série, nº28 p. 66.

<sup>224</sup> Entrevista a Maria Manuela Cruzeiro

completo da capa e batina, o Luto Académico, paradoxalmente uma valência praxista, persiste agora na história como o ciclo de 69 até 79/80 em que todas as tradições, mesmo aquelas que fomos falando e frisando a sua importância e aplicação progressista no contexto de luta, são recusados liminarmente, até ao 25 de Abril como algo ligado ao regime e depois, até ao seu “regresso”, apelidadas de reacionarismos.

## Capítulo IV – A Década de 70, entre o Marcelismo e a Democracia

“ (...) Marcello Caetano lamenta a hostilidade crescente de “grupos e classes consideradas intocáveis” relativamente à ordem social e política vigente. No cimo desta lista coloca os estudantes, que *“acobertados na sua juventude e em certas imunidades tradicionais (...) das escolas que frequentam entendem legítimo sobrepor-se às leis gerais da Nação”*”<sup>225</sup>.

### 1. O movimento estudantil pós-69

Temos que perceber que, apesar do que este subtítulo possa deixar transparecer, a questão da Crise de 69 não termina pura e simplesmente nesse ano tal como nos refere Jorge Seabra – “ (...) ora 70 tem outras coisas, mas não houve interrupção nenhuma. Em 70 houve coisas mais violentas; houve as manifestações, a PIDE a fazer prisões a torto e a direito, em 69 foi mais a judiciária. Em setenta foi pior, nós fomos presos, fomos torturados e houve cargas policiais dentro das próprias faculdades. Tinha acabado a “Primavera”.  
“<sup>226</sup>

De facto, a ilusão do “Marcellismo” começava a esfumar-se de vez, vindo a marcar um contexto politicamente bem radicalizado, que se vai viver na Academia de Coimbra nos anos imediatamente anteriores à Revolução dos Cravos. Para trás iria ficar uma Academia unida, numa luta de massas que se tornaria num paradigma para as gerações futuras.

O momento em que talvez possamos fixar o fim de um “ciclo de 69” foi a controversa reunião de 11 de Março de 1970. Uma que tinha sido idealizada (e aprovada antes de mais) numa Assembleia Magna de 23 de Abril de 1969,

---

<sup>225</sup> Marcello Caetano, Depoimento, Rio de Janeiro: Record; *apud* Miguel Cardina, “Tradição, Sociabilidades, Compromisso: Mutações na auto-imagem estudantil durante o período final do Estado Novo”, *VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*, Coimbra, 2004, p. 1.

<sup>226</sup> Entrevista a Jorge Seabra

onde os estudantes votaram a criação de uma “Comissão de estudantes suspensos e professores”, que deveria encetar conversações com o Presidente Américo Tomás, que na altura recusou receber esta comissão. Contudo, com um novo ministro da educação, Veiga Simão, surge também um novo reitor, Gouveia Monteiro, que a princípio assumiu como principal objectivo a pacificação da Coimbra universitária, sendo que, condição *sine qua non* seria o regresso dos estudantes que haviam sido mobilizados à força. E é nesse sentido que se retoma a velha questão da audiência junto do Presidente da República.<sup>227</sup>

Na referida reunião, Alberto Martins terá lido as seguintes palavras” “Os oitos estudantes aqui presentes dirigem a V.Ex.<sup>as</sup> as mais respeitosas saudações e ratificam com esta presença expressamente tudo o que os seus professores houverem por bem declarar sobre o seu caso” “.<sup>228</sup>

Ficou sempre uma aura de desconforto com esta audiência, para não falar de indignação por parte de muitos sectores estudantis. No entanto, temos que verificar que a sua realização efectiva foi quase um ano depois da sua idealização, portanto num contexto completamente diferente. Por outro lado como nos diz Celso Cruzeiro, as notícias desse encontro foram distorcidas, não se atendendo, na sua análise, à importância do factor censura e do controlo apertado dos aparelhos da comunicação, como era apanágio do Estado Novo.

Contudo, com a cada vez maior radicalização no movimento estudantil coimbrão, uma franja considerável desse mesmo movimento passa a olhar “69” como um “fracasso”, punhado de “reformismo” e que pecou, gravemente, pela pouca audácia nos objectivos. Apesar de interpretarem como algo positivo o carácter de massas entre outras valências, assinalaram criticamente o caminho da Crise de 69, especificamente o seu “términus”, como um pedido de desculpas mal elaborado, ganhando a citada audiência o epíteto de cerimónia do “beija-mão”.<sup>229</sup>

Essa radicalização, que vimos vindo a referir funda-se no espantilhamento e exponencial politização do movimento estudantil.

---

<sup>227</sup> Celso Cruzeiro, *ob.cit.*, p.142-193.

<sup>228</sup> *Idem, Ibidem*, p. 193.

<sup>229</sup> Miguel Cardina, *A tradição da contestação: resistência estudantil em Coimbra no marcelismo*, Coimbra : Angelus Novus, D.L. 2008, p.161.

Relativamente ao início da década de 70 Jorge Seabra afirma “ (...) houve uma grande politização a partir daí. Em 69 estamos todos juntos e depois 70 e 71 já havia grupos, havia os grupos trotskistas, havia o C.R, e por aí fora, e ao mesmo tempo com uma grande repressão do regime ditatorial.”<sup>230</sup>

A radicalização do movimento talvez tenha começado a aumentar progressivamente a partir de 25 de Setembro de 1969, quando através de uma repressão violenta, a polícia impediu à força uma assembleia com cerca de 2000 estudantes.

Note-se também a chegada do novo ministro da educação, Veiga Simão, que terá tentado encetar algumas reformas universitárias, mas interpretadas como uma maneira de aproximar cada vez mais o país das necessidades, no que à educação diz respeito, para a integração económica e europeia do “Marcellismo”.<sup>231</sup> É perante essa ideia de reforma da Universidade portuguesa, face aos novos desafios desenhados pelo capitalismo internacional, que o novo ministro assume como pilares da sua vida política a resolução da “agitação” estudantil herdada do seu antecessor, que o levou à nomeação do já referido Gouveia Monteiro como reitor da Universidade de Coimbra, a tentar indultar os estudantes que tinham processos com teor disciplinar e criminal e desmobilizar de imediato os estudantes que tinham sido incorporados à força, como correctivo, nas forças armadas.<sup>232</sup>

No entanto, esse cariz capitalista presente na tentativa de reforma de Veiga Simão será profundamente criticado pelo movimento estudantil, “ (...) colocando-se o acento tónico na crítica ideológica a uma reforma que se pretendia politicamente neutra;”<sup>233</sup>

Acreditava-se, durante “69”, que o movimento não devia avançar abertamente pela questão da guerra colonial, ao que se sobrepunham as questões mais imediatas e palpáveis, susceptíveis de mobilizar com maior

---

<sup>230</sup> Entrevistas a Jorge Seabra

<sup>231</sup> Miguel Cardina “Activismo estudantil em Coimbra durante o marcelismo” in Carvalho Homem, Amadeu (coordenação) *Um século de lutas académicas* [Porto]: Editorial Moura Pinto, 2007, p. 98.

<sup>232</sup> Miguel Cardina, *A tradição da contestação: resistência estudantil em Coimbra no marcelismo*, Coimbra : Angelus Novus, D.L. 2008, p. 127.

<sup>233</sup> Miguel Cardina “Activismo estudantil em Coimbra durante o marcelismo” in Carvalho Homem, Amadeu (coordenação) *Um século de lutas académicas* [Porto]: Editorial Moura Pinto, 2007, p. 97.

rapidez a maioria dos estudantes, numa já explicitada política de massas. Contudo na linha da crítica ideológica cada vez mais acentuada feita pelo movimento, o colonialismo e a guerra do ultramar começam a entrar de forma cada vez mais forte nos discursos dos estudantes, sobrepondo-se o anticolonialismo a essas outras motivações.

Com isto, o governo marcelista decide começar a incorporar nas fileiras militares estudantes, não só pelos eventuais maus resultados escolares, como também por eventuais desvios da devida “boa” conduta social e política. Tal incremento levou à incorporação de vários activistas e a uma politização maior de muitos oficiais e não só <sup>234</sup>.

Até ao 25 de Abril de 1974 o movimento estudantil iria assim caracterizar-se por um profundo acentuar do seu grau de politização, por um lado, e por outro por um espartilhamento progressivo e maior por grupos cada vez mais extremistas – “E os movimentos políticos radicais tornam-se muito activos nas faculdades. Acho que, no movimento associativo, havia já uma compartimentação muito grande, ficando tudo muito parecido com o meio estudantil de Lisboa.”<sup>235</sup> Por outro lado caracteriza-se também, como um período de forte repressão por diversas ocasiões – “Maior politização, mais perigosos, mais activos, grupos mais pequenos e mais aguerridos e os “gorilas” nas universidades a dar cacetada. Portanto não há assim uma história muito exaltante e daí 69 parecer mais atraente, porque estávamos todos (...).”<sup>236</sup>.

## 2. A recusa completa da *tradição* antes e depois do 25 de Abril

No dealbar da década de 70 as tradições académicas são abandonadas, deixando-se essas práticas durante quase toda a década. Esse fenómeno não tem uma explicação única, mas sim uma justificação multicausal, mais complexa.

---

<sup>234</sup> Miguel Cardina “Activismo estudantil em Coimbra durante o marcelismo” in Carvalho Homem, Amadeu (coordenação) *Um século de lutas académicas* [Porto]: Editorial Moura Pinto, 2007, p. 104.

<sup>235</sup> Maria Manuela Cruzeiro, Rui Bebião, *ob.cit.*, p. 296.

<sup>236</sup> Entrevista a Maria Manuela Cruzeiro

Por um lado temos quem interprete, relativamente ao desaparecimento dessas práticas da vida da Academia de Coimbra, que a Crise de 69 e os anos seguintes exerceram nesse aspecto, um papel de efectivo “processo” de “tomada de assalto” das instituições tradicionais dos estudantes de Coimbra, pelas mãos de identidades e desígnios estranhos à Academia. Assim, António Rodrigues Lopes afirma que “A eliminação das instituições teria sido um “golpe de mestre” visando atingir certos fins. Esse “golpe” passou, sucessivamente pelo domínio das Repúblicas, pelo congelamento da “Queima”, pela suspensão da Praxe, pela proibição (coaçoão física) da Capa e Batina “. Este autor põe muito a tónica numa eventual cópia dos “ (...) processos postos em prática na França (crise de 68), com as necessárias adaptações que incluía a extinção da Praxe...”<sup>237</sup>.

Por outro lado, Miguel Cardina apresenta-nos como factores explicativos para o apagamento da *tradição coimbrã*, todas as vicissitudes culturais, sociais e políticas que se foram operando na Universidade de Coimbra a partir, sensivelmente, dos anos 50, as quais já neste mesmo trabalho foram abordadas, que propiciaram a construção de uma mudança gradual na Academia, levando, por fim, de forma natural e não forçada, à quase extinção da *praxe académica de Coimbra* e suas representações.

Desta forma vai dizendo que “ (...) a crítica e posterior abandono da praxe, compreende-se como uma tomada de posição em sintonia com um novo ambiente emergente que se vinha desenhando desde finais da década de cinquenta. No troço final do regime, as práticas elitistas (...) e hierárquicas (...), não se mostravam, de modo algum, harmonizáveis com os alicerces dos novos discursos igualitários que iam dominando o universo estudantil. Um elevado grau de politização, marcado pela irrupção dos mais variados matizes do marxismo enquanto referência macro explicativa tornada dominante, acabaria por empurrar a praxe para um passado olhado como indesejável.”<sup>238</sup>

---

<sup>237</sup> António Rodrigues Lopes, *A sociedade tradicional académica coimbrã: introdução ao estudo etnoantropológico* Coimbra, Gráfica de Coimbra 1982, p. 239.

<sup>238</sup> Miguel Cardina, “Memórias incómodas e rasura do tempo: Movimentos estudantis e praxe académica no declínio do Estado Novo”, *Revista Crítica de Ciências sociais*, 81, Junho 2008, p.128.

Parece-nos que a fase de transição entre os eventos de 1969 e o início dos anos 70 é essencial para compreender esta questão. De facto, as mudanças que se vieram a manifestar na Academia foram transfigurando um pouco a vida coimbrã e nesse sentido já observamos que no final da década de 60 o peso da tradição coimbrã não seria já o mesmo, tendo, contudo, uma importância forte sob certos aspectos, como se verificou no capítulo anterior. Todavia, cada vez mais os estudantes se iam afastando de certos parâmetros mais específicos dessa mesma *praxe* e vincadamente pouco ligados às novéis e abundantes concepções ideológicas. Esse facto já o podemos comprovar, até pelo testemunho de estudantes à época. Domina a ideia do estudante simplesmente boémio, despreocupado perante o velho foro académico, que é agora substituído por um que agora é cada vez mais comprometido, cada vez mais personificando a ideia do “jovem trabalhador intelectual”<sup>239</sup>.

Não obstante, um dos grandes pilares de 1969 foi mesmo esse “cimento aglutinador”<sup>240</sup>, de que nos fala Joaquim Reis, ou seja os aspectos ligados à *praxe académica de Coimbra* que possibilitaram, de forma evidente, a união dos estudantes de Coimbra e essa grande força das massas. Quando passamos para a década de 70, esse panorama de união esvai-se, num acentuar exponencial da politização do movimento estudantil.

“O que acontece é que as gerações seguintes, 70, são muito mais radicais politicamente. 69 desmembra tudo, espalha-se tudo, a estratégia de união acabou ali.”<sup>241</sup>

Parece-nos que essa radicalização/politização, assente numa multiplicação de grupos politicamente mais extremistas na Academia, evidencia-se como catalisador muito forte para o desaparecimento efectivo das tradições académicas. Vale a pena aqui, lembrarmo-nos das palavras de Celso Cruzeiro quando se referia às linhas “IBM” e “Contestas” como vincadamente “anti-traditionalistas”. Com um estilhaçar do movimento estudantil e uma proliferação de grupúsculos de extrema-esquerda seria natural (a esses

---

<sup>239</sup>Miguel Cardina, *A tradição da contestação: resistência estudantil em Coimbra no marcelismo*, Coimbra : Angelus Novus, D.L. 2008, p. 186.

<sup>240</sup> Entrevista a Joaquim Reis

<sup>241</sup> Entrevista a Maria Manuela Cruzeiro



grupos) enveredar pelo caminho da rejeição e até do combate às formas e práticas praxistas.

Relativamente a esta questão, Joaquim Reis refere-nos que foi de facto essencial para o fim das tradições esse estilhaçar da unidade e a substituição de uma lógica de unidade, por uma lógica de vários grupos aguerridos – “ E é por isso que os grupos de extrema-esquerda passam a dominar na Academia de Coimbra. E dominam de tal forma que uma das maneiras de quebrar esse espírito de unidade [proporcionado, pela *praxe*] é entrar desde logo por aquilo que seria mais visível, que seria o próprio uso da capa e batina”<sup>242</sup>.

Por outro lado, e ainda em relação, especificamente, à capa e batina, segundo o mesmo entrevistado, o seu desaparecimento deve-se também ao facto das forças da ordem, à época, terem ordem por parte do governo para deter e identificar os estudantes de capa e batina fechada em luto, notificando também os seus pais. Ora isto irá trazer dissabores vários e houve quem quisesse evitar mais esses problemas deixando de usar o fato referido. Ainda nos primeiros meses da Crise de 1969 os estudantes que usassem capa e batina eram “ (...) imediatamente identificados.”<sup>243</sup>

“Por outro lado aqueles que usam capa e batina, para além disso ainda têm que suportar uma espera às tantas da noite quando chegam a casa, numa relação muito desproporcional que os manda para o hospital. E depois há uma tentativa do sector mais extremista do regime de tentar ir aproveitar as tradições académicas, a *praxe* de Coimbra, puxando-a para o seu aldo, e partir daí dá-se o espalhar total das coisas”<sup>244</sup>

Outra grande mudança, sinal do que tinha acontecido, foi a “reviravolta” (entre aspas porque foi um processo progressivo, que já vinha de degrau em degrau de anos anteriores) que teve lugar nas Repúblicas de Coimbra. Sendo definidas em 1948, na fundação do C.R, como estando ao serviço da *praxe* e unidas por ela, tendo um papel histórico e decisivo na prossecução dos caminhos *praxistas* ao longo dos anos, depois de ter sido do C.R que nasceu a “linha C.R”, decerta maneira a espinha dorsal do movimento estudantil nos anos 60, agora “Em lugar de focalizarem na sua vertente mais boémia, as

---

<sup>242</sup> Entrevista a Joaquim Reis

<sup>243</sup> Carlos Baptista *in Revista*, Associação Académica de Coimbra 17 de Abril 1999, p. 23.

<sup>244</sup> Entrevista a Joaquim Reis

Repúblicas passam (...) ”<sup>245</sup> a rejeitar completamente as representações várias das tradições académicas, assumindo até uma postura de combate, característica que, aliás, hoje predomina na ideia que a generalidade das pessoas possui destas casas comunitárias.

Pensamos que há, portanto, o confluir de uma série de situações que potencia, efectivamente, o enterro das *tradições académicas*, o espírito de tempo e as mudanças ocorridas gradualmente desde o decénio de cinquenta, que afastaram naturalmente os estudantes de muitas dessas manifestações, o radicalismo e abundância de grupúsculos extremistas no seguimento de 1969, contrastando com a unidade anterior, fundada por elementos da *praxe académica de Coimbra* e por outro lado esta questão do aproveitamento da praxe pela extrema-direita, que contribuiu, não em toda a parte mas em alguma, para o associar da capa e batina entre outros elementos a essa dimensão política e ao fascismo que a punha em prática, o mesmo fascismo que prendia os estudantes, facilmente identificáveis como alvos, que envergavam a capa e batina fechada em sinal de luto.

Outro aspecto absolutamente decisivo neste fenómeno é sem dúvida a grave questão da repressão, cada vez mais acentuada no “pós-Primavera Marcellista”. Podemos ver o reflexo do papel que teve a forte repressão fascista nesta questão, por estes anos, dando como exemplo a Queima das Fitas, que não se voltou a realizar depois de 69.

Cancelada em Luto Académico, a Queima das Fitas não se voltou a realizar nos anos subsequentes e se de um lado nos surgem as justificações de uma repulsa pela referida festa, por outro prisma podemos encontrar motivos diferentes e de certa forma, mais abrangentes.

Sabemos, portanto, que a realização desta festividade estudantil foi rejeitada liminarmente, veiculada pelo radicalismo desta fase do movimento estudantil, pelos citados grupos de extrema-esquerda, que chegavam a considerar a festa uma manifestação ligada ao regime fascista – “Para os Núcleos Sindicais, a festa era a *“manifestação da ideologia burguesa no meio estudantil”*, que não se distancia, na essência de um tipo de formação

---

<sup>245</sup> Miguel Cardina, “Memórias incómodas e rasura do tempo: Movimentos estudantis e praxe académica no declínio do Estado Novo”, *Revista Crítica de Ciências sociais*, 81, Junho 2008, p. 125.

universitária que se pretendia combater (...) ”<sup>246</sup>. O estado de espírito relativo à Queima das Fitas é visível no título de um comunicado escrito na sequência de uma tentativa falhada de reanimar a Queima das Fitas – “Os reaccionários tiveram a “Queima” que merecem”.<sup>247</sup>(ver Anexo 7)

No entanto, Jorge Seabra oferece-nos uma outra interpretação relativamente a este problema. Segundo o então activista do movimento estudantil, “nós não podemos retomar a queima em 71, porque não nos deixaram, nós se pudéssemos tínhamos feito a queima, como é que podemos retomar a queima se estávamos sempre a ser presos e a ser sovados, como é que nós podíamos levantar o luto académico se nos estavam sempre a perseguir e a reprimir”<sup>248</sup>.

Tentativas houveram de retoma da Queima das Fitas ainda antes do 25 de Abril<sup>249</sup>, contudo mesmo depois da Revolução dos Cravos, a Queima, como aliás os outros aspectos da *tradição coimbrã* não foram reeditados, e recorremos aqui novamente a Jorge Seabra – “Quando a seguir ao 25 de Abril houve essa rejeição, eu, mas não fui só eu, lembro-me de estar em discussões que eram surrealistas, eram pessoas contra a queima a dizer que nos estavam a imitar e nós a dizer “mas não foi nada disso, a tradição estudantil não é nada disso, a tradição estudantil que vocês estão a falar é esta de 68 para cá, e a tradição de 68 para cá foi que nós tivemos que fazer isso porque andávamos a ser sovados e perseguidos, queríamos fazer a festa mal conseguíssemos. Agora já não há disso, se nós fossemos dirigentes estudantis estávamos a dizer “Queima!”, tão simples como isto” ”. Portanto, a rejeição da Queima parece-nos fundada num extremar ideológico muito próprio da época, nos anos “quentes” subsequentes ao 25 de Abril, nomeadamente o período do PREC (Processo Revolucionário Em Curso).

É necessário, porém, explicitar duas questões. A primeira relaciona-se com a questão dos comerciantes de Coimbra, relativamente a esta

---

<sup>246</sup> Miguel Cardina “Activismo estudantil em Coimbra durante o marcelismo” in Carvalho Homem, Amadeu (coordenação) *Um século de lutas académicas* [Porto]: Editorial Moura Pinto, 2007, p. 113.

<sup>247</sup> *Idem, Ibidem*, p. 114.

<sup>248</sup> Entrevista a Jorge Seabra

<sup>249</sup> Miguel Cardina “Activismo estudantil em Coimbra durante o marcelismo” in Carvalho Homem, Amadeu (coordenação) *Um século de lutas académicas* [Porto]: Editorial Moura Pinto, 2007, p. 113.

problemática de não existência da Queima, pois tal como Jorge Seabra nos afirma, muitos foram prejudicados pelo cancelamento da festa no ano de 1969 – “a Queima tinha sido suspensa em 69 e nós tínhamos ficado a dever dinheiro especificamente aos comerciantes da cidade, que se portaram maravilhosamente em 69, que abdicaram daquilo. Eles tinham dado os subsídios para a queima e depois foram prejudicados porque não existiu Queima”. A segunda, toma forma no formato e na identidade ideológica de uma Queima a realizar, e na opinião de Jorge Seabra, ela “devia despir-se de alguns elitismos”, obedecendo a um prisma diferente, cada vez mais progressista – “Os estudantes de Coimbra simbolizavam a luta contra o fascismo, portanto a Associação a seguir a 69, se nós disséssemos ao Sartre ou à Simone Beauvoir “venham cá ter!”, eles vinham. Nunca houve tanta capacidade de fazer coisas extraordinárias. Mas nós não fizemos isso...”

No entanto no pós-25 de Abril estávamos na altura dos saneamentos na Universidade de Coimbra, e mesmo entre estudantes, mormente de estudantes de direcções de organismos situados mais à direita como o Orfeon, a TAUC (Tuna Académica da Universidade de Coimbra) ou a OTEC-OTUC, o que segundo Alberto Lamy foi uma “ (...) nódoa negra na história da Academia de Coimbra”. Temos de sublinhar o momento único por que passa a Universidade, a Academia e o próprio país – “o panorama que nós temos no pós-25 de Abril, que em termos de sociedade civil, para o país corresponde ao PREC, é de um extremar agudo de posições dentro da Academia”<sup>250</sup>. O relato deste antigo estudante leva-nos à imagem de uma Praça da República garrida politicamente, sendo que “quem ia ao café A, B ou C era quase de imediato conotado ou identificado com um determinado partido político ou uma determinada corrente ideológica, e seria problemático, por vezes, entrar no café errado, ir tomar um café ao café dos outros...”<sup>251</sup>. O contraste com a união, já idílica, de 1969 é evidente.

Assim, se da Crise de 69 ao 25 de Abril essa componente tradicional da Academia de Coimbra não foi reanimada, a verdade é que nos anos que se seguiram à Revolução dos Cravos, ela continuou a ser rejeitada num contexto

---

<sup>250</sup> Entrevista a Joaquim Reis

<sup>251</sup> *Idem.*

diferente em que “ há muitos movimentos explosivos por todo o lado”<sup>252</sup>, sendo desta forma a Associação liderada por sucessivas Direcções-Gerais situadas à esquerda até 1979.

### 3. O regresso das “Tradições”

“não sei o que é isso do regresso das tradições”<sup>253</sup>. Citamos esta observação de José Gabriel durante a nossa entrevista, para ressaltar que a questão do reavivar da *praxe académica de Coimbra*, por mais abstrata que seja, e é-o verdadeiramente, uma vez que o que é tradição para uns pode não ser para outros e certos aspectos são mais importantes e relevantes do que outros, dependendo da interpretação de cada um, deve ter uma delimitação conceptual, ou seja, este fenómeno apresentou-se, gradualmente, como o “restaurar” de *determinados* aspectos de uma dimensão já por si muito relativa - a tradição estudantil, e é assim, portanto, nosso objectivo a explicação de como, porquê e sob que valores se dá o regresso de um conjunto geral, mas também específico, de práticas depois de terem estado afastadas da vivência estudantil diversos anos, por várias razões já por nós enunciadas.

#### 3.1 O papel da Canção de Coimbra

A Academia depois da Crise de 69, dos anos de repressão no alvor do 25 de Abril, e agora em Democracia parlamentar continuou afastada das suas *tradições*, parecendo continuar num Luto Académico iniciado em 69 em aparente paradoxo – “por um lado recorreu-se ao *Luto Académico* e à suspensão da *Queima das Fitas*, bem como ao uso da capa e batina, como forma de granjear apoio de amplos e diversificados sectores académicos. Por outro lado, a manutenção do *Luto Académico* nos anos ulteriores significou o recurso a uma figura constante do mundo praxista como forma de o condenar ao desaparecimento”<sup>254</sup>.

---

<sup>252</sup> Entrevista a José Gabriel

<sup>253</sup> *Idem*.

<sup>254</sup> Miguel Cardina, *A tradição da contestação: resistência estudantil em Coimbra no marcelismo*, Coimbra: Angelus Novus, D.L. 2008, p.188.

Apesar da continuidade deste Luto, “Académico” mas refreador ao mesmo tempo da *tradição académica*, é no âmbito da Canção de Coimbra que se começa, primeiramente, a observar um processo de real retorno de certos aspectos da *praxe académica de Coimbra*, como seja este género musical próprio dos estudantes conimbricenses (apesar das suas raízes populares), aparentemente proibido – “A Universidade de Coimbra era um vazio completo, não havia capa e batina, não havia fado de Coimbra, não havia nada”<sup>255</sup>.

Apesar de aparentemente enterrada, a Canção Coimbrã não se perdeu de facto, temos que realçar aqui a importância para a manutenção e passagem do ensino da guitarra de Coimbra (instrumento central deste género musical) durante estes anos de interdição, na pessoa de Jorge Gomes, mestre deste instrumento que apesar de tudo, assegurou a transmissão desta arte<sup>256</sup>.

“Eu naquela altura era o único a ensinar guitarra de Coimbra. Em 1972 nas Piscinas Municipais, depois no ACM (Associação Cristã da Mocidade), em 1975 e seguidamente no FAOJ, até que em 1978 passo para a nova Escola de Fado do Chiado (...) era a única maneira de não deixar apagar a “fogueira” ”<sup>257</sup>

Segundo Carlos Carranca, foi ele próprio uma das primeiras pessoas a voltar a cantar “Coimbra” de capa e batina, ainda em 1975 (Dezembro), no Centro Recreativo do Bairro Norton de Matos.(ver Anexo 27) Na altura foi apelidado de “fascista” por membros de grupos de extrema- esquerda – “e a polícia para me levar a casa, e eu a dizer também que não precisava que me levassem a casa porque eu estava a exercer um direito, que era cantar em liberdade fados de Coimbra”<sup>258</sup>.

No ano de 1977, as primeiras notícias que nos chegam de manifestações relacionadas com a Canção de Coimbra levam-nos para fora da cidade conimbricense, no Algarve com uma actuação levada a cabo por um grupo de Fado de Coimbra. Sobre o espectáculo em questão, afirma o Diário de Coimbra o seguinte: –“ (...) através de iniciativas deste género (e esta não é a primeira) começa de novo a atingir o lugar que conquistara e de que se

---

<sup>255</sup> Entrevista a Carlos Carranca

<sup>256</sup> António Nunes, “Da(s) Memória(s) da Canção de Coimbra” in *Canção de Coimbra – Testemunhos vivos (antologia de textos)* – Edição da responsabilidade do pelouro da cultura – DG/AAC – 2002, p. 61.

<sup>257</sup> Entrevista a Jorge Gomes

<sup>258</sup> Entrevista a Carlos Carranca

começava a afastar. Tanto mais que certos grupos (...) têm envidado esforços para que o fado de Coimbra não desapareça de vez.”<sup>259</sup>.

Nessa senda desenhada pelo jornal de Coimbra, temos o então presidente da República, General Ramalho Eanes a referir em visita a Coimbra - “Se as comemorações do 5 de Outubro vieram a decorrer em Coimbra, (...),gostaria de ver nelas uma serenata nas escadas da Sé Velha” “, numa notícia cujo título era “O Fado de Coimbra não pode morrer”<sup>260</sup>, cabeçalho que é revelador do sentimento que começa a manifestar-se por esta altura, e do qual encontramos diversos exemplos.

Na primeira página da edição do dia 4 de Fevereiro de 1978 temos mais um título elucidativo deste ambiente de reflexão sobre o estado desta canção típica da cidade de Coimbra – “Fado de Coimbra: SIM ou NÃO”<sup>261</sup>. Fala-se na notícia do relançamento do fado, com uma série televisiva da RTP em forma de documental com cinco episódios descritivos da história e evolução do género, a ser transmitida. Esta iniciativa do canal público teria o apoio da Direcção-Geral da A.A.C. Começa então o jornal a publicar artigos nos dias seguintes sobre origens, componentes, influências, serenatas, cultores, lendas, a época de ouro, a decadência e a segunda época de ouro deste tipo de música. Citamos apenas esta passagem, relativa à problemática do silêncio da Canção de Coimbra –“ (...) com o golpe libertador do “25 de Abril”, o fado de Coimbra entra numa fase de (quase) clandestinidade. (...) Um exemplo “notável” deste ambiente é o facto de aquando das filmagens da RTP se ter sentido a necessidade de convocar a “autoridade”<sup>262</sup>.

Alguns espetáculos houveram por esta altura, começando assim gradualmente a haver um movimento de regresso à ribalta do já mencionado género musical, mas o seu ponto alto vai ser em Maio de 1978 o *I Seminário do Fado de Coimbra* (realizado a 20 e 21 de Maio daquele ano), que, como nos referiu Jorge Gomes, foi organizado pela Câmara Municipal de Coimbra, tendo também o apoio da Direcção-Geral da A.A.C e que foi “ (...) uma espécie de

---

<sup>259</sup> *Diário de Coimbra*, 30 de Junho de 1977, p. 4.

<sup>260</sup> *Idem*, 14 de Julho p. 4.

<sup>261</sup> *Idem*, 4 de Fevereiro de 1978 p.1.

<sup>262</sup> *Idem*, 9 de Fevereiro p.4.

congresso, onde é debatida toda esta problemática.”<sup>263</sup>. Onde pontificaram elementos ligados ao canto e à guitarra de Coimbra, entre outros de várias áreas, e onde se concluí que era necessário recuperar, pelo menos, algumas partes da *tradição académica*, nomeadamente, e de forma natural, mais ligadas à música, uma vez que se considera que o “ (...) instrumento é inócuo, quer dizer, não vai criar problemas, o individuo que toca é que poderá criar problemas, pela sua postura”<sup>264</sup>. Das conclusões desse seminário saiu ainda a ideia da criação da Escola de Fado do Chiado, à qual já foi feita menção, e que será responsável, num primeiro momento, pela formação dos grupos iniciais de fado constituídos por estudantes.

Contudo o momento mais marcante desta iniciativa foi mesmo a primeira Serenata Monumental depois de 1969, que se realizou na Sé Velha( ver Anexo 12) e que marca de facto um, de facto, da Canção de Coimbra depois de anos de silêncio. Dava conta do acontecimento assim, a primeira página do Diário de Coimbra do dia 22 de Maio – “Seriam vinte mil? Mais ou menos? Sabemos, isso sim, que se tratava de uma grande parcela da cidade de Coimbra a responder à pergunta que se lhe fazia, e a resposta foi dada claramente (...). Já não poderá haver dúvidas quanto ao desejo que Coimbra tem de ver restauradas, na sua Academia, as tradições que a exornavam, e faziam dela algo se “suis generis” (...)”<sup>265</sup>.

Temos, contudo de fazer aqui menção à contestação levantada pela realização de tal acto, uma vez que na mesma notícia, e na mesma linha do que nos afirmaram os nossos testemunhos recolhidos relativamente a este momento (Jorge Gomes, Joaquim Reis e José Gabriel) se refere que havia um grupo presente apostado em boicotar a serenata em questão. Noticia-se mesmo que estariam munidos de pedras e garrafas, havendo mesmo recontros de violência, com feridos ligeiros e com a intervenção da polícia deram-se mesmo prisões. O testemunho de José Gabriel, à época presidente da Direcção da Associação dá-nos conta de que a Direcção-Geral (nesta altura afecta à UEC – União dos Estudantes Comunistas) esteve na escadaria da Sé

---

<sup>263</sup> Entrevista a Jorge Gomes

<sup>264</sup> *Idem*

<sup>265</sup> *Diário de Coimbra*, 22 de Maio de 1978, p. 1.



Velha para evitar males maiores – “nós fomos para lá, eu e mais membros da DG/AAC, estivemos na porta da Sé Velha, para tentar proteger.”<sup>266</sup>

Ainda em relação à Direcção-Geral da A.A.C, devemos ressaltar a posição “neutral” da mesma quanto a esta questão em específico. Ao contrário de outros sectores da esquerda estudantil que propagandeavam *slogans* como “Fora com os reacionários!” e “Abaixo o Fado”<sup>267</sup>, assumiam um papel de “contemporizadores”, segundo Joaquim Reis, o que vai ao encontro tanto do que nos referiu José Gabriel, então presidente, sobre este ressurgimento da Canção de Coimbra dirigindo-se a membros desses sectores mais radicais – “vocês são doidos, deixem as pessoas em paz, se as pessoas querem fazer serenatas façam serenatas, eu não vou lá, não me interessa nada”<sup>268</sup>, tanto como ao que meses mais tarde será a posição da UEC face às tentativas de ressurgimento de outros aspectos da *praxe académica de Coimbra* na sua globalidade.

Apesar dessa oposição originária de alguns sectores mais radicais da Academia, a verdade é que com esta Serenata Monumental podemos considerar, efectivamente, que a Canção de Coimbra estava de volta à sua cidade. O simbolismo da primeira grande Serenata de Coimbra depois de 1969 marca um ponto de viragem dentro destes anos de “luto Académico”, e partir daqui podemos referir que o processo de regresso de certas valências das *tradições académicas* estava em curso e como se veio a verificar, tornando-se em determinado irreversível.

### 3.2 A mudança na Associação Académica de Coimbra

Depois do 25 de Abril e do reabrir da A.C.C, a 27 de Abril de 1974, encerrada que estava, realizam-se eleições livres na Associação a 31 de Maio ganhando a lista saída da UEC<sup>269</sup> - “Portanto depois do 25 de Abril a tarefa que

---

<sup>266</sup> Entrevista a José Gabriel

<sup>267</sup> *Diário de Coimbra*, 9 de Fevereiro de 1978, p. 4.

<sup>268</sup> Entrevista a José Gabriel

<sup>269</sup> Alberto Sousa Lamy, *ob.cit.*, p. 325.

nos temos aqui é reabrir a A.A.C e reorganizar o movimento estudantil democraticamente, a partir daí. Há muitos movimentos explosivos por todo o lado, como dar sentido a tudo isto sem deixar que os oportunistas implodam instituições é difícil. Mais tarde vem a altura em que da D.G a que eu pertenço e que presido, trata-se de apanhar um bocado do caco de alguma confusão desse período, é um período que a nível governamental também é agitado”<sup>270</sup>.

Foi, portanto, um período em que, depois da ditadura, a A.A.C foi sucessivamente liderada por direcções de esquerda até ao ano de 1978, inclusive, em que, mais uma vez, uma lista afecta à UEC ganha a corrida, lista essa presidida por José Gabriel. Esta força de sectores de esquerda na Direcção-Geral e a multiplicidade e força da extrema-esquerda na Academia, mesmo não ganhando as eleições, é também um factor explicativo do não interesse no regresso de qualquer espécie de elementos da *tradição académica*.

No entanto, em 1979 há uma mudança de paradigma político na Academia. Em eleições realizadas a 21 de Fevereiro (segunda volta) uma lista emergida da JSD (Juventude Social-Democrata) triunfa sobre a lista proveniente da UEC.<sup>271</sup>(ver Anexo 13) Pela primeira vez, uma lista de direita conseguia ganhar as eleições para a Direcção da Associação, marcando um momento histórico de mudança profunda em Coimbra. A lista presidida por Maló de Abreu vence num contexto em que se começa a verificar uma mudança de paradigma até a nível nacional, que se caracteriza “ (...) pela nova ascensão da lógica partidária bem presente nos governos da Aliança Democrática (...) ”.<sup>272</sup>

Passados cinco anos sobre a Revolução e três da entrada em vigor da Constituição portuguesa de 1976, onde se dá o princípio do fim do “processo revolucionário”, e o começo da cimentação de uma democracia parlamentar pluralista dominada pelos partidos políticos, abre-se o caminho para uma “

---

<sup>270</sup> Entrevista a José Gabriel

<sup>271</sup> Alberto Sousa Lamy *ob.cit.*, p. 349-350.

<sup>272</sup> José Medeiros Ferreira: “Portugal em Transe (1974-1985) ” *in* Mattoso, José (Dir.) *História de Portugal*, Editorial Estampa, Outubro de 2001 p. 200.

onda de direita<sup>273</sup> que se vai sobrepor à esquerda, como por exemplo aqui no âmbito da Associação Académica de Coimbra. Não podemos esquecer que em Julho de 1979 se forma a Aliança Democrática (AD) entre CDS, PPD-PSD e PPM<sup>274</sup>, que meses mais tarde começará a tornar evidente na prática, essa “onda de direita”, ganhando, as eleições legislativas intercalares a 2 de Dezembro, com maioria absoluta e as eleições autárquicas a 16 do mesmo mês. Em Janeiro de 1980 Francisco Sá Carneiro toma posse como primeiro-ministro do VI Governo Constitucional proveniente da A.D, que voltará a ganhar por maioria absoluta as eleições legislativas de 5 de Outubro de 1980<sup>275</sup>.

É portanto, neste contexto, existindo esta Direcção-Geral mais afecta à direita, num reflexo do que está a começar a passar no país em geral, que de alguma maneira se forma determinado ambiente político que será gradualmente mais propício à realização de um real retorno da *praxe académica de Coimbra*. “Foi uma bomba na A.A.C. Nunca passou pela cabeça de ninguém que a direita ganhasse as eleições (...) mas era a única hipótese de restaurar as tradições académicas, porque para eles é uma mais-valia, não iam ser ingénuos de certeza.”<sup>276</sup>

Mais tarde a JSD tomará para si o protagonismo político do regresso das *tradições académicas*: “A decisão política de promover o regresso das tradições académicas (...) representou o momento estratégico de consolidação da vitória reformista na academia de Coimbra. Paradoxalmente ela foi o desfivelar da máscara fúnebre do luto académico e a consagração de um ícone do Maio de 68: “é proibido proibir.”<sup>277</sup> Ainda neste capítulo retornaremos a esta questão da “paternidade” deste fenómeno e à justeza desta apropriação.

---

<sup>273</sup> Entrevista a Carlos Carranca

<sup>274</sup> José Medeiros Ferreira : “Portugal em Transe (1974-1985)” in Mattoso, José (Dir.) *História de Portugal*, Editorial Estampa, Outubro de 2001, p. 208.

<sup>275</sup> *Idem, Ibidem*, p.316.

<sup>276</sup> Entrevista a Carlos Carranca

<sup>277</sup> Paulo Colaço (coord.) *Histórias da JSD : [desde 1974 à actualidade]*, Juventude Social Democrata, Lisboa : Pactor, 2010 pp. 21-22.

### 3.3 O Movimento Pró-Reorganização e Restauração da Praxe Académica de Coimbra

É a 28 de Abril que surge no Diário de Coimbra a notícia de que um grupo de estudantes se prestava a promover o “restaurar da praxe académica”<sup>278</sup>.(ver Anexo 11) Em comunicado do dia 26 desse mesmo mês dava-se a conhecer o Movimento Pró-Reorganização e Restauração da Praxe Académica de Coimbra, que no mesmo documento referia “ (...) não estamos ligados a qualquer partido ou movimento político, nem perfilhamos qualquer ideologia e recusamos qualquer espécie de protecționismos. Somos somente um movimento de estudantes que pretende restaurar as tradições académicas: a PRAXE” (embora ela possa e deva ser actualizada: “os tempos evoluíram”) <sup>279</sup> (ver Anexo 8). Assinaram este documento, à época, como “Comissão provisória”: Joaquim José Reis (Direito) (que nos parece ter sido o grande impulsionador), Adelino de Oliveira Ferreira Novo (Direito), Júlio Miguel (Direito), Mário de Almeida Pinto (Medicina), Ivo Ferreira (Ciências) e José António de Oliveira Cruz (Ciências).

Na apresentação pública, em nota de imprensa publicada pelo Diário de Coimbra, dava o mesmo movimento a sua visão ideológica acerca do “restauro” pretendido – “ Pretendemos (...) restaurar a praxe académica não com as rígidas disposições que existiam até que a academia entrou em luto(...) e período posterior em que foi reprimida. Rígidas disposições que entendemos estarem necessitadas de conveniente actualização (...). Quantos não anseiam voltar a ver a Queima das Fitas, as latadas, os estudantes de capa e batina? Quantos não anseiam voltar a escutar pelas ruas de Coimbra as serenatas dos estudantes, para assim se deixar de fazer a “comercialização” do fado de Coimbra em certos locais tipo café ou “boite”...? ” <sup>280</sup>

Segundo Joaquim Reis, este movimento teria estudantes de todas as áreas políticas, tendo pessoas da UEC, uma pessoa do MIRN (Movimento Independente para a Reconstrução Nacional) “mas se quisermos era o único

---

<sup>278</sup> *Diário de Coimbra*, 28 de Abril de 1978, p. 4.

<sup>279</sup> Comunicado *Esclarecimento e conclamação à Academia*

<sup>280</sup> *Diário de Coimbra*, 4 de Maio de 1979 p. 4.

de extrema-direita, tendo curiosamente vindo do MRPP<sup>281</sup>, um ou outro do CDS, e depois “temos o grosso do movimento que é malta, alguns deles nem nunca na altura lhes interessou muito as simpatias ideológicas, não era isso que estava em causa, eu sabia depois essas simpatias pela convivência com as pessoas, porque não era isso o fundamental, mas se quisermos em termos de número era malta do PS e do PSD, o que é normal, portanto malta do “bloco central”, havendo ainda muita gente sem qualquer simpatia político-partidária”. Portanto o espectro ideológico português estava todo representado neste movimento, sendo a excepção feita à extrema-esquerda e à extrema-direita “ À excepção desse caso do MIRN que era muito peculiar, por ter vindo do MRPP...”<sup>282</sup>.

Depois, em termo de organização, segundo este membro do agrupamento referido, tinham uma comissão central, com um elemento de cada faculdade e estavam organizados de uma maneira que referiu ser “um decalque absoluto, confesso, do PCP na clandestinidade, que é muito útil, quando tu não sabes o quê e quem vem por aí.”<sup>283</sup>

Carlos Carranca afirma que pertenceu a este movimento com o objectivo de “restituir as tradições naquilo que elas têm de congregador, ou seja as tradições só podem servir para libertar as pessoas e não para as oprimir, é que o estudante de Coimbra tem que perceber que está ao serviço de causas, valores e princípios e que tem que estar próximo do povo a que pertence e não ser propriamente um elite como antigamente.”<sup>284</sup>

Na prática, os propósitos deste conjunto de pessoas era, como nos transmitiu Joaquim Reis, para lá de ter como objectivo último o retorno das tradições académicas, informar os diversos colegas, no fundo a Academia em geral do que era a *praxe* e o que não era, sendo que se considerava uma prioridade “reconstruir ou motivar o reaparecimento do Conselho de Veteranos, que era a quem competia liderar o processo”. Quando isso tivesse acontecido o movimento tinha alcançado aquilo a que se tinha proposto.

---

<sup>281</sup> Entrevista a Joaquim Reis

<sup>282</sup> *Idem.*

<sup>283</sup> *Idem.*

<sup>284</sup> Entrevista a Carlos Carranca

Ainda relativamente a este movimento, José Gabriel, que presidia a A.A.C quando surge os primeiros comunicados, diz-nos “eu estava na D.G quando me apareceu pela primeira vez aquele movimento de restauração da praxe, e eles perguntaram-nos, se eles quisessem fazer a queima das fitas o que é que nós fazíamos, e eu disse “Dou-vos uma sala, um cofre e uma máquina de escrever”, que foi o que a AAC fez sempre, a queima não é da A.A.C, é uma comissão central eleita que faz e tradicionalmente tem um gabinete na Associação, agora não há compromissos financeiros por parte da AAC, não podíamos abrir o flanco”<sup>285</sup>, evidenciando mais uma vez uma posição imparcial nesta matéria sensível, o que terá tido alguma importância face às crispações que estas movimentações poderiam (e tiveram) ter na Academia de Coimbra por aquela altura.

### **3.4 A Semana Académica de 1979**

Em 22 de Junho de 1979, o Diário de Coimbra noticiava acerca de uma Queima das Fitas no Porto, que teve um pequeno cortejo, com estudantes do último ano de várias faculdades, como de medicina letras ou farmácia, pelas ruas da Invicta, e que teria o seu ponto alto com uma noite de festa no Coliseu. Quanto ao “restauro” em Coimbra, o jornal vai comentando que - “ (...) faltará a coragem para tanto, face a minorias apostadas no contrário que, mercê do seu “activismo” procuram fazer crer que essas tradições estão ligadas a ideologias políticas.”<sup>286</sup>

Um pouco na mesma linha, mas sob um prisma diferente, o então responsável pelos serviços de Turismo da Câmara Municipal de Coimbra, Fernando Costa, vai lamentando em Fevereiro de 1979 a não existência da Queima enquanto força motriz de turismo mostrando que se deveria, não talvez restaurar mesmo, mas criar algo que substituísse de acordo com os novos

---

<sup>285</sup> Entrevista a José Gabriel

<sup>286</sup> *Diário de Coimbra*, 22 Junho de 1978 p. 4.

tempos, lamentando também a ausência do fado, mas enaltecendo o seu orgânico reaparecimento, valência essencial para o turismo da cidade.<sup>287</sup>

Começa a ser possível traçar uma lógica progressiva de inevitável retorno das *tradições académicas*, reprimidas que estavam. Depois do grande momento do regresso da Canção de Coimbra, emerge um movimento organizado tendente a fazer o necessário para que Coimbra pudesse assistir a uma volta desta sua dimensão tradicional, e vamos igualmente agora assistindo, numa das principais universidades portuguesas, à realização de valências *praxistas*.

De facto podemos observar na imprensa, nomeadamente o Diário de Coimbra um incremento efetivo de artigos e notícias sobre estas questões por diversas edições. Em entrevista a este mesmo diário, já depois da tomada de posse do seu sucessor, José Gabriel esclareceu a posição em geral da sua direcção sobre a serenata monumental do seminário, na qual estiveram na organização do evento enquanto “ (...) demonstração do que foi uma forma de cultura que ninguém pode olvidar (...) ” e no que se refere a uma possível queima das fitas vai dizendo que a D.G compreendia que a cidade sentisse necessidade da queima, mas que esta já não se adequava à realidade actual da academia tanto em termos culturais como desportivos, e que a “ (...) realização de uma Queima das Fitas movimenta muito dinheiro e a AAC não tem poderes económicos para arcar com as responsabilidades da sua realização”<sup>288</sup>.

Desta forma, confiando mais uma vez no testemunho de estudantes implicados neste processo, verificamos que “ já se está a ver o que vem por aí, há pessoas que começam a redefinir posições. Nesse deve e haver, a questão da praxe, se calhar começa a render alguma coisa. O PSD passa a fase de achar que isto eram coisas do fascismo, começa a achar que daí pode advir algum ganho.”<sup>289</sup>

---

<sup>287</sup> *Idem*, 1 de Fevereiro de 1979 p. 1.

<sup>288</sup> *Idem*, 14 de Março 1979 p. 5-6.

<sup>289</sup> Entrevista a Joaquim Reis

Aliás já aqui tocamos nessa problemática de apropriação da questão “tradição” por parte desta força política. É talvez aqui que se inicia um fenómeno de dicotomia inflexível entre direita e esquerda sobre a questão da *praxe* – “Eles [JSD] aproveitaram aquilo para tentar fazer ali a clivagem direita/esquerda, num falso lugar, eu nunca aceitei isto, e muita gente aceitou que a clivagem passava ali, há muitos factores envolvidos nisto, mas não é por aqui que passa isso.”. Lembramos aqui também palavras da Manuela Cruzeiro, quando nos referiu que “depois começou a ser uma bandeira esgrimida pela direita e pela esquerda, “quem faz a *praxe* é de direita”, também não é bem assim, porque eu vejo muita gente a gostar da queima entre outras coisas que são de esquerda”<sup>290</sup>.

A primeira referência à realização da Semana Académica que encontramos, vem numa entrevista feita pelo Diário de Coimbra a um membro da Direcção da Associação (Jorge Jacob) no seguimento das notícias do dia anterior, que davam conta da realização da Queima das Fitas no Porto – “Não se apelidando de Queima das Fitas, pensa a Direcção da Associação organizar uma “Quinzena Académica” que terá lugar pelos finais de Maio.” “Dá conta de que queriam realizar duas serenatas monumentais, uma no início e outra no fim, um espectáculo no TAGV (Teatro Académico de Gil Vicente), uma noite de variedades, um jogo de futebol comemorativo dos 40 anos da conquista da taça de Portugal de 1939 e dois colóquios, um sobre as perspectivas de futuro profissional dos licenciados e outro sobre a cidade sem tema específico ainda. Refere de igual modo ser objectivo da D.G realizar um inquérito aos estudantes e a população de Coimbra sobre as *tradições académicas*, algo que constaria, supostamente, no seu programa eleitoral – “Não temos nada contras as tradições e achamos que elas não devem ser reprimidas. O surgimento de algumas das suas manifestações estará ligado à vontade que os estudantes demonstrarem nesse sentido.”<sup>291</sup>

A 18 de Maio, na primeira página deste jornal, afirma-se mas solidamente “ (...) vai decorrer de 2 a 10 de Junho Próximo a “Semana Académica”, promovida pela Direcção Geral da Associação Académica de

---

<sup>290</sup> Entrevista a Maria Manuela Cruzeiro

<sup>291</sup> *Diário de Coimbra*, 5 de Abril de 1979 p. 1-4.



Coimbra” – que na visão do diário será “ (...) o reencontro da Academia com a cidade de que tem andado arredada nos últimos tempos e o reencontro da Academia com um conjunto de tradições académicas q a individualizaram e distinguiram de entre as restantes (...).”<sup>292</sup>

Entretanto dá-se outro evento de alguma importante para a consolidação desta dinâmica de possível regresso das *tradições académicas*, nomeadamente através, mais uma vez, da Canção de Coimbra. É portanto em 21 de Maio que se realiza a Serenata Monumental relativa ao II Seminário do Fado que decorria nesse fim-de-semana, mais uma vez organizado pela Câmara Municipal de Coimbra, e onde já aparecem alunos da Escola do Fado do Chiado (criada no seguimento do I Seminário)<sup>293</sup> – “ (...) mais uma Serenata na Sé Velha, com um público ávido, que pode computar-se em vários milhares.”<sup>294</sup>

Dias depois a 2 de Junho começava a Semana Académica, que foi, na sua essência uma “proto-queima das fitas” e que se assumiu como um dos principais momentos de regresso legítimo das *tradições académicas*. No que diz respeito à sua Serenata Monumental (mais uma vez a Canção de Coimbra), momento simbólico de início do evento em questão no dia seguinte o Diário de Coimbra referia o seguinte: “Não importa falar em números. Basta dizer que o amplo Largo e todas as estreitas ruas que nele desemboca se encontravam superlotados.”<sup>295</sup>(ver Anexo 16)

Contudo paralelamente e por oposição à Semana Académica, foi organizado o “Dia da Flor” (ver Anexo 9) (levado a cabo por organismos autónomas da Associação situados à esquerda mais afecta à UEC), como forma de comemoração do décimo aniversário da Crise de 69, apresentando como ponto alto a actuação de Adriano Correia de Oliveira, Vitorino, Manuel Freire, Sérgio Godinho e Paulo de Carvalho nos Jardins da A.A.C, exactamente na mesma noite da Serenata Monumental <sup>296</sup>. Ressalvamos o simbolismo de

---

<sup>292</sup> *Idem* 18 de Maio 1979, p.1.

<sup>293</sup> Entrevista a Jorge Gomes

<sup>294</sup> *Diário de Coimbra*, 21 de Maio de 1979 p.1.

<sup>295</sup> *Idem*, 3 de Junho de 1979, p. 4.

<sup>296</sup> João Moura in *Canção de Coimbra – Testemunhos vivos (antologia de textos)* – Edição da responsabilidade do Pelouro da Cultura – DG/AAC - 2002) p.

crispação ainda latente, que tem a presença, nomeadamente, de Adriano Correia de Oliveira nesta actividade, ele que era um dos grandes nomes da Canção coimbrã e que ao contrário de muitos dos seus “colegas”, não cantou na Serenata, mas sim neste espectáculo.

É igualmente necessário dizer, segundo, mais uma vez, o Diário de Coimbra, que este “Dia da Flor” foi analogamente um sucesso, tendo os jardins da A.A.C enchido de estudantes para assistir ao espectáculo, portanto a diferença é que na serenata estava uma grande parcela da população da cidade de Coimbra, junto com os muitos estudantes que também lá marcaram presença, e já de capa e batina.

Tal como disséssemos a Semana da Tradição, organizada pela D.G constituiu-se como uma espécie de ensaio para a Queima das Fitas, e nesse sentido compôs-se de grande parte das actividades tradicionais pertencentes à aquela festa.(ver Anexos 29, 32) Desta forma, houve venda da pasta (segundo o Diário de Coimbra, venderam-se 12 mil pastas<sup>297</sup>), evento que revertia (e continua a reverter) para a Casa de Infância Dr.Elysio de Moura, existiu já um baile das faculdades com muita adesão. Fez também parte das festividades um festival aéreo, no qual se incluíram prestações dos “Asas de Portugal” e um espetáculo de paraquedistas no estádio universitário <sup>298</sup>.

Houve, no mesmo sentido, uma garraiada na Figueira da Foz (ver Anexo 31 e 33) com 1200 estudantes, num percurso até aquela cidade pejado de festa e saudações de alegria por parte de diversas populações, tendo, presentes, à chegada a Figueira umas centenas de pessoas para saudar novamente os estudantes. A praça estaria cheia com mais de 5000 pessoas <sup>299</sup>.

Depois, na vinda para Coimbra, o mesmo cenário de festa, havendo uma recepção calorosa na Estação Nova – “À chegada à Estação Nova uma pequena multidão os aguardava (...) e os estudantes foram efusivamente saudados por toda aquela gente (...). Da significação dessa atitude que cada

---

<sup>297</sup> *Diário de Coimbra*, 5 de Junho de 1979, p.5.

<sup>298</sup> *Idem*, 12 de Junho de 1979, p. 5.

<sup>299</sup> *Idem*, 12 de Junho de 1979, p. 9.

um conclua por si. Ela dispensa-nos comentários. (...). Em cortejo os estudantes seguiram pela Portagem, Calçada e Sá da Bandeira. Atravessaram a Praça da República sem incidentes (...). Dirigiram-se à zona da Universidade e por aí dispersaram (...)”<sup>300</sup> .

No entanto torna-se imprescindível referir aqui que para além do que foi dito, a Semana Académica não decorreu sem percalços. E importará, de igual modo, referir alguns aspectos acerca da sua organização, sob pena de perdermos a essência do que se passou e passarmos a ideia de um simplista primeiro restauro das *tradições académicas coimbrãs*.(ver Anexo 10)

Nessa linha, e como já tinha acontecido em 1978, o Diário de Coimbra apela para que “ (...) não venha a acontecer o que se passou na madrugada da última serenata (no Sábado passado) [na referida Serenata do II Seminário do Fado], quando um grupo de rapazes e raparigas, que, de capa e batina a ela assistiram, foram depois esperados e selvaticamente agredidos junto aos Arcos do Jardim.”<sup>301</sup>

Havia grande receio, justificado, da noite da Serenata Monumental, devido à coexistência da sessão de canto livre do Dia da Flor, que, inicialmente estava marcada para o mesmo local. Previa-se que, a continuar assim, algo pudesse correr efetivamente muito mal, no entanto houve alguma concertação dos organizadores das duas actividades e o Dia da Flor passou para os Jardins da A.A.C, reservando-se a Sé Velha para a Serenata, onde já estava programa há mais tempo até.

Se nessa noite as questões foram relativamente dirimidas, não podemos dizer o mesmo de um conjunto de situações que ao longo da “Semana Académica” foram evidenciando o facto de haver sectores apostados a prestar uma oposição mais activa a este processo de retorno.

Assim registamos logo no dia seguinte à serenata, actos de violência perante estudantes de capa e batina evidenciados pelo Diário de Coimbra, os quais terão o seu ponto alto quando ex-membros do Orfeon se dirigiam a A.A.C

---

<sup>300</sup> *Idem*, 12 de Junho de 1979, p. 9.

<sup>301</sup> *Diário de Coimbra*, 25 de Maio de 1979, p. 9.

e se viram envoltos numa cena de pancadaria nos jardins da Associação, com a agressão e o rasgar da capa de um dos indivíduos em questão, que já não vinha a Coimbra há mais de 20 anos e que sem querer foi parar aos jardins, onde foi agredido por um conjunto de indivíduos ligados à extrema-esquerda que interpretaram a presença do antigo estudante como um provocação.<sup>302</sup>(ver Anexo 17 )

Relativamente a este acontecimento, pensamos que coincide com a descrição de José Gabriel, descrição essa que demonstra, por outro lado, mais uma vez, a posição da UEC – “ Agora eu estou a dizer isto, mas havia gente que estava disposta a ser activamente contra. Um dia há uns velhotes que vêm cá fazer um encontro e queimam-lhes as capas ali mesmo! Enfim é aquela gentalha, uns indivíduos dos galifões e dos copofónicos, uns indivíduos difíceis, bem e vão-se pôr a chatear os senhores, nós acabámos por ter de defender os senhores e depois expliquei-lhes que nós não tínhamos nada a ver com aquilo. Isto foi no jardim da A.A.C. Isto não tem nada a ver connosco, alto e para o baile. Era o que mais faltava, então os homens estavam ali, que mal é que eles iam fazer a alguém...”<sup>303</sup>.

Na própria venda da pasta, que não podemos olvidar ser uma acção de solidariedade, temos registos de vários incidentes, em certas zonas da cidade, grupos houve que andaram a roubar as capas aos estudantes que participavam na acção solidária. Aconteceu mesmo um incidente com um revolver que não chegou a ser usado, numa dessas tentativas de agressão e roubo da capa, cujo estudante de capa e batina em questão dizia ao jornal já ter sido agredido no sábado, tendo optado por precaver-se um pouco radicalmente. Ao mesmo tempo, há registos de mais incidentes do género na portagem.<sup>304</sup> “ (ver Anexo 17)E de facto houve um momento em que nós chegámos à conclusão que teríamos que responder, porque havia esperas, houve bofetada, houve tiros disparados para o ar, indivíduos que tinham pistolas que eram das famílias e que as trouxeram”<sup>305</sup>

---

<sup>302</sup> *Diário de Coimbra*, 5 de Junho de 1979, p. 5.

<sup>303</sup> Entrevista a José Gabriel

<sup>304</sup> *Diário de Coimbra*, 5 de Junho de 1979, p. 1.

<sup>305</sup> Entrevista a Joaquim Reis

Pelo exposto se poderá observar que, de forma evidente, o processamento do reavivar das *tradições académicas* não foi feito sem dificuldades e com consensualidade. Apesar de uma das grande forças político-partidárias jovem assumir uma posição, novamente, de contemporização, sendo no entanto contra e apresentando os seus argumentos, contudo numa posição de contestação ideológica pacífica não se prestando a combater em termos práticos essa questão, a verdade é que verificamos críticas fortes às actuações violentas de grupos mais extremistas, que tentaram consecutivamente boicotar os eventos “escolhendo a via da anarquia”<sup>306</sup>, que também são fortemente criticados pela generalidade dos comerciantes de Coimbra, sector obviamente interessado em ansioso pelo regresso de festas como a Queima das Fitas.

Sobre esta oposição cerrada afirma José Gabriel –“ houve essa oposição, mas foi um bocado um esquerdismo serôdio “<sup>307</sup>.

Por seu lado o diário de Coimbra menciona que uma clivagem na academia por causa destas questões, que reflete o contexto do próprio país, colocando de um lado aqueles que querem cortar definitivamente com o passado do outro aqueles que aceitam o passado retirando dele o que é mau e assumindo o que dele é bom.<sup>308</sup>

Por outro lado, no que concerne ao desenvolvimento e organização desta “Semana Académica”, momento crucial para o fenómeno de reaparecimento da *praxe académica de Coimbra*, há que fazer algumas referências – “a D.G queria cavalgar a onda, mas eles foram importantes institucionalmente, no entanto quem deu o corpo às balas, aí já foram outros, nomeadamente o Movimento Pró-Reorganização e Restauração da Praxe Académica de Coimbra”.<sup>309</sup>

No sentido desta afirmação, vai também o então estudante e militante pelo regresso das *tradições académicas* Joaquim Reis, que relativamente ao protagonismo da direcção afecta à JSD, vai afirmando “ quando chega a

---

<sup>306</sup> *Diário de Coimbra*, 12 de Junho de 1979, p. 1.

<sup>307</sup> Entrevista a José Gabriel

<sup>308</sup> *Diário de Coimbra*, 5 Junho de 1979, p. 5.

<sup>309</sup> Entrevista a Carlos Carranca

primeira Direcção-Geral eleita democraticamente saída dos quadros da JSD, acha que é na questão da praxe que tem algo que pode ser uma mais-valia em termos de adesão, porque é algo que pode unir, mas não podemos esquecer que o Movimento Pró-Reorganização tinha tido o seu primeiro comunicado já em Abril de 1978, logo, bem antes das eleições. Portanto tivemos reuniões para saber das intenções da D.G, onde eles referem esse objectivo de realizar a Semana Académica inquirindo a nossa opinião sobre o assunto”<sup>310</sup>. Desta forma a partir daí, como nos refere o antigo estudante, administrativamente e burocraticamente o evento “Semana Académica” seria organizado pela Direcção, na rua quem estaria seria o Movimento, teria membros em quantidade suficiente e necessária para realizar todo o trabalho de sensibilização e para agir de forma, mais ou menos activa quando fossem confrontados com reacções violentas que se adivinhavam e que, de facto, chegaram a tomar lugar.

Não obstante estas questões, em termos objectivos, a Semana Académica marca mesmo aquele consideramos ser o segundo momento crucial para descrever o processo de regresso da *praxe académica de Coimbra*, atendendo a que o primeiro, quanto a nós mais uma vez, se trata a primeira Serenata Monumental depois da Crise de 69 integrada no *I Seminário do Fado*. Como se referia na altura, subtraindo as diversas clivagens, a adesão ou recusa e a pertinência ou não deste processo evolutivo, parece inevitável que determinadas dimensões da *tradição académica* estão e impor-se ao fim de anos -“ A partir de agora a opção está tomada”<sup>311</sup>.

### **3.5 O regresso da Queima das Fitas**

O caminho percorrido culminará na realização da primeira Queima das Fitas desde há vários anos. É esse o último grande momento simbólico constituinte deste percurso, a partir da Queima das Fitas, ocasião mais alta da *tradição coimbrã*, pensamos que se institucionaliza de novo a presença da

---

<sup>310</sup> Entrevista a Joaquim Reis

<sup>311</sup> *Diário de Coimbra*, 3 de junho de 1979 p. 4,

*praxe académica de Coimbra* dando um fim a um Luto Académico cujo sentido se transfigurou durante a sua existência.

Depois da realização da Semana Académica, ainda em Julho surge um outro movimento tendente a recuperação das já referidas dimensões tradicionais, denominado *Praxis Academiae Conimbricensis* (PAC)( ver Anexo 20), anunciando que em Novembro próximo levaria a cabo iniciativas no sentido do regresso das *tradições*, a saber uma revista, cartazes, publicação de programas/comunicados sobre a praxe, organizar uma semana coimbrã mobilização dos meios de comunicação social ir a lares e residências estudantis entre outras actividades<sup>312</sup>.

Segundo Joaquim Reis, tratava-se de aglomerado de estudantes em que teve papel importante Teixeira Santos da Associação dos Antigos Estudantes, (aliás em outros momentos Joaquim Reis leva-nos à conclusão de que os antigos estudantes também teriam tido um papel relevante para o retorno) – “ [Teixeira Santos] foi um dos elementos fundamentais no aparecimento de um outro grupo que surge mais tarde, bem mais tarde que é o PAC – o ” *Praxis Academiae Conimbricensis*”, que nos chamavam a nós radicais”<sup>313</sup>. Curiosamente Carlos Carranca refere que aquele grupo seria mais “tradicionalista”.

Sobre os citados objectivos deste movimento, ressaltamos que se chegou a realizar a chamada “Semana da Tradição” onde o Movimento Pró-Reorganização e Restauração da Praxe Académica de Coimbra apesar de apoiar a iniciativa não esteve na sua organização. Esta actividade teve inicio a 7 de Dezembro de 1979, organizada pelo PAC começando com um desfile com estudantes de capa e batina da portagem até à alta universitária, tendo a frente os tradicionais gaiteiros com as saudações do povo de Coimbra “ (...) numa demonstração inequívoca de que a cidade de Coimbra quer voltar a ver as capas dos estudantes (...)”<sup>314</sup>. Depois houve um colóquio na FLUC subordinado às *tradições académicas*, a seguir um jantar nas cantinas das

---

<sup>312</sup> *Diário de Coimbra*, 26 de Julho 1979 p. 5.

<sup>313</sup> Entrevista a Joaquim Reis

<sup>314</sup> *Diário de Coimbra*, 8 de Dezembro de 1979 p. 7.

“Químicas” e depois uma Serenata nas escadas da Faculdade de Letras (onde actuou Carlos Carranca).

Sobre esse dia, nomeadamente o colóquio, noticiava desta maneira o *Comércio do Porto* – “Uma praxe que não pode ser saudosista nem sebastianista, mas esperança no futuro e o elo de ligação entre os estudantes, foi defendida por um dos movimentos que lutam pela sua restauração em Coimbra (...)”, mais à frente na notícia, surgem-nos partes do discurso pronunciado por Carlos Carranca (na altura, do MPRRP), e que parecem espelhar os valores e ideias que perpassavam (em certos quadrantes) esta tentativa de retoma das *tradições académicas* (que aliás podemos igualmente encontrar na nossa entrevista), referia o então estudante, que neste processo se deveriam acabar “ “com os castigos medievais e anacrónicos, recuperando o resto, o necessário para tornar lógico o uso da capa-e-batina , que não deve ser, nem será símbolo elitista de estudantes que vestem a “farda” para se separarem do resto da Academia.” “ e remata - “ ”A boémia irresponsável morreu! Tem que ficar enterrada! Mas a Coimbra da juventude alegre, responsável, temperada de espírito académico, de piada fina, dialéctica, nacional, essa, na sua saudosa esperança, há-de cantar, renovada os seus fados, que são a mais completa e genuína expressão musical do povo” (...) ” A tradição, a praxe só se admite em liberdade” (...) ”<sup>315</sup>.

Já em 1980 (princiando em 18 de Janeiro desse mesmo ano), temos uma “Semana de Recepção ao Caloiro” em que funciona a mesma lógica da Semana Académica ou seja “é o Movimento que fornece a mão-de-obra, digamos, de rua, não a mão-de-obra administrativa, aí como se organiza, quem é que paga isto, quem fornece aquilo seria claro a D.G”<sup>316</sup>.

Este evento teve um cortejo à moda da “Latada”, também perdida depois de 1969.<sup>317</sup> “Achámos que ainda não havia a força nem a capacidade suficiente para fazer sete Latadas [uma por faculdade] como no passado, ia dar aso a problemas, podia não dar a primeira, nem a segunda, mas na terceira, quarta, quinta e por aí fora era evidente que algo iria correr mal” (é por causa

---

<sup>315</sup> *Comércio do Porto*, 10 de Dezembro de 1979 p.5.

<sup>316</sup> Entrevista a Joaquim Reis

<sup>317</sup> *Diário de Coimbra*, 22 de Janeiro de 1980 p. 1-4.



disto, aliás que hoje em dia existe apenas um cortejo da “Latada”<sup>318</sup>.(ver Anexo 22)

Ainda no Diário de Coimbra de 18 de Janeiro, fala-se de que tudo aponta para a realização efectiva da Queima das Fitas este ano. Na página seis em entrevista, Ferrer Correia (então Reitor da Universidade de Coimbra) refere em relação ao regresso progressivo das *tradições* – “No meu modo de ver, não são as tradições que entorpecem o progresso, mas sim a vontade de permanecer no passado.”<sup>319</sup>

Finalmente, a 21 de Janeiro liam-se as seguintes palavras na primeira página do diário de Coimbra – “ Em Maio realizar-se-á em Coimbra a Queima das Fitas”. A Direcção-Geral anunciou no “Sarau da Semana de Recepção ao Caloiro”, (no TAGV com a Tuna da Universidade de Salamanca, e grupos de Canção de Coimbra, entre outros) a realização da Queima das Fitas, sendo que a respectiva comissão organizadora já estava praticamente concluída – “O público aplaudia de pé e vibrantemente a noticia, a dizer bem o quanto aquela realização académica é do gosto da população de Coimbra”<sup>320</sup> referia o jornal citado.( ver os Anexos 21 e 37 )

No sentido do que era objectivo do MPRRP, já a 6 de Janeiro um novo Conselho de Veteranos elege novo *Dux Veteranorum*, Mário de Oliveira Pinheiro, que, formalmente, determinou a efectivação do regresso da *praxe académica de Coimbra*, sendo que suspendia todos os elementos punitivos que estavam presentes no *Código da Praxe*.<sup>321</sup>

Assim se iam cumprindo os objectivos daquele movimento, que já enunciamos.”Nós cumprimos os nossos objectivos, não pretendemos ser nenhum grupo de pressão, portanto o movimento extingue-se por si.”<sup>322</sup>No entanto, será deste movimento que surgirá, um pouco como extensão cultural, a Secção de Fado da A.A.C, tendente a preencher um determinado vazio

---

<sup>318</sup> Entrevista a Joaquim Reis

<sup>319</sup> *Diário de Coimbra*, 18 de Janeiro de 1980 p. 6.

<sup>320</sup> *Idem*, 21 de Janeiro de 1980 p. 1.

<sup>321</sup> Jorge Cravo, *O Neo-Modernismo na Canção de Coimbra ou o Advento da Escola Goesiana*, Minerva Coimbra, 2009, p. 206.

<sup>322</sup> Entrevista a Joaquim Reis

cultural na Academia. Uma secção que ainda hoje preenche muitos dos espaços culturais da Academia de Coimbra.

Nesta sucessão de acontecimentos, em 6 de Março, à segunda volta disputada com uma coligação de estudantes socialistas e comunistas, vence a “*Lista A*” a corrida para a Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, lista essa que “ (...) apoiava a realização da Queima das Fitas, da Semana de Recepção ao Caloiro, da Tomada da Bastilha e o engrandecimento do Museu Académico (...) ”.<sup>323</sup>

Ainda nesse mês surge já a apresentação por parte de elementos da recém-formada Comissão Central organizadora da Queima das Fitas, do programa da festa em questão que se realizaria de 23 a 28 de Maio, com Serenata Monumental no dia 23 à meia-noite, baile de gala das faculdades no sábado 24, domingo 25 a garraiada na Figueira da Foz. Segunda-feira, venda da pasta e verbana, terça-feira um dos grandes momentos, o cortejo dos quartanistas; quarta-feira chá dançante, sendo que todos os dias haverá “festival” no parque da cidade, sendo uma noite subordinada a cada uma das faculdade.<sup>324</sup>( ver Anexo 24)

Releve-se também uma notícia sobre a posição da ACIC (Associação Comercial e Industria de Coimbra), de apoio completo à “Queima” e a sua sugestão para que todos os comerciantes na cidade enfeitassem as suas montras com elementos alusivos à festa em questão que estava para vir e às *tradições académicas* de Coimbra.<sup>325</sup> Esta tomada de posição leva-nos a relectir sobre a importância deste regresso, para os comerciantes, mas não só, para todo o tecido económico desta cidade tão dependente dos seus estudantes. Enquanto momento de pico de turismo e de movimentações de capitais, a Queima das Fitas não teve nos anos de *Luto* algo que a substituísse, e vale a pena recordar as palavras de Jorge Seabra quanto a questão aos comerciantes em específico e a Queima<sup>326</sup>.

---

<sup>323</sup> Alberto Sousa Lamy, *ob.cit.*, 1990, p. 350.

<sup>324</sup> *Diário de Coimbra*, 26 de Março de 1980 p. 1.

<sup>325</sup> *Idem*, 8 de Maio de 1980 p. 4.

<sup>326</sup> *Vide* a página 79 deste trabalho.

“De 22 a 28 de Março de 1980, após um interregno de 11 anos (1968-1979), voltou a realizar-se a *Queima das Fitas* em Coimbra.”<sup>327</sup>

Referia-se, no dia seguinte quanto à Serenata Monumental de abertura da renascida *Queima das Fitas*, que havia sido a maior da história<sup>328</sup>, marcando de forma vincada o regresso definitivo e irreversível das *Tradições académicas*.( ver Anexo 25)

Não nos prestaremos a fazer uma descrição dos diversos momentos desta festa, até porque a sua estrutura não foi muito diferente, evidentemente, do seu “ensaio”, a Semana Académica, contudo temos que chamar a atenção para certos aspectos muito marcantes, designadamente o cortejo dos quartanistas - “Mais de 200 mil pessoas assistiram ontem ao maior cortejo de sempre da *Queima das Fitas*”<sup>329</sup>. (ver Anexo 26)

Houve claro incidentes, até de agressões, nomeadamente na Rua Alexandre Herculano, com grupos de pessoas mais radicais, na esteira dos que protagonizaram actos semelhantes durante a Semana Académica, pretendendo demonstrar mostrar o seu desagrado por esta realização, contudo a força do cortejo deveria ser demasiado grande para ser “boicotada”. “O que aconteceu ali [entenda-se o sucesso do cortejo em questão] foi, autenticamente, a liberdade restituída à Academia de Coimbra. Medite-se nisso, pois não pode esquecer-se ter sido a melhor resposta dada por Coimbra a quem tem tentado envenená-la, e destruí-la, servindo-se de métodos aberrantes.”<sup>330</sup> Observações deste género são relativamente abundantes por estes dias e mesmo nos seguintes nas colunas do Diário de Coimbra.

Achamos interessante destacar aqui a reunião de Câmara do dia 30 de Maio onde esta primeira *Queima das Fitas* de Coimbra depois do Luto Académico foi merecedora de uma particular meditação. Os vereadores pertencentes à AD apresentaram uma moção “ (...) em que se frisava o brilhantismo e alegria com que haviam decorrido os festejos daquela

---

<sup>327</sup> Alberto Sousa Lamy, *ob.cit.*, p. 243.

<sup>328</sup> *Diário de Coimbra*, 24 de Março de 1980, p.1.

<sup>329</sup> *Idem*, 28 de Maio de 1980, p. 1.

<sup>330</sup> *Idem*, 28 de Maio de 1980, p. 4.

manifestação académica e se congratulava por isso.” Registamos também a posição do PS que valorizou a questão dando ênfase à evidência da abertura imensa da população coimbricense ao regresso da festividade estudantil, no entanto observa o aproveitamento político de certas forças políticas do evento. O APU (Aliança Povo Unido) vai no mesmo sentido, valorizando por um lado e questionando por outro a não eleição da comissão central que levou a cabo a tarefa de organizar a solenidade estudantil. A moção da AD foi aprovada por maioria com 9 abstenções, 4 do PS e as restantes da APU.<sup>331</sup>

No Comércio do Porto de 25 de Outubro noticiava-se sobre o regresso da tradição da abertura solene das aulas, inexistente desde 1968. O então reitor Ferrer Correia referiu - “ As instituições, como os povos, não se enriquecem com o repudiar do seu passado histórico, e antes em apreço que é na evocação desse passado, tornado presente pelas praxes e os símbolos que revivem, que deve assentar a busca dos caminhos do futuro ”.<sup>332</sup>

É, julgamos, um pouco nesse espírito que se funda a revista “Coimbra de Capa e Batina”( ver Anexo 39 ), idealizada e criada por Carlos Carranca (Diretor-adjunto e Chefe de Redacção) e Miguel Amorim (Director), que, nas palavras do primeiro tinham como objectivo norteador “a vontade de abrir as tradições a todos os sectores e não ficar presa na questão partidária, eu era de esquerda, e o Carlos Amorim mais de direita.”<sup>333</sup> Pensamos nesta revista (donde saíram dois números) um pouco como a expressão cultural e ideológica, pelo menos de uma parte deste movimento geral de recuperação das *tradições académicas*. Na sua declaração de princípios revia-se um pouco o discurso demarcador de Carlos Carranca na Semana da Tradição – “Apoiando a tradição coimbrã (...) riqueza cultural impossível de renegar seremos a força da verdade o alerta das realidades por mais cruéis que sejam. Coimbra não precisa apenas de reviver do passado, tem ela própria – POVO E ACADEMIA – de encontrar o futuro.”<sup>334</sup>

---

<sup>331</sup> *Idem*, 31 de Maio de 1980, p. 4.

<sup>332</sup> *Comércio do Porto*, 25 de Outubro de 1980, p. 14.

<sup>333</sup> Entrevista a Carlos Carranca

<sup>334</sup> Coimbra de Capa e Batina: Revista Académica, nº1 Junho 1980, p.2.

Carlos Carranca refere-nos ainda, em entrevista, a existência e lançamento de uma outra revista durante este processo de volta das *tradições académicas* “Porta da Minerva”, publicação mais ligada, especificamente, ao PAC (saída já em 1979, então como um dos objectivos deste movimento), “uma revista mais tradicionalista, um pouco mais elitista, dentro do conjunto de pessoas que procuravam o regresso das tradições académicas em Coimbra

»<sup>335</sup>

Em jeito de conclusão deste último capítulo, citamos as palavras de Celso Cruzeiro escritas 9 anos depois do renascer da Queima das Fitas de Coimbra – “A ressurreição desta última [a Queima das Fitas], em plena década de 80, vencendo a oposição política artificial que se lhe opunha, é exemplo bem vivo do que vimos afirmando, ou seja, da força material que as instituições coimbrãs assumiam no terreno da vida estudantil. É óbvio que factores externos, designadamente interesses comerciais fortes da cidade, contribuíram decisivamente para essa restauração. Mas o que é necessário frisar é que ela não teria sido nunca possível se tal realização se não encontrasse profundamente radicada no especial modo de vida dos estudantes de Coimbra, no qual alguns aspectos tradicionais assumiram sempre uma importância extraordinária.”<sup>336</sup>

---

<sup>335</sup> Entrevista a Carlos Carranca

<sup>336</sup> Celso Cruzeiro, *ob.cit.* p. 50.

## Considerações finais

Nas últimas páginas escritas desta nossa dissertação, somos instados a reflectir acerca das realizações e alcance que o trabalho desenvolvido nesta investigação permitiu.

Em primeiro lugar pensamos ter conseguido empregar uma metodologia histórica, rigorosa o suficiente para afastar este trabalho da encruzilhada a que têm estado condenadas estas temáticas, mais especificamente o aspecto da *tradição académica coimbrã*. Como referimos na introdução, quisemos ultrapassar a “hagiografia”, por um lado, e por outro a simples análise valorativa de adesão ou não adesão no que concerne a certos aspectos dessa dimensão tradicional. Esta problemática tratada pela nossa investigação foi portanto alvo de uma abordagem histórica e crítica, afastada das tradicionais abordagens, enquanto objecto decisivo para o estudo de uma determinada realidade que é variável influência nas variações e desenvolvimento na história, neste caso, mais recente da história de Coimbra, nomeadamente da sua Academia

Por outro lado pensamos ter estabelecido com algum rigor uma visão acerca de um passado dos estudantes de Coimbra ligada a uma tendência latente de contestação e oposição aos ditames da autoridade. Desde o século XIX, pelo menos, que existe esse fio de luta estudantil que tem em 1969 o seu melhor exemplo. Quisemos realçar que para além das típicas imagens de Coimbra há uma esfera contestatária ao longo da história que é fulcral para o conhecimento destes temas.

Quanto à Crise Académica de 1969 abrimos a perspectiva de um determinado papel da *tradição* estudantil, papel esse que pensamos ter sido fundamental para moldar as características que apresentou este momento histórico. A *tradição coimbrã*, ligada a variados outras dimensões, foi na verdade importante no modo como a Academia conseguiu combater, até certo

momento, a opressão ditatorial. Destacamos aqui pois, o papel das nossas entrevistas com estudantes da época, que foram essenciais para demonstrar em que medida e em que contextos é que isso acontecia.

Procurámos explorar também um pouco da problemática bastante rica do Luto Académico, enquanto processo que se inicia como mecanismo *praxista* e vai evoluir num sentido de imposição da recusa das mesmas tradições académicas que tinham sido incorporadas qualitativamente na Crise de 69, para finalmente terminar naquilo que ficou conhecido como o regresso das tradições académicas.

Como evidenciámos, existe no final dos anos 70 uma convergência de factores, políticos, sociais e académicos que desaguaram num reaparecimento das *tradições* académicas. Podemos por essa altura aí começar a perceber um certo “refluxo” e o fortalecimento política de certos sectores um pouco mais conservadores, que tomou forma na “onda laranja” de 1979/1980, que, em termos formais permitiu e “apadrinhou” essa restauração. As tradições, continuaram, assim, a ser rotuladas como algo do “conservador” e neste caso da direita política, fundando-se mais profundamente aqui uma certa dicotomia esquerda/direita que na altura favoreceu um pouco esse segundo sector político, dado o apoio e o sucesso que teve a restauração das tradições académicas.

Apesar desses dividendos políticos, seria um erro histórico ficarmo-nos por essa explicação redutora. Foi durante a nossa investigação que inferimos o papel importante que teve a eleição de uma D.G/A.A.C situada mais à direita, porém há causas mais profundas, a que fizemos menção importante para este processo, como seja a constituição de grupos de estudantes, que à parte dessa ligação institucional, foram fazendo, à frente da onda política, esse reviver dos elementos da tradição académica de Coimbra, certamente com algumas imperfeições, claro.

Por outro lado, temos que referir aqui a importância central que terá tido, novamente o estudante “comum” neste encadeamento histórico. Com o passar dos anos sabemos que a crispação social entre esquerda e direita potenciada no pós-25 de Abril, vai-se atenuando e há uma cada vez maior

recusa do envolvimento político, principalmente falando nas massas. São precisamente essas massas estudantis que possibilitam o sucesso final e o ressurgimento definitivo das tradições académicas, uma vez que ao afastar-se cada vez mais da argumentação política, quedam-se por aderir simplesmente e viver essa componente conimbricense agora de volta.

Ainda sobre isso realçamos a influência da população de Coimbra. A cidade, no seu todo, apoiou e recebeu algo que se percebeu estar há anos a ansiar. Isso mesmo é perceptível se olharmos os momentos mais significativos que enunciamos na senda da retoma das tradições.

Pensamos que a carência de estudos sobre esta problemática, entre outras desta fase, é um mau sinal. Sintoma de que há um afastamento destes objectos de reflexão histórica, possivelmente pelo facto de ainda serem recentes, havendo o receio de reatar certos problemas. O que é evidente é que este período de tempo tão rico em termos históricos clama pelo surgimento e mais investigações, tendo o factor do testemunho dos intervenientes um papel nuclear na necessidade de trabalhos sobre esta época, sob pena de se perder informação preciosa.

Assim pensamos que se abrem portas a potenciais trabalhos sobre esta fase da história, nomeadamente de Coimbra, com vista ao aprofundamento de determinados elementos explorados nesta dissertação. Nomeadamente sobre a questão política à volta do regresso das tradições, tentando inferir mais acerca dos ganhos e perdas políticas motivados por este processo, a nível da A.A.C, mas também noutros níveis.

No mesmo sentido entendemos que os anos 70, mormente os anos imediatamente antes e imediatamente depois da Revolução dos Cravos, no que concerne à Academia de Coimbra são uma fonte vasta de possíveis investigações, sob várias acontecimentos ou temas, desde o percurso político da A.A.C por estes anos, acompanhando um pouco o contexto nacional ou nem por isso. Ou mesmo a nível dos organismos e secções da A.A.C por estes anos em que tiveram um percurso caracterizado por vicissitudes políticas e associativas das mais diversas índoles.



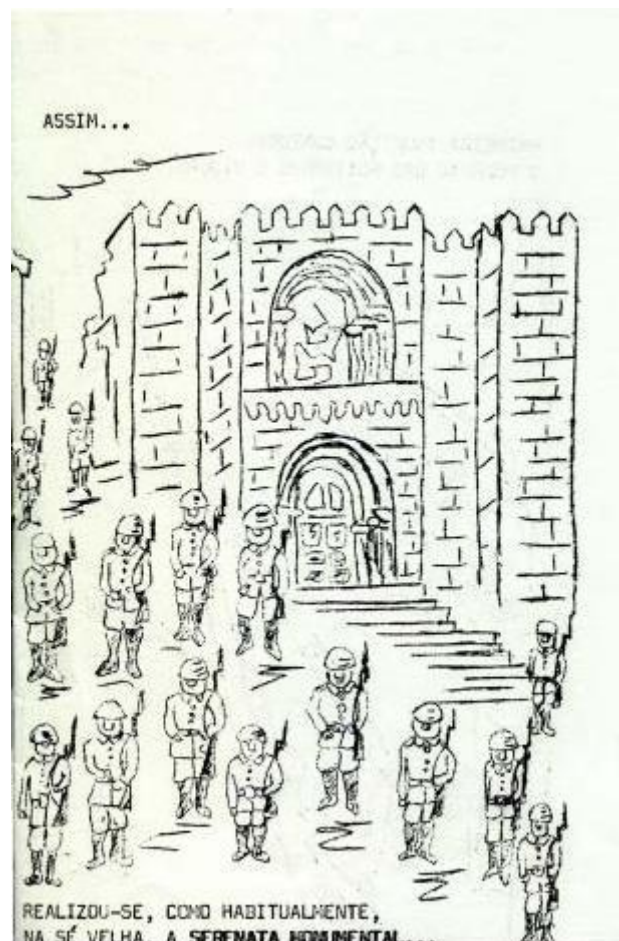
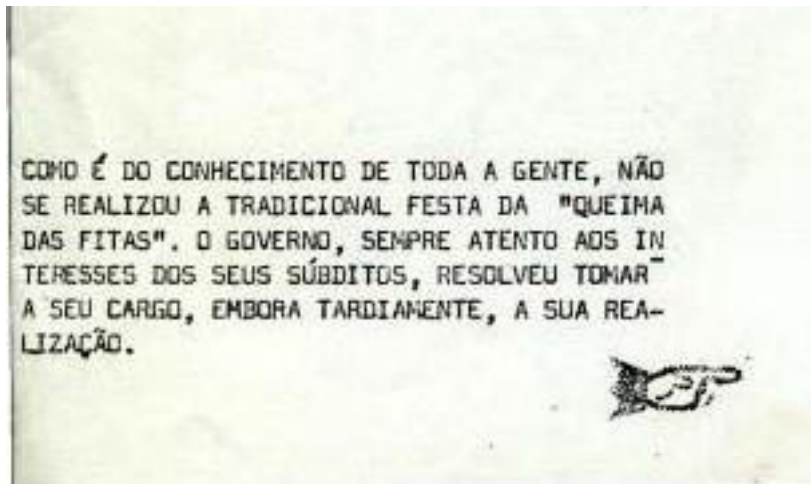
Em retrospectiva temos também de afirmar que o facto histórico que foi o reaparecimento das tradições, trazendo de volta essa componente da vida académica de forma aceite e apoiada pela generalidade da Academia, iniciou um processo que teve uma grande deriva. No tempo presente, enquanto que por um lado, temos um movimento associativo que se apresenta pobremente cativo das juventudes partidárias (e suas directrizes) e da repassagem do modelo político-partidário português, com todas as suas vicissitudes, que tem levado a um desinteresse obvio por grande parte dos estudantes, por outro não se encontra o equilíbrio entre a tradição e o progresso, muito pelo contrário, grassa a descaracterização e a estagnação, mas não só: a tradição coimbrã histórica está hoje refém dos grandes interesses económicos de uma sociedade capitalista, que encontra no lucro a essência de tudo. Da Canção de Coimbra, à Queima das Fitas, fica quase tudo resumido a um aproveitamento turístico, lucrativo, insustentável, cristizador, pobre, sem rumo e sem consciência do ontem ou do amanhã para a rica cultura estudantil, vetando estas questões à estagnação e cada vez mais até à regressão, num sentido completamente contrário daquele que eventualmente seria ideal, o de uma convergência da tradição com um querer moderno, progressista, de olhos postos no amanhã.

Em jeito de remate final, esperamos que esta dissertação tenha logrado alcançar, algures, a ideia da possibilidade de um ponto de encontro entre tradição e progresso, uma vez que cremos em ambos, acreditando igualmente que este trabalho sirva humildemente, para abrir portas perspectivas para o futuro, sabendo que uma história que não seja berço de caminho futuros, fruto do devir do passado, encontrado no presente, será também ela uma história estática, frágil, condenada à condição de ciência ilustrativa de realidades passadas e distantes, dispensáveis conforme a tendência dos tempos, das ideias e das pessoas.

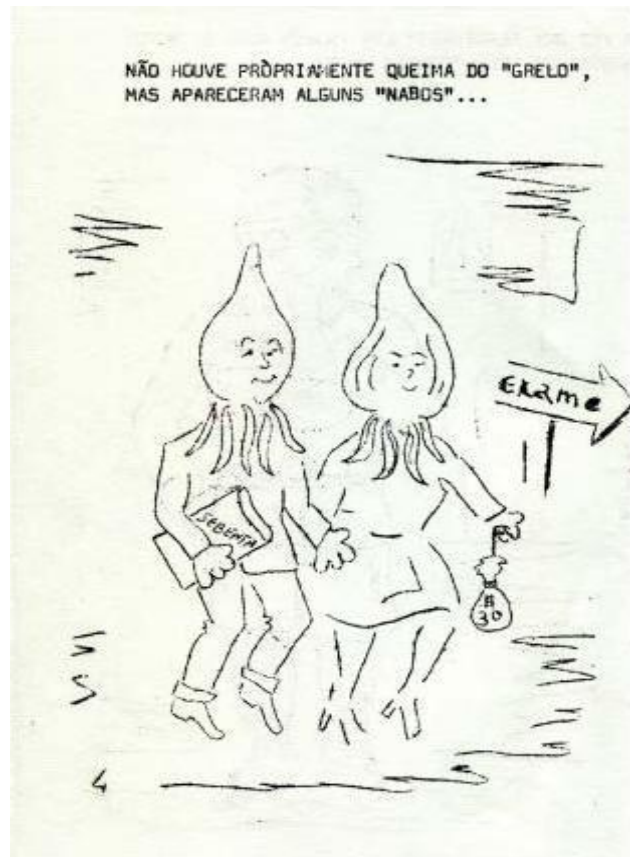
## **Anexos**

Do fundo digital [www.amigoscoimbra70.pt/](http://www.amigoscoimbra70.pt/)

Anexo 1 – Sequência de imagens satíricas relativas à Crise de 69 e à “sua”  
Queima das Fitas



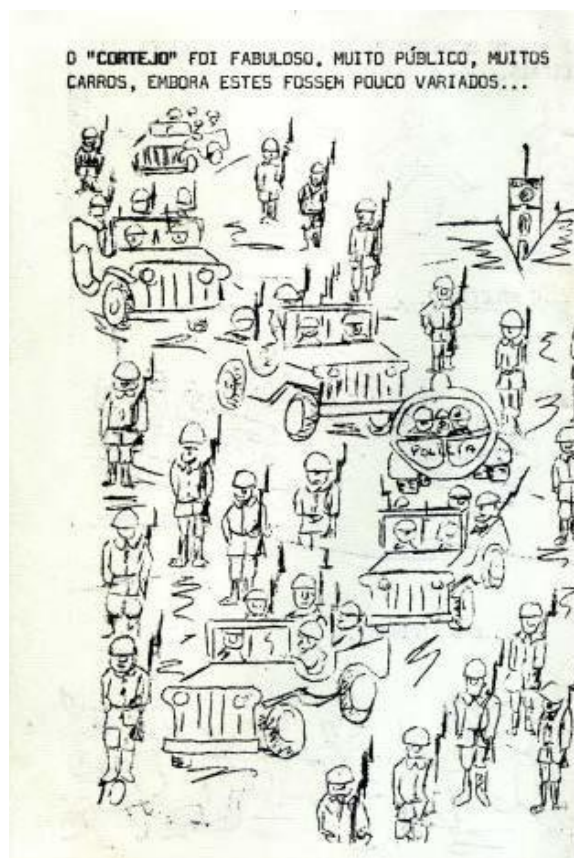






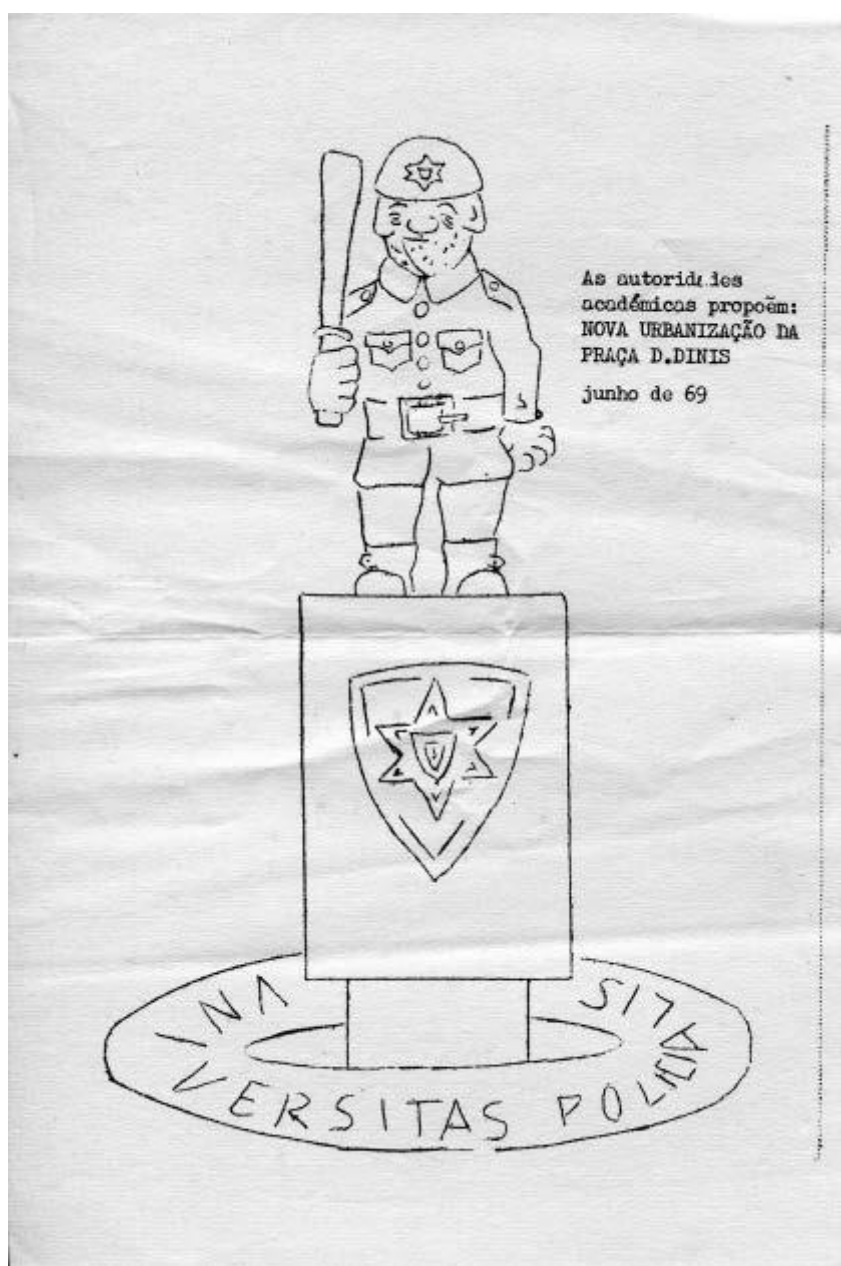




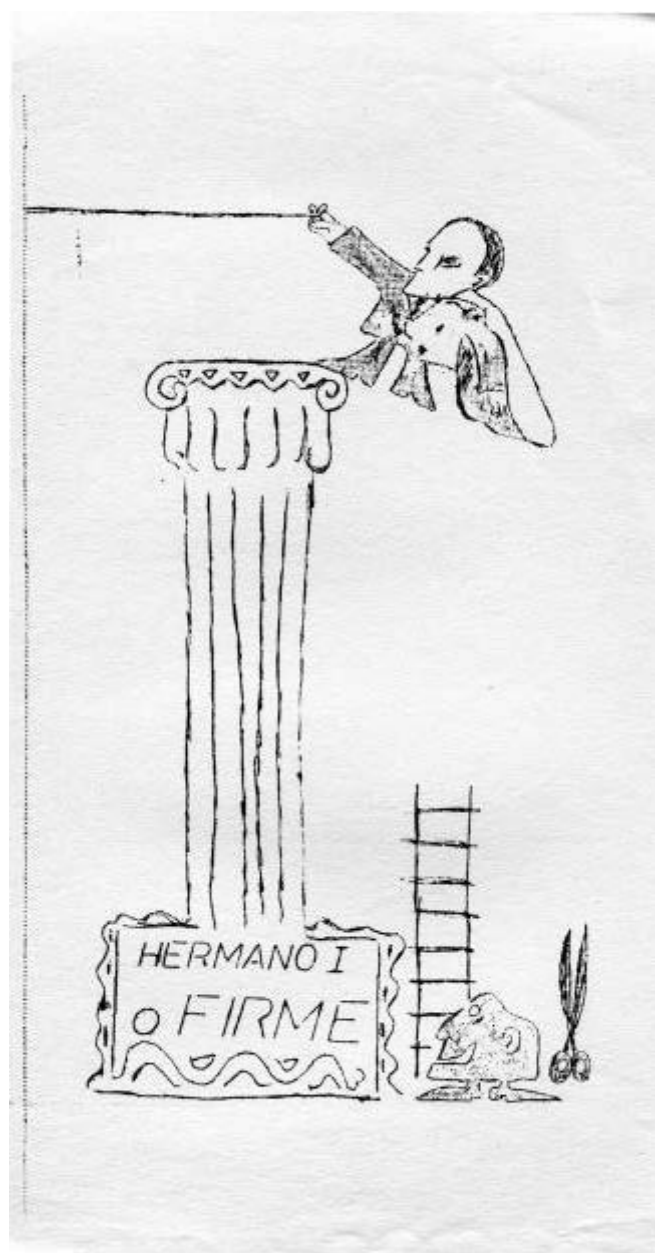




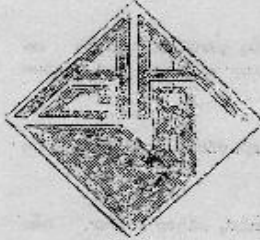
Anexo 2 – Desenho satírico alusivo à ocupação da Alta Universitária



Anexo 3 – Desenho satírico de José Hermano Saraiva



## Anexo 4 – Comunicado da Abstenção a Exames



# ABSTENÇÃO EM EXAMES

No dia 28 de Maio de 1969, em Assembleia Magna, mais de 5 000 estudantes da Universidade de Coimbra (havendo 40 abstenções e 190 votos contra) votaram a seguinte proposta:

- 1 - Considerando que se mantêm as suspensões arbitrárias a 8 dos nossos colegas,
- 2 - Considerando a injustiça dos processos disciplinares e ameaças de processos criminais inapareados e instruídos por autoridades extra-universitárias, com violação clara da autonomia da Universidade,
- 3 - Considerando que não foram levantadas as faltas feitas pela Academia durante o período do LUTO ACADÉMICO,
- 4 - Considerando que a recusa de acitação <sup>de diligência</sup> a 151 Professores ofendeu a boa-fé e a razão de ser do seu corpo docente e discente,
- 5 - Considerando que na recusa do diálogo, o Governo procura, com manobras dilatórias, fugir a uma resposta clara,
- 6 - Considerando que é intransigência, a punição e ao arbótrio se contrapõe a inalienável justiça dos Estudantes da Universidade de Coimbra,

Propostas:

- 1 - Que se decretasse a abstenção de exames (como forma prática de LUTO ACADÉMICO) já decretado na última Assembleia Magna) enquanto não foram satisfeitas as reivindicações estudantis anteriormente definidas:
  - levantamento das suspensões
  - levantamento dos processos de inquérito
  - não marcação de quaisquer faltas durante o período do LUTO ACADÉMICO.
- 2 - Que todos os estudantes, com a sua presença diária na Universidade, assegurem o cumprimento efectivo desta deliberação, tomando, para o efeito, as medidas adequadas de acordo com as condições de cada Faculdade.

As responderam com a única atitude que a coerência lógica do movimento estudantil e de sua luta no momento impõem, os estudantes estiveram à altura de uma grande decisão.

A tarefa dos dias futuros, os grandes actos e as muitas dificuldades exigem desde logo uma expressão colectiva inquebrantável. Ela foi tomada a taxa de se continuar.

Se é certo que, talvez em breve, possamos assistir ao desfile de notas-oficiais, de perfidas longa-linges televisivas ou não, de bon orquestrados e furtivos ameaças a quem tem este ou aquela benefício - atribuído em acto suposto caritativo e não de direito - e também verdade, é óbvio que se saiba, que nada nem ninguém deixará só qualquer estudante, e, que ele sofrer alguma reprochalia, taxa a solidariedade de todos.

A coacção, a força, a chantagem, ou quaisquer "sibilinas facilidades" não bastarão para que a desunião se abrija, pois, onde e em qualquer momento em que estejam os problemas de um estudante, então os problemas de todos e a vitória de todos é a vitória de cada qual.

Como já o fez por diversas vezes, o Governo tentará encontrar, a princípio, fórmula indirecta de suprimir. No alvitro do tempo e na sua duração procurará, sem jamais o conseguir, quebrar os alicerces da firmeza.

Porém, a eficácia da medida de abstenção em exames está, desde logo, garantida com o número global de estudantes que a determinaram. Poranto a decisão colectiva, o Governo terá

de satisfazer as reivindicações dos estudantes e quem quer que à decisão geral se oponha em acto individual de traição não a está a pôr em causa, porque ela tem seus portantes nos estudantes que a votaram.

Interessa, não só para a eficácia da medida, mas para o seu aperfeiçoamento que os estudantes se constituam em esforço de acção.

Nos servidores da mentira, nos sempre venalidades da consciência, talvez digam não mais encorajados.

Se não pusesse a solidiedade e oito que tiveram a honra de defender posições de autq  
ria de oito mil, se não pusesse a solidariedade de cada um consigo próprio em coerência de digni  
dade, se não pusesse a voz forte e digna da Académia de Coimbra, então a esses, os que estão de  
fora da barricada, cumpram-lhes o desfile dos traidores.

Se não pusesse a solidariedade e oito que tiveram a honra de defender posições de autq  
ria de oito mil, se não pusesse a solidariedade de cada um consigo próprio em coerência de digni  
dade, se não pusesse a voz forte e digna da Académia de Coimbra, então a esses, os que estão de  
fora da barricada, cumpram-lhes o desfile dos traidores.

Mes quem fará tal papel de algeiz?

Quem no dia da luta desertará e irá furtivo para a barricada de Polícia?

Não mais um estudante. Porque os autênticos estudantes, dignos, firmes de verdade, fi  
cam do outro lado.

No dia 2 de Junho, à hora marcada, esses estarão juntos no seu posto. Esses, os au  
tênticos estudantes de Universidade de Coimbra, desfilarão à Nação e à História a sua verda  
de.

Coimbra, 30 de Maio de 1969

A DIRECÇÃO GERAL DA A.A.C.



Anexo 5 – Fotografias alusivas à ocupação da Alta Universitária no seguimento da Greve a Exames







Anexo 6 – Comunicado do *Dux Veteranorum* acerca do Luto Académico

A A C A D E M I A

Um indivíduo tem procurado lançar a confusão entre os estudantes sobre a validade do decreto que impõe o Luto praxístico.

Para todos os que, de boa-fé, possam ter sido induzidos em erro, afirma-se que o referido é inteiramente válido—aliás qualquer deliberação em contrário só poderia ser tomada em Conselho de Veteranos— e lembra-se que as infrações ao Luto acarretarão as sanções de Praxe apropriadas.

Coimbra, 19 de Fevereiro de 1970

O Dux Veteranorum da Academia de Coimbra

Anexo 7- Comunicado "Os reaccionários tiveram a queima que mereciam",  
contra uma tentativa de recuperar a festividade

## OS REACCIONÁRIOS TIVERAM A "QUEIMA" QUE MERECEM

1. Em Maio de 1969 decidiram os estudantes de Coimbra não realizar a "Queima" desse ano. Na verdade, as duras condições repressivas que então se viviam em Coimbra eram totalmente contraditórias com o espírito que até aí a "Queima" tinha revestido, enquanto jornada de festa e confraternização dos estudantes. As jornadas de luta de 1968 vieram quebrar o imobilismo de três anos de Comissões Administrativas, reacendo definitivamente os caminhos de uma luta a travar contra uma Universidade caduca, desmontando os mecanismos de selecção e autoritarismo que o ensino revestia e de que a Universidade era um espelho.

E se em 68 a "Queima" não se realiza por razões bem concretas (suspensão de dirigentes e mais medidas repressivas), os anos seguintes dão a verdadeira dimensão a esta festa toda voltada para si, como numa auto-contemplação totalmente abstraiada da realidade a que os estudantes já não eram alheios.

Sabendo da sua situação de privilégio, os estudantes de Coimbra recusam-se a contentá-la numa "Queima" que só para isso serve.

Cada vez mais abandonada, a "Queima", vem a ser hoje o refúgio dos sectores mais reaccionários, a cartada desesperada com vista ao recto (impossível) da consciência estudantil e uma manobra de diversão do eixo central de luta dos estudantes de Coimbra neste momento: abertura da AAC, liberdade de reunião e informação.

2. Face às manobras acima descritas a reacção dos estudantes foi extremamente clara e deve ser dissecada na generalidade as actuações que mais relevância tiveram nos últimos dias.

Em primeiro lugar as concentrações enormes de estudantes nos locais que eram previstos, ou possíveis, para a realização da "Queima". É difícil fazer um balanço exacto deste aspecto, mas não haverá grande perigo, ou margem de erro se se afirmar que pelo menos 3500 estudantes colaboraram no "boicote" à "Queima", quer na Escola Brotero.

Por outro lado, a manifestação do Bairro Marechal Carmona, não englobando todavia todos os estudantes que se juntaram frente à Escola Brotero, deve fazer concluir por uma grande prova de combatividade e de coragem. Af, para além da demonstração evidente de quais os actuais objectivos associativos dos estudantes de Coimbra, também a tomada de posição de muitos estudantes presentes sobre vários problemas políticos actuais deixa entrever o crescimento do seu grau de consciência. Igualmente prova de grande combatividade foi a actuação generalizada dos estudantes demonstrando nos procedimentos, PIDEs e polícias que as forças que montam conjuntamente e a repressão sistemática que montam e servem, nem sempre são cobertas com impunidade e por vezes são mesmo pagas duramente.

Um aspecto final a vincar é as dificuldades de organização que neste momento persistem ainda no Movimento Associativo. Estas dificuldades também foram detectáveis nestes dias. Igualmente já foi dito que a causa fundamental destas dificuldades tem a sua explicação na vaga repressiva que em primeira mão se pretende atingir.

É importante referir o que a cada momento notória a combatividade e a participação massiva dos estudantes de Coimbra nas suas lutas actuais, ultrapassa de longe a capacidade de organização de que dispõem. Mas mais importante é concluir pela urgente necessidade de alterar estas disparidades. As deficiências das estruturas associativas constituem objectivamente um ponto fraco no M.A. de Coimbra, que não se justifica sómente pelo encerramento da A.A.C. . Compreender esta questão é essencial e a todos nós compete compreendê-la e solucioná-la.

3. a) A "Queima" que aparece como uma iniciativa na qual se encontram inicialmente envolvidos todos os sectores da reacção, ocorre num baile de baile de filhos de polícias, transportados em carros da P.I.D.E.-D.G.S. para um local isolado.

b) O que não significa que a reacção tenha esgotado as suas baterias: ela não vai decerto, abalançar-se a provocações tão espectaculares nos próximos tempos. Procurará outros caminhos mais neutrais: o festival de Cores do Orfeon, marcado para 1973, é uma iniciativa "artística", capaz de dar menos nas vistas e de não ser imediatamente compreendida pelos estudantes como um ataque ao seu Movimento. Entretanto os órgãos (políticos) governamentais escarregar-se-ão de lhe dar todo o conteúdo (político).

c) Mas, porque estará a reacção tão predestinada para o falhanço? Porque será que de cada gracinha reaccionária não retira senão as pedras cada vez mais numerosas em que se constrói a estátua da sua derrota?

Porque os reaccionários não respondem aos interesses dos estudantes, iludem-nos. Porque os reaccionários perderam definitivamente a simpatia da juventude universitária nos combates sem glória onde defendem os seus privilégios. Porque os reaccionários são uma carcaça em decomposição e das carcaças condenadas até os ratos fogem.

Assim, também aqueles que ignoram a consciência estudantil, que confundem os objectivos em causa, que pretendem substituir as exigências sentidas massivamente e pelas quais nós estamos dispostos a bater-nos unidos por outros, em relação às quais se impõe ainda um trabalho árduo de esclarecimento e cuja condução não nos compete, esses, arriscam-se também a isolar-se nas veredas do seu sectarismo, a constituir com o peso que o seu cisionismo inevitavelmente acarreta, um factor a subtrair a cada vitória, uma fonte de energias perdidas no interior do Movimento.

d) A "Queima" foi sentida como uma faceta de repressão governamental, levada a cabo pelos seus acólitos na Universidade, e como tal foi combatida por milhares de estudantes e desprezada por todos. Dar conteúdo a este combate e a este desprezo é avançar as propostas de reabertura da A.A.C., de normalização da vida sindical nos cursos e nas Faculdades, numa Assembleia Magna onde os estudantes decidam eles próprios os caminhos a dar à sua luta.

CONTRA A "QUEIMA"    CONTRA A REPRESSÃO    ABERTURA DA A.A.C.

ASSEMBLEIA MAGNA

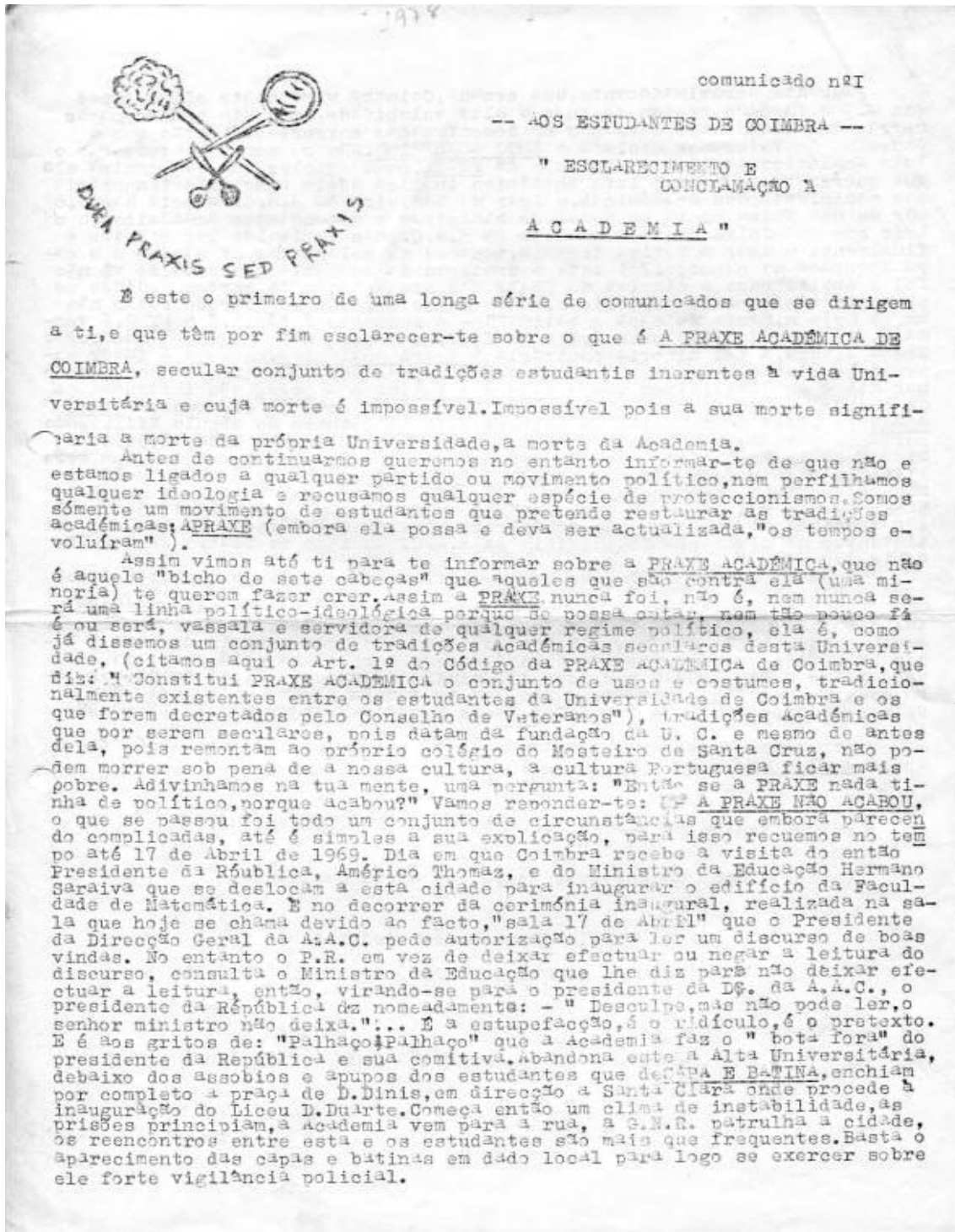
POR UM MOVIMENTO ASSOCIATIVO DE TODOS OS ESTUDANTES

Coimbra, 17 de Maio de 1972

COMISSÃO ASSOCIATIVA



Anexo 8 – 1º Comunicado do Movimento Pró-Reorganização e Restauração da Praxe Académica de Coimbra



Anexo 9 – Programa do “Dia da Flor”

# DIA DA FLOR PROGRAMA

Os organismos Autónomos da Associação Académica de Coimbra, as Secções Culturais e Desportivas da A.A.C., em cooperação com outros organismos Culturais representativos da Cidade, pretendem levar a cabo uma jornada cultural coincidente com a data do dia 3 de Junho — Data em que se comemora 10 anos sobre o dia que em 69, os estudantes em luta contra a repressão policial fascista realizaram a MANIFESTAÇÃO DA FLOR.

Esta data e esta luta, ganharam assim uma simbologia de luta, de unidade, de aliança, de democratização e emancipação cultural.

Para tanto, 10 anos volvidos, a Comissão Promotora pretende levar a cabo as seguintes realizações:

## DIA 1 DE JUNHO

- 21h30 - Espectaculo com coros Académicos, Tuna e Ateneu no Teatro de Gil Vicente

## DIA 2 DE JUNHO

- 10h - Futebol: AAC - Cooperativa de Barcouço, no campo de Santa Cruz.
- 10h45 - Ginástica pela secção de Ginástica da AAC, no campo de Santa Cruz.
- 11h - Basquetebol entre as duas formações da AAC, no campo de Santa Cruz.
- 11h - Estafeta atleética com a presença de atletas da Secção de Atletismo da AAC. e outros atletas, com o seguinte itinerário:  
Partida das escadas Monumentais, passando pela rua Oliveira Matos, con- tornando a Praça da República, Avenida São da Bandeira, Praça 8 de Maio, Rua da Louça, Rua dos Sapateiros, Praça Velha, Escadas do Gato, Largo da Portagem, encontrando-se aí com as cooperativas do Barcouço e Orentã regressando em sentido inverso, mas transportados em tractores.
- 12h - Sketch TEATRAL nas Escadas MONUMENTAIS e no ÁTRIO DA UNIVERSIDADE, com a colaboração do CITAC e do TEUC.
- 13h30 - ALMOÇO POPULAR no Jardim da Sereia com a participação das cooperativas de Barcouço e Orentã.

- 15h - Exposição Realizada pelo Museu Académico, Secção Fotográfica da AAC, Secção Filatélica da AAC e CAP; bancas de livros com a colaboração das Secções Culturais da AAC (CEIA, CESE, GRUPO ECOLÓGICO, GRUPO DA MULHER) e ainda com a colaboração da Centelha, Un'itas, Vértice, Afrontamento, CDL-Interlivro e Assirio e Alvim. Xadrez (gigante e simultânea)
- 16h30 - Festival com: CIRIACO, GRUPO INFANTIL DO BARCOUÇO, ASSIS PACHECO, FANHA, VIEIRA DA SILVA, MANUEL FREIRE e outros, a realizar no Jardim da SEREIA.
- 21h30 - Canto livre no Jardim da Sereia, com a presença de ZECA AFONSO, RUI PATO, COROS DE REDONDO, VITORINO, SÉRGIO GODINHO, PAULO VAZ DE CARVALHO, VIEIRA DA SILVA, ADRIANO e outros.

**DIA 3 DE JUNHO**

- 10h30 - CORTEJO DA FLOR — Concentração na Praça da República, desfile pela Av. Sá da Bandeira, Praça 8 de Maio, Rua Visconde da Luz, R. Ferreira Borges, Largo da Portagem, R. Fernão de Magalhães, Estação Nova.
- 11h - Embarque em COMBOIO-ESPECIAL com destino à FIGUEIRA DA FOZ.
- 13h - Chegada à FIGUEIRA DA FOZ.
- 14h - Almoço-Convívio — SARDINHADA — com a colaboração do Sindicato dos Pescadores da Figueira da Foz.
- 19h - Embarque na estação da Figueira da Foz.
- 20h - Chegada a Coimbra e fim das Comemorações.

**DIA 9 DE JUNHO**

- 9h30 - Pavilhão I do Estádio Universitário  
1º TORNEIO ABERTO DE TÊNIS DE MESA "17 DE ABRIL"

**A UNIVERSIDADE É TUA  
PARTICIPA, TRAZ UM AMIGO, E  
... UMA FLOR TAMBEM**

Anexo 10 – Comunicado de um grupo de estudantes contra a restauração das tradições académicas

ACERCA DOS "CAPAS E BATINAS"

Passam-se hoje coisas demasiadamente graves para que não tomemos posição.

Quando há anos atrás a praxe foi enterrada, o principal motivo foi a recusa por parte dos estudantes, de se assumirem como seres superiores (Doutores) em relação à população.

Foi a recusa de rebaixar o povo de Coimbra que era "enxovalhado" na condição de fútrica e a tentativa por parte dos estudantes de se identificarem com a própria população.

Há alguém que se não lembre ainda, das prepotências dos estudantes sobre a população?

Hoje, depara-se com o espectáculo lamentável de meia dúzia de palhaços megalomanos, com objectivos políticos bem claros, tentarem ressuscitar o que foi bem morto.

Aparece-nos claro, que quem está por trás desta tentativa são meia dúzia de ricos comerciantes da laia dos "Galeras", que se apoiam na cambada que defende as prisões, as denúncias e os crinos do sistema policial fascista de Salazar e Costeira.

Longe de conseguirem a aproximação entre estudantes e população, o que esses capangas (os tais comerciantes e esses estudantes) fazem é separar este binómio, colocando-nos a nós estudantes como elite acima da população.

Degradante, mesquinho e covarde é uma minoria de indivíduos (já devidamente identificados) que com pistolas e matriças passariam a não "criancinhas" para servir de cobertura nos seus objectivos.

É dever dos estudantes responder clara e inequivocamente a estes provocadores. E os estudantes saberão responder!

É dever da população não se deixar calcar por estes "meninos pistoleiros" que se passavam com capas da cor dos cervos sinistros que são.

4/6/79

Um grupo de estudantes



## Do Diário de Coimbra

Anexo 11 – Notícia relativa ao aparecimento do Movimento Pró-Reorganização e Restauração da Praxe Académica de Coimbra. *Diário de Coimbra*, 28 de Abril de 1978, p.4.

**Coimbra**

# Grupo de estudantes universitários apostados em restaurar a praxe académica

«A Praxe Académica não é aquele «bicho de sete cabeças» que aqueles que são contra ela (uma minoria) te querem fazer crer. Assim a Praxe nunca foi, não é, nem nunca será uma linha político-ideológica porque se possa optar, nem tão pouco foi ou será, vassala e servidora de qualquer regime político, ela é, como já dissemos, um conjunto de tradições Académicas seculares desta Universidade (citamos aqui o art.º 1.º do Código da Praxe Académica de Coimbra, que diz: «Constitui Praxe Académica o conjunto de usos e costumes, tradicionalmente existentes entre os estudantes da Universidade de Coimbra e os que foram decretados pelo Conselho de Veteranos»), tradições Académicas que por serem seculares, pois datam da fundação da Universidade de Coimbra e mesmo de antes dela, pois remontam ao próprio colégio do Mosteiro de Santa Cruz, não podem morrer sob pena de a nossa cultura, a cultura portuguesa ficar mais pobre.

Adivinhamos na tua mente, uma pergunta: «Então se a Praxe nada tinha de político, porque acabou?» Vamos responder-te: A Praxe não acabou, o que se passou foi todo um conjunto de circunstâncias que embora parecendo complicadas, até é simples a sua explicação» — começa por ler-se num comunicado que nos chegou, suscrito por um grupo de estudantes da Universidade de Coimbra, que prossegue assim: «Recuemos no tempo até 17 de Abril de 1969. Dia em que Coimbra recebe a visita do então Presidente da República, Américo Thomaz, e do ministro da Educação, Hermano Saraiva que se desloca a esta cidade para inaugurar o edifício das Matemáticas. É no decorrer da cerimónia inaugural realizada na sala que hoje se chama devido ao facto «Sala 17 de Abril» que o presidente da Direcção-Geral da A. A. C. pede autorização para ler um discurso de boas vindas. No entanto o P. R. em vez de deixar efectuar ou negar a leitura do discurso, consulta o ministro da Educação que lhe diz para não deixar efectuar a leitura. Então, virando-se para o presidente da D. G. da A. A. C., o Presidente da República diz nomeadamente: «Desculpa, mas não pode ler. O senhor ministro não deixa»...

É a estupefacção, é o ridículo, é o pretexto. E a aos gritos de «palhaço, palhaço» que a Academia faz o «bota fora» do Presidente da República e sua comitiva. Abandona esta a Alta Universitária, debaixo dos assobios e apupos dos estudantes que, de CAPA e BATINA, enchem por completo a Praça de D. Dinis, em direcção a Santa Clara, onde procede à inauguração do Liceu D. Duarte. Começa então um clima de instabilidade, as prisões principais, a Academia vem para a rua, a G. N. R. patrulha a cidade, os recontros entre esta e os estudantes são mais que frequentes. Basta o aparecimento de «capas e batinas» em dado local para logo se exercer sobre ele forte vigilância policial.

Durante aproximadamente uma semana, Coimbra vive neste clima, «jeeps» com arame farpado cruzam as ruas a alta velocidade, enquanto que as capas negras dos estudantes estoçam em desenfileiras correrias. É então que o Conselho de Veteranos declara o LUTO ACADEMICO.

Não se pense, contudo, que o Luto Académico implica a abolição da Praxe, como aqueles que são contra ela querem fazer crer. O «luto académico» implica suspensão temporária das manifestações académicas, o içar da bandeira da A. A. C. a meia haste, o pôr de uma faixa preta em todas as bandeiras e estandartes académicos, o cobrir com uma faixa preta o emblema da A. A. C. nas camisolas dos atletas e, finalmente, o usar a Batina fechada, tapando os colarinhos da camisa e a capa apertada no pescoço. Foi este o protesto da Academia que, como se vê, não

**SEGUNDA-FEIRA  
NÃO HÁ PÃO FRESCO**

Relativamente ao abastecimento de pão no período compreendido entre 29 de Abril e 1 de Maio (de sábado a segunda), a Secretaria de Estado do Comércio Interno divulgou ontem uma nota segundo a qual em Lisboa, Santarém, Setúbal e Leiria, tendo em consideração o feriado do próximo dia 1 de Maio, se fabricará e venderá amanhã pão para o próprio dia, domingo e segunda, estando portanto os estabelecimentos abertos no sábado mas encerrados na segunda-feira.

Apurámos que em Coimbra vigorará o mesmo sistema, pelo que o público não deverá esquecer-se de se abastecer no sábado para os três dias referidos.

PÁGINA 1

Anexo 12 – Notícias relativas à Serenata Monumental do I Seminário do Fado de Coimbra. *Diário de Coimbra*, 22 de Maio de 1978, p. 1-4.

**DIÁRIO DE COIMBRA**  
JORNAL REPUBLICANO — ÓRGÃO REGIONALISTA DAS BEIRAS  
SEGUNDA-FEIRA, 22 — MAIO — 1978 7850

CARDEAL PATRIARCA  
E. O. S. S. A.  
O Cardeal Patriarca, D. António Ribeiro, dirigiu ao ministro dos Assuntos Sociais uma mensagem de apoio ao Serviço Nacional de Saúde, segundo informou o ministro António Arnaut.

PORTO  
PALCO

SERENATA MONUMENTAL NA SÉ VELHA

**Coimbra mostrou-se ciosa do que é seu**  
**• A «PROVOCAÇÃO» NÃO OFUSCOU O BRILHO**

Muito antes da meia-noite de sábado, já o amplo Largo da Sé Velha e arruamentos que ali se abrem mostravam uma medida humana impossível e traduzir em números. Seriam vinte mil? Mais ou menos? Na-bem, não sim, que se tratava de uma grande parcela da cidade de Coimbra a responder

a pergunta que se lhe fazia, e a resposta foi dada claramente. Só os utópicos poderão ter ficado com dúvidas. Ou então, aqueles agrupinhos que, fazendo triste figura, se atavam a boicotar, com total repúdio de todas aquelas milhares a grande Serenata que ali se iniciava, na linha de tantas outras que

aquele magnífica Praça conheceu, em tempos ainda próximos.

Já não poderá haver dúvidas quanto ao desejo que Coimbra tem de ver restauradas, na sua Academia, as tradições que a exornavam, e faziam dela algo de usual generoso, para além do prestígio que, implicitamente,

te, traziam à sua Universidade, prestígio do qual, aliás beneficiaram quantos a frequentaram, ao longo dos anos da sua existência, e em gerações sucessivas. Prestígio esse que bem abalado ficou, desde que «Minorias», mas informadas, se arrogaram o direito de destruir, num ápice, o que tanto tempo levava a construir. De resto, poucos seriam, como atrás deixamos dito, os que teriam essas dúvidas.

**«VOZES QUE AINDA ENCANTAM»**

Que o «fado» de Coimbra, é algo que há, com o sentir dos coimbraneses é verdade incontroversa, e isso ficou ontem demonstrado. Mas não são apenas estes que sentem a magia dessa canção, isso acontece, um pouco por todo o País, e não só. É por isso que é de louvar, a todos os títulos, o esforço à que se assiste para que o «fado de Coimbra» retome o lugar à que tem direito.

Na madrugada de ontem os «resinados do Choupal» (alguns já um tanto «enterrados», mas nem por isso a esquecerem dos seus tempos áureos), fizeram ouvir os seus «strivados», doem, anhadós à guitarra e à viola, no velhe estúlio coimbrão, inconfundível e inimitável.

Luis Códá, Fernando Rollin, Alexandre Herculano, Alfredo

(Página 4)

**Centro de Engenharia Civil de Coimbra**  
**uma loja ao serviço de quem?**

Noticiaram os jornais estar em constituição o Centro de Engenharia Civil de Coimbra (CECC), com vista a expandir a escola para além das suas fronteiras específicas.

Esta iniciativa, que partiu de um grupo de 10 elementos, a maior parte com funções docentes no Departamento de Engenharia Civil da Universidade, mas também com outros afazeres profissionais fora dessa mesma escola, é ainda, bastante vaga e imprecisa, mormente nos objectivos que visa prosseguir. Na verdade, levada a cabo por alguns elementos da própria escola — se bem que fora dela, trabalhando por conta própria —, sem objectivos diferentes dos do departamento onde funciona — dispõe de uma sala e o endereço do Centro é para o próprio departamento — fica-se com a ideia de ser uma iniciativa da própria escola que a si mesma pretendia imprimir novo dinamismo. Mas efectivamente assim não acontece e o que está em formação é — pelo menos até que a respectiva comissão organizadora defina concretamente o que é que se pretende com o referido Centro — ou pelo menos parece ser um departamento paralelo ao





# Coimbra

## SERENATA MONUMENTAL

DA 1.ª PÁGINA  
Glória Correia, António Bernardino e Fernando Machado

Portugal, Pinho Brojo, Luís Filipe e Aurélio dos Reis, estes à viola, aqueles à guitarra.

ram entre as ruas dos Coutinhos e Joaquim António de Aguiar, ao fundo da Praça,



Soares, foram algumas das vozes que cantaram, e encantaram, acompanhados, também de entre outros, por António

### E AS TENTATIVAS DE BOICOTE

Entretanto, um reduzido grupo de indivíduos, que se junta-

avam, vergorosamente, boicotar a Serenata, num incrível desrespeito por tantos milhares de pessoas que, naturalmente, os lastimava, no seu íntimo, tão grosseira e torpe foi a tentativa, que ideal algum pode justificar. Bem demarcados, tinham, visivelmente, propósitos de agitação, de criar pânico.

Não conseguiram os seus intentos, já que a serenidade de quantos nada tinham que lhes morder-se na consciência, superou todas as provocações. E foi assim que, em uníssono, se gritaram «éfeérrés» em resposta àquelas. E foi assim que, até a própria Lua, agora em fase de «Lua Chela», rompeu uma nuvem pardacenta, e veio,

por momentos, associar-se ao êxito da Serenata.

Já próximo das duas horas, outro «grupelho», este vindo dos lados da Rua Joaquim António de Aguiar, «armado» de pedras e garrafas, procurando desemboçar no Largo, obrigou à intervenção (que já há muito se justificava) da Polícia. «Valentemente», houve muitos que, então, procuraram refugiar-se na mole humana. O pânico era, afinal, o que se pretendia, mas não foi logrado. Houve correrias, houve paradas, houve alguns feridos, de pouca gravidade (ao que nos inclinaram), e houve prisões.

Refira-se que, durante a tarde de sábado, houve quem «profetizasse» confrontações, com mítidos intuídos de desmobilização, desmobilização em parte conseguiu mas que, mesmo assim, não conseguiu evitar que a Sé Velha saudosa e artérias circunvizinhas se encontrassem peçadas dum público ávido de voltar a ouvir aquilo que lhe queriam negar: o Fado de Coimbra.

### FINAL EMPOLGANTE

Com intérpretes e público a cantarem em coro, a Balada do Sexto Ano Médico «Coimbra tem mais encanto na hora da despedida», várias vezes repetida, por forma empolgante, passava das duas horas de ontem, quando a monumental Serenata atingia o seu término, ficando em todos a certeza de que o Fado de Coimbra não perecerá.

### AINDA OS INCIDENTES

Segundo informações que ontem colhemos junto da P.S.P. estão detidos onze intervenientes na refrega da Sé Velha, que após uma força daquela Polícia aos «pedrejantes», e de que resultaram, como atrás referimos, ferimentos ligeiros, em dez elementos do grupo perturbador.

## ISTO ACONTECEU

### A Academia apoia e repudia

Aconteceu que na semana passada comentámos aqui um aspecto discutido na Assembleia Magna da Academia de Coimbra: o repúdio pela reintegração do ex-reitor Cotejo Nelva no serviço docente. Houve quem nos manifestasse o seu aplauso. É natural que também houvesse quem não gostasse. Deixámos para hoje um outro aspecto da mesma Assembleia Magna. Nós não estivemos presentes. Baseamo-nos apenas no relato de 2 jornais: o «Diário de Coimbra» e o «Jornal de Notícias», ambos do dia 10 de Maio.

Hoje queremos deter-nos num outro ponto. Segundo os jornais, uma parte da Assembleia Magna foi dedicada a moções de apoio e de repúdio. A Academia de Coimbra apoiou:

- a luta dos estudantes das Escolas do Magistério Primário;
- os presos políticos brasileiros;
- o projecto do Serviço Nacional de Saúde;
- os trabalhadores das empresas UNACEL e ESACO;
- a luta dos povos de Angola e da Namíbia.

Por outro lado, a Academia de Coimbra repudiou:

- os acordos com o Fundo Monetário Internacional;
- a agressão a Almeida Santos;
- a libertação dos separatistas, pldes e bombistas;
- a condenação do capitão Andrade e Silva.

O futrica que olha para a Academia com respeito, vendo nela o alfobre dos futuros doutores, dirigentes de empresas, médicos, engenheiros, advogados, magistrados, professores, etc., etc., poderia ser levado a pensar que nas Assembleias Magnas da Academia se discutiam apenas assuntos académicos.

Tal não é, porém, o caso. Verificamos que tanto as moções de apoio como as de repúdio coincidem com alguns slogans que por essa altura eram lançados na opinião pública por «de-

PÁGINA 8

## Médicos em greve

DA 1.ª PÁGINA

encionada, através de acordos entre a profissão médica organizada, a sua ordem, e as entidades responsáveis pelo financiamento do Serviço Nacional de Saúde (SNS) «como a forma mais válida e socialmente mais justa» de resolver o problema da assistência médica.

Acrescentou que «a noção de «estado providência», tão do agrado das medicinas estatizadas, tem de contrapor-se a noção de cidadão responsável».

«Só um seguro saúde — afirmou ainda — garantiria

ção que tal representa e da qual seriam principais vítimas os médicos recém-formados, ainda sem a sua vida estruturada e, portanto, com menor capacidade de defesa».

«Discordamos — prosseguiu — da estatização espartilhante e burocratizada e da qual todos conhecemos o exemplo frisante dos Serviços Médico-Sociais actuais, que não contentam nem doentes nem profissionais de saúde».

«Consideramos o princípio da remuneração por acto médico — acentuou — como a mais



Anexo 13 – Tomada de posse da D.G/A.A.C de 1979. *Diário de Coimbra*, 6 de Março de 1979 p.10



**MALÓ DE ABREU, novo presidente da A. A. C.; «Nesta Associação não haverá mais lugares para favoritismos a grupos ou partidos».**

## **Nova Direcção-Geral da A.A.C. tomou ontem posse**

«A Universidade tem de prestar contas ao País sobre o modo como desempenha as suas funções, porque a autonomia não é sinónimo de discricionariedade. A personalidade autónoma que é necessária à Universidade para manter-se viva não poderá evidentemente excluir a aceitação de que ela vive do País e para o País. E este axioma ter de ser levado às suas últimas consequências, o que habitualmente vem sendo esquecido».

Palavras de António Maló de Abreu, presidente da nova Direcção-Geral da Associação Académica de Coim-

bra, no acto de posse que ontem à tarde teve lugar numa das salas daquela associação.

Presidiu ao acto o reitor da Universidade, Prof. Dr. Ferrer Correia, que era acompanhado pelo vice-reitor, Prof. Dr. Manuel de Oliveira Pulquério e pelo presidente dos Conselhos Directivos da Universidade, Dr. Vilaça Ramos.

A Câmara Municipal de Coimbra fez-se representar pelo seu vice-presidente, dr. Teles Grilo, fazendo também parte da mesa elementos da Direcção-Geral cessante.

PAGINA 10



Anexo 13 – Notícia do anuncio da preparação da Semana Académica. *Diário de Coimbra*, 3 de Maio de 1979, p.7.

## Coimbra

# «SEMANA DA ACADEMIA» VAI ARRANCAR

A Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, vai levar a cabo de 2 a 7 de Junho próximo, nesta cidade, a «Semana da Academia».

Esta iniciativa vem de algum modo preencher a lacuna existente da não realização da «Queima das Fitas» que, como todos sabemos, constituíam alta revelação artística, cultural e recreativa dos estudantes de Coimbra e por outro lado, uma das mais portentosas atracções turísticas que traziam à Lusitana autênticas multidões. Todos beneficiavam com isso; os estudantes mantinham de pé essa ancestral tradição que em nada diminuía a sua reputação, pelo contrário a «Queima das

Fitas» servia para manter sem-vivas as tradições académicas, que afinal de contas fazem parte do património cultural da secular Universidade de Coimbra; por outro lado, a cidade vinha beneficiar grandemente sob os postos de vista comercial, industrial e turístico.

Dentro desse espírito, e embora as realizações que vão ser levadas a cabo na «Semana da Academia», não possam ser equiparadas à «Semana da Queima das Fitas», «vai meter ombros» nesta iniciativa a Direcção-Geral da Associação Académica, para tentar reavivar essa tradição.

Com efeito, preencherão a citada semana: realizações cul-

turais, recreativas, desportivas, uma tarde inteiramente dedicada às crianças (inserida nas comemorações do Ano Internacionad da Criança), que terá lugar no Gil Vicente, e entre outras iniciativas, realizar-se-á em local a determinar oportunamente, uma monumental serenata.

Tanto quanto nos foi informado, não cabe à actual Direcção-Geral da AAC, erguer a «Queima das Fitas». Isso terá de ser encarado por todos os estudantes, departamentos autónomos da AAC e evidentemente pela cidade de Coimbra, que por certo não ficará de braços cruzados se for pensado (a sério), levar por diante uma



Um aspecto da última monumental serenata realizada na Sé Velha



Anexo 14- Programa da Semana Académica, *Diário de Coimbra*, 2 de Junho de 1979, p.4.

## PROGRAMA DA «SEMANA ACADÉMICA»

- DIA 2 — 9 horas** — «Zés Pereiras» percorrem as ruas da cidade.
- 11 horas** — Inauguração da exposição alusiva à ex-secção de futebol da AAC, na Garagem Irmãos Pedros.
- 14,30 horas** — Passeio automóvel (Auto Paper), com partida em frente da Faculdade de Letras.
- 15 horas** — Concerto público na Praça Velha, pela Banda de Avô.
- 24 horas** — Serenata Monumental na Sé Velha, promovida pelos antigos orfeonistas e em que se integrou a D. G. da AAC.
- DIA 3 — 21,30 horas** — Espectáculo de Jazz na Praça Velha, com o conjunto «Sintagma», de Cascais. Este espectáculo tem a colaboração da Fundação Calouste Gulbenkian.
- DIA 4** — Venda da Pasta a favor da Casa de Infância Dr. Elísio de Moura, durante todo o dia. Os estudantes de capa e batina não pagam bilhete nos Transportes Públicos.
- Início da Semana da Hipertensão — a funcionar na Portagem (Garagem Irmãos Pedro) e na Feira do Livro que às 15 horas deste mesmo dia se inicia na Faculdade de Medicina.
- 21,30 horas** — Início do quadrangular de futebol de salão, no Pavilhão dos Olivais. Participam quatro equipas: CAC, Olivais, AAC e veteranos AAC/CAC.
- DIA 5 — 10 horas** — Inauguração da exposição sobre personagens da Academia, cujo centenário se celebra nos anos 70 (sala de S. Pedro, da Biblioteca Geral).
- 11,30 horas** — Inauguração da exposição sobre a vida e obra do Professor Elísio de Moura, na Faculdade de Medicina.
- 17 horas** — Projecção de filmes na Faculdade de Letras sobre as Olimpíadas de Montreal.
- 21,30 horas** — Futebol de salão nos Olivais, em homenagem à equipa da Académica de 1938 e fase final do quadrangular de futebol de salão.
- DIA 6 — 15 horas** — Projecção de filmes nas Faculdades de Letras, Medicina e Engenharia.
- DIA 7 — 14,30 horas** — Largada de pombos na Praça da República, com a colaboração da Federação Portuguesa de Columbofilia.
- 15,30 horas** — Cinema de Animação inserido nas comemorações do Ano Internacional da Criança, no Teatro de Gil Vicente.
- 21,30** — Filmes sobre desporto motorizado, também no Teatro de Gil Vicente. O bilhete de ingresso custa 10\$00.
- DIA 8 — 18 horas** — Encerra a Feira do Livro.
- 21 horas** — Sarau Desportivo (ainda em realização) no Estádio Universitário.
- DIA 9 — 16 horas** — Festival Aéreo com os «Asas de Portugal»; lançamento de pára-quedistas sobre o Estádio Universitário.
- 17 horas** — Gincana Automóvel nos arruamentos anexos ao mesmo estádio.
- 22 horas** — Baile das Faculdades, em local ainda a designar. Estará presente o pianista Rui Guedes e também o conjunto musical «Blackbyrds». Serviço de Bar assegurado pelo Big-Ben.
- DIA 10 — 11 horas** — Comboio especial para a Figueira da Foz; venda de bilhetes a partir de meados da próxima semana na Associação Académica.
- 12,30 horas** — Chegada à Figueira, onde aguardará o comboio uma banda de música na estação.
- 16 horas** — Garraizada, cujos bilhetes estão já à venda na Associação e outros locais a designar.
- 19,30 horas** — Regresso a Coimbra e encerramento da Semana Académica.

Anexo 16 – Notícias relativa à Semana Académica. *Diário de Coimbra*, 2 de Junho de 1979, p. 1- 4

# Coimbra vibra com o reencontro da população com a sua Academia

● Fim-de-semana com motivações para todos os gostos

Iniciada no pretérito sábado, a «Semana Académica» aí está, a transmitir a cidade de Coimbra uma fisionomia muito próxima daquela que, há anos atrás, a caracterizava. E a iniciativa da actual Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra veio, incontrovertivelmente, ao encontro dos desejos da maioria da população coimbrã, que, por isso mesmo, não deixou de a acariar, desde a primeira hora. Coimbra é uma cidade diferente, como toda a gente sabe, e não podia deixar de sentir-se um tanto ou quanto decepcionada ante o desprezo de alguns sectores da sua Academia, que não auscultaram o sentir da cidade, para darem encaixadas profundas no que, ao fim e ao cabo, era seu. Falava, de facto, que essa Academia promovesse o reencontro, para que a cidade «exteriorizasse, significativamente, o seu aplauso. Isso aconteceu agora, e não podem ficar dúbidas a quem quer que seja, do sentir verdadeiro da cidade. Não há, na realidade, lugar para ceticismos, e aqueles que queiram rebogar esta verdade, para tentar impôr aqui ideias próprias que a urbe rejeita, terão, necessariamente, que acari-

bar por ter, por prémio a frustração. Coimbra é para quem a sente como é, e não para quem pretende propor-lhe directrizes. A Academia e a cidade estiveram sempre ligadas, e não são ventos de destruição que a apanharam desprevenida. A História referi-lo-á, estamos certos. No último sábado, logo pela manhã, o aparecimento de «gaiteleros» e de estudantes convergendo à tradicional «capa e batina» empolgou a Baixa coimbrã, sendo milhares as pessoas que «plaudiam a sua passagem. Paralelamente, muitas das montras dos estabelecimentos comerciais das Ruas Visconde da Luz, Ferreira Borges, Sofia, do Corvo, Eduardo Coelho, Adelino Veiga, Largo da Portagem e Praça do Comércio, estavam já vistosamente decoradas com motivos que recordam os vários aspectos das tradições académicas coimbrã, que muitos julgavam perdidas para sempre, numa associação, significativa e importante, ao movimento ora em marcha, tendente ao resurgimento dessas mesmas tradições, especialmente o regresso ao uso da «capa e batina» e das pas-



Um pormenor da Sé Velha, na madrugada de ontem, quando decorria a Sere nata

Pág. 4



## Coimbra

### «SEMANA ACADÉMICA» E «DIA DA FLOR»



Os participantes da Serenata enchem a escadaria da Igreja da Sé Velha

DA 1.ª PAGINA  
 tas entitadas com as fitas que identificam as várias Faculdades da Universidade de Coimbra, essa vetusta Universidade de prestígio mundial, que estava sendo tão mal-tratada a vários níveis (docentes e discentes, especialmente). A partir de agora a opção está assumida.

#### A Serenata e os orfonistas do antanho

Depois de à tarde se terem realizado outros números da programação, incluindo o «Foli Paper», que reuniu muitos jovens de ambos os sexos, o Largo da Sé Velha voltou a ser, para além da meia-noite, ponto de reunião de quantos amam o «lado de Coimbra», sempre que cala bem fundo nos corações dos coimbrânicos. Não importa falar em números. Basta dizer que o amplo Largo e todas as estradas suas que nele desembocam se encontravam superlotados. Depois foi o destil, Augusto Carmocho, António Portugal, o antigo ministro Almeida Santos, Amândio de Azevedo, Cardoso e Cunha, Mário Medeiros, Jorge Biscaglia e Higinio Faria, foram alguns dos intervenientes, que tentaram ser, com as suas «vozes de ouro», quer dedilhando a viola e a guitarra, em variações notáveis, que muito entusiasmaram a assistência. A «cepa e batina» impuser, quer no

escadaria da Igreja, quer disseminada por estudantes actuais, com predominância do sexo feminino. Os antigos componentes do Orfeão Académico de Coimbra que, há 25 a 30 anos, se destacaram, triunfalmente, a África e ao Brasil, que realizaram a sua confraternização

passava das duas horas de ontem quando, ao eco do «refrão» da sempre oportuna Balada de Despedida do Seno Anjo Médico, o após ter-se ouvido, só tocada, a «Balada de Coimbra», começou a debandada, sempre na melhor ordem. Mas, uma noite inesquecível se viveu ali.

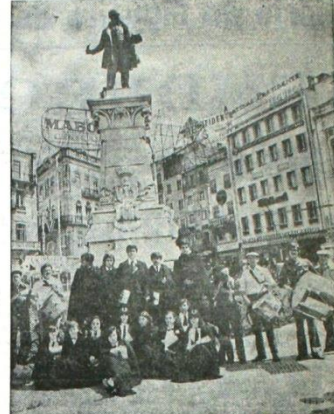


Um aspecto do «canto livre» no Jardim da A.A.C., integrado no «Dia da Flor»

neste fim-de-semana, foram particularmente distinguidos à sua chegada à Sé Velha. E os «effretados» repetiram-se constantemente. Já

Ontem à noite, na Praça do Comércio, decorreu um espectáculo de jazz, presenciado por muito público.

O Grupo de Cantadores do Rondonio (Alentejo).  
 Ontem, depois de concentração na Praça da República, os



É o Largo da Portagem, na manhã do pretérito sábado, voltou a ver «capas negras» de estudantes, e «gaiteiros»...

participantes nesta realização («Dia da Flor») desceram em cortejo até à Estação Nova, onde tomaram comboio especial para a Figueira da Foz.

onde decorreu um almoço-convívio (sardinhada), que teve o apoio dos Sindicatos ligados ao sector da Pesca, daquela cidade-praia.

### Casa de Infância Doutor Elisio de Moura

DA 1.ª PAGINA  
 Coimbra a única Universidade do mundo que proteja uma obra de tipo assistencial.

A Casa da Infância Doutor Elisio de Moura (inicialmente denominada «Asilo da Infância Desvalidas»), educa para a vida, cerca de 200 meninas, entre as 3 e os 18 anos, tendo por ali passado desde a sua infância, à volta de 15 000 raparigas.

#### A VENDA DA PASTA

É curioso recordar a origem da «Venda da Pasta». Ela é: Foi um aluno do 5.º ano médico do curso de 1931/1932, Aristides Augusto da Silva Domingues, quem teve a feliz lembrança de sugerir aos quintanistas de então a «venda das pastas miniatúras», com fitas das várias faculdades, na chamada festa da Queima das Fitas, no dia designado por dia do Quintanista.

A sugestão foi recebida com o maior entusiasmo por todos os quintanistas.

O produto da venda das pastas destinou-se, na totalidade, à obra do Doutor Elisio de Moura. Em todas as festas da Queima das Fitas, realizadas posteriormente, e no chamado

dia do Quintanista, os alunos do 5.º ano das várias faculdades, acompanhados por meninas do Asilo de Infância Desvalidas, percorriam a cidade, vendendo as pastas com o mais simpático acolhimento da população de Coimbra e da enorme falange de forasteiros, que então à Coimbra se deslocavam.

Do curso médico de 31/32 faziam parte os médicos que realizaram em Coimbra: Fausto Pinheiro, Fernando Pinheiro, e prof. Antunes de Azevedo; José Rainha, da Figueira da Foz, e Vasco de Campos, de Aveiro.

Na casa «Hilda», na Portagem, está exposta uma fotografia em que figuram os quintanistas de medicina: Vitas Boas e Ailvin, Amadeu Leitão e Hugo Eloy, acompanhados por meninas do Asilo da Infância desvalida no dia 25 de Maio de 1932.

Esta fotografia pertence ao álbum de fotografias com recordações académicas do sândico médico dr. Hugo Eloy e a legenda que nela se pode ler, foi escrita pela sua mão.

Foca um aspecto da primeira venda das pastas a favor da obra do Doutor Elisio de Moura. Amanhã publicaremos o programa da «campanha de sólidos», a efectuar em toda a cidade, de 5 a 17.

### Terminou com êxito o Simpósio sobre a Úlcera

Terminou no sábado com assistência estáo científico, dentro das expectativas normais que tinha suscitado, o Simpósio Internacional sobre Úlcera Péptica integrado nas primeiras Jornadas Científicas organizadas pelo Serviço de Patologia Clínica da direcção do Prof. Fernando de Oliveira.

O programa inicialmente previsto foi cumprido integralmente tendo sido as novas técnicas cirúrgicas de tratamento da doença e os seus resultados os temas mais discutidos. Nestes aspectos foram apresentados resultados dos diversos Cen-

tros europeus em relação à introdução destas novas técnicas. As conclusões não são, por enquanto, uniformes quanto a esses resultados uma vez que o tempo ainda não é considerado suficiente para uma avaliação segura, havendo opiniões diferentes que suscitaram viva discussão.

Podem-se dizer que, ao nível científico, os médicos portugueses não registaram inovações vitais do estrangeiro em relação ao que se vem aplicando no nosso país, podendo-se dizer que nos encontramos

### HOSPITAIS

#### ACIDENTES DE VIAÇÃO

Foi transportado ao Banco, José Agostinho dos Santos Lopes, de 38 anos, solteiro, residente no lugar de Monte Brás, Marmeleiro, Guarda, que foi colidido por um ciclomotorista.

Colidido por uma camioneta na Malaposta, foi transportado ao Banco, o electricista, Amador Rodrigues Neves, de 14 anos, residente no lugar de Famalicao, Arcos, Anadia, que depois de accorrido recebeu à sala de observações.

Foi transportado ao Banco, Afrânio de Matos, de 48 anos, casado, pintor, residente no lugar de Rios Frios, VII de Matos, vítima de um embate de automóveis aos Fornos. Depois de accorrido recolheu à sala de observações.

Nesta cidade, à Solim, foi vítima de um embate de motocicleta e um automóvel, Carlos Manuel Santos Ferreira, de 18 anos, solteiro, estudante, residente na Lomba do Chão de Bispo, freguesia de Santo António dos Olivais, pelo que teve

de ser conduzido ao Banco, onde foi observado e tratado. Recebeu curativo no posto de socorros urgentes, José Augusto Simões Cristiano, de 59 anos, casado, funcionário da empresa das Águas do Luso, residente no lugar de Pego, Vazearia, Mealhada.

Colidido por um auto-pegado nesta cidade, foi receber tratamento ao Banco, o agente da PSP, Mário Rodrigues Simões, de 36 anos, casado, residente no lugar de Arzedo, Montemor-o-Velho.

#### VITIMA DE INTOXICAÇÃO

Procedente do Hospital de Leiria, onde recebeu os primeiros socorros, recolheu aos Serviços de reanimação, Alda Maria Rita, de 22 anos, solteira, empregada de balcão, residente no lugar de Várzea, Souto da Carpalhosa, Leiria, que apresentava graves sintomas de intoxicação.

### Fizeram anos os nossos prezados colegas «Jornal de Notícias» e «O Comercio do Porto»

No último sábado, ao festejarem a passagem de mais um aniversário, encetaram a caminhada para os 92 e 126 anos de existência, respectivamente, os nossos prezados colegas norte-tenho «Jornal de Notícias» e

«O Comercio do Porto». Nas pessoas dos seus directores Manuel Ramos e Orlando Romano, saudamos todos quantos trabalham naqueles dois prestigiosos matutinos.

Anexo 17 – Notícias referentes à Semana Académica. *Diário de Coimbra*, 5 de Junho de 1979, p.1-5-12

## VÁRIOS INCIDENTES NÃO TIRARAM O BRILHO À «SEMANA ACADÉMICA» QUE DECORRE EM COIMBRA

Num clima de certa tensão e sob o receio da ocorrência de incidentes graves, decorreu ontem em Coimbra a «venda da pasta» a favor das crianças da Casa Elísio de Moura, assumindo-se por inteiro a intenção e a forma desta nobre iniciativa da Academia de Coimbra que data de há muitos anos atrás, embora interrompida nos últimos tempos por razões marcadamente políticas, primeiro, e político-partidárias, depois.

Cerca de cem estudantes, rapazes e raparigas, percorreram as ruas da cidade acompanhados de crianças, angariando fundos para a instituição.

A imagem do que acontecera no sábado passado, voltaram ontem a registar-se alguns incidentes. De uns e de outros falamos em desenvolvida reportagem que publicamos nas páginas 6 e 9, bem como do clima reinante na Academia, da análise das posições assumidas pelas diversas entidades face à «Semana Académica» e ainda do sequestro de um revisor da CP, aquando do regresso da Figueira da Foz do comboio especial fretado pelos promotores do «Dia da Flor».

Remetemos, pois, o leitor para as páginas interiores desta edição.



## ANTIGOS ORFEONISTAS MERECIAM MAIS RESPEITO

**DA FAZENDA 8**  
Tanto quanto sabemos, as críticas recíprocas foram muitas, os ataques outros tantos, mas sem ultrapassar o direito de discordância que a todos assiste. E este é, inevitavelmente, um dos fatores de pacificação na vida e em qualquer sector democrático.

O mais grave é que ao lado das forças da UEC, dos organismos culturais e desportivos, estará um ativo grupo de estudantes e ex-estudantes que se dizem de esquerda, mas agem como se fossem — e se esbararão não — da extrema direita.

### Façamo-nos todos sócios da Casa da Infância

O pedido à favor da Casa de Infância não acabou ontem. Vai continuar hoje, e nos próximos dias, agora já sem a colaboração dos estudantes.

Trata-se de uma campanha destinada a conseguir mil contos, com vista ao pagamento de dívidas feitas no Auditó e que se consideram a cinco mil contos, incluindo apenas os últimos mil.

Para o efeito haverá hoje 3 Mesas Espalhadas pela cidade e que receberão os doativos, cada uma formada por duas senhoras e duas senhoras da Casa da Infância. Local: uma Mesa em frente das escadas que dão acesso à Via Látina e à refeitória, outra em frente da Biblioteca Joana e uma terceira na Portagem.

Trata-se de uma campanha destinada sobretudo a conseguir mais sócios para aquela Casa e que, iniciando-se hoje, se vai prolongar até ao dia 17, cada um dos dias dedicado às diversas Faculdades, ao povo de Coimbra, às profissões liberais e aos comerciantes e industriais. Hoje é o dia da Reitoria, já que foi o Reitor (então o Doutor José Alexandre de Campos, de Direito), o primeiro presidente da Casa de Infância.

Cinquenta, sessenta pessoas, que o público em geral identifica como os «comunistas», têm feito da vida académica dos últimos tempos e em particular das últimas iniciativas, o palco das suas actuações anarquistas, provocatórias, em estilo de um qualquer bando profissional de agitação.

A eles se devem os incidentes que têm vindo ocorrendo. Porque, embora os órgãos de comunicação social tenham passado por cima do incidente, a verdade é que houve incidentes, alguns de uma certa gravidade, sobretudo pelo que significam. Aconteceram na tarde do passado sábado, quando na Praça da República, um estudante de capa e batina foi agredido e lhe rasgaram a capa; depois, quando um elemento da Direcção-Geral ia, também de capa e batina para o interior da Associação, foi agredido, rasgaram-lhe a capa e a um outro roubaram-lhe também a capa. Mas seria com os antigos orfeonistas que os incidentes tiveram maior dimensão. Foram apresentar cumprimentos à Direcção-Geral e, cremos, que ao orfeão, vestidos à tradição coimbrã. As tantas, alguns deles viram-se envolvidos em cenas de pancadaria, numa montanha de gente em que ninguém se entendia. E tudo começou com um antigo estudante e orfeonista (dr. Patrocínio), que vive em Faro, onde trabalha. Há mais de 20 anos que não vinha a Coimbra, e está completamente fora do ambiente estudantil, que terão entendido a sua presença ali como um acto de provocação. Foi imediatamente envolvido, e sem saber como nem porque, foi agredido por uns poucos, ao mesmo tempo que a sua roupa velhinha foi feita em farrapos ali mesmo na sua frente.

E quase indiferente às agressões de que estava a ser vítima, a sua indignação pelo rasgar da capa tornou-o como atónico. Acorreram outros orfeonistas e o surrufo agravou-se, vindo a terminar pela acção de uns tantos que conseguiram aturar os ânimos. De entre estes destacou-se o dr. Artur Gonçalves, delegado de Saúde do distrito

de Coimbra, e muitos outros que ficaram em silêncio estado de choque e viram o seu encontro com companheiros de há 30 anos, prejudicado pela acção do tal grupo.

Convém esclarecer aqui que entre os antigos orfeonistas (cerca de 100), que já estiveram, há gente de todos os matizes políticos. Desde a extrema direita, CDS, PSD, PS e, mesmo, um elemento do PCP. O que prova, à sagacidade, que há ainda gente, e muita é, que se move por outras razões que não as da balbúrdia política.

Sabemos que a Comissão dos Antigos Orfeonistas irá participar à Reitoria e ao Governo Civil a gravidade dos incidentes que se verificaram no interior da AAC. Incidentes que tolgaram de miúdo e de indignação todo o restante programa dos ex-orfeonistas, muitos dos quais vieram de muito longe ao encontro da cidade e dos colegas que não viam há 30 anos. Houve mesmo quem viesse do estrangeiro e se visse envolvido em questões à que estavam completamente alheios. E foi a chorar que o dr. Patrocínio se despediu no passado domingo dos seus antigos colegas, com a mágoa profunda de ter visto esfarrapar a sua velha capa, que com enorme carinho conservava depois de tanto a ter prestigiado.

### Programa para hoje

Para além da venda de pastas e integrado no programa da «Semana Académica», decorre ontem nesta e três outras instalações: «Semana da Hipertensão», Feira do Livro Universitário e quadrangular de futebol de salão.

Para hoje, está prevista a projecção de filmes sobre as Olimpíadas de Montreal (17 horas, na Faculdade de Letras), inauguração da exposição sobre a vida e obra de Elísio de Moura (11 horas, na Faculdade de Medicina) e futebol de salão no pavilhão dos Olivais em homenagem à equipa de Académica que em 1959 ganhou a Taça de Portugal, e a fase final do quadrangular de futebol.

«Para que esta coisa é romaa foi o insulto que mais se ouviu no momento dos incidentes. Insulto por sua simples razão: aquela coisa não é nem pode ser o reduto de ególatras e o direito a estar nela não depende de razões políticas. Mas se alguém tem mais direitos que outros, esses são muitos dos ex-orfeonistas que ali se encontraram no passado sábado e que foram intervenientes na segunda tomada da Bastilha que esteve na base da construção para a academia do que hoje o edifício da Associação Académica de Coimbra.

### Entem voltou a haver incidentes — Um estudante defendeu-se empunhando um revólver

A venda da pasta durante o dia de ontem, decorreu do modo a que atrás fomos referenciando: incoerente para a população, através de insultos e ofensas, bastantes destes na ordem dos mil escudos. A nível de empresas a acção do pessoal trabalhador ultrapassou o que se esperava. Mas nem tudo foram rosas. Alguns incidentes, embora sem gravidade de maior, tolgaram a reabilitação acadêmica com que tudo decorreu.

No Hospital de Ocas, junto à Praça da República, e junto à Faculdade de Medicina, os pares que se tinham acompanhado das crianças viram-se em dificuldades com grupos de contestatários, alguns dos quais chegaram mesmo a roubar as capas. A PSP conseguiu recuperar algumas, mas outras foram mesmo levadas. Seria contudo em frente da Faculdade de Direito que se registou o que poderia ter sido o incidente mais grave: tirada a capa por um grupo de rapazes estudantes, o seu pai fez frente ao grupo, segurando com firmeza a sua pistola, caso, mas porque os outros eram mais e a agressão começava a ser violenta, e esse fez-se mesmo para se salvar do grupo. E foi então que o grupo empunhou uma pistola e ce intimidou a restituí-lhe o que era seu. O que, reconheço-se, aconteceu de imediato, envolvendo ali e de vez, os ânimos. Este estudante explicitou a mais tarde que andava armado pela simples razão de ter sido um dos estudantes agredidos no passado sábado. Página 12



Na Baixa não houve qualquer tipo de incidente



### Posições de diversas entidades

Em poucas linhas, pensamos que é altura de analisar, correndo os riscos da subjectividade, o tipo de reacção de diversos organismos de Coimbra face à «Semana Académica» que decorre.

— O Turismo foi contactado para subsidiar a organização. Recusou. Pensamos que agiu mal.

— A Câmara também foi contactada para o mesmo efeito. Primeiramente recusou, vindo depois a subsidiar em vinte contos a «Semana Académica» e em vinte contos o «Dia da Flora». Se a primeira posição era de acatamento, a segunda teve já uma falsa preocupação de equilíbrio. A natureza das duas iniciativas é muito diferente em termos de interesse para a cidade e uma durou três dias e a outra oito, movimentando verbas muito distintas uma da outra.

— O Governador Civil viu-se colocado em delicada situação, quando viu marcadas para si «5ª Velha» duas iniciativas — «Canto Livre» e «Sarcasmo» — de cariz antagonista e que, a juntarem-se, dariam ao a incidentes. Dialogando com sensatez e determinação, soube impor-se e decidir com justiça e equidade. E o seu prestigio saiu reforçado.

— Bem mais difícil é a posição da Reitoria da Universidade de Coimbra. Reitor de todos os estudantes, o Professor Ferrer Correia vê-se em situações vezes confrontado com a delicadeza de situações aparentemente fáceis. É notória a sua preocupação de isenção e equilíbrio, bem como o seu cuidado de se não comprometer com nenhuma das forças existentes na Academia. Tem sido esta a norma da sua conduta na Reitoria e agora repetiu-se, o que o coloca à mercê de críticas de cada um dos lados.

— Finalmente a PSP. A natureza e fações da corporação impedem-lhe de agir fora do quadro da legalidade, reduzindo-lhe o poder de iniciativa própria. Mas tem feito até agora um papel de extrema importância, mobilizando no sábado passado muitos efectivos de modo a evitar, prevenindo, a ocorrência de incidentes. E conseguiu-o, o que é sempre o elogio maior que se pode fazer à sua actuação.

Os incidentes ocorridos na AAC não são de sua conta.



Alguns parecem sentir dificuldades e viram-se envolvidos em problemas



Os incidentes também foram muitos



## DE UMA ACADEMIA DIVIDIDA AO ÊXITO DA VENDA DA PASTA

— História dos incidentes de sábado na AAC

«Há quanto tempo se não via isto nas ruas de Coimbra...» — esta a exclamação que mais se ouviu ontem nas ruas de Coimbra, quando estudantes, de caps e batina, calorosos pelas pequenas da Casa de Infância Elio de Moura, no reatar de uma tradição coimbrã que conseguiu assinalável prestígio em todo o País e que se afirmou sempre como uma das mais no-

Reportagem de Lino Vinhal (textos) e Formidáveis (fotos)

breve iniciativas da academia de Coimbra.

Falar da aceitação dispensada por toda a população à «venda da pasta», é trabalho escusado. Bastará referir que, cerca de uma hora depois do seu início, estavam completamente esgotadas as doze mil (12000) pastas que havia disponíveis e com que se iniciou o contacto com o público. E houve depois que continuar já sem pastas, se bem que com a mesma adesão de todo o mundo, angariando-se bastante dinheiro que reverte inteiramente para a Casa da Infância.

O tom emocional de que se revestiu à primeira hora da manhã, o primeiro contacto entre os grupos de estudantes — crianças e o povo que circulava pelas diversas ruas, é de quase impossível descrição em letra de forma. Limitamo-nos a dizer que em muitas ruas os grupos foram recebidos a salvas de palmas, que a maioria das pessoas, além do seu donativo, usava uma palavra de apoio e incentivo para os estudantes, que nos olhos de muita gente reventaram algumas lágrimas de saudade e de carinho. E está dito se acrescentarmos que eram 27 grupos os que iniciaram o pedidório e que não houve, uma única pessoa que se tenha recusado a participar. Aliás, e sobretudo da parte da manhã, não eram os estudantes e as crianças que entactavam o público. Era este que, aos montes, se dirigia aos rapazes e participava em gesto de indiscutível adesão a uma iniciativa

que regressou às ruas de Coimbra, para seu próprio prestígio e graças à acção da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra e à coragem de várias dezenas de estudantes que, ultrapassando evidentes e conhecidas contrariedades, se dispuseram a participar. E o futuro dirá o quanto a academia, a cidade e o espírito académico coimbrão, ficarão a dever a estes estudantes anónimos, a quem coube a tarefa de restituir à Coimbra uma das mais nobres iniciativas desta secular cidade.

### NA ACADEMIA, UMA SITUAÇÃO DE RUPTURA

A «venda da pasta» — a toda a gente já o sabe — é uma realização inserida no programa da «Semana Académica», que se iniciou no passado sábado e se vai prolongar até ao próximo domingo. A serenata do passado sábado, a «venda da pasta», o baile-das-faculdades, o festival de paraquedismo e a garralada (domingo na Figueira da Foz), são os pontos altos desta «Semana Académica», que se organizou sob o signo da contestação por parte de um sector da academia de Coimbra, mas com o manifesto apoio da cidade e de grande número de estudantes. Muitos outros não a apoiam e vêem nela o rescaldo de uma tradição tipicamente coimbrã, com evidentes conotações com o regime anterior. E por esta razão se lhe opõem com a convicção de quem julga estar no caminho certo. Esta cizvilagem coincide, em termos exactos, com a divisão existente neste momento no seio da academia de Coimbra e que se reflecte nesta e em muitas outras iniciativas.

Cizvilagem que, grosso modo, coincide também com a actual situação do País político, colocando de um lado forças que se não envergonham do passado, assumindo dele o que julgam de bom e dispensando aquilo que julgam de mau, e do outro as forças que defendem o corte total com esse mesmo passado ainda recente, reservando-lhe apenas o seu lugar na história e a sua função exemplificativa

em termos de ciência política. E no País como na academia de Coimbra, as duas poderosas correntes estão separadas por uma vasta gama de pessoas que a um lado vão buscar o socialismo e ao outro a democracia. Mas enquanto que em termos nacionais temos um Partido Socialista forte e majoritário — que lhe permite assumir uma posição que tem evitado situações de ruptura — já a nível de academia de Coimbra este sector e extremamente reduzido (em termos de estudantes e a ver pelos últimos resultados eleitorais, na casa de meio milhar) e de ineficaz poder de intervenção, pelo que a ruptura

teve o seu perigo alto na serenata da Sé Velha que, sendo embora promovida por antigos orfeonistas, viria também a ser assumida pela organização da «Semana Académica». E se é indelmente verdade que a serenata da Sé Velha foi verdadeiramente monumental, para muita gente mesmo a maior de sempre, o rigor de quem descreve e analisa obriga a que se reconheça que no Jardim da Associação, assistindo ao canto livre, estiveram também muitos estudantes e significativamente vasta a sua assistência. No Jardim da AAC, quase exclusiva ou predominantemente for-



No mercado, a aceitação ultrapassou o previsível

## Estudantes sequestraram o revisor do comboio especial

A organização do «Dia da Flor» fretou um comboio especial na tarde do passado domingo, para a Figueira da Foz, onde decorreu uma esardinhada, deslocando-se para aquela cidade algumas centenas de pessoas.

O que vamos contar a seguir é-nos narrado pelo revisor da CP que fez o serviço neste comboio especial, na viagem de regresso. Para não haver dúvidas, aqui fica a sua identificação: David José Fachada, com a categoria profissional de revisor da CP, com o n.º 600548-2, portador do Bilhete de Identidade n.º 145506.

Ao vir da Figueira, o sr. David Fachada começou a rever os bilhetes. As tantas surgem duas meninas que não têm bilhete e se recusam a pagá-lo, dizendo que «aquí ninguém paga nada», etc., etc. Toda aquela carangem se levanta e barafusta contra o revisor a quem insultam e dão uns empurrões. Envolvido no meio daquela barafunda, o revisor sentiu-se amedrontado, cala-se e vai-se aproximando da porta que lhe dá acesso à carruagem seguinte. E assim que conseguiu sair, fechou a porta para evitar que o seguissem para a próxima carruagem e o impedissem de fazer o seu trabalho. E assim veio até Alfaiates, onde o comboio parou (a única paragem). Os estudantes saem da carruagem fechada para o patamar da estação e, pelo lado de fora, dirigem-se todos para a carruagem onde ia o revisor. Agarram-no, cercam-no e tiram-lhe as chaves. Abrem a porta fechada, conduzem-no para o «fote» que separa as duas carruagens e põem-no lá dentro, onde o fecham à chave e o montem sequestrado até Coimbra.

De referir que o revisor fechado no «fote» não podia nem ir para a frente nem para trás. Chegados a Coimbra entregaram-lhe a chave. Feita a participação ao chefe da Estação, este tentou identificar as pessoas, mas não o conseguiu. Como nada conseguiram os agentes da PSP que estavam na estação nova. E assim acabou a atribulada viagem deste revisor, que ontem nos declarou que tem sete anos de revisor e nunca foi tão envolvido como ontem.

O sr. David Fachada é um trabalhador que ganha dia a dia o seu pão e dos seus. Viu-se envolvido pelas forças que se dizem defensoras dos trabalhadores, e forças em que eu ainda acreditava — disse-nos ontem ao concluir o relato do incidente.

Julgamos dispensáveis quaisquer comentários.



Acabadas as pastas, houve que continuar sem elas

foi imediata logo assumiram a chefia da AAC as forças que se opõem e a que se opõe o PCP. E o entendimento desejado é hoje impossível, tanto mais que a maioria dos estudantes — na ordem dos 60 por cento — se mantém ao lado e fora da vida associativa, recusando engraxar uma qualquer das duas posições.

### MUITA GENTE NAS DUAS REALIZAÇÕES

E foi assim que a par de uma «Semana Académica» se organizou o «Dia da Flor», uma e outra com muitos apoios em termos de concórdância. Oito dias vai durar a primeira, 3 dias a segunda; encontraram-se no passado dia 2, de um lado uma tarde e noite de música de intervenção, do outro, um mais vasto programa que

mada por estudantes; na Sé Velha, no lado dos estudantes, a grande maioria era constituída pela população de Coimbra, que preferiu esta a outra realização.

### HOUVE INCIDENTES DE CERTA GRAVIDADE

Estaria tudo certo, embora lamentavelmente dividido, se fosse só assim: cada uma em cada lado. No Jardim os que preferiam o canto livre; na Sé Velha os apaixonados da serenata; lá em cima os que apoiavam a iniciativa dos organizadores da AAC, cá em baixo os mais próximos da Direcção-Geral. E estariam num e noutro lado, os que gostavam de uma e de outra, recusando embora fazer parte de uns e de outros.

PÁG. 9



Ao princípio da manhã, os estudantes chegam às ruas da Baixa



Pouco mais de uma hora bastou para esgotar as pastas que havia



Muito ou pouco, cada um deu o que podia. Ninguém recusou o contacto das crianças e dos estudantes



Anexo 18 – Momentos finais da Semana Académica. *Diário de Coimbra*. 9 de Junho de 1979, p. 1.

# HOJE E AMANHÃ, DIAS GRANDES DA «SEMANA ACADÉMICA» QUE CHEGA AO FIM

BIBLIOTECA UNIVERSIDADE COIMBRA JORNAIS COIMBRA

## ■ Elementos da D.G. ameaçados de morte

Um auto-intitulado «Comando da Rosa Negra» tem dirigido ameaças, via telefone, aos elementos que constituem a Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra. À meia noite da passada quarta-feira, aquele grupo dirigiu a primeira ameaça aos elementos que se encontravam a trabalhar no edifício da AAC, afirmando que os primeiros cinco elementos a sair seriam pura e simplesmente abatidos. Sem dar grande importância a este tipo de ameaça cuja origem se desconhece mas se adivinha, foram tomadas algumas medidas de segurança, não fosse tratar-se de uma ameaça com algum fundo de autenticidade.



Além de ameaças não se tem, todavia, ido mais além, e a «Semana Académica» prepara-se para chegar ao fim, debitando à história da Academia de Coimbra uma importante factura de prestígio, conseguido graças à coragem de algumas centenas de estudantes que chamaram a si a tarefa de restituir a Coimbra, à cidade e à sua Universidade, uma parcela das suas tradições académicas. A adesão da população da cidade à iniciativa da Direcção-Geral é já um dado que ninguém desmentirá, e as próprias forças que vêm contestando a «Semana Académica» não deixam de reconhecer isso mesmo e preparam-se para no próximo ano seguirem estratégia diferente, provavelmente na intenção de não perderem definitivamente um comboio que, a passos seguros, deu o sinal de partida. E as ameaças a que nos referimos não são mais que o esfernejar de um sector anárquista que tem chamado a si a autoria dos poucos incidentes que até agora se têm verificado. Sintomático da força que o sector democrático vem conseguindo é o facto de durante esta semana várias dezenas de estudantes terem assistido às aulas na Universidade de capa e batina, indiferentes às escassas vozes de contestação que ainda se fazem ouvir. Apenas na Sé Velha se mantém ainda uma zona não «libertada», onde os estudantes de capa e batina que por ali passam são maltratados e ultrajados, o que, a não ser rapidamente debelado, poderá vir a originar qualquer incidente lamentável. Encontrámos já ali vários pais de alunos que se dispõem a proteger as suas filhas, afirmando alto e

PAG. 5

Anexo 19 – Balanço da realização. *Diário de Coimbra*, 12 de Junho de 1979, p1.



## A Semana Académica terminou ou começou a Queima das Fitas?

A «Semana Académica» terminou. Iniciada sob o signo da contestação, viria a desparar com a adesão crescente quer nos termos do público em geral quer em termos de estudantes, terminando em grande depois do Baile das Faculdades e da Carrilada que mobilizaram muito mais gente do que seria previsível.

A gravura do lado refere-se e documenta a chegada do comboio especial, com os estudantes a saírem da Estação Nova onde eram aguardados por uma pequena multidão que os saudou numa atitude de aplauso pela coragem demonstrada ao conseguirem repor um conjunto de tradições que são do manifesto agrado da população.

Do que se passou, em Coimbra e na Figueira da Foz, damos conta em desenvolvida reportagem que inserimos nas páginas interiores desta edição. Onde falamos também da posição da Juventude Socialista sobre a «Semana Académica». Do parecer das erupções de Coimbra sobre a restauração da praxe, etc., etc.. Remetemos o leitor para as páginas 5 e 9.



Anexo 20 – Notícia relativa à Semana da Tradição. *Diário de Coimbra*, 24 de Dezembro de 1979, p.4.

## «Semana da Tradição» em balanço:

# O grupo «Praxis Academiae Conimbricensis» verbera a negação do «Edifício Chiado» por um vereador

Em mais uma tentativa para o ressurgimento, que a cidade deseja, das tradições académicas, em especial o retorno da «capa e batina» e da «Quilma das Fitas», o grupo «Praxis Academiae Conimbricensis» organizou, de 7 a 15 do mês em curso, a «Semana da Tradição», como oportunamente

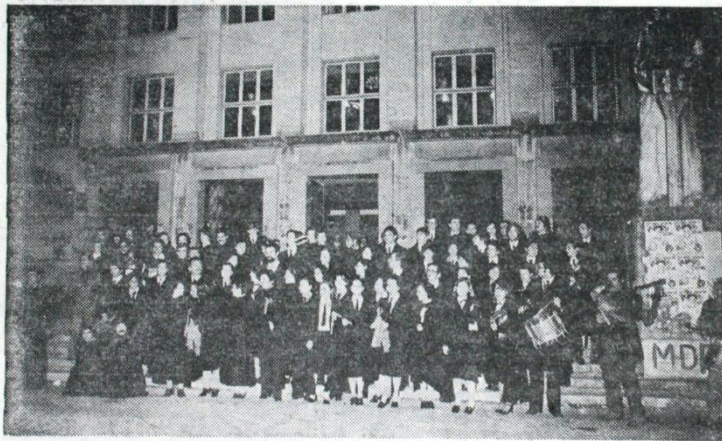
tarefa material de retomarmos, decididos, o uso das capas e das tradições que Coimbra, por dez anos, viu interrompidas.

E mais adiante «Assim, pelas 18,30 horas de sexta-feira, dia 7, o povo de Coimbra viu afluir, rem ao Largo da Portagem grupos de estudantes que, de ca-

se fez eco, o «Praxis Academiae Conimbricensis», aludindo ao colóquio que estava programado para o dia 14, pelas 15 horas, no «Edifício Chiado», afirma no comunicado que, depois de concedida autorização «quando um dos componentes da mesa se dirige, por mero descargo de consciência,

e sem argumentos perante pessoas que, como o «Dux Veteranorum» Dr. Pantaleão, expressamente se haviam deslocado a Coimbra para a nosso pedido participarem no projectado colóquio.

Façamos votos para que a próxima Câmara Municipal seja mais atenta às necessidades locais e não cometa erros de tão crassa ignorância, nomeando um responsável pelos assuntos culturais um pouco mais dotado para compreender o alcance duma realização como a que foi projectada e depois proibida».



OS ESTUDANTES QUE, ENVERGANDO «CAPA E BATINA», INTERVIERAM NA SERENATA QUE DECORREU, NO DIA 7, NAS ESCADAS DA FACULDADE DE LETRAS

noticiámos, com um programa variado que se cumpriu quase totalmente, muito embora as condições climáticas não tivessem ajudado, pois a chuva prejudicou, de certo modo, o brilho de algumas das iniciativas.

Na hora do «balanço», aquele agrupamento entende que o «saldo» foi «positivo», mau grado algumas contrariedades, para além daquele a que atrás aludimos. E no comunicado que nos fez chegar afirma-se, a dado passo, que «Houve festa, reunião, e a inevitável reposição daquela fervente alegria académica que nos une e identifica na massa espiritual, e na

pa e batina e empunhando as respectivas insígnias, deram ao seu entusiasmo gritando o tradicional «FRA» enquanto o povo, nas ruas e assomando às janelas, aplaudia vibrantemente. Seguiram, depois, na companhia dos gaiteiros rumo à Universidade através das ruas Ferreira Borges e Visconde da Luz, Avenida Sá da Bandeira e Rua Alexandre Herculano, caminhando entre alas de populares que assim quiseram demonstrar o seu inequívoco apreço pelo ressurgimento da sua velha e querida cidade».

Continuando a aludir às realizações, das quais, na altura própria, «Diário de Coimbra»

três horas antes do início do colóquio ao Turismo, apenas para confirmar a já garantida cedência dos aparelhos e filmes, o incrível aconteceu. Por obra-prima de um vereador da Câmara Municipal, a cedência do edifício Chiado tinha sido vetada em cima da hora, graças ao escrupuloso senso de responsabilidades completamente irresponsáveis — passo o paradoxo — do dito tutor da nossa cultura local.

Para além das expectativas frustradas de tanta gente, tal atitude despótica e leviana serviu não só para nos fazer cair no descrédito, como também para nos deixar embaraçados

## Tal como pre Aí temos a a degradar- muito lame

É fácil «sacudir a água do capôtes», mais ainda quando se aproxima o «render da guarda», mas a verdade é que os factos ficam para mostrar como fol (e são o retrato vivo da eficácia ou da inépcia). O que se passa com a Rua da Sofia, a mais ampla e bela artéria da Baixa coimbricense (como tantas vezes aqui temos referido) é simplesmente lamentável. Não pode, mesmo, conceber-se como é possível tanto desleixo. Aquilo só visto. Passos esburacados, com buracos de enormes dimensões a obrigarem o transeunte a desviar-se para a faixa de rodagem com todos os perigos concomitantes, já que o movimento de auto-



Anexo 21 – Anúncio da realização da Queima das Fitas. *Diário de Coimbra* 21 de Janeiro de 1980, p.1.

## EM MAIO REALIZAR-SE-Á EM COIMBRA A QUEIMA DAS FITAS

— foi anunciado no Sarau de sábado passado  
no Gil Vicente

*Em Maio próximo haverá em Coimbra a Queima das Fitas* Esta foi a notícia oficialmente divulgada na noite do passado sábado no decorrer do sarau realizado no Gil Vicente e com que se iniciou a Semana da Recepção ao caloiro, outra iniciativa de profundas tradições académicas que ressurgiu este ano na Academia de Coimbra. Foi Carlos Rodrigues, membro da Direcção-Geral da Associação Académica, que ao fazer um breve discurso explicativo do sarau que se ia iniciar anunciou a realização da Queima das Fitas, estando já praticamente concluída a respectiva Comissão a sair das diversas Faculdades. O público aplaudiu de pé e vibrantemente a notícia, a dizer bem o quanto aquela realização académica é do gosto da população de Coimbra.

Ao abrir as suas portas na noite do passado sábado, o Teatro de Gil Vicente foi palco da primeira realização de vulto da Semana da Recepção ao Caloiro: o Sarau. A atracção maior era a Tuna da Universidade de Salamanca, outra prestigiosa e velha Universidade europeia que assim se associou ao renascer de mais uma manifestação académica coimbrã que teve para nós duas características que importa referir: o ter-se efectuado no local próprio (Gil Vicente) sem necessidade de se procurarem locais fora-de-porta, como chegou a acontecer na Semana Académica realizada no ano passado; e o contar com a presença do magnífico

reitor, Professor Ferrer Correia, que, ao associar-se à realização, juntou um dado de indiscutível mérito ao seu reitorado que, com humildade de Mestre, se vem alcançando a um nível de prestígio que poucos terão conseguido. Ao estar presente no Sarau de sábado passado, Ferrer Correia deu sentido e realização prática a uma afirmação contida na entrevista que deu recentemente ao «Diário de Coimbra» e cujo valor, pela sua frontalidade e recusa a desvios de estratégia, fica a constituir um dado importante na história da Reitoria da Universidade de Coimbra. Vale a pena recordar o que disse então Ferrer Correia ao referir-se às

tradições académicas: «...Certamente, o valor de uma Universidade não se mede pelo seu apego a velhas praxes e símbolos, mas por outro lado o seu desapego em relação a tais coisas não significa necessariamente que nela prevaleça um sentido de abertura ao progresso, um desejo firme da renovação de estruturas, um espírito largo de modernidade. É erro supor que, para se renovar e progredir, deva uma instituição cortar com o seu passado e com todos os símbolos e usanças que o evocam, e antes me parece é na recordação e respeito dos valores do passado que as instituições, como os povos, devem fundar-se para construir os caminhos

do futuro». E a terminar: «No meu modo de ver, não são as tradições que entorpecem o progresso, mas sim a vontade de permanecer no passado». Vale a pena meditar nestas palavras do Prof. Ferrer Correia cujo sentido é bem o enquadramento do que deve ser o respeito pelo passado projectado para a Universidade de amanhã.

Diferente no sentido de análise mas não menos importantes que os dados atrás referidos, é também a solidariedade participativa que à Semana da Recepção ao Caloiro vem dando a Associação de Antigos Estudantes da Universidade

PAGINA 4



Impecáveis, na apresentação e exibição, as gentis «marjorettes» dos Bombeiros Municipais da Lousã antecedem a Fanfarras da mesma corporação, durante as evoluções de ontem no Estádio Municipal de Coimbra, enquanto decorria o intervalo do encontro de futebol entre o C. Académico de Coimbra e o Torriense. Esta deslocação a Coimbra da luxida «embaixada lousanense» integrou-se na programação da «Semana de Recepção ao Caloiro», ora a decorrer, promovida pela Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra. (Foto «Formidável»)



Anexo 22 – Notícia alusiva à “Latada” de 1980. *Diário de Coimbra* 22 de Janeiro de 1980, p.4.

**«Semana de Recepção ao Caloiro»  
teve ontem um dos momentos  
culminantes**

## **A «LATADA» ATINGIU ALTO NÍVEL NÃO DESMERCENDO DAQUELAS QUE HÁ ANOS ATRÁS MARCAVAM O ESPÍRITO DUMA ACADEMIA SEM PARALELO**

Afirmar-se que Coimbra veio toda para a rua para assistir à «Latada» de ontem seria estulto, pois há que entender-se que, à hora em que se iniciou o desfile, passava das 15 horas, a maior parte da população da «Lusa-Atenas» se encontrava entregue às obrigações profissionais do quotidiano. Mas pode dizer-se, isso sim, que foi grande a adesão popular, já que as ruas do trajecto percorrido pelo cortejo se encontravam pejadas de gente, e isso bastará para que se faça ideia

do muito que a Coimbra são queridas as tradições da sua velha Academia. Tradições essas que, mercê de incompreensão, estiveram «hibernando» durante quase dez anos. A «Semana de Recepção ao Caloiro», ora a decorrer, produto duma feliz iniciativa da actual Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, encontrou o eco desejável, não só por parte dos estudantes da vetusta Universidade de Coimbra, como da parte da maioria da população conimbricense, que

não esquece, facilmente, quanto está ligada às «praxes» ancestrais e «sui generis» da sua Academia. Academia essa que, por força de ventos inconsequentes e incompreensíveis, esteve afastada dessa realidade, por algum tempo. O reencontro já se deu, e espera-se que não haja mais qualquer ruptura. As perspectivas são animadoras, e o caminho encetado afigura-se como irreversível.

Depois duma concentração

PAGINA 4



*A «Latada» desfilando na Rua Visconde da Luz, na tarde de ontem, ante a curiosidade da multidão que se ia juntando. O retorno de tradições académicas é já irreversível como nos demonstram o entusiasmo estudantil e da população conimbricense.*



Anexo 23 – Notícia do espancamento de estudante de Capa e Batina. *Diário de Coimbra* 1 de Fevereiro de 1980, p.1.

## Quando Coimbra vive o regresso às tradições académicas

### ESTUDANTE DE «CAPA E BATINA» AGREDIDO POR «CONTESTATÁRIOS» RECEBEU TRATAMENTO NOS H.U.C.

Enquanto a maioria da Academia de Coimbra, com o apoio da quase totalidade da população da urbe, procura fazer renascer as tradições que fizeram da velha «Aeminium» e dos seus estudantes um caso sem paralelo no País e, porventura, em todo o Globo terráqueo, uns tantos «contestatários», já bem cientes da falta de apoio válido, começam a deixar extravasar o ódio que têm vindo a acumular, enveredando pelo caminho da agressão. Como se, com argumentos de tal jaez, consigam convencer quem quer seja das suas «hipotéticas» razões. E ontem assim aconteceu.

O estudante José Carlos Martins Amaral, de 20 anos, solteiro, natural de Lisboa,

mas a residir nesta cidade, quando ao sair da aula a que acabara de assistir, envergava, com natural orgulho, a sua capa e batina, foi selvaticamente agredido, tendo tido necessidade de receber tratamento a ferimentos incisivos, no Banco dos Hospitais da Universidade de Coimbra.

A este propósito, o «PAC» (Praxis Academiae Conimbricensis) emitiu um comunicado com o seguinte teor:

«Na sequência dos acontecimentos de ontem à tarde, durante os quais um nosso colega, envergando capa e batina, foi cobarde e injustificadamente agredido à saída de uma aula a que acabara de assistir, vem o «PAC» por este meio alertar a Universidade e a ci-

dade de Coimbra para uma questão que não pode permanecer impune por mais tempo, e da qual este caso é apenas uma das muitas repetições a que, calados, temos vindo a assistir ou a sofrer, desde que nesta terra se voltaram a instaurar as tradições académicas.

Não permaneceremos amorfos, expostos passivamente à fúria destruidora de alguns poucos que desconhecem as regras da convivência pacífica, e ignoram despoticamente aquilo que de todos é sabido: não há razão para que, num país livre, se utilizem medidas violentas como se todos fossemos obrigados a aceitar regras e verdades únicas, impos-

PÁGINA 12

Anexo 24 – Anuncio de programa para a Queima das Fitas de 1980, *Diário de Coimbra* 26 de Março de 1980, p.1.

## QUEIMA DAS FITAS DA ACADEMIA DE COIMBRA JÁ TEM PROGRAMA

Na tarde de ontem, dois elementos que fazem parte de recente formada Comissão Central da Queima das Fitas de Coimbra, deram a conhecer durante a realização de um encontro com os representantes dos órgãos da Comunicação Social, convocada para o efeito, o programa provisório daquela manifestação tradicional académica coimbrã, que este ano reaparece, após uma dezena de anos de interregno mais ou menos «forçado». Coimbra vai poder assistir entre os dias 23 e 28 de Maio próximo, a uma série de típicas e castiças festas e iniciativas que fizeram da sua vetusta Universidade uma das mais célebres do mundo. Não só por este aspecto particular e de vivência é evidente, mas por um conjunto de outros. No entanto, as tradições estudantis projectaram a cidade do Mondego e tornaram-na conhecida. Isto não é saudade... é que há valores que são história e povo sem história não tem futuro.

Vamos à divulgação do programa: SEXTA-FEIRA, 23 DE MAIO: «DIA DE COIMBRA» — Serejeta Monumental às 0 horas na Sé Velha. PÁGINA 9



**Reitores de Universidades portuguesas e espanholas reuniram em Coimbra**

No Palácio de S. Marcos estiveram ontem reunidos os Reitores das Universidades Portuguesas e uma representação da Conferência de Reitores das Universidades Espanholas, chefiada pelo Reitor da Universidade de Sevilha, Francisco Gonzalez Garcia, integrando o sub-director-geral da Política Científica, Marcos Rico, e a sub-directora geral da coordenação, Tereza Mendizabal.

No final da reunião (a que se refere a foto), o Reitor da Universidade de Coimbra, Prof. Dr. Ferrer Correia, referiu que os objectivos da reunião são:

PÁGINA 9



**UM ASPECTO DA CONFERÊNCIA DE IMPRENSA ONDE SE DEU CONTA DO PROGRAMA DA QUEIMA DAS FITAS**

tes dos órgãos da Comunicação Social, convocada para o efeito, o programa provisório daquela manifestação tradicional académica coimbrã, que este ano reaparece, após uma dezena de anos de interregno mais ou menos «forçado». Coimbra vai poder assistir entre os dias 23 e 28 de Maio próximo, a uma série de típicas e castiças festas e iniciativas que fizeram da sua vetusta Universidade uma das mais célebres do mundo. Não só por este aspecto particular e de vivência é evidente, mas por um conjunto de outros. No entanto, as tradições estudantis projectaram a cidade do Mondego e tornaram-na conhecida. Isto não é saudade... é que há valores que são história e povo sem história não tem futuro.



Anexo 25- Noticias do começo da Queima das Fitas de 1980. *Diário de Coimbra* , 24 de Maio de 1980, p. 1-4.



# **A MAIOR SERENATA DE TODOS OS TEMPOS MARCOU O REINÍCIO DA QUEIMA DAS FITAS**

PÁGINA 4





## Coimbra

# A MAIOR SERENATA DE TODOS OS TEMPOS MARCOU O REINÍCIO DA QUEIMA DAS FITAS

— Ligeiros ameaços de uns rapazes que ainda «praquistão»

Aquele jornalista de um vesperino lisboeta que veio a Coimbra para fazer a cobertura (?) da Queima das Fitas e disse no seu jornal que isto era «uma pobreza franciscana» deve ter ficado embasbacado se foi à Sé Velha ao princípio da madrugada de ontem e viu ali a resposta inequívoca que Coimbra dá ao reatar da Queima das Fitas. Se esse mesmo jornalista assistiu à Serenata Monumental deve ter ficado a pensar para consigo mesmo o quanto é difícil conciliar o mínimo de honestidade com os interesses políticos que fazem mover as águas da informação.

Esta terá sido, em termos de público presente, uma das maiores serenatas de sempre. Foi o largo da Sé Velha completamente cheio, apinhado mesmo, comportando todas as ruas de acesso os muitos milhares de pessoas que já não conseguiram aí penetrar. Pessoas que começaram a chegar por volta das 22,30 e que às 11 horas se acotovelavam para garantir a melhor posição possível. Foi nesta altura que chegou à Sé Velha um grupo de cerca de 500 estudantes de capa e batina que se haviam juntado no Largo da Portagem e que aos gritos de «FRA's» deram à Sé Velha a tonalidade de acontecimento académico de invulgar significado em termos de história local: foi a certeza do sucesso da serenata, foi o reencontro da Academia com a cidade, foi a ligação da Universidade com as suas tradições de há 11 anos atrás. Desde as 23 horas até ao início da serenata foi o chegar contínuo de gente e mais gente a não deixar livre um centímetro quadrado de toda a Praça. E começaram os desmatalos, em consequência da fal-

ta de espaços livres que há muito deixara de haver.

**SEM SIGNIFICADO  
DIGNO DE REGISTO  
AS «BRAVATAS»  
DUNS «POUCOS»**

Se não estivesse nunca em causa a aceitação popular deste tipo de iniciativas académicas, receava-se que a agitação vivida nas últimas semanas na Faculdade de Direito pudesse de algum modo radicalizar comportamentos e gerar incidentes. O que, felizmente, se não veio a verificar, pese embora uma tentativa de escaramuça tentada junto do cinema de Sousa Bastos, quando um grupo de estudantes que ainda «praquistão» lançou das janelas sobre os tais estudantes que subiam da portagem bacias de água, caixotes de lixo, garrafas e outros objectos que não causaram outros danos para além de ligeiros ferimentos nos estudantes Ângela Maria Pinto Rodrigues Félix Santos, de 21 anos, casada e António Manuel da Costa Leitão Santos, que receberam tratamento no Hospital a ligeiros ferimentos provocados por um vidro.

Valeu ali a serenidade de uns tantos ao não permitir que os mais exaltados tentassem ali mesmo ressarcir-se da ofensa sofrida.

Não houve mais nada para além disto e a melhor quota parte de assim ter sido dever-se-á por certo ao trabalho de prevenção da PSP, feito em moldes de dissuadir quaisquer tentativas de boicote. Como aquela para que se preparava um grupo para os lados da Couraça mas que foi rapidamente neutralizada.

**MAS AQUELE  
PÚBLICO NUMEROSO  
MERECEIA MELHOR**

Se indesmentível adesão da população à serenata foi bem a chave de prata que abriu a Queima das Fitas de 1980, serenata que terá sido — repetese — uma das maiores de

sempre, não o foi todavia — longe disso — a melhor em termos de qualidade das interpretações dos cantores de fado que participaram. E pena foi que neste aspecto a serenata não tivesse sido mais cuidada, já para merecer o enorme carinho do público já

## O Coro Universitário de Salamanca «Sarau» e o «Duo Ouro Negro» foram números grandes da Queima na noite de ontem

«Ninguém acredita, vou queimar a «fita», vai ser um delírio». Isto dizia o Raul, um dos componentes do «Duo Ouro Negro» (o outro, como se sabe, é o Milo), para um grupo de estudantes (dizemos «estudantes», porque se tratava de representantes do «belo sexo») que, com ele acamaradava junto a um dos vários «bares» improvisados no Parque Dr. Manuel Braga, na noite de ontem, e antes da sua actuação. O repórter, acidentalmente, estava lá, ouviu, mas entendeu não dever prescindir da aquiescência do simpático Raul para divulgar a «inconfidência». Muita gente no Parque, muitas «capas e batinas» como, de resto, por toda a cidade que, ontem, foi percorrida por «geiteiros» e apresentava um tom de «gerrildice» próprio da quadra festiva que está vivendo. Mas havia mais...

**O «SARAU»  
NO TEATRO AVENIDA**

Com a dignidade de quem

a não quer perder, nem a pessoal, nem a que é tradicional da Universidade a que pertence o Orfeon de Salamanca «O Coro Universitário de Salamanca» apresentou-se, ontem à noite, no Teatro Avenida de Coimbra, no «Sarau» que fazia parte do programa da «Queima das Fitas» de 1980, ora a decorrer, com os seus bonitos «trajos académicos» (que haja por cá quem nisto veja a sua sem-razão). Dirigido por Jesus Garcia-Bernalt, aquele Coro delimitou a vasta plateia.

**AVARIA ELÉCTRICA  
ATRASOU FESTIVAL  
NO PARQUE**

Incompreensível (e incompreensível porque os respectivos Serviços deveriam estar atentos, e não estiveram, não sabemos porquê) uma avaria na instalação eléctrica do Parque Dr. Manuel Braga fez que o Festival, programado para a noite de ontem, ainda se não houvesse iniciado por volta das

TARDE



24-5-1930 — 24-5-1980

# DIÁRIO DE COIMBRA

Meio século ao serviço de Coimbra e das Beiras



## COIMBRA JÁ ESTÁ A VIVER A «QUEIMA DAS FITAS» DE 1980 APÓS 11 ANOS DE INTERREGNO

Vive-se já em Coimbra, e desde ontem, o ambiente festivo da «Queima das Fitas», no seu regresso, após a prolongada ausência de mais dum decénio. Regresso este que toda a cidade saúda, pois não se duvida que a «Queima das Fitas» faz parte integrante do seu património, tal como a secular Universidade e a Academia que lhe está implícita. E o colorido do «Japão» está já, também, a dar outra alegria à cidade, alegria essa que só se observa em alturas como esta. Alegria que aliás, já fazia falta, pois a monotonia característica do burgo carece, de vez em quando, dum «safanão». E uma semana de escape para o marasmo, uma semana em que se esqueçam as «tricas» do quotidiano, é sempre bem vinda, para

*(Continua na página seguinte)*

ESTE SUPLEMENTO INTEGRA A EDIÇÃO  
DE 24 DE MAIO DE 1980  
DO

### DIÁRIO DE COIMBRA

não podendo ser vendido separadamente

Sub a velha Torre a comunhão Di-  
zido-Academia está bem expressa  
na imagem que se observa e nos  
mostra um momento do Cortejo dos  
Quarantistas na sua passagem pe-  
las ruas da Baixa coimbrã, durante  
as Festas da Queima das Fitas de  
há alguns anos atrás, mas que se  
irá repetir, de certo, na próxima  
terça-feira





Anexo 26 – Notícias acerca do Cortejo da Queima das Fitas. *Diário de Coimbra*, 28 de Maio de 1980, p.1-4

**DIÁRIO DE COIMBRA**  **PORTO PAÇO**

JORNAL «DIÁRIO DE COIMBRA» DAS BEIRAS QUARTA-FEIRA, 28 — MAIO — 1980 12550

Biblioteca da Universidade COIMBRA

LIMA AMEIDA E FERAS.  
Um paleiro de blánga an-  
cofros num cabaz de marisco  
que acabava de comprar uma  
amplia de repolho, que penava  
nada menos de quilo e meio,  
talvez a maior de que há me-  
mória. E o mais curioso é que  
o encontro terá passado des-  
percebido a quem a apunhou.

**A RESPOSTA ESTÁ AÍ:** 

# MAIS DE 200 MIL PESSOAS ASSISTIRAM ONTEM AO MAIOR CORTEJO DE SEMPRE DA QUEIMA DAS FITAS

(Página 4)



### A PINCELADAS DE CORAGEM E DE DIGNIDADE

Noutro local desta edição se julará da dimensão atingida ontem pelo Cortejo dos Quarantistas, ponto alto da Queima das Fitas de 1980. Aqui importa apenas referir dois ou três pontos que consideramos importantes.

O primeiro diz respeito a nós mesmos, jornal que somos. Sem dificuldade se reconhece o papel importante que desempenhamos ao longo dos últimos anos para que a Coimbra fosse devolvido o que é da sua Academia e das suas gentes: a Queima das Fitas. Assumimos essa coragem em tempos difíceis quando mais nenhum outro órgão da Informação o ousava fazer, por entendermos então e entendermos hoje não existirem razões que impeçam este tipo de realizações. E a coragem que ontem tivemos é a satisfação que hoje sentimos por termos interpretado correctamente o vontade das gentes em nome das quais falamos. E se é certo que não fizemos mais do que a nossa obrigação, deixamos reconhecer que ter sabido assumi-la é motivo bastante para nos sentirmos satisfeitos.

Mas de nada teria valido essa função que desempenhamos se outros a não tivessem assumido também. Foi o que fez a Direcção-Geral da Associação Académica, a quem Coimbra deve neste momento de euforia uma palavra de gratidão e reconhecimento pela muita coragem que soube ter ao dar os primeiros passos para reeditar a Queima das Fitas, há um ano eufemisticamente surgida nas vestes da Semana Académica. Há um ano atrás foi preciso muita coragem para assumir a posição por que a Direcção-Geral se bateu. Esta palavra de gratidão é-lhes devida, tanto mais que sabemos, como poucos, os riscos de toda a ordem que os respectivos elementos então correram. Mas como tudo na vida, estas coisas só se conseguem a pinceladas de coragem e de dignidade. E-lhes devida o reconhecimento desse mérito.

A nota final é para aqueles que não se cansaram nunca de rotular as tradicionais iniciativas académicas como manifestações de forças da direita, assumindo a postura de alar de a população estudantil. Sempre defendemos que o não eram nem o podem ser. Nem da Direita nem da Esquerda, porque nem uma nem outra podem reivindicar para si o que a Coimbra pertence, ao lado e à margem das opções de cada um. E se foram os estudantes não afectos às forças comunistas que conseguiram reeditar a Queima das Fitas, o mérito é seu. Os outros terão reconhecido já o erro que cometeram e a partir de ontem com certeza que não continuarão a dizer que a Queima é uma manifestação da Direita. Se o fosse, tanto pior para eles.

L. V.

### COIMBRA SEM TRANSPORTES DURANTE DOIS DIAS

—NINGUÉM SE DIGNOU AVISAR O PÚBLICO

PÁGINA 4

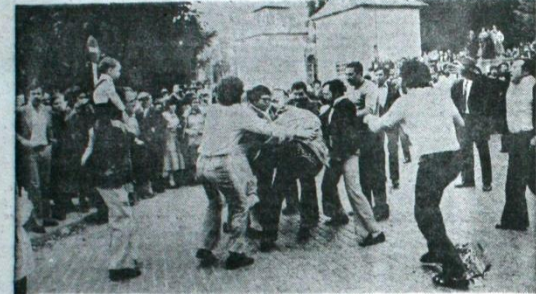


Coimbra

# QUEIMA DAS FITAS

Transcendendo todos os cálculos previsíveis, entrando-se em linha de conta com o que acontecia em tempos idos, o «Cortejo dos Quartanistas» da Universidade de Coimbra, que se seguiu à cerimónia da «Queima das Fitas» propriamente dita e que ontem desfilou pela cidade, constituiu um espectáculo impressionante. Impressionante porque, para além de ter sido o maior cortejo de todos os tempos, foi presenciado por uma assistência que se pode computar nas centenas de milhares. Não há exagero nesta afirmação, mesmo pensando-se que Coimbra tem uma população que ronda os cem mil habitantes. É que, a uma larga percentagem desta, foi adicionado o número, quase incrível, de muitas dezenas de milhares de estrangeiros, quer do País quer do estrangeiro, que não

queriam deixar de assistir a um «acerto de contas», chamemos-lhe assim, de quantos, há onze anos não tinham (não tiveram) a sua Festa. A Festa ímpar da Academia de Coimbra que perdura pelo tempo fora nas recordações de quantos passaram pela «Lusa-Atenas» e dela levaram o apetecido «canudo». Foi, na verdade um espectáculo declumbrante.



Um aspecto do incidente na Praça da República, com a «queima» das «aprovacões».

quiseram deixar de assistir a um «acerto de contas», chamemos-lhe assim, de quantos, há onze anos não tinham (não tiveram) a sua Festa. A Festa ímpar da Academia de Coimbra que perdura pelo tempo fora nas recordações de quantos passaram pela «Lusa-Atenas» e dela levaram o apetecido «canudo». Foi, na verdade um espectáculo declumbrante.

É que os «aprovados» que se convenceram, estultamente, de lhes ser possível «botar» o Cortejo, e que se fundu da Rua Alexandre Herculano, na sua confluência com a Praça da República, faziam uma pe-

quena «barreira», se convençam, agora, da parvoíce das suas intenções. Eles não sabiam, por seu mal, e na altura, o que vinha por detrás dos

**«A QUEIMA DAS FITAS»**

Com o antigo Largo da Feira, frente à Igreja da Sé Nova,

que um «grupelozito» ficaria a saber que Coimbra já tem dificuldade em tolerá-los. Que tenham juízo, se é que aqui querem viver tranquilos. Mas a «caravana» passou, e nem outra coisa seria de esperar. É que...

**«AGORA A HISTÓRIA É OUTRA»**

Como se denominava um bonito carro dos quartanistas da Faculdade de Letras, «Agora a história é outra», também apetece dizer que Coimbra é já outra. Não aquela que esses «poucochinhos» pretendiam, mas a genuína, aquela que, no fundo, sempre foi, mas que se não mostrava como tal, talvez que envergôhada de tanta maldade de que foi alvo a vítima.

E a Avenida Sá da Bandeira foi descida, depois da Praça, ante o delírio autêntico (e no bom sentido) das dezenas de milhares de assistentes, em perfeita sintonia com os que do Cortejo lhes transmitiam contagiante alegria: Grande, gran-

de, grande, sem margem para qualquer possibilidade de especulação, tão do gosto de certas gentes.

É à medida que o Cortejo se aproximava da «Baixa» coimbrã, impossível se tornava romper, tão densa era a incensurável multidão.

De entre os trinta e seis carros que desfilaram o maior número pertencia aos estudantes de Medicina, o que já é tradicional. E viam-se pindas com muito gosto, como aquela que se reportava ao Banco dos HUC e continha esta exclamação: «Oh Urgências!...», mas também «O Anti-Concepcional» chamou particularmente a atenção. Depois eram os carros de Direito, os de Letras, os de Ciências (estes com um carro de Engenharia em que se lia: «Oferecem-se pedreiros formados em Engenharia Civil, numa clara alusão à falta, gritante, de postos de trabalho, de Psicologia, de Farmácia, e de Economia».

Entretanto, choviam as serpentinas e confetis, das varandas e janelas, previamente engalanadas com colgaduras, numa autêntica «batalha de flores», e flores porque, também, eram entregues, à passagem, por pessoas que assistiam ao desfile, a estudantes que seguíam nos carros, ou a pé, E

**QUEM É QUE TEM CORAGEM DE DESMENTIR ?**

Éra povo. Era o povo andrónico. Era Coimbra, mas não só, como começámos por adiantar no início desta reportagem sobre o maior cortejo de sempre da Queima das Fitas da academia coimbricense. Comparem, os contestatários, todo aquele mar de gente «em a única casa» que costumam ter quando se servem do Teatro de Gil Vicente.

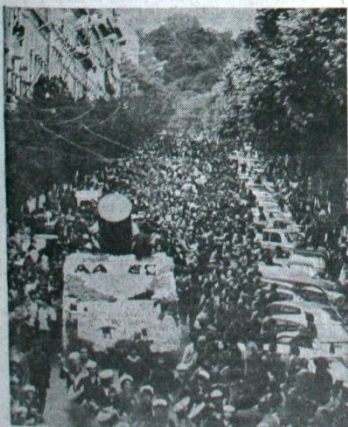
E vejam de que lado está a razão. O que ontem aconteceu foi, autenticamente, a liberdade restituída à Academia de Coimbra.

Medita-se nisso, pois não pode esquecer-se ter sido a melhor resposta dada por Coimbra a quem tentado envenená-la, e destruí-la, servindo-se de métodos abrutantes. A vitória de ontem (e assim se pode considerar) foi a vitória da verdade sobre a mentira. Coimbra é assim, e o mal é de quem a não sabe — ou não quer — aceitar como é.

É à alegria e entusiasmo de quase todos, juntou-se, no dia do



Aproximava-se o Cortejo da Praça 8 de Maio, e era este o aspecto, impressionante, da assistência que ali se apinhava.



Com os «Mareantes do Rio Douro» à frente, o Cortejo desce a Avenida Sá da Bandeira. Logo a seguir vê-se o bonito carro da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra.

completamente cheio de estudantes e de público que assistia à cerimónia, procedeu-se à simbólica «Queima de insignias» no também simbólico «penico», quando já se aproximavam as 15 horas. A demo-rra ficou a dever-se ao «esquecimento» do «penico», instrumento indispensável, para que o cerimonial se processasse dentro das estratagemas da Academia de Coimbra. Mas o «penico» chegaria, por fim, para alívio de quantos começavam a inquietar-se por não verem a possibilidade de chamuscar os seus «releios» ou as suas «fitas estreitas». Mas tudo acabaria em bem, e o Cortejo começou a movimentar-se. Primeiro os «Mareantes do Rio Douro», a seguir o carro, lindíssimo, da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra, onde seguiam os «velhos doutores» (aqueles que não haviam tido «Queima das Fitas» quando concluíram os seus cursos) grande quantidade que, obviamente, ali não cabia. Pastas com fitas das cores de todas as Faculdades que integram a Universidade de Coimbra, eram agitadas por esses «doutores». A seguir, a juventude, espirituosa e irreverente, representada pelos actuais estudantes, de ambos os sexos, que se repartiam pelos trinta e seis carros alegóricos, enfeitados com flores de papel e com motivos alusivos às Faculdades que frequentam, e que seguiam a pé, como era o caso dos «caloiros», dos segundo e terciaristas e, também, dos finalistas que, brevemente, terão os seus «canudos». Estes, de «cartolas» e «bengalas» a condizer com o colorido das fitas das pastas que sobravavam. E começava a grande festa na qual se integravam os muitos, muitíssimo mesmo, milhares de pessoas que se comprimiam ao longo dos passeios das ruas do percurso, desde o Largo da Feira, à Praça de D. Dinís, desde aqui até aos Arcos do Jardim (onde confinam várias artérias, e todas repletas de gente). A seguir à descida da Rua Alexandre Herculano, até à Praça da República, Praça esta que dificilmente continha a multidão que ali se acotovelava. Seria, nesse momento,

do seu consultório, sendo entusiasticamente saudado pelos estudantes de todos os carros alegóricos.

**A FALTA DE TRANSPORTES COLECTIVOS FOI UMA DESAGRADÁVEL SURPRESA, MAS...**

Se havia intenção premeditada, o «tirg salu pela euítra», como se costuma dizer, pois apesar da lamentabilíssima «greve» dos «transportes colectivos», a sugestir «coisas» que nem valera a pena escrevermos, pois facilmente se adivinhavam, por coincidência com o «dia grande» da «Queima das Fitas»; ela não terá tido tão grande evidência quanto seria do desejo dos promotores. É que, como toda a gente teve oportunidade de ver, já era difícil à cidade, no dia de ontem, receber ainda maior número de pessoas. Sendo, como todos sabemos, o serviço de transportes colectivos, em Coimbra, bastante deficiente em todos os aspectos (além de ser demasiado caro para os utentes), custa a aceitar que o pouco — e fraco — que há falta em alturas destas. Elas já sabem porque, mas não deixa de merecer o reparo que se impõe nestas ocasiões e o sintético «oi» de reclamações que durante todo o dia nos chegavam.

entem, o nostalgia, de muitos. Vimos lágrimas em muitos olhos. Lágrimas de emoção, por ter sido possível ver restituída a Coimbra a dignidade que ela sempre teve, mas lhe fora escamoteada por vários anos e por quem não tinha qualquer direito de o fazer, como ficou amplamente comprovado.

**E A FESTA CONTINUOU A NOITE NO PARQUE DR. MANUEL BRAGA QUE «REBENTAVA» PELAS «COSTURAS»**

Depois da tarde grande que vimos de reter: todos os caminhanos, à noite, encontravam no Parque Dr. Manuel Braga, que teve dificuldade em conter, dentro das suas «fronteiras», o impressionante número de espectadores que ali acorreu. Foi, efectivamente, um extraordinário «fim-de-festa» para o dia de ontem.

Continuou por ali, animando todos os seus recantos, a contagiante alegria dos estudantes aliada ao incontido entusiasmo de quantos demandaram o belíssimo recinto.

Mas José Clá, Mara Abrantes, Maria Teresa, José Malhoa, Vasco Rafael e mais uma vez, Shegundo Galera e o seu conjunto, muito contribuíram para que esse entusiasmo e alegria



## **Arquivo privado de Carlos Carranca**

Anexo 27 – Primeira actuação de Canção de Coimbra depois do 25 de Abril



Anexo 28 – Autocolante do Movimento Pró-Reorganização e Restauração da Praxe Académica de Coimbra.



Anexo 29 – Venda da Pasta na Semana Académica



Anexo 30 – Joaquim Reis (de pé) e Carlos Carranca (sentado à direita)





Anexo 31 – Garraiada da Semana Académica



Anexo 32 – F-R-A no meio da população coimbrã na venda da pasta da Semana Académica (Baixa de Coimbra)



Anexo 33 – Chegada à figueira da Foz para a Garraiada



Anexo 34 – Jogo de futebol com trabalhadores da Joframa (Cartaz da Semana Académica)





Anexo 35 – Cumprimento de Ferrer Correia, Reitor da Universidade de Coimbra na Semana Académica



Anexo 36 –Semana da Tradição – Noite da Serenata



Anexo 37 – Sarau onde se anunciou o regresso da Queima das Fitas, 1980



Anexo 38 – Lançamento da revista *Coimbra de Capa e Batina* no restaurante Democrática, com a actuação de Luis Filipe, António Portugal, Professor Pinho Brojo, Professor José Mesquita e Aurélio Reis.





REVISTA ACADÉMICA  
N.º 1  
Preço: 30\$00

**COIMBRA**  
**DE CAPA E BATINA**

ASSUNTOS ACADÉMICOS . CULTURA . DESPORTOS . CRÍTICA . ACTUALIDADES

**queima das fitas 8-80**  
**O REGRESSO DA TRADIÇÃO**  
Pag. 14 e 15



**Dr. Castanheira Neves**  
**CAC - REGRESSO ÀS ORIGENS**  
ENTREVISTA DIRIGIDA POR: CARLOS CARRANCA  
Pag. 5



**Dr. Paulo Cardoso**  
**A TRADIÇÃO É CULTURA E NÃO POLÍTICA**  
Pag. 13

**REAL REPÚBLICA BOA-BY-ELA**  
**A PRAXE EM LIBERDADE**  
Pag. 11



# QUEIMA DAS FITAS

Por Mário Martins

## O REGRESSO DA TRADIÇÃO

### INTRODUÇÃO

Onze anos depois, a Queima das Fitas voltou à cidade-mãe. E fê-lo de forma imponente, demonstrando uma força que só as tradições verdadeiramente populares conseguem polarizar.

Coimbra acolheu-a de forma entusiasmática, qual filho-pródigo de regresso a casa. Em todo o lado e em qualquer realização, foi patente o comungar de ideias e de sentimentos.

Por alguns dias, a urbe voltou a ser a cidade do sonho, do encanto e da tradição. As capas negras e as fitas, os grelos e as cartolas, os carros alegóricos e as guitarras reencontraram-se com os coimbricenses. Não de uma forma elitista (como alguns, durante anos, quiseram fazer crer), antes sendo sínónimo de amizade, de irreverência, de alegria.

Durante uma semana Coimbra voltou a ser Coimbra. Como diz o fado...

■

Falar do que foi a Queima das Fitas - 1980 é tarefa que, de modo algum, se poderia circunscrever a estas duas páginas. Assim, apenas abordaremos os aspectos de maior impacto: a serenata, a garralada e o cortejo. De forma sucinta, como é óbvio, porque as fotografias falam bem melhor do que nós.



### serenata



Uma hora antes já o largo da Sé Velha se encontrava repleto. Milhares e milhares de pessoas quiseram marcar presença e afirmar, de maneira inequívoca, o seu contentamento pelo regresso da Queima.

Alguns minutos depois da meia-noite, sob o olhar complacente da lua em quarto crescente, o stádio daquela mole imensa deu lugar ao silêncio que é apanágio do lado coimbrão.

Generam as guitarras, trinaram as violas e elevou-se no ar a voz do estudante cantando poemas de amor e de saudade. Ecoaram os F.R.A., adejaram as negras capas e esvoaçaram as fitas multicolores.

Era a Queima que principiava e, nesse dia, Coimbra delou-se tarde. Lá longe, a lua, envolta em manto de azul cintilante, continuava a sua metamorfose rumo ao brilho total.

Também a Queima, a seu modo, o fazia...



### garralada



No domingo, a lua atosa transferiu-se para a Figueira da Foz. O comboio especial serpentou pelos campos do mondego saudando as populações. Em cada carruagem, a alegria resplandece.

O semanário "O Diário" que se publica naquela cidade, relata assim o acontecimento: "A Figueira voltou a ser, como há anos atrás, inundada de estudantes que transformaram o seu 'modus vivendi' e a tornaram Coimbra por algumas horas, transmitindo-lhe as suas características próprias que só ela sabem dar. (...) O Coliseu Figueirense viu as suas melhores galas para receber condignamente o maior e mais característico acontecimento do ano. Era uma massa humana impressionante onde o preto das capas contrastava com a cor garrida dos vestuários e os 'ole-erre-ás' davam ao ambiente umas características ineditas."

E mais adiante relata aquele jornal: "Com a partida do comboio especial, a cidade voltou à normalidade. Conosco ficou porém, a certeza de que a Queima não mais poderá morrer. Há nela qualquer coisa que é muito difícil apagar!"

Em Coimbra milhares de pessoas aguardavam a chegada dos valentes "forçados". E a festa continuou, como a não podia deixar de ser, até "às tantas".



### cortejo



Eram muitos milhares de actuais e antigos estudantes. Do Largo da Feira até às imediações do Parque Dr. Manuel Braga, sauídos por centenas de milhar de pessoas, desfilaram mais de quatro dezenas de carros alegóricos, representando as diversas faculdades.

Os "grelos" deram lugar às fitas largas. As cartolas apareceram. O ambiente que se viveu durante as cinco horas do desfile é indescrevível. A Queima80 conhecia a sua definitiva consagração. Como festa de uma cidade, de uma região e (porque não?) de um país.

Um pequeno incidente, provocado por meia dúzia de indivíduos à passagem pela Praça da República, não conseguiu ofuscar o brilho do cortejo.

A mais popular manifestação académica decorria num ambiente de enorme entusiasmo, sendo até considerada como a maior de sempre.

À noite no parque da cidade, a alegria continuou. Como é da tradição. Uma tradição que, onze anos depois, voltou a Coimbra. De forma impressionante.

### DIVAGANDO... COIMBRA

De novo, na velha Coimbra, a tradição vestiu-se de negro, salu à rua recordando os mortos, alertando os vivos, numa saudação esperançosa capaz de evitar catástrofes.

Agora, há que transformar o erro, ajudar o povo, promovendo a "sua" cultura desmistificando o vício.

É altura de "repensar" Coimbra. Desembreagá-las de tradicionalismo e personificação, dando-lhe a beber as suas próprias águas, cliente de que elas se renovam, condição essencial para a paz renascida e fortificada. Qual guitarra trinando noite fora.

Carlos Correia

### TRÊS (INGENUAS) PERGUNTAS

\* Será que ninguém disse aos "cameramen" da RTP que aquela multidão que se encontrava no Largo da Sé Velha também estava a assistir à Serenata?

\* Com que finalidade estava aquele indivíduo na Praça da República, "crack" de imprensa ao péto, a tirar fotografias ao cortejo, já que segundo nos disse: não se encontrava "em serviço profissional"?

\* Será verdade que o enviado-especial do "Diário de Lisboa" se emocionou grandemente ao regressar a Coimbra, recordando os seus tempos de "república"? E que foi por esse motivo que nos brindou com algumas crónicas dignas de figurarem na melhor antologia de humor académico?

M.M.

## Fontes e Bibliografia

### Entrevistas realizadas a:

- Maria Manuela Cruzeiro - 02/08/13
- Jorge Seabra – 24/09/13
- Carlos Carranca - 12/08/13
- Joaquim Reis - 03/10/13
- Jorge Gomes – 29/10/13
- José Gabriel – 11/11/13

### Fundos documentais:

Museu Académico de Coimbra

<http://www.amigoscoimbra70.pt/>

### Publicações periódicas:

*A Bola*: Junho 1969.

*Comércio do Porto*: Dezembro 1979; Outubro, Novembro e Dezembro de 1980.

*Diário de Coimbra*: Novembro e Dezembro de 1975; todos os números entre 1977 e 1980.

*Diário de Notícias*: Abril de 1969; 1 de Maio de 1969.

*O primeiro de Janeiro*: Abril de 1969.

*Revista*, Associação Académica de Coimbra, 17 de Abril 1999.

*Vírus*, nº12 Abril/Maio 2011; Acedido em 24 de Novembro de 2012

<http://www.esquerda.net/virus/media/virus12.pdf>

### Referências Bibliográficas

ABRUNHOSA, Octávio (2001), *Coimbra...Ontem! Memórias de um estudante (1945-1951)*, Coimbra: Livraria Almedina.

ALVES, Vitor e BOEDÃO, Júlio (1985-1986), “As republicas- Lutas e Lutos da Academia”, *Via Latina, Revista de confrontações e ideias*, Publicação da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, Coimbra, pp.13-15.

ANDRADE, Mário Saraiva de (1959), *Mataram um espantalho...em defesa da Praxe*, Coimbra.

ANDRADE, Mário Saraiva de e BARROS, Vítor Dias (1957), *Código da Praxe Académica*, Coimbra: Coimbra Editora.

ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE COIMBRA, (2007) *120 anos da Associação Académica de Coimbra: para além da Utopia*, Pelouro de Relações Externas da Direcção-Geral.

BEBIANO, Rui (2003), “Cidade e memória na intervenção estudantil em Coimbra”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 66, Outubro, pp. 151-163.

BEBIANO, Rui (2003), *O poder da imaginação: juventude, rebeldia e resistência nos anos 60*; Coimbra: Angelus Novus.

CAIADO, Nuno (1990), *Movimentos estudantis em Portugal: 1945-1980*, 1ª Ed. Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.

CARDINA, Miguel (2004), “Tradição, Sociabilidades, Compromisso: Mutações na auto-imagem estudantil durante o período final do Estado Novo”, *in VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*, Coimbra.

CARDINA, Miguel (2004), “Tradição, Sociabilidades, Compromisso: Mutações na auto-imagem estudantil durante o período final do Estado Novo”, *VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*, Coimbra.

CARDINA, Miguel (2008), “Memórias incómodas e rasura do tempo: Movimentos estudantis e praxe académica no declínio do Estado Novo”,



*Revista Crítica de Ciências sociais*, 81, Junho p. 111- 131.

CARDINA, Miguel (2008), “Movimentos estudantis na crise do Estado Novo: mitos e realidades”, *e-cadernos ces*, 1, pp. 57-77. Acedido em [19/04/13], <http://www.ces.uc.pt/e-cadernos>

CARDINA, Miguel (2008), *A tradição da contestação: resistência estudantil em Coimbra no marcelismo*, Coimbra: Angelus Novus, D.L.

CARREIRO, Teresa (2004), *Viver numa república de estudantes de Coimbra: Real República Palácio da Loucura: 1960-1970*, 1ª ed, Porto: Campo das Letras.

COELHO, Trindade (1991), *Illo Tempore*, Círculo de Leitores, Lisboa.

COLAÇO, Paulo (coord.) (2010), *Histórias da JSD: [desde 1974 à actualidade]*, Juventude Social Democrata, Lisboa : Pactor.

COSME, Adelaide Martins R. (Org.) (1989), *69. pretextos para...* Edição – Coordenadora de Matemática/ Direcção Geral da A.A.C.

CRUZEIRO, Celso (1989), *Coimbra, 1969: a crise académica, o debate das ideias e a prática, ontem e hoje*, Porto: Afrontamento.

CRUZEIRO, Maria Eduarda (1979), “Costumes estudantis de Coimbra no século XIX: tradição e conservação institucional”, *Análise Social* vol. XV (60).

CRUZEIRO, Maria Eduarda (1985-1986), “Questões de uma tradição”, *Via Latina, Revista de confrontações e ideias*, Publicação da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, Coimbra, pp. 23-27.

CRUZEIRO, Maria Eduarda (1990), “Folclore estudantil e cerimonial académico: práticas de produção e reprodução institucional”, *Vértice – II Série*, nº28 pp.47-56.

CRUZEIRO, Maria Manuela e BEBIANO, Rui (2006), *Anos inquietos : vozes do movimento estudantil em Coimbra: 1961-1974*, Porto: Afrontamento.

ESTANQUE, Elísio e BEBIANO, Rui (2007), *Do activismo à indiferença:*

*movimentos estudantis em Coimbra*; Lisboa: ICS - Imprensa de Ciências Sociais.

FERREIRA, José Medeiros (2001), “Portugal em Transe (1974-1985) ” in Mattoso, José (Dir.) *História de Portugal*, Editorial Estampa.

FRÍAS, Aníbal (2000), “Patrimonialização” da Alta e da *Praxe Académica de Coimbra* ” in IV Congresso Português de Sociologia, Coimbra.

FRÍAS, Aníbal (2000), “Patrimonialização” da Alta e da *Praxe Académica de Coimbra* “, IV Congresso Português de Sociologia, Coimbra.

FRÍAS, Aníbal (2003), “Praxe académica e culturas universitárias em Coimbra. Lógicas das tradições e dinâmicas identitárias” *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 66, Outubro, pp. 81-116.

FRÍAS, Aníbal (2004), “A arte da contestação na Academia de Coimbra nos anos 60” , *Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia*.

GOMES, Luísa Costa (1996), “A volta da praxe”, *Grande Reportagem*, Ano VII, 2ª série, nº68, Novembro, pp. 64-72.

GUSMÃO, Ricardo (1990), “A Queima das Fitas hoje”, *Vértice* – II Série, nº28 pp. 57-62.

HENRIQUES, Manuel Lousã (1996-1997), *Antero de Quental*, Separata de "Arunce - Revista de Divulgação Cultural", (11/12)

HENRIQUES, Manuel Louzã (1990), “Considerações sobre a Boémia estudantil no séc.XIX” in *Universidade(s) : história, memória, perspectivas : actas do Congresso "História da Universidade" no 7º centenário da sua Fundação* ; Coimbra, Comissão Organizadora do congresso “História da Universidade”, pp. 345-354.

HOBBSAWM, Eric; trad. Manuela Abreu (1988), *Tradições inventadas*, Lisboa : Direcção Geral dos Desportos.

HOMEM, Amadeu Carvalho (Coord.) (2007), *Um século de lutas académicas* Porto: Editorial Moura Pinto.

LAMY, Alberto Sousa (1990), *A Academia de Coimbra: 1537-1990: história, praxe, boémia e estudo, partidas e piadas, organismos académicos*, 2ª Ed. Lisboa : Rei dos Livros.

LOPES, António Rodrigues (1982), *A sociedade tradicional académica coimbrã: introdução ao estudo etnoantropológico*, Coimbra, Gráfica de Coimbra,

MASCARENHAS, João Mário (Coord.) (1999), *Coimbra 69* [org.] Biblioteca Museu República e Resistência, Lisboa: B.M.R.R.

NAMORADO, Rui (1972), *Movimento Estudantil e Política Educacional*, Edição do autor, Águeda.

NAMORADO, Rui (1989), “Para uma Universidade Nova – Crónica da Crise de 1969 em Coimbra”, *Revista crítica de ciências sociais*, Coimbra; CES nº27/28, Junho, pp. 68-124.

NOBRE, Carmine (1937), *Coimbra de Capa e Batina*, Lisboa.

NÓVOA, António (1990), “A Sociedade do Raio na Coimbra Académica de 1861-1863” in *Universidade(s) : história, memória, perspectivas: actas do Congresso "História da Universidade" no 7º centenário da sua Fundação*; Coimbra, Comissão Organizadora do congresso “História da Universidade” pp. 277-320.

NÓVOA, António (1991), “Em nome da Liberdade, da Fraternidade e da Emancipação da Academia – Um importante inédito de Antero de Quental redigido no âmbito das actividades da “Sociedade do Raio”(Coimbra, 1861-1863)”, *Revista de História das Ideias. Antero de Quental*, Coimbra I.H.T.I, FLUC, vol.13, pp. 231-269.

NUNES, António (1989), “A sociedade tradicional académica e o mito do eterno retorno”, *Munda*, Revista de Arqueologia e Arte do Centro, nº 18, pp. 14-24.

NUNES, António Manuel (2004), “As praxes académicas de Coimbra. Uma interpelação histórico-antropológica”, *Cadernos do Noroeste*, Série Sociológica, nº 22 (1-2), pp. 133-149.

PRATA, Manuel Alberto Carvalho (1993), “A praxe na Academia de Coimbra. Das práticas às representações”, *Revista de História das Ideias*, vol. 15, pp. 161-176.

RAPOSO, Eduardo M. (2005), *O Canto de Intervenção (1960-1974)* – Público-3ª Edição.

ROSAS, Fernando (1994), “O Estado Novo (1926-1974) ” in Mattoso, José (Dir.) *História de Portugal* vol.7, Editorial Estampa.

ROSAS, Fernando (2006), “A Revolução Portuguesa de 1974/75 e a Institucionalização da Democracia”, in Loff, Manuel, e Pereira, M. da Conceição Meireles (Coordenadores) *Portugal: 30 Anos de Democracia (1974-2004)* –; Porto, Editora da Universidade do Porto.

SERRÃO, Joel (1987), “Universidade”, *Pequeno Dicionário de História de Portugal*, Figueirinhas, Porto.

SILVA, Isabel Alexandra Correia da (2009), *Movimento Estudantil e Resistência Cultural em Coimbra na Década de 1980*, Tese de Mestrado em História das Ideologias e das Utopias Contemporâneas. Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

TORGAL, Luís Reis (1990), “A Universidade e a Academia de Coimbra perante o Estado Novo (1926-1961) – Entre a Tradição e a Inovação”, *Revista História*, Porto, Centro de História da U.P, vol.9, pp. 207-216.

TORGAL, Luís Reis (2008), “A Universidade entre a Tradição e a Modernidade”, *Revista Intellectus*, Ano 7 Vol. I; Acedido em [12/01/13], [http://www.intellectus.uerj.br/Textos/Ano7n1/luis\\_torgal.pdf](http://www.intellectus.uerj.br/Textos/Ano7n1/luis_torgal.pdf).

VARA, Flávio (1958), *O espantalho da “Praxe” Coimbrã*, Lisboa, Salesiana.

VILAÇA, Alberto (1990), “Tradição e ...Tradições”, *Vértice* – II Série, nº28 pp. 63-66

VV.AA (2002), *Canção de Coimbra – Testemunhos vivos (antologia de textos)* – Edição da responsabilidade do pelouro da cultura – D.G/A.A.C.